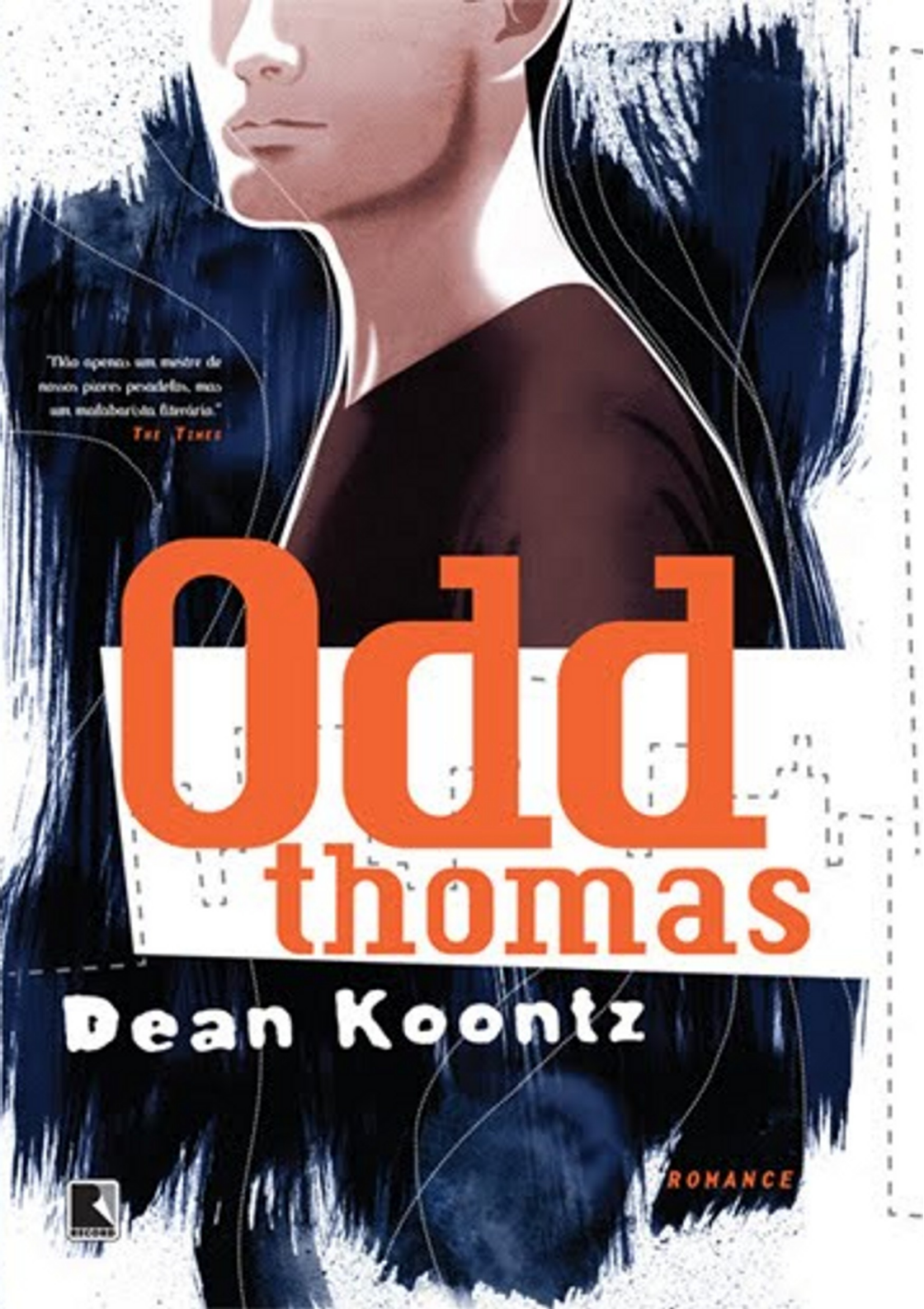




"Ele é apenas um mestre de
novos poderes psíquicos, mas
um malabarista literário."

The Times

Odd thomas

Dean Koontz



ROMANCE



Os mortos não falam,

mas tentam se comunicar com um relutante confidente: Odd Thomas. O jovem cozinheiro da remota Pico Mundo, uma cidade californiana incrustada no deserto, não sabe se sua habilidade é um dom ou uma maldição, mas tenta fazer o que pode pelas almas que o perseguem. Às vezes elas querem justiça, em outras, tentam prevenir crimes. Mas algo inesperado está para acontecer.

Um desconhecido chega ao restaurante com um séquito de bodachs – sinistras entidades negras que se alimentam de terror e acompanham assassinos. Apelidado de Homem-Fungo, não vê as sombras que o cercam, mas deixa Odd desconfiado o suficiente para segui-lo. Na casa dele, o cozinheiro descobre não apenas um arquivo repleto de informações sobre os piores psicopatas da história, como também um quarto negro de onde jorram hordas de bodachs. Quem é o homem e o que ele deseja? Sua única pista é uma página arrancada de um calendário: 15 de agosto, o dia seguinte.

Odd percebe que precisará impedir um assassinato em massa, a julgar pela quantidade de bodachs que circulam pela cidade. Enquanto o terror fermenta sob o escaldante sol do Mojave,

Odd thomas

Dean Koontz

Tradução: **Elaine Moreira**

Título original em inglês:

ODD THOMAS

Copyright © 2003 by Dean Koontz

Às velhas meninas:

*Mary Crowe, Gerda Koontz, Vicky Page
e Jana Prais. Nós nos reuniremos. Nós
conversaremos.*

*Nós beberemos. Nós comeremos,
comeremos, comeremos.*

UM

MEU NOME É ODD THOMAS. MAS NÃO SEI POR QUE VOCÊ SE importaria comigo ou com minha existência numa época em que a fama é o altar venerado pela maioria das pessoas. Não sou celebridade. Não sou filho de celebridade. Nunca fui casado com uma celebridade, nunca sofri abusos de uma celebridade, nunca doei um rim para transplante numa celebridade. Além disso, não tenho qualquer desejo de ser celebridade.

De fato, sou uma pessoa tão insignificante para os padrões de nossa cultura que a revista *People*, além de nunca publicar um artigo sobre mim, é capaz de rejeitar minhas tentativas de assinatura alegando que minha não celebridade é um buraco negro poderoso o bastante para tragar a empresa inteira no esquecimento.

Tenho 20 anos. Para um adulto vivido, sou pouco mais que uma criança. Para qualquer criança, no entanto, sou suficientemente velho para causar desconfiança, e ser excluído para sempre da mágica comunidade dos pequenos imberbes. Consequentemente, um especialista em demografia concluiria que meu único público são outros rapazes e moças atualmente à deriva entre o vigésimo e o vigésimo primeiro aniversário. Na verdade, não tenho nada a dizer a essa restrita audiência. Não me preocupo com a maioria das coisas com que outros americanos de 20 anos se preocupam. Exceto a sobrevivência, claro.

Eu levo uma vida incomum. Com isso não quero dizer que minha vida é melhor que a sua. Tenho certeza de que a sua é repleta da felicidade, do encanto, da surpresa e do medo que qualquer um poderia desejar. Afinal, você é um ser humano como eu e sabe a alegria e o pavor que isso representa.

Só quero dizer que minha vida não é típica. Coisas peculiares acontecem comigo com uma regularidade que não acomete as outras pessoas, se é que as acomete.

Eu, por exemplo, nunca teria escrito estas memórias senão por ordem de um homem de 200 quilos com seis dedos na mão esquerda. Seu nome é P. Oswald Boone. Todos o chamam de Pequeno Ozzie porque seu pai, Grande Ozzie, ainda é vivo. Pequeno Ozzie possui um gato chamado Chester, o Terrível. Ele ama aquele gato. De fato, se Chester, o Terrível gastasse sua última vida debaixo das rodas de um caminhão, creio que o grande coração do Pequeno Ozzie não sobreviveria à perda. Pessoalmente, não sinto grande afeição por Chester, o Terrível porque ele já mijou várias vezes nos meus sapatos.

A razão para fazer isso, segundo Ozzie explicou, parece crível, mas não estou convencido de sua autenticidade. Quero dizer que suspeito da veracidade de Chester, o Terrível, não de Ozzie. Além disso, simplesmente não confio inteiramente num gato que alega ter 58 anos. Embora exista evidência fotográfica que comprove essa afirmativa, continuo acreditando que é mentira.

Por razões que se tornarão óbvias, este manuscrito não poderá ser publicado durante minha existência e meus esforços não serão recompensados com direitos autorais enquanto estiver vivo. Pequeno Ozzie sugere que eu deixe meu espólio literário para o sustento de Chester, o Terrível, que, de acordo com ele, viverá mais do que todos nós. Prefiro fazer essa caridade por outro. Alguém que não tenha mijado em mim.

De qualquer maneira, não estou escrevendo por dinheiro. Escrevo para recuperar minha sanidade, para descobrir se consigo me convencer de que minha vida tem propósito e significado que bastem para justificar minha contínua existência. Não se preocupe: essas divagações não serão insuportavelmente sombrias. P. Oswald Boone foi severo ao me instruir para manter o tom da narrativa leve.

— Se não ficar leve — disse Ozzie —, vou sentar meu traseiro de 200 quilos em você. Acho que não é assim que você gostaria de morrer.

Ozzie está se gabando. Seu traseiro, mesmo que grande o bastante, provavelmente não pesa mais do que 70 quilos. Os outros quilos estão distribuídos pelo resto de seu infeliz esqueleto.

Quando a princípio não consegui manter o tom leve, Ozzie sugeriu que eu fosse um narrador não confiável.

— Funcionou para Agatha Christie em *O assassinato de Roger Ackroyd* — disse ele. Naquele mistério em primeira pessoa, descobre-se que o narrador, que faz o tipo bom moço, é o assassino de Roger Ackroyd. Um fato que ele esconde do leitor até o fim.

Compreenda, não sou assassino. Não cometi qualquer mal que esteja escondendo de você. Minha não confiabilidade como narrador está principalmente relacionada ao tempo de certos verbos. Não se preocupe com isso. Você saberá a verdade em breve. De qualquer jeito, estou me adiantando na história. Pequeno Ozzie e Chester, o Terrível só entram em cena depois da explosão da vaca.

Esta história começa numa terça-feira. Para você, esse é o dia que vem depois da segunda-feira. Para mim, é um dia que, semelhante aos outros seis, está cheio de potencialidade para o mistério, para a aventura e para o terror. Não presuma que minha vida é romântica e mágica. Mistério demais se torna um mero aborrecimento. Aventura demais se torna exaustiva. E pouco terror já é demais.

Sem a ajuda de um despertador, acordei às 5 horas na manhã daquela terça-feira, de um sonho no qual os funcionários de um centro de boliche apareciam mortos. Nunca ajusto o despertador porque meu relógio interno é muito confiável. Se eu quero acordar às 5 horas em ponto, então, antes de ir para a cama, digo três vezes a mim mesmo que preciso acordar às 4h45.

Embora confiável, meu despertador interno, por alguma razão, trabalha 15 minutos atrasado. Descobri isso anos atrás e me adaptei ao problema. O sonho com os funcionários mortos tem perturbado meu sono várias vezes por mês nos últimos três anos. Os detalhes ainda não são específicos o bastante para que eu tome providências. Terei que aguardar, na esperança de que a elucidação não me venha tarde demais.

Então acordei às 5 horas, me sentei na cama e disse: “Poupe-me para que eu possa servi-lo”, que é a oração matutina que vovó Sugars me ensinou quando eu era pequeno. Pearl Sugars era mãe da minha mãe. Se fosse mãe do meu pai, meu nome seria Odd Sugars, complicando ainda mais minha vida. Vovó Sugars costumava

barganhar com Deus. Referia-se a Ele como “aquele velho mercador de tapetes”. Antes de cada jogo de pôquer, ela prometia a Deus espalhar Sua palavra sagrada ou dividir sua sorte com os órfãos caso conseguisse algumas cartas imbatíveis. Ao longo da vida, os ganhos provenientes do carteadado se mostraram uma significativa fonte de renda. Sendo uma beberona com inúmeros interesses além do pôquer, vovó Sugars nunca gastou tanto tempo espalhando a palavra de Deus quanto prometido. Acreditava que Deus levava o assunto numa boa porque já esperava ser iludido com certa frequência.

É possível ludibriar Deus sem problemas, dizia vovó, se você souber usar seu charme e sua inteligência. Se você conduzir sua vida com imaginação e entusiasmo, Deus lhe dará o que pede só para ver se seu próximo desatino será tão divertido. Ele também não é tão severo quando se é idiota de maneira divertida. Vovó dizia que isso explica por que incontáveis milhões de pessoas, absurdamente estúpidas, conduzem tão bem a vida. Claro que nunca se deve machucar seriamente os outros durante o processo, pois assim Deus deixaria de achar graça. Então Ele cobraria o pagamento por todas as promessas não cumpridas.

Apesar de beber mais do que qualquer lenhador, frequentemente ganhar de psicopatas que odiavam perder no pôquer, dirigir carros velozes com completo desprezo pelas leis da física (mas nunca quando embriagada) e ter uma dieta rica em banha de porco, vovó Sugars morreu tranquila durante o sono, aos 72 anos. Foi encontrada com uma garrafa quase vazia de brandy sobre o criado-mudo, um livro de seu romancista favorito virado na última página e um sorriso no rosto. A julgar por todas as evidências disponíveis, vovó e Deus se entendiam muito bem.

Feliz por estar vivo naquela manhã de terça-feira, ainda na hora escura da madrugada, eu acendi a luminária do meu criado mudo e examinei o cômodo que me servia de quarto, sala de estar, cozinha e sala de jantar. Eu nunca saía da cama sem saber quem, se é que havia alguém, estava esperando por mim.

Se algum visitante, benigno ou maligno, tivesse passado parte da noite me observando dormir, não esperara para um bate-papo ao

café da manhã. Às vezes a simples ação de sair da cama para ir ao banheiro pode destruir o encanto de um novo dia. Só Elvis estava ali, usando um colar havaiano feito de orquídeas, sorrindo, apontando um dedo para mim como se fosse uma arma engatilhada.

Embora eu goste bastante de morar em cima desta garagem para dois carros e considere meus aposentos aconchegantes, a *Architectural Digest* não viria atrás de uma foto exclusiva. Se um de seus repórteres visse meu lar, provavelmente comentaria com desdém que a tradução da segunda palavra no nome da revista não é indigestão. A figura de papelão em tamanho real de Elvis, parte de um display de cinema promovendo *Blue Hawaii*, estava onde eu a deixara. Ocasionalmente ela se move — ou é movida — durante a noite. Tomei banho com sabonete de pêssego e xampu de pêssego, presentes de Stormy Llewellyn. Seu nome verdadeiro é Bronwen, mas para ela soa como o nome de um duende.

Meu nome verdadeiro realmente é Odd. De acordo com minha mãe, é um erro que não foi corrigido na certidão de nascimento. Às vezes ela diz que pretendiam me chamar de Todd. Outras vezes ela diz que era Dobb, nome de um tio checoslovaco. Meu pai insiste em dizer que eles sempre pretenderam me dar o nome de Odd, apesar de não me contar o motivo. E salienta que não tenho nenhum tio checoslovaco. Minha mãe confirma energicamente a existência do tio, embora se recuse a explicar por que nunca o conheci. Também nunca conheci a irmã de minha mãe, Cymry, com quem ele é supostamente casado. Embora meu pai reconheça a existência de Cymry, ele afirma que minha tia nunca foi casada. Diz que é uma mulher estranha, mas não sei o que ele quer dizer com isso, pois nunca revelou mais nada. Minha mãe fica furiosa com a insinuação de existir qualquer tipo de excentricidade na irmã. Diz que Cymry é um presente de Deus, mas, fora isso, continua incomunicável quanto ao assunto.

Acho mais fácil conviver com o nome Odd que contestá-lo. Quando me tornei velho o suficiente para compreender que era um nome incomum, já me sentia confortável com ele.

Stormy Llewellyn e eu somos mais que amigos. Acreditamos que

somos almas gêmeas. Temos, por exemplo, um cartão de uma máquina de adivinhação de um parque de diversões que diz que estamos destinados a ficar juntos para sempre. Também temos marcas de nascença idênticas. Cartas e marcas à parte, eu a amo profundamente. Eu me atiraria do alto de um despenhadeiro se ela pedisse. Mas, claro, precisaria compreender a razão por trás do pedido.

Para minha felicidade, Stormy não é o tipo de pessoa que pede tal coisa sem motivo. Não espera das outras pessoas nada que ela mesma não faria. Em correntes traíçoeiras, ela se mantém firme graças a uma âncora moral do tamanho de um navio. Certa vez ficou todo um dia pensando se ficaria com 50 centavos que encontrou na abertura de devolução de moedas de um telefone público. Por fim, Stormy mandou a moeda pelo correio para a companhia telefônica.

Retomando o despenhadeiro por um instante, não pretendo sugerir que tenho medo da Morte. Só não estou pronto ainda para me encontrar com ela. Cheirando a pêssago, do jeito que Stormy gosta, e sem temer a Morte, comi um muffin de mirtilo, despedi-me de Elvis dizendo “Cuide das coisas” numa péssima imitação de sua voz, e saí para o trabalho no Pico Mundo Grille. Embora a manhã tivesse acabado de surgir, uma gema amarelo-escura já fritava no horizonte.

A cidade de Pico Mundo fica na parte sul da Califórnia, onde nunca se consegue esquecer que, apesar da água trazida pelo sistema de distribuição estadual, a verdadeira condição do território é ser um deserto. Em março, nós assamos. Em agosto, o mês em que estávamos, torramos. O oceano está tão distante que para nós é tão real quanto o mar da Tranquilidade, aquela vasta planície escura na superfície da lua.

Por acaso, trabalhando num novo loteamento de casas padronizadas nos limites da cidade, uma incorporadora se deparou com vastos veios de conchas marinhas nas escavações mais profundas. Em alguma época remota, o mar margeava estas costas. Se você levar uma dessas conchas ao ouvido, não escutará as ondas quebrando, só um vento seco e desolado. É como se a concha

tivesse esquecido suas origens.

Ao pé da escada externa do meu pequeno apartamento, ao sol da manhã, Penny Kallisto aguardava como uma concha na areia da praia. Usava tênis vermelho, short branco e blusa branca sem mangas. De maneira geral, Penny não possuía aquele desespero pré-adolescente ao qual algumas crianças são tão suscetíveis nos dias de hoje. Era uma menina de 12 anos entusiasmada e extrovertida. Naquela manhã, entretanto, parecia cerimoniosa. Os olhos azuis estavam escuros como o mar durante a passagem de uma nuvem.

Dei uma olhada na casa 15 metros adiante, onde minha senhoria, Rosalia Sanchez, esperava que eu chegasse a qualquer minuto para garantir que ela não desaparecera durante a noite. A visão de si mesma num espelho nunca bastava para acalmar seu temor. Sem dizer nada, Penny afastou-se dos degraus. Andou em direção a parte da frente do terreno. Como se fossem teares, um par de enormes carvalhos da Califórnia filtrava a luz do sol nas próprias silhuetas para tecer um véu de ouro e púrpura, que era lançado sobre a entrada de carros.

Penny parecia reluzir e escurecer enquanto passava pela intrincada renda de luz e sombra. Uma mantilha escura embotava o brilho do cabelo loiro, seu elaborado padrão se alterando conforme Penny se movia. Com medo de perdê-la de vista, desci apressado os últimos degraus e a segui. A Sra. Sanchez teria que esperar aflita. Penny passou pela casa, deixou a entrada de carros e guiou-me até um bebedouro para passarinhos no gramado dianteiro. Ao redor da base do pedestal que sustentava a bacia, Rosalia Sanchez dispusera dúzias de conchas, de todos os tipos e tamanhos, que haviam sido escavadas das colinas de Pico Mundo. Penny agachou-se, escolheu um espécime quase do tamanho de uma laranja, ficou de pé outra vez e o estendeu para mim.

A estrutura da concha era semelhante a de um búzio. O exterior áspero era marrom e branco, o interior era polido em rosa perolado. Fechando a mão direita como se ainda segurasse a concha, Penny a levou a orelha. Inclinou a cabeça para escutar, indicando o que queria que eu fizesse. Ao colocar a concha na orelha, não escutei o mar. Tampouco escutei o melancólico vento

do deserto que mencionei anteriormente.

Em vez disso, da concha surgiu a respiração turbulenta de uma besta. A cadência urgente de uma cruel necessidade, um grunhido de desejo desvairado. Ali no verão do deserto, o inverno encontrou meu sangue. Quando minha expressão revelou que eu ouvira o que era esperado, Penny saiu do gramado para a calçada. Ficou parada no meio-fio, olhando para o lado oeste da Marigold Lane. Larguei a concha, fui para o lado dela e aguardei.

O mal se aproximava. Eu me perguntava qual seria o seu rosto. Antigas figueiras margeavam a rua. Suas raízes superficiais grandes e retorcidas haviam rachado e levantado o concreto da calçada em vários lugares. Nem um sopro de vento passava pelas árvores. A manhã estava tão quieta quanto o misterioso raiar do dia do Juízo Final, antes que o céu desabasse sobre nossas cabeças.

Como a da Sra. Sanchez, a maioria das casas nesta vizinhança é de estilo vitoriano, com fachadas decoradas de maneira bem variada. Quando Pico Mundo foi fundada, em 1900, muitos residentes eram migrantes da costa leste e acabaram escolhendo uma arquitetura que condizia melhor com a distante costa fria e úmida.

Talvez imaginassem ser possível trazer ao vale apenas as coisas que amavam, deixando para trás toda a feiura. No entanto, somos uma espécie que não pode escolher a bagagem com a qual viajar. Apesar de nossas melhores intenções sempre descobrimos que trouxemos conosco algumas malas de escuridão e sofrimento.

Por meio minuto, o único movimento foi o de um falcão planando alto no céu, visto de relance entre os galhos das figueiras. O falcão e eu éramos os caçadores naquela manhã. Penny Kallisto pareceu pressentir meu medo. Tomou minha mão direita na sua mão esquerda. Fiquei agradecido com a bondade. O aperto se provou firme, a mão dela não parecia fria. O espírito forte de Penny me deu coragem.

Como andava em ponto morto, rodando apenas uns poucos quilômetros por hora, não ouvi o carro até que virasse a esquina. Quando reconheci o veículo, senti uma tristeza equivalente ao meu medo. Aquele Pontiac Firebird 400 de 1968 fora restaurado com

dedicação. O conversível azul-noite de duas portas parecia deslizar em nossa direção, os pneus flutuando uma fração de centímetro acima do pavimento, reluzindo como uma miragem no calor da manhã. Harlo Landerson e eu éramos da mesma turma no colégio.

Durante o segundo e terceiro anos, Harlo reconstruiu o carro a partir das cinzas, até que parecesse tão novo quanto no outono de 1967, quando foi exibido pela primeira vez num *showroom*. Discreto, um tanto tímido, Harlo não trabalhou no carro na esperança de se tornar um ímã para garotas ou ser considerado popular. Não tinha ambições sociais. Não possuía qualquer ilusão quanto às chances de algum dia sair das classes mais baixas do sistema de castas do colegial. Com um motor V8 de 335 cavalos de potência, o Firebird podia ir de zero a 90 quilômetros por hora em menos de oito segundos. Mas Harlo não era piloto de rua; demonstrar fúria sobre rodas não lhe provocaria qualquer orgulho especial.

Ele devotava tanto tempo, trabalho e dinheiro ao Firebird porque a beleza do design e o funcionamento do carro o encantavam. Era um trabalho feito com o coração, uma paixão quase espiritual devido à pureza e à força. Às vezes, eu refletia que o Pontiac figurava de maneira tão intensa na vida de Harlo porque ele não tinha a quem dedicar o amor que desperdiçava com o carro. A mãe morrera quando ele tinha 6 anos. O pai era um alcoólatra desprezível.

Um carro não é capaz de retribuir o amor que recebe. Mas quando se é muito solitário, talvez o brilho do cromo, o polimento da pintura e o ronronar do motor possam ser confundidos com afeição. Harlo e eu não éramos amigos, só tínhamos relações amigáveis. Eu gostava do cara. Era calado, mas a quietude era melhor que a arrogância e a bravata que muitas crianças usavam para alcançar posição social no colégio.

Com Penny Kallisto ainda ao meu lado, ergui minha mão esquerda e acenei para Harlo. Ele trabalhava duro desde o colégio. Das 9 as 17 horas, descarregava caminhões no supermercado e levava os produtos do estoque para as prateleiras. Antes disso, começando as 4 horas da manhã, Harlo entregava centenas de jornais nas casas do lado leste de Pico Mundo. Uma vez por semana,

ele também entregava em cada casa uma sacola plástica cheia de folhetos de propaganda e talões com cupons de desconto.

Naquela manhã, só distribuía jornais, atirando-os como se fossem bumerangues. Cada edição dobrada e ensacada do Maravilla County Times, de terça-feira, girava pelo ar e aterrissava com um leve *ploct* numa entrada de casa ou de carro, precisamente onde o assinante preferia. Harlo trabalhava na ponta oposta da rua. Quando alcançou a casa diante de mim, fez o flutuante Pontiac parar. Penny e eu nos aproximamos do carro. Harlo me cumprimentou:

— Bom dia, Odd, Como vai nesta bela manhã?

— Desolado — respondi. — Triste. Confuso.

Ele franziu a testa, preocupado.

— O que há de errado? Posso fazer alguma coisa?

— É algo que você já fez.

Soltando a mão de Penny, inclinei-me dentro do Firebird pelo lado do passageiro, desliguei o motor e puxei a chave da ignição. Surpreso, Harlo tentou apanhar as chaves, mas não conseguiu.

— Ora, Odd, nada de brincadeiras, certo? Meu horário é apertado.

Eu não ouvi a voz de Penny, mas na profunda e silenciosa linguagem da alma, ela parecia ter falado comigo. O que eu disse a Harlo Landerson era a essência do que a menina revelava:

— O sangue dela está no seu bolso.

Um homem inocente teria ficado perplexo com minha afirmação. Harlo encarou-me, os olhos subitamente arregalados, não de entendimento, mas de medo.

— Naquela noite — eu disse —, você levava consigo três quadradinhos de feltro branco.

Com uma das mãos ainda no volante, Harlo deixou de olhar para mim, mirando o para-brisa, como se desejasse que o Pontiac se movesse sozinho.

— Depois de usar a menina, recolheu um pouco do sangue

virgem com os quadradinhos de feltro.

Harlo estremeceu. O rosto ficou vermelho, talvez de vergonha. A angústia engrossava minha voz.

— Ficaram rígidos e escuros quando secaram, quebradiços como um biscoito.

O leve estremeecer transformou-se em tremores violentos.

— Você sempre carrega um deles consigo. — Minha voz tremia de emoção. — Gosta de cheirá-lo. Ah, por Deus, Harlo!? Às vezes você o coloca entre os dentes. E o morde.

Harlo abriu a porta do carro e fugiu. Não sou a lei. Não sou um justiceiro vigilante. Não sou a personificação da vingança. Não sei realmente o que sou ou por que sou assim. Contudo, em momentos como este, é inevitável entrar em ação. Um tipo de loucura se apossa de mim. Fugir do que deve ser feito é tão difícil quanto não desejar que este mundo decadente volte ao seu estado de graça.

Quando Harlo saiu correndo do Pontiac, olhei para Penny Kallisto e vi marcas em sua garganta que antes não estavam visíveis para mim. A profundidade com que a faixa lacerara a carne manifestava a fúria singular com que Harlo estrangulara Penny até a morte. Dilacerado pela pena, fui atrás de Harlo Landerson, de quem eu não sentia pena nenhuma.

DOIS

DO ASFALTO AO CONCRETO, DO CONCRETO À GRAMA, AO longo da casa que ficava diante a da Sra. Sanchez, através do quintal dos fundos até alcançar uma cerca de ferro fundido, depois por um beco, passando por um muro de pedra, Harlo Landerson corria, escalava e saltava. Eu me perguntava para onde estaria indo. Não podia escapar de mim ou da justiça, e certamente não poderia escapar de quem era. Atrás do muro de pedra havia um quintal, uma piscina.

Salpicada pela luz da manhã e pelas sombras das árvores, a água reluzia em tons de azul que variavam do safira ao turquesa, tal qual joias de um tesouro deixado por piratas que costumavam navegar por um mar há muito tempo extinto. No ponto mais distante da piscina, por trás de uma porta corrediça de vidro, uma jovem mulher estava de pijamas, segurando uma caneca de uma bebida quente qualquer que lhe desse coragem para enfrentar o dia. Quando viu aquela espectadora espantada, Harlo mudou a direção do trajeto. Talvez acreditasse precisar de um escudo, um refém. Seja lá o que fosse, ele não procurava por café.

Aproximei-me, agarrei a camisa, ergui Harlo do chão. E nós dois mergulhamos na parte funda da piscina. Tendo acumulado todo um verão de calor desértico, a água não estava fria. Milhares de bolhas, parecendo uma chuva de moedas prateadas, surgiram diante de meus olhos, zumbiram em meus ouvidos. Chegamos derrotados ao fundo da piscina. Na rota de subida, Harlo chutava e agitava os braços. Não sei se foi com o cotovelo, o joelho ou o pé, mas ele conseguiu atingir minha garganta.

Embora a água tivesse roubado boa parte da força do golpe, eu arfei, engoli água e sufoquei com o gosto de cloro e óleo bronzeador. Soltando Harlo, caí em câmera lenta, através de cortinas ondulando em verde e azul, antes de irromper na superfície em meio a lantejoulas de luz do sol.

Eu estava no meio da piscina; Harlo, na beirada. Ele agarrou a borda e ergueu-se para sair. Tossindo, expelindo átomos de água pelas narinas, nadei ruidosamente atrás dele. Como nadador, tenho mais potencial para o afogamento do que para uma competição olímpica.

Numa noite particularmente deprimente, aos 16 anos, fui acorrentado a dois homens mortos e atirado de um barco no lago Malo Suerte. Desde então, tenho aversão por esportes aquáticos. Este lago artificial fica além dos limites da cidade de Pico Mundo. Malo Suerte significa má sorte. Construído durante a Grande Depressão, um projeto da Administração de Obras Públicas, o lago originalmente recebera o nome de um político obscuro. Embora existam mil histórias sobre suas águas traiçoeiras, ninguém por estas bandas sabe exatamente quando ou por que o lugar foi oficialmente renomeado Malo Suerte.

Todos os registros referentes ao lago queimaram no incêndio do tribunal em 1954, quando um homem chamado Mel Gibson protestou contra o confisco de sua propriedade por falta de pagamento de impostos. O protesto do Sr. Gibson tomou a forma de auto imolação. Ele não era aparentado com o ator australiano de mesmo nome que décadas mais tarde tornou-se astro de cinema. Na verdade, segundo os rumores, ele não era talentoso ou fisicamente atraente.

Assim, já que naquelas circunstâncias eu não estava sobrecarregado por dois mortos incapazes de nadarem por si mesmos, alcancei a beira da piscina com poucas braçadas. Ergui-me para fora da água. Harlo correu para a porta corrediça, mas a encontrou trancada. A mulher de pijama desaparecera.

Enquanto eu ficava de pé rapidamente para voltar a persegui-lo, Harlo afastou-se para pegar impulso. Então voltou correndo em direção a porta, colocando o ombro esquerdo a frente, a cabeça abaixada. Encolhi-me esperando o sangue jorrando, os membros decepados, a cabeça guilhotinada por uma lâmina de vidro. Claro que o vidro de segurança se estilhaçou numa cascata de minúsculos pedacinhos. Harlo aterrissou dentro da casa com todos os membros intactos e a cabeça ainda presa ao pescoço.

O vidro triturou-se e retiniu sob meus sapatos quando continuei no seu encalço. Senti o cheiro de algo queimando. Estávamos numa sala de estar. Toda a mobília era voltada para uma TV de tela grande tão larga quanto duas geladeiras. A cabeça gigantesca da apresentadora do Today ficava aterradora com detalhes tão ampliados. Naquelas dimensões, o sorriso entusiasmado tinha a cordialidade do arreganhar de dentes de uma barracuda. Os olhos cintilantes, agora do tamanho de limões, pareciam ter um fulgor maníaco.

Na disposição daquele amplo pavimento, a sala era ligada a cozinha, contando apenas com a intervenção de uma bancada. A mulher estava parada na cozinha. Uma das mãos segurava um telefone enquanto a outra erguia uma faca. Harlo parou no limiar entre os dois cômodos, tentando decidir se uma dona de casa na faixa dos 20 anos, num adorável pijama em estilo marinheiro, realmente teria coragem de esfaqueá-lo vivo. Ela brandia a faca enquanto gritava ao telefone. — Ele está aqui dentro, ele está bem aqui! Atrás dela, num balcão afastado, uma torradeira vertia fumaça. Algum quitute ficara preso ao aparelho. Cheirava a morango e borracha queimada. Era uma péssima manhã para a mulher.

Harlo atirou um dos bancos próximos a bancada contra mim, então disparou pela sala em direção a entrada da casa. Desviando do banco, eu gritei:

— Senhora, lamento a confusão. — E corri atrás do assassino de Penny.

Atrás de mim, a mulher berrou:

— Stevie, tranque a portal Stevie, tranque a porta!

Quando alcancei o pé da escada do vestíbulo, Harlo já tinha subido ao patamar. Vi o que o atraíu lá para cima, desviando sua rota outra vez: no segundo andar havia um garotinho de olhos arregalados, com cerca de 5 anos, usando apenas cuecas. Segurando um ursinho de pelúcia azul por uma das patas, o menino parecia tão vulnerável quanto um cãozinho abandonado no meio de uma autoestrada movimentada. Um refém de primeira ordem. — Stevie, tranque a portal! Largando o ursinho azul, o menino chispou para o quarto. Harlo venceu o segundo lance de

escada.

Espirrando por causa do cloro e do cheiro de geleia de morango queimada, pingando e respingando água, subi com menos elegância heroica que John Wayne em *Areias de Iwo Jima*. Sentia-me mais assustado que minha presa porque eu tinha algo a perder, acima de tudo Stormy Llewellyn e o futuro que a máquina de adivinhação parecia nos prometer. Se eu encontrasse um marido com uma arma de fogo, ele atiraria sem hesitar tanto em mim quanto em Harlo.

Mais acima, uma porta fechava-se com estrondo. Stevie tinha feito o que a mãe pedira. Caso tivesse um caldeirão de chumbo líquido, a tradição de Quasímodo, Harlo Landerson o teria despejado em mim. Em seu lugar veio um aparador que evidentemente ficava no corredor do segundo andar, diante do topo da escada.

Surpreso ao descobrir que eu possuía a agilidade e o equilíbrio de um macaco, mesmo que um macaco molhado, subi na balaustrada da escada. A armadilha mortal sacolejou degrau por degrau, gavetas abrindo e fechando repetidamente, como se o móvel estivesse possuído pelo espírito de um crocodilo.

Descendo da balaustrada, continuei escada acima e alcancei o corredor do segundo andar quando Harlo começava a arrombar a porta do quarto do menino. Ciente de minha aproximação, ele a chutou mais forte. A madeira rachou com um estalo seco quando a porta voou para dentro. Harlo voou junto, como que sugado do corredor por um vórtice de energia.

Disparando pela soleira, empurrando de lado a porta destruída, vi o menino tentando se enfiar debaixo da cama. Harlo o agarrara pelo pé esquerdo. Apanhei de cima de um criado-mudo vermelho uma luminária no formato de um Panda sorridente e a quebrei na cabeça de Harlo. Um massacre cerâmico de orelhas pretas, rosto branco fraturado, patas pretas e fragmentos de barriga branca explodiu pelo quarto.

Num mundo onde os sistemas biológicos e as leis da física funcionassem com a absoluta segurança alegada pelos cientistas, seria tão certo Harlo cair inconsciente quanto a luminária se despedaçar. Infelizmente, não estávamos em tal mundo.

Enquanto o amor possibilita que mães desesperadas descubram força sobre-humana para que ergam carros capotados e libertem os filhos presos, assim a depravação dava a Harlo a vontade para resistir ao ataque do panda sem qualquer consequência significativa. Ele esqueceu Stevie e se voltou para mim.

Embora não tivessem as pupilas elípticas, os olhos assemelhavam-se aos de uma cobra, aguçados com propósito maligno. E apesar dos dentes expostos não exibirem qualquer canino curvado ou dramaticamente alongado, o rosnado silencioso se sobressaía com a fúria de um violento chagal.

Aquela não era a pessoa que eu conheci no colégio anos atrás, não era o rapaz tímido que encontrava magia e significado na paciente restauração de um Pontiac Firebird. Ali estava o arcabouço doente e corrompido de uma alma tortuosa e cancerosa, que talvez até recentemente estivesse aprisionada num canto longínquo do labirinto mental de Harlo. Ela havia rompido as barras de sua cela e escalado a fortaleza do castelo, destituindo o homem que Harlo fora. Agora ela governava. Livre, Stevie rastejou para debaixo da cama, mas não havia cama que me oferecesse abrigo, não havia cobertores para eu puxar sobre a cabeça.

Não posso fingir que lembro do minuto seguinte. Atacávamos um ao outro quando havia brecha. Agarrávamos e atirávamos qualquer coisa que servisse de arma. Um alvoroço de socos nos precipitou num corpo a corpo. Senti a respiração quente de Harlo no meu rosto, o salpicar da saliva, e ouvi os dentes mordendo, procurando minha orelha direita conforme o pânico lhe calcava as táticas de uma besta. Livrei-me do contato direto, afastei Harlo com uma cotovelada debaixo do queixo e uma joelhada que errou seu destino, que era a genitália. Sirenes ecoaram a distância no momento em que a mãe de Stevie apareceu a porta, a faca cintilando. Eram dois cavaleiros: um de pijamas, o outro no uniforme azul e preto do Departamento de Polícia de Pico Mundo.

Harlo não podia passar por mim e pela mulher armada. Não podia alcançar Stevie, seu desejado escudo, debaixo da cama. Se abrisse uma janela e pulasse para o telhado da varanda, estaria se atirando diretamente nos braços dos tiras que chegavam.

Enquanto as sirenes tornavam-se cada vez mais altas, mais próximas, ele recuou para um canto onde ficou ofegando, trêmulo. Retorcendo as mãos, o rosto cinza de angústia, Harlo olhava para o chão, para as paredes, para o teto, não da maneira de um homem preso avaliando as dimensões de sua prisão, mas com atordoamento, como se não conseguisse lembrar como viera parar naquele lugar e naquela situação.

Diferentemente das feras selvagens, as muitas variedades cruéis de monstros humanos, quando encurralados, dificilmente lutam com grande ferocidade. Em vez disso, revelam a covardia que está no âmago de sua brutalidade.

Harlo deixou de apertar as mãos para cobrir o rosto. Pelas vendas daquela armadura de dez dedos, era possível ver seus olhos contraindo-se de puro horror. Esmagando as costas na junção das paredes, deslizou até se sentar no chão com as pernas abertas, escondendo-se por trás das mãos como se formassem uma máscara de invisibilidade que o permitiria escapar da atenção da justiça.

As sirenes atingiram o máximo de volume quando estavam a meio quarteirão de distância. O grito estridente tornou-se um resmungo, depois um fraco suspiro diante da casa. O dia clareara havia menos de uma hora, e eu tinha passado cada minuto daquela manhã fazendo jus ao meu nome.

TRÊS

OS MORTOS NÃO FALAM. NÃO SEI PORQUE?.

Harlo Landerson fora levado pelas autoridades. Em sua carteira encontraram duas polaroides de Penny Kallisto. Na primeira, ela estava nua e viva. Na segunda, estava morta.

Stevie estava lá embaixo, nos braços da mãe.

Wyatt Porter, chefe do Departamento de Polícia de Pico Mundo, pedira que eu o esperasse no quarto do menino. Sentei-me na beira da cama desarrumada.

Não estava sozinho havia muito tempo quando Penny Kallisto atravessou uma parede e sentou-se ao meu lado. As marcas de ataduras tinham sumido de sua garganta. Parecia nunca ter sido estrangulada, nunca ter morrido.

Como antes, continuava muda.

Sou propenso a acreditar na arquitetura tradicional da vida e da pós-vida. Este mundo é uma jornada de descoberta e purificação. O mundo seguinte consiste de dois destinos: um deles é um palácio para a alma, um reino infinito de maravilha, enquanto o outro é frio, escuro e inimaginável.

Pode me chamar de simplório. Outros me chamam assim. Stormy Llewellyn, uma mulher de perspectivas nada convencionais, por sua vez acredita que nossa passagem neste mundo se propõe a nos fortalecer para a próxima vida. Ela diz que nossa honestidade, integridade, coragem e resistência obstinada ao mal são avaliadas no fim de nossos dias aqui e, que se formos convocados, seremos conscritos num exército de almas engajadas em alguma grande missão no outro mundo. Aqueles que falharem no teste simplesmente deixarão de existir.

Em resumo, Stormy vê esta vida como um campo de treinamento. Chama a próxima vida de serviço.

Espero muito que ela esteja enganada porque uma das implicações de sua cosmologia é que muitos dos terrores que conhecemos aqui são uma inoculação contra coisa pior no mundo seguinte.

Stormy diz que será valioso de se experimentar o que nos espera na próxima vida, em parte pela pura aventura em si, mas principalmente porque a recompensa por prestar serviço vem na nossa terceira vida.

Pessoalmente, prefiro receber minha recompensa uma vida antes do que a prevista por ela.

Stormy, no entanto, acredita em gratificação tardia. Se na segunda-feira está com vontade de tomar um sorvete, espera até terça ou quarta-feira para isso. Ela insiste em dizer que a espera torna o gosto melhor.

Meu ponto de vista é este: se você gosta tanto de sorvete, tome um na segunda-feira, outro na terça-feira, e mais outro na quarta-feira.

De acordo com Stormy, se eu viver segundo esta filosofia por muito tempo, serei um daqueles homens de 300 quilos que, quando doentes, precisam ser removidos de casa por equipes de construção e guindastes.

— Se você quiser sofrer a humilhação de ser arrastado para o hospital numa carroceria de caminhão — disse-me certa vez —, não espere que eu fique sentada no seu barrigão, como o Grilo Falante cantando “*When You Wish Upon a Star*” em cima da baleia.

Estou razoavelmente certo de que, no Pinóquio da Disney, o Grilo Falante não fica em cima da baleia. De fato, acho que ele nem se encontra com a baleia.

Entretanto, se eu fizesse essa observação, Stormy me ofereceria um daqueles olhares enviesados que querem dizer: Você é completamente estúpido ou só está sendo irritante? Esse é um olhar a ser evitado, senão temido.

Enquanto esperava na beira da cama do menino, nem mesmo pensar em Stormy melhorava meu espírito. Na verdade, se as

imagens sorridentes do Scooby-Doo estampadas nos lençóis não me alegravam, talvez nada mais conseguisse.

Continuava pensando em Harlo, cuja vida deveria ser digna de honra à mãe, que perdera aos 6 anos, em vez de objeto de vergonha à sua memória.

E pensei em Penny, claro: seu fim prematuro, a terrível perda da família, a dor que transformara a vida deles para sempre.

Penny pôs a mão esquerda sobre a minha mão direita e a apertou de maneira confortadora.

A mão dela era tão real, tão firme e tão quente quanto a de uma criança. Não entendia como ela podia ser tão real para mim e ainda caminhar através de paredes, invisível para os outros.

Chorei um pouco. Às vezes eu choro. Não fico envergonhado com as lágrimas. Em momentos como esse, as lágrimas exorcizam emoções que do contrário me assombrariam e, com isso, me deixariam amargurado.

Mesmo quando minha visão se turvou ao primeiro brilho das lágrimas ainda não derramadas, Penny segurou minha mão entre as delas. Sorriu, e piscou como se dissesse: Está tudo bem, Odd Thomas. Coloque para fora, livre-se disso.

Os mortos são sensíveis aos vivos. Eles trilharam este caminho antes de nós e conhecem nossos medos, nossas falhas, nossas esperanças desesperadas. Sabem o quando apreciamos o que não pode durar. Sentem pena de nós, acho, e sem dúvida deveriam.

Quando minhas lágrimas secaram, Penny se pôs de pé, sorriu outra vez, e com uma das mãos afastou os cabelos de minha testa. Adeus, o gesto parecia dizer. Obrigada, e adeus.

Caminhou através do quarto, da parede, seguindo para a manhã de agosto — ou para outro reino ainda mais brilhante que o verão em Pico Mundo.

Um momento depois, Wyatt Porter apareceu a porta do quarto. Nosso chefe de polícia é um homem grande, mas não tem uma aparência ameaçadora. Com olhos de bassê e papadas de cão de caça, seu rosto fora bem mais afetado pela gravidade da Terra do

que o resto. Já o vi mover-se de maneira rápida e decidida, mas, em ação ou repouso, parecia carregar um grande peso em seus ombros fortes e curvados.

Ao longo dos anos, enquanto as baixas colinas que rodeiam nossa cidade eram esculpidas em bairros padronizados, aumentando nossa população, e enquanto a mesquinha de um mundo cada vez mais cruel embrenhava-se nos últimos refúgios de civilidade, como Pico Mundo, era provável que chefe Porter tivesse presenciado muito da traição humana. Talvez o peso que carregue seja um acúmulo de memórias das quais preferisse se livrar, mas não consegue.

— E aqui estamos nós outra vez — disse ele, entrando no quarto.

— Aqui estamos nós — concordei.

— Porta do pátio quebrada, mobília quebrada.

— Eu mesmo não quebrei nada. Só a luminária.

— Mas criou a situação que provocou isso.

— Sim, senhor.

— Por que não me procurou, não me deu a chance de pensar num jeito de induzir Harlo a denunciar a si mesmo?

Havíamos trabalhado juntos desta maneira no passado.

— Meu pressentimento — falei — era de que ele precisava ser confrontado agora, que talvez estivesse para fazer o mesmo muito em breve.

— Seu pressentimento.

— Sim, senhor. Acho que é o que Penny queria dizer. Havia uma calma urgência nela.

— Penny Kallisto.

— Sim, senhor.

O chefe suspirou. Acomodou-se na única cadeira do quarto: um estofado infantil roxo no qual o torso e a cabeça do dinossauro Barney serviam de suporte para as costas. Ele parecia estar sentando no colo do dinossauro.

— Filho, você realmente complica minha vida.

— Eles complicam sua vida, senhor. E a minha muito mais que a sua — retruquei, referindo-me aos mortos.

— É bem verdade. Se eu fosse você, teria enlouquecido anos atrás.

— Já refleti sobre isso — admiti.

— Agora escute, Odd. Quero encontrar um jeito de mantê-lo longe do tribunal, se for o caso.

— Eu também quero.

Pouquíssimas pessoas conheciam parte de meus estranhos segredos. Só Stormy Llewellyn conhecia todos.

Quero o anonimato, uma vida simples e calma. Ao menos tão simples quanto me permitam os espíritos.

O chefe disse:

— Acho que ele nos fará uma confissão na presença do advogado. Talvez não haja julgamento. Mas se houver, diremos que ele abriu a carteira para pagar alguma aposta que fez com você, talvez por causa de um jogo de beisebol, e as polaroides de Penny caíram.

— Posso fingir isso — assegurei-lhe.

— Falarei com Horton Barks. Ele pode minimizar seu envolvimento quando escrever a história.

Horton Barks era o editor do Maravilla County Times. Vinte anos atrás, enquanto caminhava nas florestas do Oregon, ele teve a oportunidade de jantar com o Pé Grande — se você puder chamar granola e salsichas enlatadas de jantar.

Na verdade, não sei de fato se Horton jantou com o Pé Grande, mas é o que alega. Considerando minhas experiências diárias, não estou em posição de duvidar de Horton ou de qualquer outro que tenha uma história para contar sobre um encontro com alienígenas ou duendes.

— Você está bem? — perguntou o chefe Porter.

— Estou sim. Mas detesto me atrasar para o trabalho. Esta é a hora mais movimentada no Grille.

— Já avisou do atraso?

— Sim. — Ergui meu pequeno celular, que estava preso ao meu cinto quando mergulhei na piscina. — Ainda funciona.

— Devo passar por lá depois, para um prato de batatas fritas com ovos mexidos.

— Café da manhã o dia inteiro — anunciei, repetindo a solene promessa do Pico Mundo Grille, desde 1946.

Chefe Porter apoiou-se no outro lado do traseiro, fazendo Barney gemer.

— Filho, pretende cozinhar pelo resto da vida?

— Não, senhor. Tenho pensado em mudar minha carreira para o segmento de pneus.

— Pneus?

— Talvez com vendas primeiro, depois instalação. Sempre há vagas abertas no mundo dos pneus.

— Por que pneus?

Dei de ombros.

— As pessoas precisam deles. E é algo que não conheço, algo novo a aprender. Gostaria de ver como é este mundo, o ramo dos pneus.

Ficamos sentados ali talvez por meio minuto, ambos sem dizer nada. Então o chefe perguntou:

— Esta é a única coisa que vê em seu horizonte? Pneus, quero dizer.

— Manutenção de piscinas parece intrigante. Com todas essas novas comunidades crescendo ao nosso redor, surgirá uma nova piscina praticamente todos os dias.

Chefe Porter assentiu de maneira pensativa.

— E deve ser bom trabalhar num boliche — continuei. — Tantas

peças diferentes entrando e saindo, o entusiasmo da competição...

— O que você faria num boliche?

— Cuidaria dos sapatos alugados, por exemplo. Precisam ser higienizados sempre que são usados. E engraxados. E é preciso verificar os cadarços regularmente.

O chefe assentiu, e a cadeira roxa do Barney guinchou como um rato.

Minhas roupas tinham praticamente secado, mas estavam muito amarrotadas. Olhei meu relógio.

— Melhor ir andando. Preciso trocar de roupa antes de ir para o Grille.

Nós dois nos levantamos.

A cadeira do Barney desabou.

Olhando para as ruínas roxas, o chefe Porter disse:

— Isso poderia ter acontecido quando você lutava com Harlo.

— Poderia — afirmei.

— O seguro cobrirá junto com o resto.

— Sempre há o seguro — concordei.

Nós fomos para o andar de baixo, onde Stevie estava sentando em um banco na cozinha, comendo alegremente um bolinho de limão.

— Sinto muito, mas quebrei a cadeira do seu quarto — chefe Porter comunicou ao menino, pois não era mentiroso.

— É só uma cadeira boba e velha do Barney mesmo — respondeu Stevie. — Já superei essa coisa boba e velha do Barney semanas atrás

Com uma vassoura e uma pá, a mãe de Stevie varria o vidro quebrado.

Chefe Porter falou sobre a cadeira. A mulher estava disposta a desconsiderar o insignificante objeto, mas o chefe fez questão de

ser informado do preço original da peça assim que possível.

Ele me ofereceu uma carona para casa, mas respondi:

— É mais rápido voltar pelo mesmo caminho.

Deixei a casa pelo buraco onde existira a porta de vidro, rodeei a piscina em vez de atravessá-la a nado, escalei o muro de pedra, atravessei o beco estreito, subi a cerca de ferro fundido, caminhei pelo gramado ao redor de outra casa, cruzei Marigold Lane e voltei para meu apartamento em cima da garagem.

QUATRO

VEJO PESSOAS MORTAS. MAS QUANDO AS VEJO, VALHA-ME Deus, eu tomo alguma atitude.

Esta estratégia proativa é recompensadora, mas perigosa.

Algumas vezes resulta numa quantidade incomum de roupa suja.

Depois de vestir um jeans limpo e uma camiseta branca, rumei para a varanda dos fundos da Sra. Sanchez para lhe confirmar que estava visível, o que eu fazia todas as manhãs. Pela tela da porta, eu a vi sentada a mesa da cozinha.

Bati, e ela perguntou: — Pode me ouvir?

— Sim, senhora — respondi. — Eu a ouço muito bem.

— Quem você está ouvindo?

— Você. Rosalia Sanchez.

— Então entre, Odd Thomas — disse ela.

A cozinha cheirava a chili, farinha de milho, ovos fritos e queijo. Sou excelente para preparar pratos rápidos, mas Rosalia é cozinheira nata.

Tudo em sua cozinha está muito velho e gasto, mas escrupulosamente limpo. As antiguidades são mais valiosas quando o desgaste do tempo lhes lança uma generosa pátina. A cozinha da Sra. Sanchez é tão bela quanto a mais fina antiguidade, com a inestimável pátina de uma vida de trabalho e de comida feita com prazer e com amor.

Sentei-me diante dela a mesa.

Rosalia apertava as mãos ao redor de uma caneca de café para que não tremessem.

— Atrasou-se esta manhã, Odd Thomas.

Invariavelmente ela usa os dois nomes. As vezes imagino que Rosalia pense que Odd é um título real, como príncipe ou duque, e que o protocolo requer que seja usado incondicionalmente pelos plebeus quando se dirigem a mim.

Talvez pense que sou filho de um rei deposto, reduzido a farrapos, mas, no entanto, merecedor de respeito.

Respondi:

— Sim, me atrasei, sinto muito. Foi uma manhã estranha.

Ela não sabe de meu relacionamento especial com os falecidos. Já tem problemas suficientes para que se preocupe com pessoas mortas fazendo romaria até sua garagem.

— Pode ver o que estou vestindo? — perguntou, preocupada.

— Calça comprida amarelo-clara. Uma blusa amarela e marrom.

Ela decidiu ser mais astuciosa.

— Gostou da presilha de borboleta no meu cabelo, Odd Thomas?

— Não vejo presilha nenhuma. O cabelo está preso com uma fita amarela. Você fica bonita assim.

Quando jovem, Rosalia Sanchez devia ter sido muito bonita.

Aos 63 anos, após ganhar alguns quilos e adquirir as rugas e vincos da experiência, possuía aquela beleza sublime dos beatificados: a humildade e a ternura que só o tempo era capaz de ensinar, o atraente brilho do carinho e do caráter que, nos últimos anos nesta terra, sem dúvida marcavam o rosto daqueles que mais tarde eram canonizados como santos.

— Como você não apareceu na hora de sempre — continuou —, imaginei que tivesse vindo aqui, mas não conseguisse me enxergar. Então concluí que também não conseguia mais vê-lo, que ao me tornar invisível para você, você também estaria invisível para mim.

— Só me atrasei — garanti a ela.

— Seria terrível ficar invisível.

— Sim, mas eu não teria que me barbear com tanta frequência.

Quando discutia a invisibilidade, a Sra. Sanchez não gostava que tentassem fazer graça. O rosto santo adquiriu uma ruga de desaprovação.

— Sempre que me preocupei com a chance de ficar invisível,

imaginei que eu seria capaz de ver outras pessoas. Elas é que não poderiam me ver ou ouvir.

— Naqueles filmes antigos do Homem invisível — comentei —, dava para ver a respiração quando ele saía num dia muito frio.

— Mas se outras pessoas se tornarem invisíveis para mim quando eu estiver invisível para elas — prossegui —, então é como se eu fosse a última pessoa no mundo, tudo estaria vazio, exceto por mim vagando por aí sozinha.

Ela estremeceu. Presa entre suas mãos, a caneca de café fez ruído ao ser posta sobre a mesa.

Quando a Sra. Sanchez fala de invisibilidade, está falando da morte, mas não sei se ela percebe isso.

Se 2001, o verdadeiro primeiro ano do novo milênio, não foi bom para o mundo em geral, foi especialmente desolador para Rosalia Sanchez, a começar com a perda do marido, Herman, numa noite de abril. Ela foi dormir com o homem que amava havia mais de 40 anos, e acordou ao lado de um cadáver frio. Para Herman, a morte veio gentil como sempre, durante o sono; mas para Rosalia, a experiência de despertar com o morto fora traumática.

Mais tarde naquele ano, ainda chorando a morte do marido, ela desistiu de acompanhar as três irmãs e suas famílias numa viagem de férias para New England, planejada durante muito tempo. Na manhã de 11 de setembro, acordou com a notícia de que o voo no qual os parentes voltavam de Boston fora sequestrado e usado como míssil num dos atos mais infames da História.

Embora Rosalia Sanchez quisesse filhos, Deus não lhe deu nenhum. Herman, as irmãs, as sobrinhas e os sobrinhos eram o centro de sua vida. E ela perdeu todos eles enquanto dormia.

Em algum momento entre setembro e o Natal, Rosalia ficou um pouco louca de tanta tristeza. Serenamente louca, pois vivera toda a vida de maneira sossegada e não sabia ser de outra maneira.

Em sua gentil loucura, não admitia que a família estivesse morta. Eles tinham simplesmente se tornado invisíveis. A natureza, num peculiar momento de humor, havia lançado mão de um raro

fenômeno que poderia se reverter a qualquer instante, como um campo magnético, tornando todos os seus entes amados perdidos visíveis novamente.

Rosalia Sanchez conhecia todos os detalhes de todos os desaparecimentos de navios e aviões no Triângulo das Bermudas. Lera cada livro que conseguiu encontrar sobre o assunto.

Sabia do inexplicável desaparecimento, que parecia ter ocorrido do dia para a noite, de centenas de milhares de maias das cidades de Copán, Piedras Negras e Palenque em 610 d.C.

Caso você oferecesse seus ouvidos para Rosalia, ela chegaria perto de estourá-los com uma franca discussão sobre desaparecimentos históricos. Eu, por exemplo, sei mais do que me importaria em saber, e imensuravelmente mais do que preciso saber, sobre o sumiço de todos os homens de uma divisão de 3 mil soldados chineses perto de Nanquim, em 1939.

— Bem, ao menos você está visível esta manhã. Você tem mais um dia inteiro de visibilidade pela frente, o que é uma bênção.

O maior medo de Rosalia é que no mesmo dia em que seus entes amados se tornem visíveis outra vez, ela mesma desapareça.

Embora anseie pelo retorno deles, ela teme as consequências. Rosalia fez o sinal da cruz, olhou ao redor da acolhedora cozinha e finalmente sorriu.

— Eu poderia preparar alguma coisa.

— Você poderia preparar qualquer coisa — respondi.

— O que você gostaria de comer, Odd Thomas?

— Faça-me uma surpresa. — Consultei o relógio. — Melhor ir para o trabalho.

Ela me acompanhou até a porta e me deu um abraço de despedida.

— Você é um bom garoto, Odd Thomas.

— Você me recorda vovó Sugars, exceto por não jogar pôquer, não beber uísque e não dirigir carros velozes.

— Que adorável — comentou. — Sabe, eu sempre tive muita estima por Pearl Sugars. Era tão feminina, mas também ...

— Despachada.

— Exatamente. Certa vez, na festa do morango na igreja, apareceu um valentão, não sei se estava drogado ou bêbado. Pearl o colocou no chão com apenas dois socos.

— Tinha um excelente gancho de esquerda.

— Claro que antes o chutou naquela região delicada. Mas acho que teria sido capaz de cuidar dele só com os socos. Às vezes eu gostaria de ser mais como ela.

Deixando a casa da Sra. Sanchez, caminhei seis quarteirões até o Pico Mundo Grille, que fica no coração do centro de Pico Mundo.

A cada minuto desde o raiar do dia, a manhã se tornava mais quente. Os deuses do Mojave não conhecem o significado da palavra moderação.

As longas sombras da manhã encolhiam diante de meus olhos, afastando-se dos gramados quentes, do asfalto ardente, das calçadas de concreto tão adequadas para a fritura de ovos quanto a chapa que eu logo estaria usando.

O ar não possuía energia para se mover. As árvores pendiam moles. Os pássaros se retiravam para seus abrigos frondosos ou voavam mais alto do que ao amanhecer, bem lá em cima onde o ar rarefeito retinha o calor com menos tenacidade.

Apesar daquela seca calmaria, no trajeto entre a casa da Sra. Sanchez e o Grille vi três sombras se movendo. Todas eram independentes de uma fonte, pois não eram sombras comuns.

Quando eu era bem mais jovem, chamava essas entidades de penumbras. Era apenas outra maneira de dizer fantasmas, mas eles não são fantasmas como Penny Kallisto.

Não acredito que já tenham passado por este mundo sob forma humana ou que conheçam a vida como nós a entendemos. Suspeito de que não pertençam a este lugar, que um reino de escuridão eterna seja seu suposto lar.

A forma deles é líquida. A substância não é mais densa que a das sombras. Os movimentos são silenciosos. As intenções, embora misteriosas, não são benignas.

Costumam esgueirar-se como gatos, mesmo que sejam gatos tão grandes quanto homens. Às vezes correm semi eretos, lembrando criaturas fantásticas que são meio homem e meio cão.

Não os vejo com frequência. Quando aparecem, sua presença sempre significa a chegada de problemas de gravidade maior e dimensão mais sombria que a habitual.

Para mim não são mais penumbras. Eu os chamo de *bodachs*. *Bodach* é uma palavra que ouvi um visitante inglês de 6 anos usar para descrever essas criaturas quando, em minha companhia, percebeu um grupo deles vagando sob o crepúsculo de Pico Mundo. Um *bodach* é uma pequena criatura das Ilhas Britânicas, vil e supostamente mítica, que desce pelas chaminés para levar as crianças malcriadas embora.

Não acredito que esses espíritos que vejo sejam realmente *bodachs*. Acho que o menino inglês também não acreditava nisso. A palavra surgiu em sua mente apenas porque não tinha um nome melhor para eles. Nem eu.

Foi a única pessoa que conheci que compartilhava de minha visão especial. Minutos depois de pronunciar a palavra *bodach* na minha presença, ele morreu esmagado entre um caminhão desgovernado e uma parede de blocos de concreto.

Quando cheguei ao Grille, os três *bodachs* tinham formado um grupo. Correram para bem longe de mim, tremularam numa esquina e desapareceram, como se não passassem de ilusões provocadas pelo calor, meros truques do ar desértico e do sol escaldante.

Sem chances.

Em alguns dias, acho difícil me concentrar em ser o melhor cozinheiro possível. Naquela manhã, precisaria de mais disciplina que de costume para focar minha mente no trabalho e garantir que as omeletes, as batatas fritas, os hambúrgueres e os sanduíches de bacon que saíssem de minha chapa fossem dignos de minha

reputação.

CINCO

— OVOS, DESTROÇADOS E ESTICADOS — DISSE HELEN Arches. — Um porco sentado, batatas tostadas, telhas cardíacas.

Ela prendeu o pedido junto aos outros, apanhou um bule de café fresco e foi oferecer mais aos fregueses.

Desde os 18 anos, Helen sempre foi uma excelente garçonete.

Depois de 42 anos de bom trabalho, os tornozelos estavam enrijecidos e os pés, achatados, por isso, ao andar, os sapatos se arrastavam no chão a cada passo.

Aquele suave flap-flap-flap é um dos ritmos fundamentais da bela música do Pico Mundo Grille, sem esquecer do chiado e do estalar das coisas cozinhando, o retinir dos talheres e o ruído da louça. A conversa de fregueses e funcionários proporcionava a melodia.

Tínhamos muito trabalho naquela manhã de terça-feira.

Todas as mesas estavam ocupadas e praticamente todas as banquetas do balcão também.

Gosto de ficar ocupado. A cozinha é o palco principal do restaurante, à plena vista de todos, e eu certamente atraio tantos quanto qualquer ator nos palcos da Broadway.

Ser cozinheiro num turno pouco movimentado deve ser o mesmo que ser maestro de uma sinfonia sem músicos nem expectadores. Você fica preparado para a ação num avental em vez de um *smoking*, segurando uma espátula no lugar de uma batuta, ansioso para interpretar a arte, não a dos compositores, mas a das galinhas.

O ovo é uma arte, com toda certeza. Podendo escolher entre Beethoven e dois ovos fritos na manteiga, um homem faminto sem dúvida optará pelos ovos — ou, de fato, pela galinha — e sentirá seu espírito tão animado quanto ao ouvir um réquiem, uma rapsódia ou uma sonata.

Qualquer um pode quebrar um ovo e derramar sua essência numa frigideira, mas poucos podem transformá-lo em omeletes tão saborosas, ovos mexidos tão macios ou ovos fritos tão perfeitos

quanto eu.

Isso não é contar vantagem. Bem, é sim, mas é por orgulho das minhas habilidades, não por vaidade ou presunção.

Não nasci com o talento de um mestre-cuca. Aprendi através de estudo e prática, sob a tutela de Terri Stambaugh, que é dona do Pico Mundo Grille.

Quando outros não enxergavam qualquer promessa em mim, Terri acreditou no meu potencial e me deu uma chance. Esforcei-me para recompensar sua fé com hambúrgueres de qualidade exemplar e panquecas leves o bastante para flutuar sobre o prato.

Terri não é simplesmente minha patroa, mas também minha conselheira culinária, minha mãe substituta e minha amiga.

Além disso, é minha principal autoridade quando o assunto é Elvis Presley. Se você citar qualquer dia na vida do rei do rock'n'roll, Terri dirá sem hesitar onde ele estava e o que fazia naquela data.

Eu, por outro lado, estou mais familiarizado com suas atividades depois de morto.

Sem olhar para o pedido que Helen deixou preso, estiquei os ovos, o que significa que acrescentei um terceiro ovo à nossa costumeira porção com duas unidades. Depois os destrocei: mexi os ovos.

Um porco sentado é presunto frito. O porco senta-se sobre o pernil, que é a fonte do presunto. Deita-se sobre o abdômen, que é a fonte do bacon, então um porco deitado seria pedir uma tira de bacon com os ovos.

Telhas cardíacas é um pedido de torrada com quantidade extra de manteiga.

Batatas tostadas são meramente batatas tostadas. Nem toda palavra que falamos durante o dia é linguagem de restaurante, assim como nem todo cozinheiro vê pessoas mortas.

Só vi pessoas vivas durante o turno de terça-feira no Pico Mundo Grille. Sempre se consegue localizar os mortos em um restaurante porque os mortos não comem.

Perto do fim do rush do café da manhã, o chefe Wyatt Porter entrou. Sentou-se sozinho numa mesa.

Como sempre, engoliu um comprimido de antiácido com um copo leite desnatado antes de pedir os ovos mexidos e as batatas fritas que mencionara mais cedo. Sua feição estava tão pálida quanto uma solução de ácido carbólico.

O chefe sorriu ligeiramente para mim e acenou com a cabeça.

Ergui minha espátula em resposta.

Embora eu possa eventualmente trocar as frituras pelos pneus, nunca pensaria numa carreira na polícia. É um trabalho ingrato, que corrói o estômago.

Além disso, fico assustado com armas.

Metade das mesas e todas as banquetas do balcão, exceto duas, já estavam desocupadas quando o *bodach* veio ao restaurante.

A espécie parecia não ser capaz de caminhar através de paredes tal qual fazem os mortos como Penny Kallisto. Em vez disso, eles escorregam por qualquer fresta, rachadura ou buraco de fechadura.

Aquele infiltrou-se através do espaço finíssimo entre a porta de vidro e o batente de metal. Como uma tira de fumaça ondulante, tão insubstancial quanto vapor, mas negro como nanquim, o *bodach* entrou.

Ereto em vez de caminhar de quatro, fluido no formato e sem traços discerníveis, ainda assim sugestivo de algo meio humano e meio canino, aquele indesejado freguês andou silenciosamente desde a entrada até os fundos do restaurante, invisível para todos, menos para mim.

Parecia virar a cabeça para cada um dos clientes enquanto deslizava pelo corredor formado entre as banquetas do balcão e as mesas, hesitando em algumas ocasiões, como se certas pessoas fossem mais interessantes do que outras. Embora não possuísse qualquer traço facial discernível, uma porção de sua silhueta assemelhava-se a uma cabeça, com uma protuberância que sugeria um focinho de cachorro.

Por fim, a criatura voltou e parou diante do balcão. Não tinha olhos, mas certamente me observava trabalhar com as frituras.

Fingindo não saber que era observado, eu me concentrei ainda mais na grelha e na chapa do que o necessário agora que o rush do café da manhã já tinha acabado. De tempos em tempos, quando erguia a vista, eu nunca olhava para o *bodach*, mas para os fregueses, para Helen servindo as mesas com seu característico flap-jlap-jlap, para nossa outra garçonete — a doce e redonda Bertie Orbic —, para as grandes vidraças e para a rua lá fora, onde as sombras rendadas dos jacarandás não ajudavam a refrescar e onde o calor serpenteava do asfalto, não por causa da música de uma flauta, mas por causa do chamuscar silencioso do sol.

Como naquela ocasião, os *bodachs* às vezes revelam interesse especial por mim. Não sei o porquê.

Duvido de que percebam que estou ciente deles. Se soubessem que posso enxergar sua espécie, poderia estar em perigo.

Considerando que *bodachs* não parecem ter mais substância que as sombras, não sei ao certo como poderiam me ferir. Mas não estou com pressa de descobrir.

O presente espécime, aparentemente fascinado pelos rituais de fritura, só perdeu o interesse por mim quando um cliente de comportamento peculiar entrou no restaurante.

Num verão desértico que havia tostado cada morador de Pico Mundo, o recém-chegado continuava pálido como massa crua de pão. Sobre seu crânio espalhava-se um cabelo curto e amarelo-ácido, mais aveludado que penugem de bolor.

Sentou-se ao balcão, próximo de onde eu trabalhava.

Virando a banquetta da esquerda para a direita, como faria uma criança irrequieta, admirava a chapa, os liquidificadores e os *dispensers* de refrigerante, parecendo ligeiramente espantado e animado.

Tendo perdido o interesse em mim, o *bodach* aproximou-se do recém-chegado e concentrou-se atentamente nele. Se a cabeça da entidade negra era de fato uma cabeça, então ele a inclinou para a

esquerda, depois para a direita, como se estivesse tentando compreender o homem sorridente. Se a porção com formato de focinho fosse de fato um focinho, então cheirou o homem com interesse voraz.

Do lado de dentro do balcão, Bertie Orbic cumprimentou o recém-chegado.

— Querido, o que posso fazer por você?

Conseguindo sorrir e falar ao mesmo tempo, ele falava tão baixinho que não pude ouvir o que dizia. Bertie parecia surpresa, mas então começou a rabiscar no bloco de pedidos.

Ampliados por lentes redondas em armação fina, os olhos do freguês me incomodavam. Seu olhar cinzento atravessava-me como uma sombra infiltrando-se num lago no bosque, tomando menos conhecimento de mim do que a sombra tem da água.

As feições embotadas do rosto macilento lembravam os cogumelos que uma vez vi num canto escuro e úmido de um porão, aglomerados esbranquiçados que costumam brotar sobre o musgo nas florestas.

Ocupado com seus ovos, o chefe Porter percebia a presença do Homem-Fungo tanto quanto a do *bodach*. Era evidente que sua intuição não deu qualquer alerta de que aquele novo freguês justificava atenção especial ou preocupação.

Eu, no entanto, considerei o Homem-Fungo preocupante — em parte, mas não inteiramente, porque o *bodach* continuava fascinado por ele.

Embora me comunique com os mortos, não tenho premonições — exceto, às vezes, quando durmo profundamente e sonho. Acordado, sou tão vulnerável a surpresas mortais quanto qualquer um. Minha morte pode chegar através do cano da espingarda de um terrorista ou do deslizamento de terra num terremoto, e eu nem suspeitaria do perigo até ouvir o estourar do tiro fatal ou sentir a terra tremer com violência sob meus pés.

Minha cautela com aquele homem veio de uma suspeita sem base racional, por puro instinto. Qualquer um que sorrisse tão

incessantemente era um simplório — ou um impostor com algo a esconder.

Aqueles olhos cinzentos como fumaça pareciam distraídos, e até desfocados, mas eu não via estupidez neles. De fato, pensei ter detectado uma atenção astuciosamente velada, como a de uma cobra paralisada fingindo indiferença antes de atacar um rato suculento.

Prendendo o pedido, Bertie Orbic o retransmitiu:

— Duas vacas, chorando, com cobertores, pareadas com porcos. Dois hambúrgueres com cebola, queijo e bacon.

Com sua voz doce e clara, que soava como uma menina de 10 anos merecedora de uma bolsa num conservatório, Bertie continuou:

— Batata dupla, duas vezes no inferno. Duas porções de batatas fritas bem crocantes. Queime dois ingleses e mande buscar peixe na Filadélfia. Dois muffins ingleses com cream cheese e salmão defumado.

Ela não tinha terminado:

— Dê uma limpeza na cozinha, mais assobios da meia-noite com zepelins. Uma porção de carne picada, mais uma porção de feijão preto com linguças.

Perguntei:

— Mando agora ou espero o amigo dele chegar?

— Pode mandar — respondeu Bertie. — Isto é para um. Um garoto magricela como você não entenderia.

— O que ele quer primeiro?

— O que você quiser fazer.

O Homem-Fungo sorriu com ar sonhador para um saleiro que ele girava e girava diante de si sobre o balcão, como se o cristalino conteúdo branco o fascinasse e assombrasse.

Embora o homem não tivesse um físico avantajado que o qualificasse como porta-voz de uma academia de ginástica, não era

gordo, só levemente arredondado como um cogumelo. Se todas as suas refeições fossem assim tão elaboradas, devia ter o metabolismo de um diabo da Tasmânia sob efeito de metanfetamina.

Primeiro tastei os muffins, enquanto Bertie lhe servia um milkshake de chocolate e uma Vanilla Coke. Nosso grande comilão também bebia por dois.

Quando abandonava os muffins para preparar a carne e as linguças, um segundo *bodach* apareceu. Este e o primeiro moveram-se de lá para cá pelo restaurante com um ar agitado, sempre voltando para o sorridente glutão, que continuava ignorante da existência deles.

Quando os cheesebúrgueres com bacon e as batatas fritas bem crocantes ficaram prontos, bati uma das mãos no sino que ficava ao lado da chapa, para alertar Bertie de que o pedido já podia ir para a mesa. Ela o serviu sem demora, encostando o prato no balcão sem ruído, como ela sempre faz.

Três *bodachs* tinham-se reunido na vidraça da frente, sombras persistentes que continuavam insensíveis ao poder escaldante do sol desértico, espreitando-nos como se estivéssemos em exposição.

Geralmente passavam-se meses sem que eu encontrasse qualquer um da espécie. O grupo apressado que vi mais cedo na rua e agora aquela reunião sugeria que Pico Mundo enfrentaria maus momentos.

A associação dos *bodachs* à morte assemelha-se à busca das abelhas pelo néctar das flores. Eles parecem beber dela.

No entanto, uma morte comum não atrai um *bodach*, muito menos um enxame deles. Nunca vi nenhuma dessas criaturas pairando ao lado da cama de um paciente com câncer terminal ou rodeando de alguém prestes a sofrer um ataque cardíaco fatal.

Só a violência os atrai. O terror. Parecem saber quando isso está por vir. Reúnem-se como turistas esperando pela previsível erupção de um gêiser no parque Yellowstone.

Não vi nenhum deles perseguindo Harlo Landerson nos dias anteriores ao assassinato de Penny Kallisto. Duvido de que qualquer

bodach estivesse presente quando ele violentou e estrangulou a menina.

Para Penny, a morte veio acompanhada de dor insuportável e medo terrível. Certamente todos rezam — ou pelo menos têm esperanças, dependendo da certeza de cada um sobre a existência de Deus — para que a própria morte não seja tão brutal quanto a dela. No que diz respeito aos *bodachs*, no entanto, um simples estrangulamento não parece ser atraente o bastante para tirá-los de qualquer que seja a toca que habitem em qualquer que seja o estranho reino que lhes serve de lar.

O apetite deles é pelo terror grandioso. A violência que desejam é do tipo mais extremo: múltiplas mortes prematuras, temperadas com um horror prolongado, servidas com uma crueldade tão densa quanto um molho de carne ruim.

Quando eu tinha 9 anos, um adolescente viciado em drogas chamado Gary Tolliver sedou a família — irmãozinho, irmãinha, mãe e pai — ao adular uma caçarola de sopa de galinha. Algemou-os enquanto estavam inconscientes, esperou que acordassem, então passou o fim de semana a torturá-los antes de matá-los com uma furadeira elétrica.

Durante a semana que precedeu estas atrocidades, cruzei duas vezes o caminho de Tolliver. Na primeira ocasião, ele era seguido de perto por três ansiosos *bodachs*. Na segunda ocasião, não eram três, mas 14.

Não tenho dúvida de que aquelas formas negras vagaram pela casa de Tolliver durante aquele fim de semana sangrento, invisíveis às vítimas e ao assassino, esgueirando-se de cômodo em cômodo enquanto o cenário da ação mudava. Observando. Alimentando-se.

Dois anos depois, um furgão dirigido por um bêbado estraçalhou as bombas de gasolina de um movimentado posto na Green Moon Road, provocando uma explosão e um incêndio que matou sete pessoas. Naquela manhã, eu tinha visto uma dúzia de *bodachs* vagando por ali, como sombras descontraídas sob o sol da manhã.

A fúria da natureza também os atrai. Fervilhavam sobre as ruínas da casa de repouso Buena Vista depois do terremoto de 18 meses

atrás, e não saíram até o último sobrevivente ferido ser resgatado dos escombros.

Se tivesse passado pelo Buena Vista antes do terremoto, certamente os teria visto se reunindo. Talvez pudesse ter salvado algumas vidas.

Quando eu era criança, a princípio pensava que aquelas penumbras pudessem ser espíritos malignos que fomentavam o mal nas pessoas ao redor das quais se aglomeravam. Desde então, descobri que muitos seres humanos não precisam de aconselhamento sobrenatural para cometer atos de selvageria; algumas pessoas são demônios por si mesmas, os chifres que as denunciariam crescendo voltados para dentro para facilitar o disfarce.

Passei a acreditar que os *bodachs* não fomentam o terror, mas que se sustentam dele de alguma maneira. Enxergo-os como vampiros psíquicos, parecidos, porém muito mais assustadores, com apresentadores de programas de entrevistas diurnos que apresentam convidados emocionalmente perturbados e autodestrutivos, encorajando-os a desnudar suas almas avariadas.

Acompanhado agora por quatro *bodachs*, sem contar os que o assistiam por fora das vidraças do Pico Mundo Grille, o Homem-Fungo engoliu os últimos pedaços dos hambúrgueres com batatas fritas ao beber o resto do milk-shake e da Vanilla Coke. Deixou uma generosa gorjeta para Bertie, pagou a conta no caixa e partiu do restaurante com seu sorrateiro séquito de sombras.

Através da ofuscante luz do sol, através das cortinas de calor que se desprendiam do asfalto quente, observei-o atravessando a rua. Era difícil contar quantos *bodachs* o rodeavam, já que eles se amontoavam uns sobre os outros, mas poderia apostar meu salário daquela semana de que não somavam menos de vinte.

SEIS

EMBORA SEUS OLHOS NÃO SEJAM DOURADOS NEM AZUL-celestes, Terri Stambaugh possui a visão de um anjo, pois é capaz de enxergar através de alguém e descobrir a verdade escondida em seu coração. E não deixa de amar a pessoa, mesmo conhecendo todos os seus pecados.

Ela tem 41 anos, portanto é velha o bastante para ser minha mãe. Contudo, não é suficientemente excêntrica para ser minha mãe. Nem um pouco.

Terri herdou o Grille da família e dirige o restaurante segundo o alto padrão que estabeleceram. É uma patroa justa e trabalhadora.

Sua única qualidade incomum é a obsessão por Elvis.

Como ela gostava de ter seu conhecimento enciclopédico testado, eu disse:

— 1963.

— Certo.

— Maio.

— Que dia?

Escolhi um aleatoriamente:

— Dia 29.

— Foi uma quarta-feira — respondeu Terri.

O rush do almoço tinha passado. Meu dia de trabalho terminara às 14 horas. Estávamos numa mesa nos fundos do Grille, esperando que uma das garçonetes do segundo turno, Viola Peabody, trouxesse nosso almoço.

Fui substituído na cozinha por Poke Barnet. Trinta e tantos anos mais velho do que eu, magro e vigoroso, Poke tem o rosto curtido pelo Mojave e olhos de pistoleiro. É tão silencioso quanto um monstro de gila banhando-se ao sol sobre uma pedra, tão independente quanto qualquer cacto.

Se, numa outra encarnação, Poke vivesse no Velho Oeste,

provavelmente teria sido um delegado rápido no gatilho, ou até integrante da gangue dos Daltons, mas nunca o cozinheiro de uma caravana. Com ou sem experiência de vidas passadas, entretanto, era bom com a grelha e a chapa.

— Na quarta-feira, 29 de março de 1963 — disse Terri —, Priscilla formou-se no Colégio da Imaculada Conceição, em Memphis.

— Priscilla Presley?

— Ela era Priscilla Beaulieu então. Durante a cerimônia de formatura, Elvis ficou esperando num carro do lado de fora da escola.

— Não foi convidado?

— Claro que foi. Mas sua presença no auditório teria causado um grande alvoroço.

— Quando eles se casaram?

— Muito fácil. Em 1º de maio de 1967, um pouco antes do meio-dia, numa suíte do Aladdin Hotel, em Las Vegas.

Terri tinha 15 anos quando Elvis morreu. Não destruiria corações naquela época. Àquela altura havia se tornado uma caricatura inchada de si mesmo, num macacão bordado e decorado com brilhantes falsos, mais apropriado ao Liberace do que ao incrível cantor de blues que atingiu o topo das listas em 1956, com “Heartbreak Hotel”.

Terri ainda não era nascida em 1956. A fascinação por Presley só começou 16 anos depois de seu falecimento.

As origens desta obsessão são em parte um mistério para ela.

A razão para Elvis ser importante, explicava Terri, era porque, durante seu apogeu, a música popular ainda era politicamente inocente, repleta de afirmação de vida, sendo assim relevante. Na época em que ele morreu, a maioria das canções populares se transformara, geralmente sem intenção consciente daqueles que as escrevia e cantava, em hinos defendendo os valores do fascismo, o que continua acontecendo até hoje.

Suspeito de que Terri seja obcecada por Elvis parcialmente

porque, num nível inconsciente, ela percebesse que ele estava entre nós aqui em Pico Mundo, pelo menos desde minha infância, talvez desde sua morte, uma verdade que só revelei a ela um ano atrás. Suspeito de que seja uma médium latente, que possa sentir sua presença espiritual, e que por consequência, se sinta muito atraída pelo estudo de sua vida e de sua carreira.

Não sei por que o rei do rock'n'roll não passou para o Outro Lado, ou por que continua, depois de tantos anos, a assombrar este mundo. Afinal, Buddy Holly não ficou andando por aí; ele entendeu-se com a morte da maneira adequada.

E por que Elvis vaga por Pico Mundo em vez de Memphis ou Las Vegas?

De acordo com Terri, que sabe tudo que se há para saber sobre todos os dias dos 42 atribulados anos de vida de Elvis, ele nunca visitou nossa cidade quando estava vivo. Em toda a literatura sobre o paranormal, nenhuma menção é feita a tal deslocamento geográfico de assombração.

Estávamos pensando neste mistério, não pela primeira vez, quando Viola Peabody trouxe nosso almoço tardio. Viola é tão negra quanto Bertie Orbic é redonda, tão magra quanto Helen tem pés chatos.

Colocando nossos pratos sobre a mesa, Viola perguntou:

— Odd, poderia me fazer uma leitura?

Não são poucas as pessoas em Pico Mundo que pensam que sou algum tipo de médium: talvez um clarividente, um taumaturgo, profeta, adivinho, qualquer coisa. Só uns poucos sabem que vejo os mortos que não descansaram. Os outros esculpiram uma imagem minha com as facas distorcidas dos rumores até eu me tornar um pedaço diferente para cada um deles.

— Já lhe disse, Viola. Não sou quiromante, nem frenologista. E as folhas de chá não passam de lixo pra mim.

— Então leia meu rosto — pediu-me. — Diga, consegue ver o que sonhei na noite passada?

Viola geralmente era uma pessoa alegre, mesmo depois que o

marido, Rafael, a trocou por uma garçonete de uma luxuosa churrascaria em Arroyo City, consequentemente deixando de fornecer conselho e sustento para suas duas filhas. Naquele momento, entretanto, Viola parecia mais séria do que nunca. E preocupada.

Eu lhe disse:

— A última coisa que sei fazer é ler rostos.

Cada rosto humano é mais enigmático do que a desgastada imagem da Esfinge, lá nas areias do Egito.

— No meu sonho — afirmou Viola —, vi a mim mesma, e meu rosto estava fraturado, morto. Havia um buraco na minha testa.

— Talvez fosse um sonho explicando por que se casou com Rafael.

— Não tem graça — repreendeu-me Terri.

— Acho que posso ter sido baleada — continuou Viola.

— Querida — Terri a confortou —, quando foi a última vez em que um sonho seu se tornou realidade?

— Acho que nunca.

— Então não precisa se preocupar com este.

— Pelo que me lembre — prosseguiu Viola —, nunca me vi frente a frente num sonho.

Mesmo nos meus pesadelos, que às vezes se tornam realidade, também nunca vi meu rosto.

— Havia um buraco na minha testa — repetiu — e meu rosto estava fantasmagórico, desfigurado.

Um disparo poderoso de calibre significativo, ao perfurar a testa, liberaria energia tremenda que poderia distorcer a estrutura de todo o crânio, resultando num sutil, mas perturbador, rearranjo das feições.

— Meu olho direito — acrescentou Viola — estava injetado de sangue e parecia... meio vazado para fora da órbita.

Nos nossos sonhos, não somos observadores objetivos, como os personagens que sonham nos filmes. Estes dramas internos geralmente são vistos estritamente do ponto de vista de quem sonha. Nos pesadelos, não podemos olhar diretamente em nossos olhos, exceto indiretamente, talvez porque tememos descobrir que dentro de nós estão os piores monstros que nos atormentam.

O rosto de Viola, doce como chocolate ao leite, agora ficara contorcido por uma expressão suplicante.

— Diga-me a verdade, Odd. Você vê a morte em mim?

Não lhe disse que a morte jaz adormecida em cada um de nós e florescerá quando for a hora.

Embora nenhum detalhe do futuro de Viola, fosse terrível ou brilhante, tivesse me sido revelado, o delicioso aroma do cheesebúrguer intocado me induziu a mentir para dar prosseguimento ao almoço.

— Você terá uma vida longa e feliz e morrerá enquanto dorme, já idosa.

— Verdade?

Sorrindo e assentindo, eu não sentia vergonha da mentira.

Primeiro, poderia ser verdade. Não vejo qualquer mal em dar esperança às pessoas. Além disso, não fui procurá-la para me fazer de oráculo.

Pegando meu cheesebúrguer, testei Terri:

— 23 de outubro de 1958.

— Elvis servia no exército na época — disse ela, hesitando apenas para mastigar um pedaço do sanduíche de queijo grelhado.

— Estava aquartelado na Alemanha.

— Isso não é muito específico.

— Nesta noite, ele foi para Frankfurt assistir uma apresentação de Eill Haley.

— Você pode estar inventando isso.

— Sabe que não estou. — O frágil pickles temperado com endro

foi triturado ruidosamente quando Terri o mordeu. — Nos bastidores, Elvis conheceu Haley e um astro sueco do rock'n'roll chamado Little Gerhard.

— Little Gerhard? Não pode ser verdade.

— Parece que ele se inspirou em Little Gerhard. Não sei ao certo. Nunca ouvi Little Gerhard cantar. Viola será baleada na cabeça?

— Não sei. — Suculenta e no ponto, o sabor da carne do cheesebúrguer fora acentuado com uma pitada perfeita de sal temperado. Poke era um forte competidor. — Como você disse, sonhos são apenas sonhos.

— Ela passou por coisas difíceis. Não precisa disso.

— Ser baleada na cabeça? Quem precisaria?

— Vai cuidar dela? — perguntou Terri.

— Como eu faria isso?

— Coloque para fora sua anteninhas psíquicas. Talvez você consiga impedir a coisa antes que aconteça.

— Não tenho anteninhas psíquicas.

— Então peça a um de seus amigos mortos. Eles às vezes sabem de coisas que vão acontecer, não sabem?

— Não costumam ser amigos. Apenas meros conhecidos. De qualquer forma, eles só são prestativos quando querem.

— Se estivesse morta, eu ajudaria você — assegurou-me Terri.

— Você é um doce. Quase gostaria que estivesse morta. — Baixe o cheesebúrguer e lambi os dedos. — Se alguém em Pico Mundo estiver para começar a atirar nas pessoas, será o Homem-Fungo.

— Quem é ele?

— Esteve sentando ao balcão hoje. Pediu comida suficiente para três pessoas. Comeu feito um porco esfomeado.

— Este é o meu tipo favorito de cliente. Mas não o vi.

— Você estava na cozinha. Era pálido, flácido, todo arredondado, algo que cresceria no porão de Hannibal Lecter.

— Emitia vibrações ruins?

— Quando saiu, o Homem-Fungo levou um séquito de *bodachs*.

Terri ficou tensa e olhou cautelosamente ao redor do restaurante.

— Há algum aqui, agora?

— Não. A pior coisa no local no momento é Bob Mão de Vaca.

O verdadeiro nome do avarento em questão era Spinker, mas nós lhe demos esse apelido secreto. Qualquer que fosse o total de sua conta, sempre dava 25 centavos de gorjeta.

Bob Mão de Vaca se gabava de ser duas vezes e meia mais generoso que John D. Rockefeller, o bilionário do petróleo. De acordo com a lenda, mesmo nos elegantes restaurantes de Manhattan, Rockefeller sempre dava 10 centavos de gorjeta.

Claro que nos dias de John D., durante a Grande Depressão, com 10 centavos se comprava um jornal e um almoço num restaurante barato. Atualmente, com 25 centavos só se compra um jornal, e você não vai querer ler nada que estiver escrito a menos que seja sádico, masoquista ou um coitado solitário e suicida desesperado para encontrar o verdadeiro amor nos anúncios pessoais.

Terri disse:

— Talvez esse Homem-Fungo só estivesse de passagem pela cidade e tenha pego a estrada assim que limpou o prato.

— Tenho o pressentimento de que ainda está por aqui.

— Vai ficar de olho nele?

— Se eu conseguir encontrá-lo.

— Precisa do carro emprestado? — perguntou ela.

— Talvez por algumas horas.

Eu vou e volto andando do trabalho. Para viagens longas, tenho uma bicicleta. Em casos especiais, uso o carro de Stormy Llewellyn, ou o de Terri.

Há tantas coisas além do meu controle: as infundáveis solicitações dos mortos, os *bodachs*, os sonhos proféticos. Provavelmente já

teria desenvolvido sete tipos de loucura há muito tempo, uma para cada dia da semana, se não simplificasse minha vida em cada área onde tenho algum controle. Estas são minhas estratégias defensivas: nada de carro, nada de seguro de vida, nada além da quantidade absolutamente necessária de roupas — na maior parte, camisetas, calças e jeans —, nada de férias em lugares exóticos, nada de grandes ambições.

Terri empurrou as chaves do carro sobre a mesa.

— Obrigado — agradei.

— Só não arraste nenhuma pessoa morta dentro dele. Certo?

— Os mortos não precisam de carona. Eles podem aparecer quando querem, onde querem. Eles caminham no ar. Voam.

— Só estou dizendo que, se você me contar que alguma pessoa morta sentou-se no meu carro, terei de passar um dia inteiro esfregando os tapetes. Isso me dá arrepios.

— E se for o Elvis?

— Isso é diferente. — Ela terminou de comer o picles. — Como estava Rosalia esta manhã? — perguntou, falando de Rosalia Sanchez, minha senhoria.

— Visível — respondi.

— Fico feliz por ela.

SETE

O GREEN MOON MALL FICA AO LONGO DA GREEN MOON Road, entre a cidade velha de Pico Mundo e os modernos bairros ao oeste. A enorme estrutura, com paredes cor de areia, fora projetada para sugerir uma humilde construção de adobe, como se fosse um lar construído por uma família de gigantes nativos americanos.

Apesar dessa curiosa tentativa de arquitetura ambientalmente harmônica, mas profundamente absurda, os clientes do shopping encontram em Pico Mundo marcas como Starbucks, GAP, Donna Karan e Crate & Barrel com a mesma facilidade que encontrariam em Los Angeles, Chicago, Nova York ou Miami.

Num canto do vasto estacionamento, distante do shopping, está o Mundo dos Pneus. Ali a arquitetura é mais divertida.

A estrutura de um andar sustenta uma torre coroada por um globo gigante. Esse modelo da Terra, rodando preguiçosamente, parece representar um mundo de paz e inocência, perdido com a entrada da cobra no Éden.

A exemplo de Saturno, este planeta ostenta um anel, não aquele feito de rochas, poeira e cristais de gelo, mas de borracha. Envolvendo o globo existe um pneu que gira e vibra ao mesmo tempo.

Cinco baías de serviço garantem que os clientes não esperarem por muito tempo para que seus novos pneus sejam instalados. Os funcionários vestem uniformes limpos, são educados e sorriem facilmente. Parecem felizes.

Lá também é possível comprar baterias de carro e fazer trocas de óleo. Contudo, os pneus continuam sendo a alma do negócio.

O *showroom* é impregnado do encantador aroma de borracha esperando pela estrada.

Naquela tarde de terça-feira, vaguei entre os corredores por 10 ou 15 minutos, sem ser perturbado. Alguns funcionários me cumprimentaram, mas nenhum tentou me vender nada.

Faço visitas periódicas, por isso eles já sabem de meu interesse

por pneus.

O dono do Mundo dos Pneus é o Sr. Joseph Mangione. Ele é o pai de Anthony Mangione, que foi meu amigo no colégio.

Anthony frequenta a Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Tem esperanças de fazer carreira em medicina.

O Sr. Mangione sente orgulho por seu filho querer ser médico, mas também se sente desapontado, pois Anthony não tem interesse no negócio da família. Ele me aceitaria de bom grado na lista de pagamento e sem dúvida me trataria como filho substituto.

Ali, há pneus disponíveis para carros, utilitários esportivos, caminhões e motocicletas. Os tamanhos e graus de qualidade são muitos; mas uma vez que a relação de artigos fosse memorizada, nenhuma ocupação no Mundo dos Pneus seria fonte de estresse.

Naquela terça-feira, eu ainda não tinha qualquer intenção de aposentar minha espátula no Pico Mundo Grille, embora cozinhar com a rapidez necessária seja bem estressante quando as mesas estão cheias, os pedidos se acumulam e a cabeça fica zumbindo com o jargão de restaurante. Nos dias em que também sofro um número incomum de encontros com os mortos, o alvoroço do movimento no café da manhã e no almoço deixa meu estômago ácido. É quando percebo que estou cortejando não apenas uma azia, mas também um ataque precoce de refluxo gastrointestinal.

Em momentos assim, o ramo dos pneus parece ser um refugio quase tão sereno quanto um monastério.

Contudo, até aquele pedacinho de paraíso, com aroma de borracha, que pertencia ao Sr. Mangione era assombrado. Um fantasma teimava em habitar o *showroom*.

Tom Jedd, um pedreiro respeitado, morrera oito meses atrás.

Seu carro derrapou na Panorama Road já depois da meia-noite, atravessou o parapeito, despencou por 30 metros de um barranco rochoso e afundou no lago Malo Suerte.

Três pescadores, que estavam num barco a 60 metros da margem, viram quando o PT Cruiser de Tom começou a afundar. Chamaram os tiras pelo celular, mas o serviço de resgate e

emergência chegou tarde demais para salvá-lo.

O braço esquerdo de Tom foi decepado na batida. O legista do condado declarou-se indeciso quanto a Tom ter sangrado até morrer ou se afogado primeiro.

Desde então, o pobre homem tem se arrastado pelo Mundo dos Pneus. Não sei o motivo, já que o acidente não foi causado por um pneu defeituoso.

Antes ele bebera num clube noturno de estrada chamado Primo Caipira. A autópsia citava 1,18 de álcool no sangue, quantidade bem acima do limite legal. Ou ele tinha perdido o controle do veículo por embriaguez ou dormira ao volante.

Sempre que eu visitava o *showroom* para passear entre os corredores e refletir sobre uma mudança de carreira, Tom percebia que eu o via e me cumprimentava com um olhar ou um aceno de cabeça. Uma vez até piscou para mim, conspiradoramente.

Mas não fizera, entretanto, qualquer tentativa de comunicar seu propósito ou suas necessidades. Era um fantasma reticente.

Às vezes eu gostaria que mais deles fossem assim.

Tom morrera usando uma camisa havaiana com estampa de papagaios, short cáqui e tênis brancos sem meias. Ele sempre aparecia com essa roupa quando vagava pelo Mundo dos Pneus.

Às vezes estava seco, mas em outras ocasiões aparecia ensopado, como se tivesse acabado de sair do lago Malo Suerte. Geralmente possuía os dois braços, mas não era raro o braço esquerdo estar ausente.

Pode-se dizer muito do estado de espírito de uma pessoa morta pela forma como se manifesta. Quando seco, Tom Jedd parecia resignado com seu destino, mesmo que não completamente em paz com a ideia. Quando molhado, parecia enfurecido, angustiado, ou carrancudo.

Naquela ocasião, estava seco. O cabelo fora penteado. Parecia relaxado.

Tom andava com os dois braços desta vez, mas o esquerdo não

estava preso ao ombro. Ele carregava o braço esquerdo na mão direita, segurando-o casualmente pelos bíceps, como se fosse um taco de golfe.

Este comportamento grotesco não exibia o sangue coagulado. Felizmente nunca o vi sangrando, talvez porque ele fosse melindroso ou porque continuasse em negação de que sangrara até a morte.

Por duas vezes, quando percebeu que eu o observava, Tom usou o braço decepado como coçador de costas. Arranhava a região entre as escápulas com os dedos rígidos do membro amputado.

Em regra, fantasmas são sérios quanto a sua condição e solenes em seus modos. Pertencem ao Outro Lado, mas estão presos aqui, por várias razões, e sentem-se impacientes para seguir em frente.

De vez em quando, entretanto, encontro um espírito com o senso de humor intacto. Para me causar divertimento, Tom até maquinou cutucar o nariz com o indicador do braço decepado.

Prefiro fantasmas melancólicos. Há algo que causa arrepios no fato de um morto errante tentar arrancar uma gargalhada, talvez por causa da sugestão de que mesmo na pós-morte nós ainda temos a patética necessidade de nos sentir queridos — além da triste capacidade de nos humilhar.

Se Tom Jedd estivesse num humor menos jocoso, talvez eu tivesse me demorado mais tempo no Mundo dos Pneus. Sua brincadeira me incomodava, assim como o sorriso radiante.

Enquanto eu caminhava até o Mustang de Terri, Tom ficou na vidraça do *showroom*, acenando de maneira vigorosa e cômica com o braço decepado.

Dirigi pelo estacionamento chamuscado de sol e encontrei espaço para o Mustang perto da entrada principal do shopping, onde operários penduravam uma faixa anunciando a grande liquidação anual de verão que aconteceria de quarta-feira até domingo.

Dentro daquela cavernosa meca do comércio, a maioria das lojas apresentava atividade moderada, mas a sorveteria Burke & Bailey's

atraía uma multidão.

Stormy Llewellyn trabalhava na Burke & Bailey's desde os 16 anos. Aos 20, era a gerente. Seu plano era ter uma loja própria quando estivesse com 24.

Se tivesse entrado para o treinamento de astronautas depois do colégio, ela agora teria uma barraquinha de limonada na Lua.

Stormy não se considera ambiciosa, acha apenas que precisa de estímulo porque fica facilmente entediada. Eu sempre me ofereço para estimulá-la.

Ela diz estar falando de estímulo mental.

Digo-lhe que, caso não tenha notado, eu tenho um cérebro. Ela responde que definitivamente não há um cérebro no meu pinto, e que o que pode passar por minha cabeça ainda está aberto a debate.

— Por que acha que às vezes o chamo de Pooh?

— Porque sou gostoso de abraçar?

— Porque a cabeça do Pooh só tem enchimento.

Nossa vida nem sempre é uma rotina à moda de Abbott e Costello. Às vezes ela é Dentinho e eu, Alceu.

Fui até o balcão da Burke & Bailey e disse:

— Quero algo quente e doce.

— Nossa especialidade são os gelados — disse Stormy. — Vá se sentar no passeio. Se for bonzinho, levo algo para você.

Embora movimentada, a sorveteria oferecia algumas mesas vazias; no entanto, Stormy prefere não conversar ali. Ela era objeto de fascinação para alguns dos outros funcionários, por isso não queria lhes dar assunto para fofocas.

Eu compreendia perfeitamente o que eles sentiam por ela.

Stormy era objeto de fascinação para mim também.

Portanto, saí da Burke & Bailey's, atravessei o passeio público e sentei-me com os peixes.

O varejo e o cinema juntaram forças nos Estados Unidos: os

filmes estão cheios de propaganda indireta, e os shoppings são projetados com elementos verdadeiramente teatrais. Em uma das alas do Green Moon Mau, uma cascata de 12 metros jorrava de um penhasco de rochas artificiais. Da queda d'água, um córrego serpenteava ao longo da construção, formando uma série de corredeiras.

Ao fim de uma farra de compra compulsiva, caso você percebesse que tinha ido à falência na Nordstrom, você poderia se atirar nessa atração aquática e se afogar.

Fora da Burke & Bailey's, o córrego terminava numa lagoa tropical cercada por palmeiras e samambaias viçosas. Tiveram grande cuidado para que aquilo parecesse real. Uma indistinta gravação do canto de pássaros ecoava em meio às folhagens.

Exceto pela ausência de insetos enormes, umidade sufocante, vítimas de malária gemendo as dores da morte, víboras venenosas tão abundantes quanto mosquitos e gatos selvagens devorando de modo maníaco as próprias patas, você juraria estar na floresta amazônica.

Na lagoa nadavam carpas de cores vivas. Muitas eram grandes o bastante para servir num substancioso jantar. De acordo com a publicidade do shopping, alguns daqueles peixes exóticos chegavam a valer 4 mil dólares; saborosos ou não, eles não cabiam no orçamento gastronômico de qualquer pessoa.

Sentei-me num banco de costas para as carpas, indiferente às nadadeiras cintilantes e às escamas valiosas.

Cinco minutos depois, Stormy saiu da Burke & Bailey's com duas casquinhas de sorvete. Gostei de observá-la caminhando na minha direção.

O uniforme dela incluía sapatos, saia e boné cor-de-rosa, combinando com uma blusa cor-de-rosa e branca, arrematados por meias brancas. Com compleição mediterrânea, cabelos preto-azeviche e misteriosos olhos escuros, Stormy parecia uma provocante agente de espionagem disfarçada de funcionária de hospital.

Adivinhando meus pensamentos, como sempre, Stormy sentou-

se ao meu lado e afirmou:

— Quando tiver minha própria loja, os empregados não terão que usar estes uniformes estúpidos.

— Você me parece adorável.

— Estou parecendo uma *lolita*.

Stormy me deu uma das casquinhas e, por um minuto ou dois, ficamos ali em silêncio, observando os compradores passando, desfrutando o nosso sorvete.

— Apesar da gordura de hambúrguer e bacon — disse ela —, ainda posso sentir o cheiro do xampu de pêssego.

— Sou um deleite olfativo.

— Talvez um dia quando eu tiver minha própria loja, possamos trabalhar juntos e ter o mesmo cheiro.

— O ramo dos sorvetes não me atrai. Amo as frituras.

— Imagino que seja verdade — ponderou.

— O quê?

— Os opostos se atraem.

— Este é o novo sabor que chegou na semana passada? — perguntei.

— Sim.

— Chocolate com cereja e pedaços de coco?

— Cereja com coco e pedaços de chocolate — corrigiu. — Você não pode errar o sabor dos pedaços para não ter dor de cabeça.

— Não sabia que a gramática da indústria do sorvete era tão rígida.

— Se você descrever como bem entender, alguns clientes desonestos comem o sorvete todo e depois pedem o dinheiro de volta porque não encontraram pedaços de coco nele. E nunca me chame de adorável novamente. Cãezinhos é que são adoráveis.

— Quando vinha na minha direção, você me pareceu provocante.

— O mais inteligente no seu caso seria ficar longe de qualquer adjetivo.

— O sorvete é bom — comentei. — É a primeira vez que , experimenta?

— Todos estão empolgados com ele. Mas não quis apressar a experiência.

— Gratificação tardia.

— Sim, isso torna tudo mais doce.

— Se esperar demais, o que era doce e cremoso pode se tornar azedo.

— Esqueçam Sócrates. Odd Thomas tomou o pódio.

Sei quando o gelo fino sob meus pés começa a rachar. Mudei de assunto.

— Ficar de costas para todas estas carpas me dá arrepios.

— Acha que pretendem aprontar alguma coisa? — perguntou ela.

— São cintilantes demais para um peixe. Não confio nelas.

Stormy olhou para o lago por cima do ombro, então deu atenção ao sorvete outra vez.

— Só estão copulando.

— Como você sabe?

— A única coisa que os peixes sempre fazem é comer, excretar e copular.

— Vida boa.

— Eles excretam na mesma água em que comem, e comem na mesma água cheia de esperma onde copularam. Peixes são nojentos.

— Nunca pensei nisso até agora — comentei.

— Como veio até aqui?

— No Mustang da Terri.

— Estava com saudades minhas?

— Sempre. Mas estou procurando por alguém. — Conteí a ela sobre o Homem-Fungo. — Meu instinto me trouxe até aqui.

Quando alguém não está onde espero esteja, nem em casa nem no trabalho, então às vezes eu ando por aí na minha bicicleta ou num carro emprestado, virando aleatoriamente de rua em rua. Geralmente cruzo o caminho de quem procuro em menos de meia hora. Preciso de um rosto ou nome no qual me concentrar, e então trabalho melhor que um cão de caça.

Este é um talento para o qual não tenho nome. Stormy chama isso de magnetismo psíquico.

— E lá vem ele agora — falei, referindo-me ao Homem-Fungo, que andava a passo lento ao longo do passeio, seguindo as corredeiras em direção à lagoa tropical de carpas.

Stormy não precisou pedir que eu lhe apontasse o cara. Em meio aos outros compradores, ele era tão óbvio quanto um pato num desfile de cães.

Embora eu praticamente tivesse terminado o sorvete sem sentir calafrios, estremei ao ver aquele homem esquisito. O Homem-Fungo apenas caminhava sobre o piso de travertino, mas meus dentes bateram como se ele tivesse acabado de passar sobre meu túmulo.

OITO

PÁLIDO, INFLADO, OS AGUADOS OLHOS CINZA FLUTUANDO nas vitrines das lojas, parecendo quase tão confuso quanto um paciente de Alzheimer que sai da casa de saúde para um mundo que não mais reconhece, o Homem-Fungo carregava sacolas de compras estufadas, exibindo os logos de duas lojas de departamento.

— Que coisa amarela é aquela na cabeça dele? — perguntou Stormy.

— Cabelo.

— Acho que é um solidéu de crochê.

— Não, é cabelo. O Homem-Fungo entrou na Burke & Bailey's.

— Os *bodachs* ainda estão com ele? — perguntou Stormy.

— Não tantos quanto antes. Só três.

— E estão na minha loja?

— Sim. Estão todos lá dentro.

— Isso é ruim para os negócios — disse ela, preocupada.

— Porquê? Nenhum dos seus clientes pode vê-los.

— Como espíritos perversos que rastejam furtivamente por aí poderiam ser bons para os negócios? — contrapôs. — Espere aqui.

Fiquei sentado com as carpas copulando às minhas costas e o sorvete inacabado na mão direita. Tinha perdido o apetite.

Através das vidraças da Burke & Bailey's, podia ver o Homem-Fungo ao balcão. Estudou o cardápio de sabores, então fez um pedido.

Stormy não o atendia, apenas pairava por perto, por trás do balcão, sob algum pretexto.

Não gostei de que ela estivesse ali com ele. Pressentia que corria perigo.

Embora a experiência tivesse me ensinado a confiar nos meus sentimentos, não entrei para ficar de guarda perto dela. Stormy me

pedira para esperar no banco. Não tinha a intenção de contrariá-la. Como a maioria dos homens, eu achava terrível ser repreendido por uma mulher que não pesava 50 quilos nem mesmo depois da ceia de Ação de Graças.

Se eu tivesse uma lâmpada com um gênio e o direito a um desejo, pediria para estar de novo no Mundo dos Pneus, na serenidade daquele *showroom* com seus corredores entulhados com as formas redondas e tranquilizadoras dos pneus.

Pensei no pobre Tom Jedd, dando adeus com o braço decepado, e decidi enfim terminar meu sorvete. Ninguém nunca sabe quando o fim da linha está se aproximando. Talvez esta fosse a última bola de sorvete de cereja com coco e pedaços de chocolate que teria a oportunidade de comer.

Quando terminei, Stormy voltou e sentou-se ao meu lado outra vez.

— Ele pediu para viagem. Um litro de nozes e um litro de chocolate com tangerina.

— Os sabores são significativos?

— Isso é você quem decide. Só estou relatando. Ele é mesmo um filho da mãe muito estranho. Queria que o esquecesse.

— Você sabe que não posso.

— Você tem um complexo de messias, acha que precisa salvar o mundo.

— Não tenho complexo de messias. Só tenho ... um dom. Não o teria recebido se não esperassem que eu o usasse.

— Talvez não seja um dom. Talvez seja uma maldição.

— É um dom, um presente. — Apontando a cabeça, continuei: — Ainda tenho a caixa na qual veio.

O Homem-Fungo saiu da Burke & Bailey's. Em acréscimo às duas sacolas de compras, carregava uma bolsa térmica com o sorvete.

Ele olhou para a direita, olhou para a esquerda, como se não tivesse certeza de qual direção viera. O sorriso vago, que parecia tão permanente quanto uma tatuagem, alargou-se brevemente.

Assentiu, animado, como se concordasse com algo que dissera a si mesmo.

Quando o Homem-Fungo começou a andar, rumando córrego acima, na direção da cascata, dois *bodachs* o acompanhavam. Por um instante, o terceiro continuou na Burke & Bailey's.

Erguendo-me do banco, eu disse:

— Nos encontramos para jantar, *lolita*.

— Trate de aparecer vivo — aconselhou-me. — Lembre-se que eu não posso ver os mortos.

Deixei-a ali, toda provocante em branco e cor-de-rosa, no trópico em meio às palmeiras e ao aroma de carpas se amando, e segui o cogumelo humano até a entrada do shopping. O sol quase cáustico poderia descascar as córneas de meus olhos.

O asfalto, quente como uma chapa, parecia apenas um grau mais frio que as fossas de alcatrão derretido que, num milênio distante, sugavam dinossauros. O ar ressecava rapidamente meus lábios e trazia aquele aroma de verão típico das cidades desérticas, que é uma mescla de sílica superaquecida, pólen de cacto, resina de algaroba, sais de mares extintos e gases de escape suspensos no ar seco e inerte, semelhante a uma tênue nebulosa de partículas minerais espiralando no interior de um cristal de rocha.

O empoeirado Ford Explorer do Homem-Fungo estava na fileira atrás da minha, quatro vagas mais para oeste. Se meu magnetismo psíquico fosse mais forte, estaríamos estacionados para-choque contra para-choque.

Ele abriu a tampa do porta-malas do utilitário esportivo e guardou as sacolas de compras. Havia trazido uma caixa de isopor para proteger o sorvete, então acomodou os dois litros naquele recipiente isolante.

Esqueci de colocar o protetor contra raios solares no para-brisa do Mustang antes de entrar no shopping. Estava dobrado e enfiado entre o banco do passageiro e o console. Consequentemente, era impossível tocar o volante de tão quente.

Liguei o motor e o ar-condicionado, depois usei os retrovisores

para monitorar o Homem-Fungo.

Felizmente, os movimentos dele eram quase tão lentos e metódicos quanto o desenvolvimento do míldio numa planta. Quando saiu da vaga do estacionamento, eu já era capaz de segui-lo sem deixar fragmentos de pele grudados no volante.

Ainda não tínhamos alcançado a rua quando percebi que nenhum *bodach* acompanhara o homem sorridente ao deixar o shopping. No momento não havia nenhum dentro do Explorer nem galopando atrás do carro.

O Homem-Fungo deixara o Grille com um séquito de pelo menos vinte *bodachs*, que encolhera para três quando ele chegou à Burke & Bailey's. Os *bodachs* costumavam ser devotados quando acompanhavam qualquer homem que seria causador de uma violência terrível, não o abandonavam até que a última gota de sangue fosse derramada.

Eu me perguntava se o Homem-Fungo era, no fim das contas, a maligna encarnação da Morte que eu julgara ser.

O asfalto resplandecia como um lago, pois, com tanto calor armazenado, a superfície parecia ter menos tensão que a água. Ainda assim, o Explorer velejou sobre ele sem deixar sulcos ou ondulações para trás.

Mesmo com a ausência dos *bodachs*, continuei no rastro da minha presa. Meu turno no Grille acabara. Tinha resto da tarde, assim como a noite, a minha disposição. Ninguém é mais indócil que um cozinheiro com trabalho por fazer.

NOVE

CAMPS END NÃO É UMA CIDADE EM SI, MAS UM BAIRRO DE Pico Mundo, memória viva dos tempos difíceis, apesar de o restante de nossa comunidade experimentar um boom econômico. Praticamente só se vê gramado morto, alguns já estão no cascalho. A maioria das casas precisa de reboco novo, tinta fresca e uma trégua dos cupins.

No final do século XIX, foram construídas ali várias choupanas, quando exploradores, com mais sonhos na cabeça que bom senso, vieram atraídos pelos rumores de que havia prata na região. Só descobriram ricos veios de rumores.

Com o tempo, enquanto os exploradores se tornavam lenda e não podiam mais ser encontrados em carne e osso, as choupanas desgastadas foram substituídas por chalés, bangalôs e casebres de telhas coloniais.

No entanto, aquela renovação de Camp's End transformou-se em ruínas mais rápido que em outros lugares. Geração após geração, o bairro mantinha seu caráter essencial, um ar não tanto de derrota, mas de paciência resistente: guardava o espírito curvado, despido, enferrujado, desolado e abatido, porém ainda esperançoso, de uma jurisdição do purgatório.

A má sorte parecia fluir do próprio chão, como se os recintos do demônio, no Hades, estivessem diretamente abaixo destas ulas, tão perto da superfície que seu bafo fétido, expelido a cada ronco, permeava através do solo.

O destino do Homem-Fungo foi um casebre de estuque, pintado de amarelo-pálido, com uma porta azul desbotada. O abrigo para o carro inclinava-se temerariamente, como se o peso da luz do sol, por si só, pudesse derrubá-la.

Estacionei do outro lado da rua, diante de um terreno cheio de estramônio ressecado e arbustos tão intrincadamente entrelaçados quanto um apanhador de sonhos. Mas só tinham apanhado papéis amassados, latas de cerveja vazias, e o que parecia ser uma cueca esfarrapada.

Enquanto eu abria as janelas do carro e desligava o motor,

observei o Homem-Fungo carregar o sorvete e as outras sacolas para dentro da casa. Ele entrou por uma porta lateral, sombreada pelo abrigo de carros.

As tardes de verão em Pico Mundo são longas e demasiadamente quentes, com pouca esperança de vento e nenhuma de chuva. Embora meu relógio de pulso e o relógio do carro concordassem em marcar 16h48, ainda haveria horas de abrasadora luz do sol pela frente.

A previsão do tempo anunciara pela manhã uma máxima de 43 graus, nem de longe um recorde para o Mojave. Eu suspeitava de que a previsão tivesse sido excedida.

Quando parentes e amigos que moram em clima mais fresco ficam impressionados ao ouvir tais temperaturas, os habitantes de Pico Mundo dão uma nova interpretação à nossa meteorologia, mencionando que a umidade é de meros 15 ou 20 por cento. Um dia comum de verão, insistem em dizer, não é como um opressivo banho de vapor quente, é mais parecido com uma sauna refrescante.

Mesmo sob a sombra de uma imensa figueira, cujas raízes deveriam ser profundas o bastante para sorver água do rio Estige, eu não poderia fingir que estava desfrutando de uma sauna. Sentia-me como uma criança que tivesse entrado na casa de doces de uma bruxa da Floresta Negra e fosse atirado num forno ajustado na função FOGO LENTO.

Às vezes passava um carro, mas nenhum pedestre aparecia na rua.

Nenhuma criança brincava. Nenhum morador se aventurava a sair para cuidar do jardim murcho.

Um cachorro passou arrastando-se, cabeça baixa, língua de fora, como se teimasse em rastrear a miragem de um gato.

Logo meu corpo providenciou a umidade que faltava ao ar, até eu estar sentado numa poça de suor.

Poderia ter ligado o Mustang para usar o ar-condicionado, mas não queria gastar a gasolina da Terri nem superaquecer o motor.

Além disso, como qualquer habitante do deserto sabe, aquecimento e resfriamento repetitivos podem servir para temperar certos metais, mas amolecem a mente humana.

Depois de 40 minutos, o Homem-Fungo reapareceu. Trancou a porta lateral da casa, o que sugeria que não havia ninguém lá dentro, e sentou-se ao volante do Explorer coberto de poeira.

Escorreguei pelo banco, ficando abaixo da linha da janela, escutando o utilitário passar e deixar um rastro de ruído que minguou até o silêncio.

Atravessando para o lado da casa amarela, não me preocupei muito com a chance de ser visto de qualquer uma das janelas reluzentes ao longo da rua. Morar em Camp's End não inspirava o espírito comunitário necessário para formar um comitê de vigilância de bairro, só inspirava alienação.

Em vez de ir até a porta da frente azul e tornar-me espetáculo ainda maior, procurei a penumbra do abrigo de carros e bati na porta lateral que o Homem-Fungo usara. Ninguém atendeu.

Caso a porta apresentasse uma fechadura de segurança, eu teria que arrombar uma janela. Confrontado por um mero trinco, fiquei confiante, a exemplo de outros jovens americanos, de que poderia facilmente entrar na casa depois de assistir tantas séries policiais na TV.

Para simplificar minha vida, não tenho contas bancárias e só pago à vista, portanto, não tenho cartões de crédito. Mas o estado da Califórnia foi atencioso ao me emitir uma carteira de motorista plastificada, suficientemente rígida para abrir a fechadura.

Como imaginava, a cozinha não era um templo à limpeza ou à decoração recomendada por Martha Stewart. Mas o lugar não podia, realmente, ser chamado de chiqueiro; só estava tomado por uma bagunça generalizada. Havia ofertas de migalhas aqui e ali, caso as formigas quisessem fazer uma visita.

Um cheiro leve, porém desagradável, se misturava ao ar fresco. Não conseguia identificar a fonte. A princípio pensei que pudesse ser a fragrância peculiar do Homem-Fungo, pois ele parecia ser alguém que emitiria odores estranhos e detestáveis, senão também

rastros mortais.

Não sei o que eu procurava ali, mas esperava reconhecer o que fosse assim que visse. Alguma coisa atraía os *bodachs* para aquele homem, então o segui na esperança de descobrir uma pista para a razão do interesse deles.

Depois de circular pela cozinha, sem encontrar qualquer significância na caneca com café frio pela metade, na casca de banana escurecida sobre a tábua de carne, na louça suja dentro da pia e nos conteúdos comuns de gavetas e armários, concluí que o ar não estava apenas fresco, mas inexplicavelmente frio. O suor em minha pele exposta praticamente secara. Minha nuca parecia ter virado gelo.

O frio penetrante era inexplicável porque, mesmo no Mojave, onde o ar-condicionado era essencial, uma casa tão velha e humilde como aquela raramente possuía refrigeração central. Aparelhos fixados às janelas, um para cada cômodo, costumavam ser uma alternativa viável para habitações cujas melhorias não compensavam o gasto.

A cozinha não possuía nenhum desses refrigeradores na janela.

Em casas assim, os moradores geralmente só procuram controlar o calor à noite, e só no quarto. Caso contrário, seria difícil dormir. Contudo, mesmo naquela casa pequena, um ar-condicionado no quarto não seria capaz de refrigerar a estrutura inteira. Certamente não transformaria a cozinha num congelador.

Além disso, condicionadores de ar são barulhentos: o compressor estala e faz zumbidos, a ventoinha chacoalha. Eu não ouvia nada disso ali na casa.

Enquanto continuava parado, cabeça inclinada, ouvindo com atenção, a casa permanecia em silêncio. Refletindo melhor, percebi subitamente que aquela quietude não era normal.

Meus sapatos deveriam ter arrancado ruído do linóleo rachado, das tábuas do assoalho, frouxas devido ao tempo, ao calor e à aridez. Mesmo assim, enquanto andava, eu parecia tão furtivo quanto um gato caminhando sobre almofadas.

Em retrospecto, percebi que as gavetas e as portas dos armários tinham aberto e fechado com o mais leve dos sussurros, como se não houvesse atrito entre as corrediças e as dobradiças.

Quando me encaminhei para o vão entre a cozinha e o cômodo seguinte, o frio pareceu se intensificar, amortecendo ainda mais a transmissão de som.

A sala de estar pouco mobiliada era tão lúgubre e tão marcada pela desordem quanto a cozinha. Revistas e livros velhos e danificados, sem dúvida comprados num sebo, entulhavam o chão, o sofá e a mesa de centro.

As revistas eram do tipo previsível. Fotos de mulheres nuas exibidas entre artigos sobre esportes radicais, carros potentes e técnicas patéticas de sedução, tudo envolto em propagandas de ervas que potencializam a virilidade e aparelhos que garantem aumentar o tamanho da parte do corpo favorita de qualquer homem, que não seria o cérebro.

Minha parte do corpo favorita é o coração porque é a única coisa que posso oferecer a Stormy Llewellyn. Além do mais, suas batidas, quando acordo pela manhã, são a melhor evidência de que, durante a noite, não me juntei à comunidade dos mortos que insistem em vagar por aqui.

Os livros me surpreenderam. Todos romances. A julgar pelas ilustrações das capas, eram do tipo mais casto, nos quais os bustos raramente arfam e os corpetes não são rasgados com avidez. Resumiam-se a histórias mais relacionadas ao amor que ao sexo, um contraponto peculiar com as revistas cheias de fotos de mulheres acariciando os seios, abrindo as pernas e lambendo os lábios de maneira lasciva.

Quando peguei um dos livros para examiná-lo, as páginas folheadas não faziam barulho.

A esta altura, eu não parecia capaz de escutar som nenhum, exceto aqueles que tinham origem interna: o bater do coração, o correr do sangue nos ouvidos.

Deveria ter fugido naquele instante. O misterioso efeito de amortecimento sobre a atmosfera maligna da casa deveria ter me

alarmado.

Mas como no meu cotidiano as experiências estranhas são tão comuns quanto o aroma de fumaça de carne e o chiar de gordura na chapa, não fico amedrontado com facilidade. Além disso, admito a tendência, às vezes lamentável, de me render à curiosidade.

Folheando as páginas do romance, considerei que o Homem-Fungo talvez não morasse ali sozinho. Aqueles livros poderiam ser o material de leitura de sua companheira.

Aquela possibilidade caiu por terra quando vi o quarto. O guarda-roupa só tinha roupas masculinas. A cama desarrumada, as cuecas e meias usadas, espalhadas, o pãozinho de passas deixado pela metade num prato de papel sobre o criado-mudo, tudo argumentava contra a presença de uma mulher.

O ar-condicionado fixado à janela não estava ligado. Não soprava nenhuma brisa de suas aberturas.

O cheiro levemente asqueroso que detectei na cozinha se tornara mais forte ali. Lembrava o odor de um fio elétrico em curto-circuito, sem ser exatamente isso, acrescido de um toque de amônia, um traço de poeira de carvão e um bafejo de noz-moscada, apesar de não ser exatamente nenhuma destas coisas também.

O curto corredor que servia o quarto também levava ao banheiro. O espelho precisava ser limpo. Sobre a bancada, havia um tubo da pasta de dentes destampado. Uma pequena lixeira transbordava com Kleenex usado e outras porcarias.

No corredor, em frente ao quarto do Homem-Fungo, havia outra porta. Presumi que seria um *closet* ou um segundo quarto.

Diante da soleira, o ar ficou tão gelado que eu podia ver minha respiração, semelhante a uma pálida pluma.

Mesmo que parecesse congelada, girei a maçaneta. Atrás da porta havia um vórtice de silêncio que sugou os últimos sons de meu ouvido, deixando-me por um momento surdo até para o trabalho de meu coração.

O quarto negro aguardava.

DEZ

DURANTE MEUS 20 ANOS, ESTIVE EM MUITOS LUGARES sombrios, fossem desprovidos de luz ou privados de esperança. Mas na minha vivência, nenhum foi mais escuro que aquele quarto estranho na casa do Homem-Fungo.

Ou o cômodo não tinha janelas, ou todas as janelas haviam sido vedadas contra qualquer espreita dos raios do sol. Não havia nenhuma luminária acesa. Naquela profunda escuridão, a fraca radiância dos numerais de um relógio digital seriam um farol resplandecente.

Da soleira da porta, eu fitava aquela escuridão absoluta que não parecia ser um quarto, mas um espaço morto numa região distante do universo, onde as antigas estrelas não passavam de cinzas carbonizadas. O frio de rachar os ossos, mais forte ali que em qualquer outra parte da casa, e o silêncio opressivo também afirmavam que aquilo era alguma gélida estação intermediária no vácuo interestelar.

Mais peculiar do que tudo: nem uma fração de centímetro da luz do corredor conseguia penetrar aquele reino além da porta. A demarcação entre a luz e a completa falta de luz era evidente quanto uma linha traçada na borda interna da soleira que acompanhasse todo o batente. Aquela perfeita escuridão não resistia à intrusão da luz, simplesmente a repelia por completo.

Aquilo parecia uma parede da mais negra obsidiana, apesar de não possuir polimento e brilho.

Não sou destemido. Jogue-me numa jaula com um tigre faminto e, se eu conseguir escapar, precisarei de um banho e calças limpas tanto quanto qualquer pessoa precisaria.

Contudo, meu singular caminho através da vida me levou a temer ameaças conhecidas. Raramente tenho medo do desconhecido, embora a maioria das pessoas tema as duas coisas.

Claro que incêndios, terremotos e cobras venenosas me assustam. Mas as pessoas me assustam muito mais, pois conheço bem a selvageria da qual o ser humano é capaz.

Para mim, no entanto, o mais amedrontador dos mistérios da existência — a morte e o que há além dela — não tem qualquer fator de horror porque lido com os mortos todos os dias. Além disso, tenho fé de que, no fim das contas, não cairei em mero esquecimento.

Nos filmes de terror, você esbraveja com os personagens perseguidos para que deem o fora da casa mal-assombrada, para que sejam espertos e fujam? Eles perambulam por cômodos com uma história de assassinato sangrento, por sótãos tomados por teias e sombras, por porões fervilhando com baratas e espíritos malignos, e quando são picados-esfaqueados-destripados-decapitados-queimados com o exagero necessário para satisfazer os diretores mais psicóticos de Hollywood, nós ficamos ofegantes e trêmulos, depois dizemos “idiota”, pois foi por estupidez que encontraram aquele destino.

Não sou estúpido, mas sou um daqueles que nunca fugirá de um lugar assombrado. O dom especial da visão paranormal, com o qual nasci, me impele a explorar. Não posso resistir às exigências de meu talento tanto quanto um prodígio musical não pode resistir à atração magnética do piano; não me deixo deter pelos riscos mortais tanto quanto um bravo piloto ansioso por voar nos céus rasgados pela guerra.

É por isso que Stormy às vezes se pergunta se meu dom não seria, na verdade, uma maldição.

À beira daquela escuridão imaculada, ergui minha mão direita como se estivesse fazendo um juramento — então pressionei a palma contra a aparente barreira diante de mim. Embora a escuridão pudesse rechaçar a luz, não ofereceu qualquer resistência à pressão que apliquei. Minha mão desapareceu nas trevas.

Por desapareceu quero dizer que não conseguia perceber nem mesmo a mais vaga impressão de meus dedos se agitando além da superfície daquela parede negra. Meu punho terminava tão abruptamente quanto o de um amputado.

Devo admitir que meu coração disparou, embora não sentisse dor alguma, e que suspirei aliviado — e sem som — quando puxei minha mão e vi que todos os meus dedos estavam intactos. Senti-

me como se tivesse sobrevivido a uma ilusão realizada por Penn e Teller.

No entanto, quando ultrapassei a soleira, segurando firme o batente da porta com uma das mãos, não entrei numa ilusão, mas num local real que parecia mais irreal que qualquer sonho. A escuridão continuava sinistra em sua pureza; o frio era impiedoso; o silêncio tão inevitável quanto o sangue congelado nos ouvidos de um homem morto com um tiro na cabeça.

Embora da soleira não fosse capaz de discernir uma centelha naquele quarto, eu podia olhar de dentro e ver o corredor com sua iluminação normal, desobstruída. Aquela visão lançava tanta luz dentro do quarto quanto o faria uma pintura de uma paisagem ensolarada.

Eu quase esperava descobrir que o Homem-Fungo voltara e agora olhava para minha única parte visível lá fora: meus dedos apertando desesperadamente o batente. Felizmente, ainda estava sozinho.

Ao descobrir que poderia ver a saída para o corredor e, portanto, encontrar o caminho de volta, abandonei a porta. Lancei-me inteiramente naquele cômodo escuro e, dando as costas para a vista do corredor, tornei-me ao mesmo tempo tão cego quanto estava surdo.

Sem som ou visão, fiquei rapidamente desorientado. Busquei por um interruptor de luz, apertei para cima e para baixo, sem qualquer efeito.

Tornei-me cômico de uma luzinha vermelha que eu tinha certeza de não estar ali um momento antes: o vermelho assassino de um olho inchado e sangüinário, embora não fosse um olho.

Meu senso de realidade espacial e minha habilidade de medir distâncias com precisão me abandonaram, pois o diminuto lume parecia estar a quilômetros de minha posição, como o farol de mastro de um navio distante no mar noturno. Aquela casinha, claro, não poderia conter a tamanha vastidão que parecia estender-se diante de mim.

Quando abandonei o interruptor de luz, me senti tão leve quanto um miserável beberrão inflado pelos vapores do álcool. Meus pés

não pareciam tocar o chão enquanto me aproximava, com determinação, da luz vermelha.

Desejando ter provado uma segunda bola de sorvete de cereja com coco e pedaços de chocolate enquanto ainda tinha chance, dei seis passos, dez, vinte. A luz não aumentava de tamanho, parecia, de fato, recuar na mesma velocidade com que eu me aproximava.

Parei, virei o corpo e fitei outra vez a porta. Embora eu não tivesse feito progresso na direção da luz, caminhara o que pareciam ser uns 12 metros.

Mais interessante que a distância percorrida era a silhueta de uma figura na porta aberta. Não era o Homem-Fungo. Iluminado às costas pela claridade do corredor estava ... eu mesmo.

Embora os mistérios do universo não me assustem muito, não perdi minha capacidade de perplexidade, consternação e temor. Agora, o teclado existente em minha mente tocava arpejos destes três sentimentos.

Mesmo convencido de que não era um reflexo, que eu estava de fato olhando para um outro eu, testei minha convicção com um aceno. O outro Odd Thomas não me acenou em resposta, como um reflexo teria feito.

Como eu continuava submerso naquela escuridão pantanosa, ele não conseguia me ver, então tentei gritar. Senti o estremecer de cordas vocais desafinadas na garganta, mas se algum som foi produzido, não consegui ouvi-lo. O mais provável é que ele também estivesse surdo para aquele grito.

Tão experimentalmente quanto eu, aquele segundo Odd Thomas buscou a palpável escuridão com uma das mãos, maravilhando-se como eu com a ilusão de amputação.

Aquela tímida intrusão pareceu perturbar um delicado equilíbrio. De súbito, o quarto negro se agitou como os suportes pivotantes de um giroscópio enquanto a luz vermelha permanecia fixa ao centro. Arremessado por forças além de meu controle, assim como um surfista lançado da prancha no tubo de uma onda enorme, fui magicamente expelido daquele cômodo estranho e ...

... fui parar na insípida sala de estar.

Não havia caído no chão, como era de esperar. Continuava de aproximadamente onde estava antes de deixar a sala. Peguei dos romances. Como antes, as páginas não faziam som, eu só ouvia ruídos de origem interna, tais como o do meu coração. Olhando para o relógio de pulso, fiquei convencido de que de fato, mais cedo. Além de ser transportado magicamente do quarto negro para a sala de estar, eu também recuara uns poucos minutos no tempo.

Depois de ter visto minha imagem um instante atrás, observando a escuridão do vão do corredor, só pude presumir que agora, graças a alguma anomalia nas leis da física, existiam dois de mim naquela casa. Havia um eu com um romance da Nora Roberts nas mãos, e o outro eu em algum aposento próximo.

Eu avisei desde o início que levava uma vida incomum.

A grande quantidade de experiências extraordinárias que vivenciei fomentou em mim uma flexibilidade de mente e imaginação que alguns poderiam chamar de loucura. Esta flexibilidade permitiu que me ajustasse aos eventos daquele instante e aceitasse o fato da viagem no tempo mais rápido do que você conseguiria, considerando que você teria sido sábio o suficiente para dar o fora da casa.

Eu não fugi. Tampouco refiz imediatamente minha rota original até o quarto do Homem-Fungo — com cuecas e meias espalhadas, o pãozinho de passas deixado pela metade sobre o criado-mudo — ou até o banheiro.

Em vez disso, abandonei o romance e fiquei imóvel, pensando com cuidado nas possíveis ramificações de encontrar o outro Odd Thomas, calculando com responsabilidade o curso de ação mais seguro e mais racional.

Certo, era besteira. Eu poderia me preocupar com as ramificações, mas não tinha experiência extraordinária suficiente nem capacidade intelectual para imaginar todas as consequências, ainda menos para calcular a melhor maneira de sair daquela situação bizarra.

Tenho mais talento para mergulhar em problemas do que para

sair deles.

Da arcada da sala de estar, espreitei cautelosamente o corredor e vi o outro eu parado à porta do quarto negro. Aquele devia ser o meu eu anterior que ainda não cruzara aquela soleira.

Se todo o som agora já não tivesse sido inteiramente suprimido de dentro da casa, eu teria sido capaz de chamar o outro Odd Thomas. Não sei se isso teria sido prudente, e estou grato pelas circunstâncias terem me impedido de saudá-lo.

Se eu tivesse sido capaz de falar com ele, não sei ao certo o que teria dito. Como vai?

Se eu fosse até ele e lhe desse um abraço narcisista, o paradoxo de dois Odd Thomas poderia ser imediatamente resolvido. Um de nós poderia desaparecer. Ou talvez ambos explodissem.

Os sapientíssimos físicos nos dizem que dois objetos não podem, sob circunstância alguma, ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. Alertam que qualquer tentativa de colocar dois objetos no mesmo lugar ao mesmo tempo terá consequências catastróficas.

Quando se pensa no assunto, percebe-se que muito da física fundamental é a afirmação solene do absurdamente óbvio. Qualquer bêbado que tentou colocar o carro no mesmo lugar em que existe um poste de luz é um físico autodidata.

Assumindo que dois de mim não poderiam coexistir sem calamidade, e nada contente com a perspectiva de explodir, continuei na arcada, observando, até o outro Odd Thomas entrar no quarto negro.

Você sem dúvida supõe que, com a partida dele, o paradoxo temporal estava resolvido e que a crise descrita pelos cientistas agourentos chegara ao fim, mas seu otimismo é resultado de você viver feliz num mundo de cinco sentidos padrão. Você não está, como eu, compelido à ação por um talento paranormal que não é capaz de entender ou controlar completamente.

Sorte a sua.

Tão logo aquele Odd Thomas cruzou pela primeira vez a soleira para o cômodo escuro, andei diretamente até a porta que ele

deixara aberta. Não podia vê-lo lá dentro, claro, nos mistérios do quarto negro, mas presumi que em breve se viraria, olharia para trás e me veria — um evento que já fora vivenciado por mim.

Quando julguei que ele havia percebido a obstinada luz vermelha e progredira cerca de vinte passos na direção dela, dando-lhe tempo de olhar para trás e me ver parado ali, consultei o relógio de pulso para estabelecer o começo daquele episódio, busquei a escuridão com minha mão direita, apenas para ter certeza de que não havia nada de diferente naquele estranho reino, e então cruzei a soleira mais uma vez.

ONZE

MINHA MAIOR PREOCUPAÇÃO, ALÉM DE EXPLODIR OU ME atrasar para jantar com Stormy, foi a de que eu pudesse estar preso num ciclo vicioso, condenado a repetir os mesmos passos pela casa do Homem-Fungo até a porta do quarto negro, indefinidamente, por toda a eternidade.

Não sei se uma coisa assim seria possível. Um físico poderia rir presunçosamente de minha preocupação e me acusar de ser ignorante. Mas aquela era a minha crise, e eu me sentia livre para especular sem restrições.

Fique sossegado de que nenhum ciclo vicioso se estabeleceu: um lembrete de que minha história não consistirá de repetições intermináveis dos eventos até agora descritos — embora existam razões para que eu deseje o contrário.

Menos hesitante na minha segunda visita ao quarto negro, caminhei com passadas mais corajosas, ainda com a mesma sensação desconfortável de levitação, em direção ao farol carmim no centro do cômodo. Aquele misterioso lume parecia verter uma luz mais agourenta do que antes, apesar de não servir para aliviar a escuridão.

Olhei por duas vezes a porta aberta para o corredor, mas não me vi em nenhuma das ocasiões. Contudo experimentei aquela súbita rotação do giroscópio e fui novamente arrancado daquele estranho cômodo ...

... para ser desta vez lançado na quente tarde de junho, quando percebi que eu deixava as sombras do abrigo de carros para me deparar com a luz do sol, que perfurava meus olhos como montes de agulhas douradas.

Parei, pisquei por causa da claridade, e voltei para a escuridão.

O profundo silêncio que reinava dentro da casa não se estendia além daquelas paredes. Um cachorro latia preguiçosamente ao longe. Um velho Pontiac com o motor chacoalhando e a correia guinchando passou pela rua.

Certo de que não ter permanecido mais do que um minuto no

quarto negro, consultei meu relógio de novo. Aparentemente, além de ser lançado para fora da casa, eu também tinha avançado uns cinco ou seis minutos no tempo.

Ali, em meio ao quintal quente e ao mato erigido ao longo da cerca de alambrado que separava o terreno da propriedade vizinha, as cigarras zumbiam e zumbiam, como se aquela porção de mundo iluminada pelo sol estivesse infestada por miríades de curtos-circuitos.

Muitas perguntas me vieram à mente. Nenhuma delas referente aos benefícios de uma carreira no ramo dos pneus ou à melhor estratégia financeira para um cozinheiro que desejava se aposentar aos 65 anos.

Eu me perguntava se um homem com um eterno sorriso idiota no rosto, um homem incapaz de manter uma casa limpa, um homem conflituoso o bastante para dividir sua leitura entre revistas pornográficas e romances, poderia ser um super-gênio que, usando simples componentes eletrônicos, seria capaz de transformar um dos quartos de sua humilde casa numa máquina do tempo. Ao longo dos anos, as estranhas experiências que vivi só me deixaram algumas gotas de ceticismo, mas a explicação do super-gênio não me satisfazia.

Eu me perguntava se o Homem-Fungo era realmente um homem — ou algo novo na vizinhança.

Eu me perguntava há quanto tempo ele vivia ali, quem fingia ser e quais eram suas intenções.

Eu me perguntava se o quarto negro não era uma máquina do tempo, mas algo ainda mais estranho que isso. As ocorrências relacionadas ao tempo poderiam ser nada mais do que efeitos colaterais de sua função primária.

Eu me perguntava quanto tempo eu ficaria parado à sombra do abrigo vergado, refletindo sobre a situação em vez de fazer alguma coisa.

A porta entre o abrigo e a cozinha, pela qual entrei na casa, tinha se trancado automaticamente após minha passagem outra vez destravei o trinco com minha carteira de motorista plastificada,

satisfeito por saber que eu finalmente recebia algum retorno dos impostos estaduais que pago.

Na cozinha, a casca de banana continuava escurecendo sobre a tábua de carne. Nenhuma empregada tinha viajado no tempo para cuidar dos pratos sujos na pia. Revistas pornográficas e romances ainda entulhavam a sala de estar, mas depois de cruzar metade do caminho até a arcada do corredor, parei abruptamente, fulminado pelo que havia mudado.

Eu podia ouvir normalmente. Meus passos estalaram sobre o antigo linóleo da cozinha, e a porta de vai e vem que dava para a sala de estar rangera em dobradiças sem óleo. Aquele vórtice de silêncio não sugava mais todo o som da casa.

O ar, antes congelante, agora era meramente fresco. E ficava cada vez mais quente.

O singular odor asqueroso que cheirava não-exatamente-como-fio-elétrico-em-curto-circuito misturado com não-exatamente-amônia-carvão-poeira-e-noz-moscada tinha se tornado mais pungente que antes, mas não mais fácil de identificar.

O simples instinto, mais do que qualquer sexto sentido, me disse para não prosseguir até o quarto negro. De fato, senti uma necessidade urgente de sair de perto da arcada do corredor.

Voltei para a cozinha e me escondi atrás da porta de vai e vem, mantendo-a aberta dois centímetros para ver de quem, caso fosse alguém, eu fugira.

Apenas segundos depois de eu alcançar meu esconderijo, *bodachs* formigaram do corredor para a sala de estar.

DOZE

UM GRUPO DE *BODACHS* EM MOVIMENTO ÀS VEZES TRAZ À mente uma matilha de lobos à espreita. Em outras ocasiões, eles me lembram um grupo de gatos furtivos.

Jorrando da arcada do corredor até a sala de estar, aquele enxame, especificamente, tinha uma enervante aparência de inseto. Demonstravam a averiguação cautelosa e o progresso veloz de uma colônia de baratas.

Surgiam à maneira das baratas também. Vinte, trinta, quarenta. Disparavam para dentro do cômodo tão silenciosos e escuros quanto sombras mas, diferentemente das sombras, eram livres de qualquer entidade que pudesse tê-los produzido.

Fluíam como se fossem vagalhões de fuligem atraídos por uma corrente de ar até a porta da frente mal-encaixada, até as janelas da sala de estar mal-vedadas. Através de fendas e rachaduras, escaparam da casa, saindo para a tarde escaldante de Camp's End.

Outros ainda formigavam do corredor: cinquenta, sessenta, setenta, muitos mais. Nunca encontrei tantos *bodachs* de uma vez.

Apesar de minha posição na cozinha impedir-me de ver a arcada da sala de estar e o corredor, eu sabia por onde os intrusos deviam ter entrado na casa. Não tinham surgido espontaneamente por entre as bolas cinzentas de poeira e as meias deterioradas sob a cama desfeita do Homem-Fungo. Tampouco tinham se manifestado de algum guarda-roupa infestado por bichos-papões, da torneira do banheiro ou do vaso sanitário. Tinham chegado à casa usando o quarto negro.

Pareciam ansiosos por deixar aquele lugar para trás e explorar Pico Mundo — até um deles se separar do enxame alvoroçado e parar abruptamente no meio da sala de estar.

Na cozinha, eu chegava à conclusão de que não havia faca, produto de limpeza tóxico ou qualquer arma conhecida por mim que ferisse aquela criatura que não possuía substância. Apenas contive o fôlego.

O *bodach* ficou tão curvado que suas mãos, caso fossem mãos,

balançavam à altura dos joelhos. Virando a cabeça inclinada de um lado para outro, esquadrihava o carpete à procura do rastro de sua presa.

Nem mesmo um ogro, agachado na escuridão debaixo de uma ponte, apreciando o cheiro do sangue de uma criança, já pareceu mais maligno.

No espaço entre o batente e a porta, meu olho esquerdo se contraiu, como se minha curiosidade tivesse se transformado nas mandíbulas serrilhadas de um vício, que me mantinha imóvel mesmo quando parecia prudente sair a toda velocidade.

Enquanto outros de sua espécie continuavam a turbar e ondular, aquele que seria minha perdição ergueu-se. Os ombros esticaram-se. A cabeça erguida virou-se lentamente para a esquerda, depois para a direita.

Lamentei ter usado o xampu de pêssego e, de repente, percebi o aroma de carne que a fumaça gordurosa da chapa depositara na minha pele e em meu cabelo. Um cozinheiro, recém-saído do turno, torna-se rastro fácil para leões e coisas piores.

O *bodach*, negro como nanquim, apesar de destituído de traços físicos, aparentava possuir um focinho, mas sem narinas ou orelhas aparentes. E se tinha olhos, eu não conseguia discerni-los. Mesmo assim ele vasculhava a sala de estar à procura da fonte do cheiro ou som que atraía sua atenção.

A criatura pareceu concentrar-se na porta da cozinha. Tão cego quanto Sansão em Gaza, ele, contudo, me detectou.

Eu tinha estudado a história de Sansão com bastante atenção, pois era um clássico exemplo do sofrimento e do destino perverso que pode recair sobre aqueles que têm ... um dom.

Agora, parado bem ereto, mais alto do que eu, o *bodach* era uma figura imponente apesar de sua falta de substância. A postura arrojada e o ar arrogante da cabeça erguida sugeriam que eu era o mesmo que um rato para uma pantera, que ele tinha o poder de me fazer cair morto num instante.

O ar reprimido inchava em meus pulmões.

A vontade de fugir tornou-se quase esmagadora, mas continuei congelado de medo de que, caso o *bodach* não tivesse realmente me visto, o menor movimento da porta de vai e vem o atraísse.

A repugnante expectativa fazia os segundos parecerem minutos — então, para minha surpresa, o espectro agachou-se mais uma vez e trotou para fora com os outros. Com a flexibilidade de uma fita de seda preta, deslizou entre o caixilho e o peitoril da janela, escapando para a luz do dia.

Soltei o ar azedo e inalei o ar doce, observando quando um grupo final de vinte *bodachs* transbordava da arcada do corredor.

Quando aqueles últimos espíritos sórdidos partiram para o calor do Mojave, eu voltei para a sala de estar. Com muita cautela.

Pelo menos uma centena deles passara por aquela sala.

Provavelmente uns 150.

Apesar de todo o tráfego, nenhuma página de revista ou romance fora agitada. A passagem deles não deixara nem a mais leve impressão no pelo do carpete.

De uma das janelas frontais, espreitei o gramado deteriorado na rua chamuscada de sol. Até onde eu podia determinar, nenhuma criatura do grupo recém-partido demorou-se pela vizinhança.

O frio sobrenatural naquela pequena casa tinha acompanhado os *bodachs*. O dia desértico penetrava as paredes finas até cada superfície na sala de estar parecer tão incandescente quanto as espirais de um aquecedor elétrico.

Durante a passagem deles, aquele tumulto de sombras determinadas não deixara qualquer marca nas paredes do corredor. Nenhum traço do cheiro de fio elétrico queimado restava também.

Pela terceira vez, segui até aquela porta. O quarto negro sumira.

TREZE

ALÉM DA SOLEIRA HAVIA UM CÔMODO COMUM, NADA infinito em suas dimensões, como parecera anteriormente, medindo não mais do que 3 x 4 metros.

Uma única janela dava para uma rendilhada melaleuca que filtrava boa parte da luz do dia. Contudo, eu conseguia ver o suficiente para decretar que não existia nenhuma origem para uma soturna luz vermelha no centro, ou em qualquer canto, daquele espaço modesto.

O misterioso poder que transformara e controlara aquele quarto — lançando-me minutos atrás, e depois à frente, no tempo — não estava mais em evidência.

Aparentemente, o lugar servia de escritório para o Homem-Fungo. A mobília se restringia a uma fileira de arquivos de quatro gavetas, uma cadeira de escritório e uma escrivaninha de metal cinza com tampo laminado imitando textura de madeira.

Lado a lado, na parede oposta à escrivaninha, estavam suspensas três fotografias em preto e branco do tamanho de pôsteres e pareciam ter sido impressas num plotter digital. Eram imagens de rosto, retratos de homens — um com olhos febris e sorriso alegre, os outros olhando zangado na escuridão.

Todos os três eram familiares, mas, a princípio, só consegui nome ao sorridente: Charles Manson, o manipulado que gravou uma suástica na própria testa, cujas fantasias revolução e guerra racial expuseram um câncer no âmago da razão paz e amor e decretaram o fim da Era de Aquário.

Quem quer que fossem os outros dois, não tinham a aparência de comediantes de Las Vegas ou filósofos famosos.

Talvez fosse minha imaginação, ou a luz filtrada pela melaque transmitisse uma fraca luminescência prateada ao olhar de cada homem. Aquela luminosidade me lembrava a leitosa que acusa o olhar faminto dos cadáveres animados em filmes sobre mortos-vivos.

Em parte por querer alterar a condição daqueles olhos, acena

luz.

A poeira e a desordem que caracterizavam o restante da casa não estavam em evidência ali. Quando cruzava aquela soleira, o Homem-Fungo deixava o desleixo para trás e se tornava um modelo de asseio.

Os arquivos revelaram pastas meticulosamente organizadas, guardando artigos recortados de publicações ou baixados da internet. Dossiês sobre assassinos em série e assassinos em massa ocupavam gaveta após gaveta.

Os assuntos variavam de Jack, o Estripador da Inglaterra vitoriana, até Osama bin Laden, para quem o inferno tinha preparado uma suíte especial de quartos flamejantes. Ted Bundy, Jeffrey Dahmer. Charles Whitman, o atirador que matou 16 em Austin, Texas, em 1966. John Wayne Gacy, que gostava de ser vestir de palhaço em festas infantis, tirou uma foto num evento político com a primeira-dama Rosalyn Carter, e enterrou numerosos corpos desmembrados debaixo de casa e no quintal.

Uma pasta particularmente grossa fora acumulada para Ed Gein, que tinha servido de inspiração para Norman Bates em *Psicose* e para Hannibal Lecter em *O silêncio dos inocentes*. Gein gostava de tomar sopa num crânio humano e criou um extravagante cinto com os mamilos de suas vítimas.

Os perigos desconhecidos do quarto negro não tinham me amedrontado, mas ali estava um mal conhecido, inteiramente compreensível. A cada arquivo, meu peito se comprimia de medo e minhas mãos tremiam, até eu fechar com ímpeto uma das gavetas e resolver não abrir mais nenhuma.

Minha memória se refrescou depois do que vi naquelas pastas, e agora podia dar nomes às fotografias ampliadas que flanqueavam Charles Manson.

Havia um retrato de Timothy Mc Veigh pendurado à direita de Manson. McVeigh foi condenado e executado pela explosão de um prédio federal em Oklahoma, em 1995, quando 168 pessoas foram mortas.

À esquerda estava Mohammed Atta, o sequestrador de um dos

aviões que se chocaram contra as torres do World Trade Center, matando milhares. Eu não tinha visto qualquer evidência de que o Homem-Fungo simpatizasse com a causa dos fascistas islâmicos radicais. A julgar por Manson e McVeigh, aparentava admirar Atta pela cruel visão terrorista, pelos atos brutais e pelas realizações a serviço do mal.

Aquele cômodo parecia mais um santuário que um escritório.

Tendo visto o bastante, demais até, eu queria sair da casa.

Ansiava voltar para o Mundo dos Pneus, respirar o aroma de borracha esperando a estrada, e pensar no que fazer em seguida.

Em vez disso, me sentei na cadeira do escritório. Não sou melindroso, mas me encolhi ligeiramente quando pus as mãos nos braços da cadeira onde as mãos do Homem-Fungo provavelmente descansavam.

Sobre a mesa havia um computador, uma impressora, uma luminária de latão e um daqueles calendários com uma folha para cada dia. Não se via nem uma poeirinha ou fiapo de sujeira sobre qualquer superfície.

Daquela posição privilegiada, avaliei o escritório, tentando compreender como o lugar poderia ter se tornado o quarto negro e depois voltar a ser aquele espaço comum.

Não havia nenhum resíduo de fogo de santelmo provocado por energia sobrenatural brilhando ao longo das extremidades de metal dos arquivos. Nenhuma presença sobre-humana se revelou para mim.

Por um instante, aquele cômodo fora transformado num ... portal, uma passagem entre Pico Mundo e algum lugar estranhíssimo, e com isso não me refiro a Los Angeles ou Bakersfield. Talvez aquela casa, por apenas um momento, tenha sido uma estação de trem entre nosso mundo e o Inferno, caso o Inferno exista.

Se tivesse alcançado a luz vermelha no centro daquela perfeita escuridão, quem sabe eu tivesse parado num planeta num canto remoto do universo, onde os *bodachs* governam. Sem cartão de

embarque, fui, no entanto, atirado à sala de estar no passado, depois ao abrigo de veículos no futuro.

Claro que examinei a possibilidade de ter visto uma mera ilusão. Poderia estar tão louco quanto um rato de laboratório alimentado segundo uma dieta de drogas que induzem psicoses e forçado a assistir *reality shows* que exploram em detalhes a rotina diária de supermodelos fracassadas e astros do rock envelhecidos.

De tempos em tempos, eu realmente penso que posso estar louco. Como qualquer lunático que se preze, no entanto, sempre ignoro rapidamente qualquer dúvida quanto a minha sanidade.

Não vi qualquer razão para vasculhar o escritório à procura de um interruptor escondido que pudesse novamente convertê-lo no quarto negro. A lógica sugeria que a formidável energia necessária para abrir aquela passagem misteriosa não fora projetada dali, mas do outro lado, onde quer que ele fosse.

O Homem-Fungo provavelmente não tinha conhecimento de que seu santuário não servia meramente como um repositório catalogado para suas fantasias homicidas, mas também como um terminal que admitia a entrada de *bodachs* para um feriado sangrento. Sem possuir meu sexto sentido, talvez ficasse sentado ali, trabalhando alegremente em um de seus arquivos terríveis, sem imaginar a agourenta transformação do cômodo ou chegada de hordas de entidades demoníacas.

Dali de perto veio um fie-fie-fie, um chocalhar de osso contra osso, que me trouxe à mente imagens de esqueletos dignos de Halloween, acompanhado por um breve ruído de passos apressados.

Levantei-me da cadeira e continuei ouvindo, em alerta. Segundos silenciosos se passaram. Meio minuto livre do chocalhar.

Um rato, talvez, tinha se remexido nas paredes ou no sótão, esgotado e desassossegado por causa do calor.

Sentei outra vez e abri as gavetas da escrivaninha uma por uma.

Além de lápis, canetas, cliques de papel, um grampeador, tesoura e outros itens comuns, encontrei dois extratos bancários recentes e

um talão de cheques. Todos os três endereçados a Robert Thomas Robertson naquela casa em Camp's End.

Adeus, Homem-Fungo. Olá, Bob.

Bob Robertson não tinha o som necessariamente maligno de um pretenso assassino em massa. Soava mais como um jovial vendedor de carros.

O extrato de quatro páginas do Bank of America informava sobre uma caderneta de poupança, dois certificados de depósito com prazo de seis meses, uma conta do mercado monetário e uma conta para compra e venda de ações. O valor combinado de todos os recursos de Robertson no Bank of America somavam US\$786.542,10.

Revisei o número três vezes, certo de que devia estar lendo errado o lugar do ponto e da vírgula decimal.

O extrato de quatro páginas do Wells Fargo Bank, contabilizando os investimentos aos seus cuidados, mostrava um valor combinado de US\$463.125,43.

A grafia de Robertson era malfeita, mas ele mantinha um balanço atualizado no talão de cheques. Os recursos correntes disponíveis naquela conta totalizavam US\$198.648.21.

Que um homem com bem líquido de quase 1,5 milhão de dólares tivesse como lar um casebre miserável e abafado em Camp's End parecia positivamente contrário a qualquer prova.

Se eu tivesse tantas verdinhas ao meu alcance, continuaria a cozinhar de vez em quando puramente por satisfação artística, mas nunca para viver. O ramo dos pneus provavelmente nem de longe me atrairia.

Talvez Robertson necessitasse de menos luxos porque encontrava todo o prazer de que precisava nas incessantes fantasias sanguinárias que jorravam em sua imaginação.

Um súbito farfalhar quase me fez pular da cadeira novamente, mas então um skreek agudo e repetitivo revelou que se tratavam de corvos dando bicadas no telhado para demarcar seu território.

Eles apareciam bem cedo pela manhã, antes que o calor fosse insuportável, passavam a tarde em caramanchões frondosos, e se aventuravam outra vez quando o sol começava a se retirar e a perder um pouco de seu poder virulento.

Não tenho medo de corvos.

No registro do talão de cheques, verifiquei com atenção os últimos três meses, mas só descobri os pagamentos costumeiros às companhias de serviços públicos, empresas de cartão de crédito e afins. A única esquisitice de Robertson era ter lançado um surpreendente número de cheques para saque.

Só no mês anterior, tinha descontado um total de US\$32.000 em retiradas de US\$2.000 e US\$4.000. Nos últimos cinco meses, o total alcançou US\$58.000.

Mesmo com seu apetite prodigioso, não conseguiria tomar tanto sorvete da Burke & Bailey's.

Evidentemente tinha gostos caros. E qualquer que fosse a indulgência a que se permitia, era uma que não podia ser abertamente comprada com cheques ou cartões de crédito.

Devolvendo os extratos à gaveta da escrivaninha, comecei a perceber que ficara tempo demais naquele lugar.

Supus que o ruído do motor do Explorer entrando no abrigo me alertaria do retorno de Robertson e que poderia escapular pela frente enquanto ele entrava pela porta lateral. Se por qualquer razão ele estacionasse na rua ou viesse para casa a pé, eu estaria encurralado antes de descobrir que havia chegado.

Mc Veigh, Manson e Mohammed Atta pareciam me observar.

Era fácil imaginar que um genuíno estado de consciência moldava aqueles olhos, que agora cintilavam com perversa expectativa.

Demorando-me mais um instante, virei para trás as páginas do pequeno calendário de mesa quadrado, procurando por anotações de compromissos ou outros lembretes que Robertson poderia ter escrito nas semanas recentes. Todas as linhas de anotações estavam em branco.

Retomei à data atual — terça-feira, 14 de agosto — e folheei adiante, procurando lembretes futuros. A página de 15 de agosto faltava. Nada fora escrito no calendário depois dessa data, até onde pude constatar.

Deixando tudo como encontrei, ergui-me da escrivaninha e fui para a porta. Desliguei a luz.

A dourada luz do sol, formando pequenas chamas por causa da interferência das folhas em forma de espada da melaleuca, criava um falso fogo nas diáfanas cortinas, sem iluminar muito o cômodo, reforçando as sombras, que pareciam se acumular de maneira mais intensa ao redor dos retratos dos três assassinos que em qualquer outro lugar.

Um pensamento me ocorreu — o que acontece com mais frequência do que as pessoas poderiam supor e com mais frequência do que eu gostaria —, então acendi a luz outra vez e fui até a fileira de arquivos. Na gaveta rotulada R, verifiquei para ver se, entre os dossiês de carniceiros e lunáticos, o Homem-Fungo guardava uma pasta sobre si mesmo.

Encontrei uma. A etiqueta declarava: ROBERTSON, ROBERT THOMAS.

Que conveniente seria se aquela pasta guardasse recortes de jornal sobre assassinatos sem solução e itens altamente incriminadores relacionados às mortes. Eu poderia memorizar a pasta, recolocá-la no lugar e relatar minha descoberta a Wyatt Porter.

Com aquela informação, o chefe Porter encontraria uma maneira de apanhar Robertson. Poderíamos colocar o sujeitinho atrás das grades antes que tivesse a chance de cometer O crime que estivesse planejando.

A pasta, entretanto, continha apenas um único item: a página que faltava do calendário de mesa. Quarta-feira, 15 de agosto.

Robertson não escrevera nada nas linhas de anotação.

Aparentemente, em sua mente, a data era bastante significativa para ser incluída como primeiro item de sua pasta.

Consultei meu relógio. Em 18h04, ao dias 14 e 15 de agosto se encontrariam sob a marca da meia-noite.

E depois disso, o que aconteceria? Algo. Algo ... nada bom. Voltando para a sala de estar, para a mobília manchada, para a poeira e o lixo de publicações, fui surpreendido mais uma vez pelo pronunciada contraste entre o escritório limpo e bem-ordenado e o restante da residência.

Ali, entretido com revistas eróticas ou romances indecentes, que poderiam ser lidos por esposas de pastores, visivelmente cego às cascas de banana abandonadas, às canecas de café vazias e às meias sujas que não viam água havia muito tempo, Robertson parecia ser desfocado, sem rumo. Aquele era um homem cuja barra não estava totalmente moldada, em dúvida quanto à identidade.

Em comparação, a Robertson que passava o tempo no escritório, criando e cuidando daquelas centenas de pastas, navegando em *websites* sobre assassinos em série e assassinos em massa, sabia precisamente quem era — ou, ao menos, quem desejava ser.

CATORZE

SAÍ POR ONDE ENTREI, PELA PORTA LATERAL QUE LIGAVA A cozinha ao abrigo de carros, mas não voltei imediatamente ao Mustang que peguei emprestado com Terri Stambaugh. Em vez disso, fui para detrás da casa para dar uma olhada no quintal dos fundos.

O gramado dianteiro estava quase morto, mas a grama ali nos fundos secara havia muito tempo. A terra endurecida não recebia um pingo de água desde a última chuva no final de fevereiro, há quentes cinco meses e meio atrás.

Se um homem tivesse o hábito de enterrar as vítimas, desmembradas, ou não, à la John Wayne Gacy, manteria o solo receptivo a uma pá. Aquele chão duro quebraria a ponta de uma picareta e faria qualquer coveiro procurar uma britadeira.

Cercada par um alambrado onde não crescia nenhuma trepadeira ou planta divisória, o quintal dos fundos não oferecia qualquer privacidade para um assassino com um inconveniente cadáver nas mãos. Se possuísem uma predisposição mórbida, os vizinhos poderiam abrir uma cerveja, colocar uma cadeira no jardim e observar o sepultamento por diversão.

Supondo que Robertson fosse efetivamente um assassino em série, em vez de um mero aspirante, ele plantava seu jardim em outro lugar. Eu suspeitava, porém, de que a pasta criada para si mesmo seria preenchida a partir daquela data e que sua façanha de estreia seria amanhã.

Observando da beira do telhado de telhas coloniais, um corvo abriu seu bico laranja e crocitou, como se suspeitasse de que eu tivesse aparecido para pôr no bolso algum besouro crocante ou outro escasso alimento qualquer que ele poderia obter naquele território ressecado.

Pensei no lúgubre corvo de Poe, empoleirado sobre a porta, repetindo de forma enlouquecedora uma única coisa — nunca mais, nunca mais.

Parado ali, olhando para cima, não percebi que *O corvo* era um agouro, ou que aquele famoso poema de Poe, de fato, serviria de

chave para descobrir seu significado. Se eu tivesse compreendido então que aquele corvo bicudo era o meu, teria agido de forma bem diversa nas horas seguintes; e Pico Mundo ainda seria um lugar de esperança.

Sem compreender a importância do corvo, voltei para o Mustang, onde encontrei Elvis sentado no banco do carona. Ele usava top-siders, calça cáqui e camisa havaiana.

Todos os outros fantasmas de meu conhecimento eram limitados em seu vestuário às roupas que vestiam quando pereceram.

O Sr. Callaway, meu professor de inglês no colégio, por exemplo, morreu a caminho de uma festa a fantasia, vestido como o Leão Covarde de *O mágico de Oz*. Como fora um homem de certo refinamento, nascido com dignidade e equilíbrio, eu achava deprimente, nos meses seguintes a sua morte, encontrá-lo pela cidade numa fantasia peluda barata, os bigodes caídos, a cauda arrastando pelo chão. Fiquei muito aliviado quando ele finalmente deixou este mundo e seguiu em frente.

Na morte, assim como na vida, Elvis Presley fazia suas próprias regras. Ele parece ser capaz de surgir com qualquer figurino que vestiu nos palcos ou nos filmes, assim também como as roupas que usava quando não estava trabalhando. Seus trajes sempre diferem a cada manifestação.

Li que depois de engolir uma quantidade imprudente de soníferos e sedativos, ele morreu de cuecas, talvez de pijama. Alguns dizem que foi encontrado de roupão, mas outros dizem que não. Ele nunca me apareceu em vestimentas assim tão informais.

Por certo, morreu no banheiro em Graceland, barba por fazer e o rosto dentro de uma poça de vômito. Isso está no relatório do legista.

Felizmente Elvis sempre me cumprimenta com o rosto bem barbeado e limpo.

Naquela ocasião, quando me sentei ao volante e fechei a porta do carro, ele sorriu e acenou com a cabeça. O sorriso tinha um caráter melancólico incomum.

Estendeu-me a mão e deu-me um tapinha no braço, claramente expressando simpatia, senão pesar. Aquilo me confundiu e de, certa forma me preocupou, pois eu não sofrera nada que justificasse tal expressão de piedade.

Agora, já passados os acontecimentos de 15 de agosto, ainda não sei dizer o quanto Elvis sabia dos terríveis eventos que estavam para se desdobrar. Suspeito de que antevisse tudo.

Assim como outros fantasmas, Elvis não fala. Nem canta.

Dança, às vezes, quando está com disposição rítmica. Sabe alguns movimentos legais, mas não é nenhum Gene Kelly.

Liguei o carro e coloquei um CD qualquer para tocar. Terri sempre deixa no carro seis CDs com os melhores trabalhos de seu ídolo.

Quando “Suspicious Minds” surgiu nos alto-falantes, Elvis pareceu ficar contente. Com as pontas dos dedos, tamborilava o ritmo sobre o painel enquanto eu partia de Camp's End.

Quando chegamos à casa do chefe Wyatt Porter, numa vizinhança melhor, nós estávamos ouvindo “Mama Liked the Roses”, do Elvis' Christmas Album, e o Rei do Rock'n'Roll sucumbira a lágrimas silenciosas.

Prefiro não vê-lo assim. O impetuoso roqueiro que cantou “Blue Suede Shoes” fica melhor com um sorriso convencido, ou até debochado, do que com lágrimas.

Karla Porter, esposa de Wyatt, atendeu a porta. Esbelta, adorável, com olhos tão verdes como pétalas de lótus, ela sempre projeta uma aura de serenidade e calmo otimismo, um contraste com o rosto deprimido e os olhos desolados do marido.

Suspeito de que seja por causa de Karla que o trabalho de Wyatt não o desgastou até a ruína total. Cada um de nós precisa de uma fonte de inspiração na vida, uma razão de esperança, e Karla é a de Wyatt.

— Oddie — disse ela —, que prazer em vê-lo. Entre, entre. Wyatt está lá trás, preparando-se para destruir alguns filés excelentes no churrasco. Receberemos algumas pessoas para jantar. Temos

bastante comida, então espero que fique.

Enquanto ela me conduzia pela casa, sem saber que Elvis nos acompanhava num ânimo de “Heartbreak Hotel”, eu disse:

— Obrigado, senhora, é muita gentileza sua, mas tenho outro compromisso. Só parei para ter uma palavrinha com o chefe.

— Ele vai ficar contente em vê-lo — garantiu ela. — Sempre fica.

No quintal ela apontou Wyatt, que usava um avental ostentando as palavras SE ESTÁ QUEIMADO E GORDUROSO, FICA MELHOR COM CERVEJA.

— Odd — cumprimentou chefe Porter. — Espero que não tenha vindo aqui arruinar minha noite.

— Essa nunca foi a minha intenção, senhor.

O chefe cuidava de duas churrasqueiras — a primeira, a gás, para os legumes e espigas de milho; a segunda, a carvão, para os filés.

Ainda restando mais de duas horas de sol acima do horizonte, com um dia inteiro de raios solares desérticos armazenados no muro de concreto e com visíveis ondas de calor precipitando-se das duas churrasqueiras, ele deveria estar produzindo água salgada suficiente para reconstituir o mar que uma vez já existiu em Pico Mundo. Contudo, o chefe estava tão seco como a estrela de comercial de desodorante.

Ao longo dos anos, só vi o chefe Porter suar apenas duas vezes. Na primeira ocasião, um homem sórdido apontava um arpão para as partes baixas do chefe de uma distância de apenas centímetros. A segunda ocasião foi muito mais enervante do que esta.

Verificando as tigelas de salada de batata, de salgadinhos e de salada de frutas sobre a mesa de piquenique, Elvis pareceu perder o interesse quando percebeu que não serviriam sanduíche de banana frita com manteiga de amendoim. Foi até a piscina.

Depois que dispensei uma garrafa de cerveja, o chefe e eu nos sentamos em cadeiras de jardim.

— Esteve se comunicando com os mortos novamente?

— Sim, senhor, algumas vezes durante o dia. Mas o assunto tem mais a ver com quem será morto em breve do que com quem já morreu.

Contei a ele sobre o Homem-Fungo no restaurante e depois no Green Moon Mall

— Eu o vi no Grille — disse o chefe —, mas não me pareceu suspeito, só ... desafortunado.

— Sim, senhor, mas você não teve a oportunidade de ver o fã-clube dele. — Descrevi o tamanho perturbador do séquito de *bodachs* do Homem-Fungo.

Quando relatei minha visita à pequena casa em Camp's End, fingi, um tanto ridiculamente, que a porta lateral estava aberta e que entrei com a impressão de que alguém pudesse estar com problemas. Isso aliviaria o chefe de uma acusação de conspirar comigo no crime de arrombamento.

— Não sou um nenhum equilibrista — avisou.

— Não, senhor.

— Você às vezes espera que eu ande sobre uma verdadeira corda bamba.

— Tenho grande respeito por seu equilíbrio, senhor.

— Filho, isso me soa perigosamente como besteira.

— Há um pouco de besteira, senhor, mas é em grande parte verdade.

Contando-lhe o que encontrei na casa, omiti qualquer alusão ao quarto negro e ao enxame de viajantes. Até um homem compreensivo e de mente aberta como Wyatt Porter se tornaria cético se eu incluísse muitos detalhes exóticos.

Quando terminei minha história, o chefe perguntou:

— O que tanto lhe chama a atenção, filho?

— Senhor?

— Você não para de olhar para a piscina.

— É o Elvis — expliquei. — Está se comportando de maneira estranha.

— Elvis Presley está aqui? Agora? Na minha casa?

— Está caminhando sobre a água, de um lado para outro, e gesticulando.

— Gesticulando?

— Não de maneira rude, senhor, e nem para nós. É como se estivesse discutindo consigo mesmo. Às vezes me preocupo com ele.

Karla Wyatt reapareceu, desta vez trazendo os dois primeiros convidados para o jantar.

Ben Eckles, no fim da faixa dos 20 anos, era adição recente ao Departamento de Polícia de Pico Mundo. Entrara na força policial havia apenas dois meses.

Lysette Rains, especialista em unhas artificiais, era assistente de gerência no bem-sucedido salão de beleza de Karla, numa esquina em Olive Street, dois quarteirões depois do Grille.

Aqueles dois não chegaram como casal, mas eu podia perceber que o chefe e Karla estavam empenhados em alguma atividade casamenteira.

Como ele não sabia — e nunca saberia — de meu sexto sentido, o oficial Eckles ainda não concluíra o que pensar de mim, não decidira se gostava de mim. Não compreendia por que o chefe sempre encontrava tempo para mim mesmo nos dias mais atarefados.

Depois das bebidas serem servidas aos recém-chegados, o chefe pediu que Eckles fosse ao escritório dele por alguns minutos.

— Acesso o departamento de trânsito no computador enquanto você me faz umas ligações. Precisamos levantar um rápido perfil de um cara estranho que mora em Camp's End.

A caminho da casa com o chefe, Ben Eckles olhou duas vezes para mim por cima do ombro, franzindo a testa. Talvez pensasse que, em sua ausência, eu tentasse ganhar pontos com Lysette Rains.

Quando Karla retomou à cozinha, onde preparava a sobremesa, Lysette sentou-se na cadeira que o chefe tinha desocupado. Com ambas as mãos, segurava um copo de Coca-Cola com vodka de laranja, do qual tomava pequenos golinhos, lambendo os lábios após cada um.

— Que gosto tem? — perguntei.

— Parece desinfetante com açúcar. Mas às vezes fico com nível baixo de energia, então a cafeína ajuda.

Vestia short amarelo e uma blusa amarela com babados.

Parecia um bolinho de limão com glacê colorido.

— Como sua mãe tem passado, Odd?

— Continuava colorida.

— Era o que eu imaginava. E seu pai?

— Está prestes a enriquecer rápido.

— Com o que desta vez?

— Vendendo terrenos na lua.

— E como isso funciona?

— Você paga 15 mangos e recebe uma escritura com direito a um metro quadrado da lua.

— Seu pai não é dono da lua — disse, com leve tom de desaprovação.

Lysette é uma pessoa doce e não queria provocar ofensa, mesmo diante de uma evidência flagrante de fraude.

— Não é — concordei. — Mas ele percebeu que ninguém era, então mandou uma carta para as Nações Unidas, fazendo valer seus direitos por ela. No dia seguinte, começou a vender propriedades na lua. Ouvi dizer que foi promovida à assistente de gerência no salão.

É uma grande responsabilidade. Especialmente porque mudei de especialidade.

Não faz mais unhas?

— Sim, faço. Mas eu era uma simples manicure, agora sou estilista de unhas certificada.

— Parabéns. Isso é realmente admirável.

O tímido sorriso de orgulho me fez considerá-la adorável.

Não é grande coisa para algumas pessoas, mas para mim sim.

Elvis voltou da piscina e sentou-se numa cadeira diante dela. Estava chorando outra vez. Apesar das lágrimas, sorriu para ela — ou para seu decote. Ele sabe apreciar as mulheres.

— Você e Bronwen ainda estão juntos? — quis saber

— Estaremos para sempre. Temos marcas de nascença

— Tinha me esquecido deste detalhe.

— Ela prefere ser chamada de Stormy.

— Quem não gostaria? — disse Lysette.

— E quanto a você e o oficial Eckles?

— Ah, acabamos de nos conhecer. Ele parece ser legal.

— Legal. — Eu me espantei. — O pobre rapaz já não tem chance com você, não é?

— Se fosse há dois anos, seria verdade. Mas ultimamente, considerado que “ser legal” basta. Entende?

— Há coisas muito piores que “ser legal” por aí.

— Com certeza — concordou ela. — Demora-se um tempo a perceber como este é um mundo solitário, então quando se recebe ... o futuro parece um tanto assustador.

Já numa condição emocional delicada, Elvis desabou com a observação de Lysette. Os filetes de lágrimas em suas bochechas se tornaram cachoeiras, então ele enterrou o rosto entre as mãos.

Lysette e eu conversamos por um tempo, enquanto Elvis soluçava sem fazer ruído. Por fim, mais quatro convidados chegaram.

Karla circulava com uma bandeja de bolinhas de queijo, que davam novo peso à palavra aperitivo, quando o chefe retomou com

o oficial Eckles. Ele me puxou de lado e caminhou comigo até o canto oposto da piscina, onde poderíamos conversar com privacidade.

— Robertson mudou-se para a cidade há cinco meses. Pagou à vista aquela casa em Camp's End, sem financiamento.

— Onde conseguiu o dinheiro?

— Herdou. Bonnie Chan disse que ele se mudou de San Diego depois da morte da mãe. Ainda morava com a mãe aos 34 anos.

Bonnie Chan, uma corretora de imóveis famosa em Pico Mundo pelos chapéus extravagantes, evidentemente vendera a residência para Robertson.

— Até onde pude verificar — continuou o chefe —, ele tem a ficha limpa. Nunca recebeu nem multa por excesso de velocidade.

— Você poderia investigar como a mãe dele morreu.

— Já mandei fazerem algumas investigações sobre isso. Mas, no momento, não tenho pretexto para prendê-lo.

— E todas aquelas pastas sobre assassinos?

— Mesmo que eu tivesse uma maneira legítima de saber deste fato, poderia ser apenas um hobby doentio ou uma pesquisa para escrever um livro. Não há nada de ilegal nisso.

— Embora seja suspeito.

O chefe encolheu os ombros.

— Se ser suspeito bastasse, todos nós estaríamos na cadeia. Seria o primeiro.

— Mas vai ficar de olho nele? — perguntei.

— Só porque você nunca errou. Deixarei alguém estacionado à noite, colado neste Sr. Robertson.

— Queria que você pudesse fazer mais — lamentei.

— Filho, estamos nos Estados Unidos da América. Tem que diria que é inconstitucional tentar evitar que psicopatas desenvolvam seu potencial.

Às vezes o chefe me diverte com aquele jargão de tira cínico.

Não era uma das ocasiões.

Eu disse:

— Esse cara é muito mau, senhor. Quando vejo o rosto dele realmente ... sinto arrepios na espinha.

— Vamos ficar observando, filho. Não posso fazer mais do isso. Não podemos simplesmente aparecer em Camp's End e nele. — O chefe me deu uma olhada peculiar antes de acrescentar: — Nem você.

— Armas me apavoram — garanti.

O chefe olhou para a piscina e perguntou:

— Ele ainda está caminhando sobre a água?

— Não, senhor. Está parado perto de Lysette, olhando para o decote dela e chorando.

— Não acho que seja motivo para chorar — disse o chefe, dando uma piscada.

— O choro não é por causa de Lysette. Está melancólico

— Com o quê? Elvis nunca me pareceu chorão.

—As pessoas mudam quando morrem. É traumático. Ele fica assim de tempos em tempos, mas não sei ao certo qual é o problema. Ele não tenta se explicar para mim.

Era claro que o chefe estava desalentado com a imagem de Elvis chorando.

— Há qualquer coisa que eu possa fazer por ele?

— É muita gentileza sua, senhor, mas não sei realmente o que alguém poderia fazer. Pelo que observei em outras ocasiões, sinto que ... ele sente falta da mãe, Gladys, e quer estar com ela.

— Pelo que lembro, era muito afeiçoado à mãe, não?

— Ele a adorava — respondi.

— Ela não está morta também?

— Sim, há muito mais tempo que ele.

— Então ficarão juntos novamente, não?

— Não enquanto ele continuar agarrado a este mundo. Ela está lá na luz, e ele está preso aqui.

— Por que não segue em frente?

— Às vezes eles têm assuntos importantes inacabados aqui.

— Como a pequena Penny Kallisto esta manhã, levando você até Harlo Landerson.

— Sim, senhor. E às vezes amam tanto este mundo que não querem partir.

O chefe assentiu.

— Este mundo certamente foi bom para Elvis.

— Se fosse por assuntos inacabados, ele já teve mais de 26 anos para cuidar disso — observei.

O chefe olhou com olhos meio cerrados na direção de Lysette Rains, tentando ver alguma evidência mínima do espírito que a acompanhava — um bocadinho de ectoplasma, uma vaga distorção no ar, um tremor de esplendor místico.

— Ele fez músicas excelentes.

— Sim, fez.

— Certo.

— Diga-lhe que sempre será bem-vindo aqui.

— Direi, senhor. É gentileza sua.

— Tem certeza de que não pode ficar para o jantar?

— Obrigado, senhor, mas tenho um encontro.

— Com Stormy, tenho certeza.

— Sim, senhor. Meu destino.

— Você tem lábia, Odd. Ela deve amar ouvi-lo dizer isso — “meu destino”.

— Eu amo ouvir-me dizendo isso.

O chefe colocou o braço ao redor dos meus ombros e conduziu-me ao portão do lado norte da casa.

— A melhor coisa que pode acontecer a um homem é uma boa mulher.

— Stormy é mais do que boa.

— Fico feliz por você, filho. — Ergueu o ferrolho e abriu o portão para mim. — Não se preocupe com este Bob Robertson. Vamos ficar na cola dele, mas não vamos deixar que suspeite de que estamos observando. Se der um passo errado, vamos cair em cima dele.

— Ficarei preocupado do mesmo jeito, senhor. É um homem muito ruim.

Quando entrei no Mustang, Elvis já se sentara no banco do passageiro.

Os mortos não precisam caminhar até onde desejam ir — ou usar um carro para isso. Quando escolhem caminhar ou pegar carona, é apenas por nostalgia.

No trajeto entre a festa na piscina e o Mustang, ele desistira 'Dupas de Feitiço Havaiano. Agora usava calça preta, um blazer de tweed, camisa branca, gravata preta e um lenço preto no bolso, um figurino (Terri Stambaugh depois me explicou) de Loiras, morenas e ruivas.

Enquanto nos afastávamos da casa de Porter, ouvimos “Stuck on You”, uma das músicas mais contagiantes gravadas pelo Rei.

Elvis acompanhou o ritmo com batidinhas no joelho, sacudindo a cabeça, mas as lágrimas continuavam jorrando.

QUINZE

CENTRO DE PICO MUNDO, QUANDO PASSÁVAMOS EM frente a uma igreja, Elvis indicou que queria que eu estacionasse meio-fio.

Quando parei o carro, estendeu-me a mão direita. O aperto tão real e quente quanto o de Penny Kallisto.

Em vez de me cumprimentar, segurou a minha mão entre as dele. Talvez estivesse simplesmente me agradecendo, mas parecia mais do que isso.

Elvis parecia estar preocupado comigo. Apertou de leve minha mão, fitando-me com evidente preocupação, depois apertou-a outra vez.

— Está tudo bem — respondi, embora não tivesse certeza de ter dado uma resposta adequada.

Elvis saiu do carro sem abrir a porta — simplesmente atravessou-a — e subiu os degraus da igreja. Fiquei observando até ele passar através das pesadas portas de carvalho e sumir de vista.

Meu jantar com Stormy seria às 20 horas, então eu precisava matar o tempo.

Mantenha-se ocupado, vovó Sugars costumava dizer, mesmo que seja com pôquer, lutas e carros velozes, porque a ociosidade vai colocá-lo em problemas piores.

Mesmo me lembrando dos conselhos de vovó, eu não podia simplesmente ir para meu ponto de encontro com Stormy e esperá-la. Sem nada para ocupar a mente, ficaria pensando em Bob Robertson e seus arquivos demoníacos.

Afastando-me da igreja, liguei para P. Oswald Boone, aquele com 200 quilos e mão esquerda com seis dedos.

Pequeno Ozzie atendeu no segundo toque.

— Odd, minha bela vaca explodiu.

— Explodiu?

— Boom! — exclamou Pequeno Ozzie. — Num minuto, tudo está bem no mundo; no minuto seguinte, sua fabulosa vaca se

arrebenta em pedaços.

— Quando aconteceu? Não ouvi nada sobre isso.

— Exatamente duas horas e 26 minutos atrás. A polícia esteve aqui e se foi, mas acredito que até eles, com toda a experiência de selvageria criminosa, ficaram chocados.

— Acabei de ver o chefe Porter. Ele não mencionou nada.

— Depois de saírem daqui, os oficiais sem dúvida precisavam de uma bebida forte antes de escreverem seus relatórios.

— E como você está? — perguntei.

— Não estou desolado, porque isso seria uma reação moralmente ofensiva, mas estou triste.

— Sei o quanto amava aquela vaca.

— Eu amava aquela vaca — confirmou.

— Estava pensando em aparecer para uma visita, mas talvez não seja a melhor hora.

— É a hora perfeita, meu querido Odd. Nada é pior que ficar sozinho na noite do dia em que sua vaca explode.

— Chego aí em alguns minutos — prometi.

Pequeno Ozzie mora em Jack Flats, que há 50 anos era chamada Jack Rabbit Flats, uma área a oeste, descendo o distrito. Não tenho ideia de onde o Rabbit foi parar.

Quando o pitoresco distrito comercial do centro começou a tornar atração turística no fim da década de 1940, a área recebe uma série de estímulos peculiares para aumentar sua atratividade. Os empreendimentos menos fotogênicos — lojas de amortecedores, pneus ou armas — foram espremidas em Flats.

Depois, vinte anos atrás, novos centros comerciais deslumbrantes surgiram ao longo da Green Moon Road e da Joshua e Highway. Eles drenaram os clientes dos negócios menores Flats.

Gradualmente, ao longo dos últimos 15 anos, Jack Flats foi recebendo melhorias. Antigos prédios comerciais e industriais foram demolidos. Casas, sobrados conjugados e apartamentos

luxuosos ocuparam o espaço.

O primeiro a assentar-se no bairro, quando poucos conseguiam enxergar o potencial do lugar, Pequeno Ozzie comprou um terreno de 4.000 metros quadrados no qual havia um restaurante desativado havia muito tempo. Lá construiu sua casa dos sonhos. A residência de dois andares em estilo Craftsmen tem um aparador, portas amplas e soalhos reforçados com aço. Ozzie a construiu tanto para acomodar suas proporções quanto para resistir à punição que acabaria por infligir à casa caso ele se torne, como Stormy teme, um daqueles homens para os quais o agente funerário, precisa chamar os serviços de um guindaste e um caminhão.

Quando estacionei diante da casa, agora desprovida de vaca, fiquei mais chocado com o massacre do que esperava.

Debaixo de uma das figueiras que lançavam longas sombras sob o sol poente, fitei com assombro a carcaça gigante. Todas as coisas nesta terra eventualmente fazem a passagem, mas partidas súbitas e prematuras são, no entanto, perturbadoras.

As quatro patas, partes da cabeça estourada e pedaços do corpo espalhavam-se pelo gramado, pelos arbustos e pela calçada. Num toque particularmente macabro, o úbere fora aterrissar invertido sobre um dos mourões da cerca de madeira, as tetas apontando para o céu.

Aquela vaca malhada de branco e preto, aproximadamente do tamanho de um veículo utilitário esportivo, antes ficava acima de dois postes de aço de 6 metros de altura, nenhum deles danificado com a explosão. A única coisa que restava naquele alto poleiro era o traseiro da vaca, que tinha mudado de posição até encarar a rua, como se observasse os transeuntes.

Abaixo da vaca de plástico costumava existir uma placa da churrascaria que antigamente ocupava a propriedade. Quando construiu a casa, Pequeno Ozzie não preservara a placa, apenas o gigantesco bovino de plástico.

Para Ozzie, a vaca não era meramente o maior ornamento de jardim do mundo. Era uma obra de arte.

Dos muitos livros que escreveu, quatro foram sobre arte, então

Ozzie deve saber do que está falando. De fato, por ser o habitante mais famoso de Pico Mundo (vivo, pelo menos), talvez o mais respeitado, e por estar construindo uma casa em Flats, lugar que todos julgavam que se perpetuaria deteriorado, só Pequeno Ozzie poderia argumentar com sucesso junto ao departamento de obras da cidade pela permanência da vaca, como escultura.

Quando Flats se tornou mais elegante, alguns dos vizinhos não a maioria, apenas vozes altamente minoritárias — fizeram objeção à vaca gigante segundo quesitos estéticos. Talvez um detivesse apelado à violência.

Depois de navegar entre fragmentos irregulares de arte bovina e subir os degraus da varanda, antes que eu pudesse tocar a campainha, Ozzie abriu a ampla porta, deslocou-se através da sala e me cumprimentou.

— Não é patético, Odd, o que algum idiota mal-educado decidiu fazer? Eu me conforto lembrando que “a arte é eterna, mas mosquitos são insetos que só duram um dia”.

— Shakespeare? - perguntei.

— Não. Randall Jarrell. Um poeta maravilhoso, agora comumente esquecido porque as universidades modernas não ensinam nada além de autoestima e auto indulgência.

— Limpo isso para você, senhor.

— Não mesmo! — declarou Ozzie. — Deixe que vejam-na por uma semana, um mês. São umas “serpentes venenosas se deliciam com o sibilar”.

— Shakespeare?

— Não, não. W.B. Daniel, referindo-se aos críticos. Vou deixar que removam os escombros em algum momento, mas aquela adorável vaca vai continuar lá, minha resposta aos filisteus atiradores de bombas.

— Então era uma bomba?

— Uma bem pequena, fixada na escultura durante a noite, um timer que permitisse que estas “serpentes que se alimentam de lama

e veneno” estivessem longe do crime quando a explosão acontecesse. Isto também não é Shakespeare. É Voltaire se referindo aos críticos.

— Senhor, estou um pouco preocupado — comentei.

— Não se preocupe, rapaz. Estes covardes só têm coragem atacar furtivamente uma vaca de plástico na calada da noite, mas não têm estômago para confrontar um homem gordo com antebraços tão grossos como os meus.

— Não estou falando deles. Estou me referindo a sua pressão sanguínea.

Com um gesto de dispensa de um de seus braços formidáveis, Pequeno Ozzie disse:

— Se você carregasse meu volume, tivesse o sangue rico em moléculas de colesterol do tamanho de marshmallows em miniatura, compreenderia que um pouco de ultraje justificado, de tempos em tempos, é a única coisa que impede suas artérias de entupirem por inteiro. Ultraje justificado e um bom vinho tinto. Entre, entre. Vou abrir uma garrafa, então vamos brindar à destruição de todos os críticos, esta raça vil de crocodilos famintos.

— Shakespeare? — perguntei.

— Céus, Odd, o Bardo de Avon não foi o único escritor a colocar palavras no papel.

— Mas se eu continuar com ele — expliquei, seguindo Ozzie para dentro de casa —, vou acertar uma mais cedo ou mais tarde.

— Foi com truques patéticos como este que você passou pelo colégio?

— Sim, senhor.

Ozzie convidou-me a ficar à vontade na sala de estar enquanto apanhava um Cabernet Sauvignon de Robert Mondavi, e fiquei sozinho com Chester, o Terrível.

O gato não é gordo, mas é grande e intrépido. Uma vez eu o vi enfrentar, com muita atitude, um agressivo pastor alemão.

Acredito que mesmo um pit bull, enlouquecido e numa

disposição assassina, teria fugido como o pastor alemão e saído à procura de uma presa mais fácil. Crocodilos, por exemplo.

Chester, o Terrível tem a cor de uma abóbora rubescente, com marcas pretas. Julgando-se pelos padrões preto e laranja do rosto, e poderia pensar que ele era satanicamente familiar àquele grupo de rock, Kiss.

Acomodado num amplo peitoril, olhando para o gramado, fingiu por um minuto inteiro não ter notado que tinha companhia.

Para mim era bom ser ignorado. Os sapatos que usava nunca teriam sido mijados, e esperava mantê-los assim.

Finalmente, virando a cabeça, observou-me de maneira especulativa, com um desprezo tão intenso que quase seria possível gotejar no chão. Depois disso, Chester, o Terrível voltou atenção para a janela mais uma vez.

A vaca estourada parecia fasciná-lo e colocá-lo num ânimo melancólico e contemplativo. Talvez tivesse esgotado seis de suas vidas e sentisse um arrepio de mortalidade.

A mobília da sala de estar de Ozzie é adaptada, enorme e construída para proporcionar conforto. Um tapete persa, madeirame de mogno hondurenho e prateleiras e mais prateleiras de livros criavam um ambiente aconchegante.

Apesar do perigo aos meus sapatos, logo relaxei e experimentei uma sensação de destruição iminente menor do que ao longo dia, desde que encontrei Penny Kallisto esperando ao pé da escada de meu apartamento.

Depois de meio minuto, Chester, o Terrível me enervou novamente com seu silvo ameaçador e zangado. Todos os gatos possuem este talento, mas só Chester seria rival para cascavéis e najas ido à intensidade e à ameaça de seu sibilar.

Alguma coisa lá fora o perturbara tanto que ficou de pé sobre peitoril, arqueou as costas e eriçou os pelos.

Embora fosse claro que eu não era a causa da agitação, deslizei para a ponta da poltrona, preparado para fugir.

Chester sibilou outra vez, então arranhou o vidro. O skreeeeek de suas garras na janela fez o fluido nas concavidades da minha espinha tremer.

De repente me perguntei se o esquadrão de demolição da vaca não teria retomado à luz do dia para derrubar o obstinado traseiro bovino.

Quando Chester arranhou o vidro outra vez, fiquei de pé, segui até a janela com cuidado, não porque temesse que um coquetel molotov a estilhaçasse, mas porque não queria que o gato aborrecido me interpretasse mal.

Lá fora, diante da cerca de madeira, fitando a casa, estava o Homem-Fungo, Bob Robertson.

DEZESSEIS

O PRIMEIRO INSTINTO FOI AFASTAR-SE do Homem-Fungo já estivesse me sentindo suspeitar de minha visita à sua casa portamento furtivo serviria.

Permaneci perto da janela, mas estava possível estar entre mim e Robertson. Terri e que a aparente antipatia profunda.

Até aquele momento, nunca teria sido e eu concordávamos em qualquer quer coisa em comum que não fosse no Ozzie.

Pela primeira vez, Robertson não exib dor ou não. Parado sob a claridade que do clarão brando em dourado-mel, tetos e sombras das figueiras, ele parecia gigante de Timothy Mc Veigh.

Por trás de mim, Ozzie disse:

— “Oh Deus! Terem os homens o inimigo na própria boca, para roubar-lhes o cérebro!”

Virando-me, eu o vi com uma bandeja com duas taças de vinho e um pequeno prato de queijo em cubinhos cercados por biscoitos.

Agradecendo, peguei uma das taças e olhei lá para fora. Bob Robertson não estava mais onde estivera.

Arriscando um perigoso desentendimento com Chester, o Terrível, aproximei-me da janela, olhando norte e sul ao longo da rua.

— Então? — Ozzie perguntou impacientemente. Robertson sumira, e rápido, como se com um propósito urgente.

Por mais espantado que estivesse por ter visto aquele homem estranho na cerca de madeira, eu estava ainda mais perturbado por perdê-lo de vista. Se Robertson quisesse me seguir, eu me sujeitaria à espionagem porque assim saberia onde ele estava e, sabendo, ficaria mais descansado.

— “Oh Deus! Terem os homens o inimigo na própria boca, para roubar-lhes o cérebro!” — repetiu Ozzie.

Virando-me da janela, vi que ele largara a bandeja e agora estava com a taça erguida, como quem faz um brinde.

Esforçando-me para recuperar a compostura, eu disse:

— Alguns dias são tão difíceis que se não deixarmos que o vinho nos roube o juízo, como dormiríamos?

— Rapaz, não estou pedindo que debata a afirmação, apenas que identifique a fonte.

Eu ainda estava aturdido com Robertson.

— Senhor?

Com certa exasperação, Ozzie disse:

— Shakespeare! Preparei a pergunta para lhe garantir uma de aprovação, e ainda assim você erra. Era Cássio falando no I, Cena 111 de Otelo.

— Eu estava ... distraído.

Indicando a janela, onde Chester, que já não parecia agitado, entrava-se outra vez acomodado-se numa pilha peluda sobre o peitoril, Ozzie comentou:

A destruição que os bárbaros deixaram para trás exerce horrível fascinação, não é? Somos lembrados de como é fino a civilização.

— Lamento desapontá-lo, senhor, mas meus pensamentos eram tão profundos. Eu só ... pensei ter visto alguém que estava passando.

Erguendo a taça de vinho na sua mão com cinco dedos, disse:

— À danação de todos os perversos.

— Isso é muito forte, senhor — danação.

— Não estrague meu divertimento, rapaz. Apenas beba.

Bebendo, olhei para a janela outra vez. Então voltei para a poltrona onde eu estava sentado antes do gato sibilar de modo tão alarmante.

Ozzie acomodou-se também, mas sua cadeira fez emissão mais ruidosa que a minha.

Olhei para os livros ao redor, para as maravilhosas reproduções de abajures Tiffany, mas a sala não exercia sua calma influência

habitual. Eu quase podia ouvir meu relógio de pulso marcando segundos até a meia-noite de 15 de agosto.

— Você veio até aqui com um fardo — disse Ozzie. — E não vejo qualquer presente para o anfitrião, presumo que o peso que carrega seja algum problema.

Contei-lhe tudo sobre Bob Robertson. Embora tivesse escondido a história do quarto negro do chefe Porter, compartilhei-a com Ozzie porque ele tem imaginação grande o suficiente para abarcar qualquer coisa.

Além de seus livros não ficcionais, escreveu duas séries de mistério de muito sucesso.

A primeira, como seria de esperar, é sobre um detetive gordo de brilhantismo incomparável que resolve crimes enquanto despeja motes hilários. Ele conta com sua bela e atlética esposa (que o adora profundamente) para empreender todo o trabalho investigativo e desempenhar toda a bravura necessária.

Estes livros, diz Ozzie, são baseados em certas fantasias ensopadas de hormônios que o preocuparam durante seus anos de adolescência. E ainda persistem.

A segunda série envolve uma detetive que se tornou uma heroína bem popular, apesar das inúmeras neuroses e da bulimia. Esta personagem foi concebida num jantar de cinco horas no qual Ozzie e seu editor fizeram menos uso dos garfos do que das taças de vinho.

Desafiando a declaração de Ozzie de que um detetive ficcional poderia ter qualquer problema ou hábito pessoal, mesmo desagradável, e ainda ser um sucesso com o público, desde que o autor tivesse o talento para tornar o personagem simpático, o editor dissera:

— Ninguém conseguiria fazer muita gente querer ler sobre uma detetive que enfia o dedo na garganta e vomita depois de cada refeição.

O primeiro romance apresentando tal detetive ganhou um Edgar Award, o equivalente ao Oscar do gênero de mistério. O décimo

livro da série fora publicado recentemente, com vendas maiores que qualquer um dos nove anteriores.

O tom solene que não disfarça sua alegria travessa, Ozzie diz nenhum romance na História da literatura apresentou tantos para o deleite de tantos leitores.

O sucesso de Ozzie não me surpreende nem um pouco. Ele fala de pessoas e as ouve, e esse amor pela humanidade irradia-se nas páginas.

Quando terminei de falar sobre Robertson, o quarto negro os arquivos abarrotados de casos de maníacos homicidas, Ozzie disse:

— Odd, gostaria que você tivesse uma arma.

— Armas me apavoram — lembrei-lhe.

— Sua vida me apavora. Tenho certeza de que Wyatt Porter emitiria uma licença para portar uma arma escondida.

— Assim eu teria que usar um blazer.

— Você poderia usar camisas havaianas, carregar a arma num coldre nas costas. franzi a testa.

— Camisetas havaianas não fazem meu estilo.

— Oh, sim! — exclamou com indisfarçável sarcasmo. — Suas camisetas e suas calças jeans são um lançamento exclusivo em matéria de moda.

— Às vezes uso calças comuns.

— A variedade de seu guarda-roupa deslumbra minha vaidade. Ralph Lauren ficaria comovido.

Encolhi os ombros.

— Sou quem sou.

— Se eu comprar uma arma adequada para você e ensiná-lo pessoalmente a usar ...

— Obrigado, senhor, por sua preocupação, mas eu certamente atiraria nos meus dois pés e, mais tarde, o senhor estaria escrevendo sobre um investigador particular sem pernas.

— Isso já foi feito. — Ozzie bebericou o vinho. — Tudo já foi feito. Algo tão inovador quanto uma detetive que vomita só aparece uma vez a cada geração.

— Ainda há a diarreia crônica. — Ele fez uma careta.

— Creio que você não tem a aptidão para se tornar popular como escritor de mistério. O que você anda escrevendo ultimamente?

— Uma coisa ou outra.

— Presumindo que “uma” se refira à lista de compras e “outra” se refira aos bilhetinhos românticos para Stormy Llewellyn, o que mais você anda escrevendo?

— Nada — admiti.

Quando eu tinha 16 anos, P. Oswald Boone, então com meros 150 quilos, aceitou ser juiz num concurso de escrita criativa em nosso colégio. Minha professora de inglês exigiu que cada um dos alunos inscrevesse um trabalho no concurso.

Como sentia muitas saudades de vovó Sugars, que morrera havia pouco tempo, escrevi um texto sobre ela. Infelizmente, meu texto ganhou primeiro lugar, tornando-me uma pequena celebridade no colégio, embora eu preferisse não chamar a atenção.

Pelas minhas memórias de vovó, recebi 300 dólares e uma placa. Gastei o dinheiro num sistema de som barato, mas razoavelmente audível.

A placa e o sistema de som foram mais tarde quebrados em pedaços por um poltergeist zangado.

A única consequência duradoura daquele concurso de escrita criativa fora minha amizade com Pequeno Ozzie, pela qual me sinto grato, embora nestes cinco anos ele tenha me atormentado para escrever, escrever e escrever. Ele disse que tal talento era um dom, que eu tinha a obrigação moral de usá-lo.

— Dois dons são demais para mim, respondi. — Se eu tivesse que lidar com os mortos e ainda escrever de qualidade, ficaria completamente doido ou usaria essa arma que você quer me dar

para atirar na cabeça.

Impaciente com minhas desculpas, ele continuou:

— Escrever não é uma fonte de sofrimento. É uma quimioterapia psíquica. Reduz seus tumores psicológicos e alivia o sofrimento.

Não duvidava de que isso fosse verdade, para ele ou de que ele tivesse sofrimento suficiente para toda uma vida de quimioterapia psíquica.

Embora Grande Ozzie ainda fosse vivo, Pequeno Ozzie só via o pai uma ou duas vezes por ano. A cada ocasião, necessitava de duas semanas para recuperar o equilíbrio emocional e o bom humor que era sua marca registrada.

Sua mãe também era viva. Pequeno Ozzie não falava com ela a vinte anos.

Grande Ozzie pesava atualmente, num palpite, apenas 20 quilos a menos que o filho. Consequentemente, a maioria das pessoas presumia que Pequeno Ozzie herdara sua obesidade. Pequeno Ozzie, contudo, rejeitava retratar-se como vítima da ética. Dizia que em seu coração existia uma fraqueza de vontade que resultava naquela imensidade.

Ao longo dos anos, ele às vezes sugeria, e eu frequentemente ria, que seus pais tinham lhe ferido parte do coração, o que restou naquela mortal fraqueza de vontade. Mas Ozzie nunca falava de sua infância difícil, negava-se a descrever o que tinha suportado. Apenas escrevia mistério após mistério ...

Ele não falava dos pais com amargura. Muito ao contrário. falava deles e os evitava o máximo possível — e seguia escrevendo livros sobre arte, música, comida, vinho ...

— Escrever não pode aliviar meu sofrimento com a mesma eficiência quanto a visão de Stormy ... ou sorvete de cereja com coco e pedaços de chocolate, no que diz respeito ao caso.

— Não tenho nenhuma Stormy em minha vida — replicou ele —, mas posso entender o sorvete. — Ele terminou de beber o vinho. — O que fará a respeito deste Bob Robertson?

Encolhi os ombros. Ozzie me pressionou:

— Tem que fazer alguma coisa. E se ele já souber que esteve em sua casa esta tarde e o estiver seguindo por aí?

— Só o que posso fazer é ter cuidado. E esperar que o chefe Porter descubra algo sobre ele. De qualquer forma, talvez Robertson não estivesse me seguindo. Talvez tenha ouvido falar da vaca que explodiu e passou aqui para olhar os destroços.

— Odd, eu ficaria indescritivelmente desapontado se você morresse amanhã sem ter empregado seu dom para escrita num propósito útil.

— Imagine só como eu me sentiria.

— Eu gostaria que você criasse logo juízo, arranjasse uma arma e escrevesse um livro, mas nunca desejaria que alguém perdesse a vida. “Como andam velozes os dias nos anos de juventude.”

Dando atribuição à citação, eu disse:

— Mark Twain.

— Excelente! Talvez você não seja um jovem idiota com intenção de ser ignorante afinal.

— Você já fez esta citação antes — admiti. — É por isso que sei.

— Mas ao menos lembrou! Acho que isso revela um desejo, mesmo que inconsciente, de desistir da chapa para se tornar um homem da literatura.

— Espero mudar para o ramo de pneus primeiro.

Ozzie suspirou.

— Você é um tormento às vezes. — Ele fazia a taça de vinho vazia ressoar com uma das unhas. — Eu deveria ter trazido a garrafa.

— Fique sentado. Eu pego — me ofereci, pois poderia trazer o Cabernet da cozinha no tempo que ele gastaria só para se levantar da poltrona. O corredor de três metros de largura servia como a galeria para as belas artes e, em ambos os lados, havia cômodos ainda mais repletos de arte e livros.

Ao fim do corredor ficava a cozinha. Sobre o balcão de granito

preto estava a garrafa, desarrolhada para que o vinho respirasse. Embora os cômodos da frente fossem confortavelmente refrigerados, a cozinha parecia surpreendentemente quente. Ao entrar pensei por um instante que todos os quatro fornos estivessem ocupados assando delícias.

Então vi a porta dos fundos aberta. A noite desértica, ainda torrando sob o obstinado sol de verão, sugava o frescor da cozinha.

Quando me aproximei da porta para fechá-la, vi Bob Robertson no quintal dos fundos, mais pálido e fungoide do que nunca.

DEZESSETE

ROBERTSON CONTINUAVA FITANDO A CASA, COMO SE ESPERASSE ser visto. Então se virou e caminhou em direção ao fim do terreno.

Hesitei por muito tempo no vão da porta, incerto do que fazer. Presumi que um dos vizinhos dele tivesse me reconhecido e contado que andei bisbilhotando a casa em sua ausência. Mas a rapidez com que me rastreara e começara a me espionar era desconcertante.

Minha paralisação se interrompeu quando percebi que tinha colocado Ozzie em perigo, tinha levado aquele psicopata até a casa dele. Deixei a cozinha, cruzei o alpendre, desci os degraus até o pátio, pisei sobre o gramado e fui atrás de Robertson.

A casa de Ozzie fica na parte da frente do terreno. A maior parte da propriedade é ocupada por um gramado e por árvores que a escondem dos vizinhos. Na metade posterior do terreno, as árvores crescem mais densas que na frente, suficientemente próximas para se qualificarem como um pequeno bosque.

Robertson entrou naquele emaranhado de figueiras, podocareiras, aroeiras — e desapareceu de vista.

O sol, que se arrastava em direção ao poente, se infiltrava nas árvores onde quer que encontrasse espaços estreitos, mas, a maior parte, os galhos baixos ofereciam resistência.

Os poucos fachos de luz intrusiva inibiam a busca, quando de ajudar. Iluminavam pouco, mas eram suficientemente numerosos para impedir que meus olhos se ajustassem bem a escuridão. Temeroso de não vasculhar direito o bosque e, portanto, dar a Robertson a chance de esgueirar-se atrás de mim, demorei muito chegar ao portão da cerca dos fundos. Eu o encontrei fechado, era preso por uma trava automática que teria se encaixado na casa imediatamente após a passagem de Robertson.

O portão dava para uma pitoresca viela pavimentada por tijolos flanqueada por cercas e garagens, sombreada aqui e ali por aroeiras graciosas. Nem Bob Robertson, andava em qualquer das direções.

Voltando pelo bosque, eu quase esperava que ele, escondido,

mas esperando para me pegar desprevenido, se arremessasse em cima de mim. Se Robertson estivesse realmente se escondendo naquelas árvores, devia ter percebido que eu continuava alerta, não arriscou um ataque.

Quando alcancei o alpendre dos fundos, parei, me virei e observei a floresta de bolso. Pássaros voavam daqueles galhos, mas não pareciam perseguidos por alguma coisa, só davam o último voo antes do pôr do sol.

Novamente na cozinha, fechei a porta. Girei a chave na fechadura de segurança. E passei a correntinha também.

Observei atentamente através das vidraças na metade superior da porta. O bosque continuava pacífico. E quieto.

Quando voltei a sala de estar com a garrafa de Cabernet, metade do queijo tinha desaparecido do prato de canapé. Pequeno Ozzie ainda estava assentado em sua cômoda cadeira, onde ele mesmo uma vez se declarou tão aconchegante quanto o Rei Sapo em seu trono.

— Querido Odd, eu começava a pensar que você descobrira um guarda-roupa para Nárnia.

Contei a ele sobre Robertson.

— Está dizendo — perguntou Ozzie — que ele estava aqui, em minha casa?

— Sim, acho que sim — respondi enquanto enchia sua taça.

— Fazendo o quê?

— Provavelmente parado no corredor, bem atrás da arcada, ouvindo nossa conversa.

— Isso é por demais ousado.

Colocando a garrafa num descanso ao lado da taça dele, esforçando-me para reprimir a paralisia medrosa que teria feito minhas mãos tremerem, disse:

— Não mais ousado do que eu quando entrei na casa dele para remexer nas gavetas.

— Creio que não. Mas você está do lado dos deuses, enquanto este desgraçado me soa como uma gigantesca barata albina com passagem direta para o Inferno.

Chester, O Terrível tinha se mudado do peitoril para minha poltrona. Ergueu a cabeça para me desafiar pela posse do assento. Olhos eram tão verdes quanto os de um demônio maquinador.

— Se eu fosse você — aconselhou Ozzie —, me sentaria em outro lugar. — Ele indicou a garrafa de vinho. — Não quer uma taça?

— Ainda não terminei a primeira — respondi. — E preciso mesmo, ir andando. Stormy Llewellyn, jantar, tudo isso. Mas não se levante.

— Não me diga para não levantar — resmungou ao começar o processo de desengatar seu corpanzil das almofadas da poltrona como as mandíbulas famintas de uma exótica planta carnívoras e grudado com considerável sucção ao redor de suas coxas e nádegas.

— Senhor, não é mesmo necessário.

— Não me diga o que é necessário, seu filhotinho presunçoso, a coisa que eu desejo fazer é necessária, por mais inútil que pareça.

As vezes, quando se levanta após ficar sentando por um tempo, o rosto fica vermelho com o esforço, quando não fica muito. Assusta-me pensar que algo tão simples quanto se levantar da cadeira exija tanto esforço.

Felizmente, o rosto de Ozzie não corou nem empalideceu outra vez. Talvez fortificado pelo vinho e carregado apenas com do prato de queijo, ele agora ficara de pé mais rápido que tartaruga do deserto puxando-se de um charco seco de areias.

— Agora que está de pé, acho que deveria trancar a porta quando eu sair. E mantenha todas as portas trancadas até esta coisa se resolver. Não atenda a campainha, a menos que possa ver quem tocou.

— Não tenho medo dele — declarou Ozzie. — Meus órgãos vitais bem estofados são difíceis de alcançar seja com lâmina ou bala. E sei umas coisinhas sobre autodefesa.

— Ele é perigoso, senhor. Pode ter se controlado até agora, mas quando estourar, Robertson será tão cruel que vai virar notícia de Paris até o Japão. Eu tenho medo dele.

Ozzie ignorou minha preocupação com um gesto de sua mão de seis dedos.

— Ao contrário de você, tenho uma arma. Mais de uma, aliás.

— Comece a deixá-las à mão. Lamento tê-lo atraído até aqui.

— Bobagem! Ele era apenas uma sujeira que você não sabia estar agarrada ao seu sapato.

Sempre que deixo aquela casa após uma visita, Ozzie me abraça como um pai abraça o filho amado, como nenhum de nós jamais foi abraçado pelo próprio pai.

E todas as vezes, fico surpreso por ele parecer tão frágil apesar do formidável corpanzil. É como se eu pudesse sentir um Ozzie chocantemente magro por baixo dos mantos de gordura, um Ozzie que está sendo constantemente esmagado pelas camadas que a vida derramou sobre ele.

Parado à porta, recomendou-me:

— Diga a Stormy que mando um beijo.

— Vou dizer.

— E traga Stormy para testemunhar minha vaca destrozada e a vilania que ela representa.

— Stormy ficará horrorizada. Vai precisar de vinho. Traremos uma garrafa.

— Não precisa. Tenho uma adega cheia.

Esperei na varanda até ouvir a fechadura de segurança ser girada.

Enquanto lidava com a entrada coberta por pedaços de vaca para dar a volta no Mustang e abrir a porta do motorista, observei a noite silenciosa. Nem Robertson nem seu Ford Explorer empoeirado estavam a vista.

No carro, quando liguei o motor, de súbito suspeitei de que fosse explodir como a vaca. Eu estava muito nervoso.

Segui um caminho tortuoso de Jack Flats até a igreja católica o Bartolomeu, no distrito histórico, dando várias oportunidades para que ele se revelasse. Todo o tráfico atrás de mim parece inocente de qualquer intenção de perseguição. Contudo, sinto-me observado.

DEZOITO

PICO MUNDO NÃO É UMA CIDADE DE ARRANHA-CÉUS. A recente construção de um prédio de cinco andares deixou os residentes mais antigos tontos, com uma indesejável sensação de tumulto metropolitano. Os editoriais no Maravilla County Times usavam expressões como praga urbana e revelavam a preocupação dos moradores com um futuro repleto de paredões cruéis, cuja arquitetura desolada reduz as pessoas a condição de habitantes de uma colmeia na qual o sol nunca adentra por completo.

O sol do Mojave não é como o solzinho tímido de Boston ou o tranquilo sol caribenho. Ele é uma fera selvagem e agressiva que não será intimidada pelas sombras de prédios de apartamentos de cinco andares.

Contando a torre e sua agulha, a igreja de São Bartolomeu é de longe a mais alta estrutura de Pico Mundo. As vezes, ao crepúsculo, abrigadas pelas telhas coloniais, as paredes brancas brilham como o vidro de uma lamparina.

Faltando meia hora para o pôr do sol daquela terça-feira, o céu poente resplandecia em laranja, que serenamente se transformava em vermelho, como se o sol estivesse ferido e passando em caminho de descida. As paredes brancas da igreja refletiam a cor dos céus, pareciam impregnadas de fogo sagrado.

Stormy esperava por mim na frente da São Bartolomeu, sentada no degrau do topo, ao lado de uma cesta de piquenique.

Ela havia trocado o uniforme branco e rosa da Burke & Bailey's por sandálias, calça branca e blusa turquesa. Se me parecia bonita antes, agora estava arrebatadora. Com os cabelos negros e os olhos preto-azeviche, Stormy poderia ter sido a noiva um faraó, saída dos tempos do antigo Egito. Em seus olhos existiam mistérios que se rivalizariam aos da Esfinge e aos de que as pirâmides que já foram, e ainda serão, escavadas das areias do Saara.

Como se lesse minha mente, ela disse:

— Você deixou sua torneira de hormônios aberta. Feche isso, rapaz da chapa. Isto aqui é uma igreja.

Apanhei a cesta de piquenique e, quando Stormy se pôs de pé dei-lhe um beijo na bochecha.

— Por outro lado, isso foi casto demais — afirmou.

— Porque foi um beijo do Pequeno Ozzie.

— Ele é um amor. Ouvi dizer que explodiram a vaca dele.

— Foi uma verdadeira carnificina, pedaços de vaca de plástico espalhados por todo lado.

— O que vem depois? Esquadrões da morte atirando em grades de jardim?

— O mundo está louco — concordei.

Entramos na São Bartolomeu pela porta principal. O nártex espaço suavemente iluminado e acolhedor, adornado por painéis de cerejeira escurecida com realces em tom rubi.

Em vez de irmos para a nave, viramos imediatamente a direita e caminhamos até uma porta trancada. Stormy tirou do bolso uma chave e abriu a passagem para a base da torre do sino.

O padre Sean Llewellyn, reitor da São Bartolomeu, é tio de Stormy. Ele sabe o quanto ela ama a torre, então lhe cede uma chave.

Quando a porta se fechou silenciosamente atrás de nós, a doce fragrância de incenso esmoreceu e um leve cheiro de mofo ergueu-se.

Os degraus da torre eram escuros. Sem errar, encontrei os lábios de Stormy num beijo rápido, porém mais doce que o primeiro, antes que ela acendesse a luz.

— Menino mau.

— Beijo bom.

— De certa forma, é muito estranho ... beijo de língua na igreja.

— Tecnicamente, não estamos na igreja — respondi.

— E suponho que tecnicamente aquilo não era uma língua.

— Tenho certeza de que há um termo médico mais correto para

isso.

— Há um termo médico para você — disse ela.

— Qual? — perguntei, carregando a cesta enquanto eu a seguia pela escada em espiral.

— Priápico.

— O que quer dizer?

— Alguém perpetuamente excitado.

— Você não quer que um médico cure isso, quer?

— Não preciso de médico. A medicina popular oferece uma cura confiável.

— Mesmo? Qual?

— Um soco rápido e forte na fonte do problema.

Eu me encolhi e disse:

— Você não é nenhuma Florence Nightingale. Vou começar a usar um protetor.

Ao final da escada em espiral, uma porta se abria para o campanário.

Um carrilhão de três sinos de bronze, todos enormes, mas de tipos diferentes, estava pendurado no teto ao centro daquela torre elevada. Um passadiço de dois metros de largura os dava.

Os sinos tinham tocado para as vésperas as 19 horas; não volta a tocar até a missa da manhã.

Três lados do campanário eram abertos, com uma mureta que ficava a cintura, proporcionando vistas esplêndidas de Pico do vale de Maravilla e das colinas mais além. Paramos no oeste, o melhor para apreciar o pôr do sol.

Na cesta, Stormy tirou um pote cheio de nozes descascadas e levemente temperadas com uma mistura de sal e açúcar e me deu uma. Delicioso — tanto a noz quando o fato de ser perguntado por Stormy.

Abri uma garrafa de excelente Merlot e servi enquanto segurava

as taças.

Era por isso que não terminara o Cabernet por mais que insistisse o Pequeno Ozzie, prefiro beber com Stormy.

Não comemos naquele lugar toda noite, só uma ou duas vezes, quando Stormy precisa ficar bem acima do mundo. E perto do Paraíso.

— A Ozzie — disse Stormy, erguendo a taça num brinde — com a esperança de que um dia haja fim para todas as perdas.

Não perguntei o que queria dizer por achar que sabia a resposta. Por causa da aflição de seu peso, muita coisas foram negadas a Ozzie nesta vida, coisas que ele talvez nunca experimente.

Laranja-cítrico perto do horizonte, laranja-sangue ao longo do firmamento. O céu tornava-se púrpura bem acima de nossas cabeças. No leste, as primeiras estrelas da noite logo começariam a aparecer.

— O céu está tão limpo — disse Stormy. — Será possível ver Cassiopeia esta noite.

Referia-se a constelação setentrional nomeada segundo uma figura da mitologia clássica, mas Cassiopeia também era o nome da mãe de Stormy, que morreu quando ela tinha 7 anos. O pai falecera no mesmo acidente de avião.

Sem qualquer família, exceto o tio, o padre, ela foi colocada em adoção. Quando a adoção teve boa razão para ser desfeita após três meses, Stormy deixou explicitamente claro que não queria pais novos, apenas o retorno daqueles que amara e perdera.

Até os 17 anos, idade em que se formou no colegial, viveu num orfanato. Depois disso, viveu por mais um ano sob tutela legal do tio.

Para quem era sobrinha de um padre, Stormy tinha uma estranha relação com Deus. A raiva estava sempre presente — as vezes até demais.

— E o Homem-Fungo? — perguntou.

— Chester, o Terrível não gosta dele.

— Chester, o Terrível não gosta de ninguém.

— Acho que Chester até tem medo dele.

— Isso sim é novidade.

— Ele é uma granada de mão com o pino já puxado.

— Chester, o Terrível?

— Não. O Homem-Fungo. O verdadeiro nome dele é Bob Robertson. Os pelos das costas dele estavam eriçados de uma forma que nunca vi antes.

— Bob Robertson tem muito pelo nas costas?

— Não. Estou falando de Chester, o Terrível. Mesmo quando assustou aquele pastor alemão imenso, ele não eriçou os pelos como hoje

— Coloque-me por dentro, esquisitão. Como é possível Bob Robertson e Chester, o Terrível estivessem no mesmo barco?

— Acho que ele está me seguindo por aí desde que invadi casa.

Quando falei a palavra seguindo, um movimento no cemitério chamou a minha atenção.

Do lado oeste da São Bartolomeu existe um cemitério de antigo: nada de placas de bronze fixadas sobre a grama, cemitérios modernos, apenas lápides verticais e monumentos. Uma cerca de ferro com barras pontiagudas protege o cemitério. Embora uns poucos carvalhos da Califórnia, com mais de século de idade, sombreassem portões do cemitério, a maior parte das passagens verdes eram abertas ao sol.

Sob o brilho abrasador do crepúsculo daquela terça-feira, a aparecia ter um tom suave de bronze, as sombras eram tão escuras quanto carvão, as superfícies polidas das lápides de granito espelhavam o céu escarlate. E Robertson estava tão imóvel quanto qualquer outra lápide do cemitério da igreja, não sob a proteção de uma árvore, mas onde poderia ser facilmente visto.

Tendo deixado sua taça sobre o parapeito, Stormy agachou-se da cesta.

— Trouxe um queijo que é perfeito com este vinho.

Se Robertson estivesse parado com a cabeça baixa, estudando a inscrição de alguma lápide, ainda assim eu ficaria perturbado em vê-lo ali. Mas a situação era pior. Ele não fora a igreja para prestar respeito aos mortos, nem por qualquer outra razão tão inocente quanto aquela.

Com a cabeça inclinada para trás, os olhos fixos em mim no parapeito do campanário, a singular intensidade de seu olhar crepitava como um arco elétrico.

Por trás dos carvalhos, depois da cerca de ferro, eu podia enxergar partes das duas ruas que se cruzavam no canto noroeste do cemitério. Até onde eu sabia, nenhum veículo policial, identificado ou não, estacionara em qualquer das avenidas.

Chefe Porter prometera destacar um homem para observar a casa em Camp's End. Se Robertson, no entanto, ainda não tivesse aparecido em casa, o oficial não poderia ter estabelecido vigilância.

— Quer biscoitos com o queijo? — perguntou Stormy.

O carmesim tinha se infiltrado no céu de verão, próximo ao horizonte, avançando até fazer com que a brilhante faixa laranja do poente se reduzisse a uma tênue amostra. O próprio ar parecia pintado de vermelho. As sombras das árvores e das tumbas, já pretas como fuligem, tornavam-se ainda mais escuras.

Robertson chegara com o cair da noite. Coloquei minha taça ao lado da de Stormy.

— Temos um problema.

— Biscoitos não são problema — disse Stormy —, apenas uma opção.

Um farfalhar alto e súbito me assustou.

Virando-me para ver os três pombos que adentravam o campanário em busca dos ninhos nas vigas acima dos sinos, esbarrei em Stormy quando ela se erguia com duas pequenas vasilhas. Biscoitos e prismas de queijo espalharam-se pelo passadiço.

— Oddie, que sujeira! — Ela se inclinou, deixou as vasilhas de lado e começou a recolher os biscoitos e o queijo.

Lá embaixo na grama que escurecia, Robertson, com ombros caídos, continuava com os braços parados ao lado do corpo.

Ciente de que eu estava tão atento a ele quanto ele a mim, decidi então erguer o braço direito, quase como se numa saudação nazista.

— Vai me ajudar aqui, ou vai agir como um típico homem? — perguntou Stormy.

Primeiro pensei que sacuda o punho contra mim, mas apesar da pouca luz — que esmorecia rapidamente —, logo vi que o gesto era ainda menos educado do que me pareceu a princípio. O dedo médio estava estendido, e Robertson o apontava para mim com movimentos curtos e zangados.

— Robertson está aqui — falei.

— Quem?

— O Homem-Fungo.

De repente ele começou a caminhar entre as lápides, na direção da igreja.

— Melhor esquecermos o jantar — declarei, colocando Stormy de pé com a intenção de empurrá-la para fora do campanário. — Vamos descer daqui.

Resistindo, virou-se para o parapeito.

— Não deixo ninguém me intimidar.

— Ah, mas eu sim. Ainda mais se forem loucos.

— Onde ele está? Não o vejo.

Inclinando-me, olhando para baixo, também não consegui vê-lo. Aparentemente Robertson alcançara a parte da frente ou dos fundos da igreja e contornava o prédio.

— A porta ao fim da escada — lembrei. — Ela fechou automaticamente quando entramos na torre?

— Não sei. Acho que não.

Não gostava da ideia de ficar aprisionado no topo da torre, mesmo que pudéssemos gritar por socorro, sabendo que certamente seríamos ouvidos. A porta do campanário não tinha tranca. Duvidava de que nós dois pudéssemos mantê-la fechada da caso Robertson, num acesso de fúria, estivesse determinado a abri-la.

Agarrando a mão de Stormy, puxando-a para imprimir urgência, corri pelo passadiço, passando por cima do queijo e do biscoitos, rodeando os sinos.

— Vamos sair daqui.

— A cesta, nosso jantar ...

— Deixe aí. Pegamos depois, amanhã.

Tínhamos deixado as luzes da torre acesas. Como a espiral da escada era fechada, eu não conseguia ver todo o caminho até o fundo, só até onde a curva das paredes permitia.

Lá embaixo, tudo estava silencioso.

— Depressa! — Apressei Stormy e, sem usar o corrimão, desci à frente dela pelos degraus íngremes, estabelecendo um passo rápido demais para ser seguro.

DEZENOVE

DESCENDO, DESCENDO, RODANDO E DESCENDO, EU SEGUIA na frente de Stormy, arrancando barulho demais dos degraus de cerâmica mexicana, incapaz de ouvir Robertson caso ele estivesse subindo para nos encontrar.

Na metade do caminho perguntei-me se essa pressa não seria uma reação exagerada. Então lembrei do punho erguido, do dedo estendido, das fotos de olhar furioso do seu escritório.

Desci ainda mais rápido, rodando e rodando, incapaz de afastar da mente a imagem de Robertson esperando lá embaixo com uma faca na qual eu mesmo poderia me empalar com aquela correria.

Quando alcançamos a base sem nos deparar com Robertson, descobrimos que a porta estava destrancada. Abri-a com cautela. Contrário às minhas expectativas, ele não esperava por nós no pátex suavemente iluminado.

Enquanto descia a escada da torre, eu soltara a mão de Stormy. Agarrei-a outra vez, para mantê-la perto de mim.

Quando abri a porta que, das três principais, era a que ficava ao centro, vi Robertson subindo os degraus da igreja. Embora não corresse em minha direção, aproximava-se com a rígida implacabilidade de um tanque cruzando o campo de batalha.

Sob a apocalíptica luz carmesim, podia ver que seu sorriso de causar arrepios, que sempre parecera permanente, tinha desaparecido. Os olhos cinza-claros tomaram emprestado o matiz sanguinário do pôr do sol, o rosto contorcido por um ar de ódio assassino.

O Mustang de Terri esperava ao meio-fio. Não conseguíamos alcançá-lo sem passar por Robertson.

Eu luto quando é preciso, até contra oponentes que me causam medo, mas nunca uso o conflito físico como primeiro recurso, nem mesmo por uma errônea questão de princípios.

Não sou vaidoso, mas gosto do meu rosto do jeito que é.

Prefiro que não seja violentamente agredido.

Robertson era maior que eu, mesmo flácido. Se sua raiva fosse a de um homem comum, inflado por excesso cerveja, eu poderia confrontá-lo confiante de que o derrotaria.

Mas era um lunático, um objeto de fascinação para *bodachs*, um venerador de assassinos em massa e assassinos em série. Eu só poderia presumir que carregava uma arma, uma faca, ou que, no meio de uma luta, poderia começar a me morder como um cachorro.

Talvez Stormy tentasse chutar-lhe o traseiro — no caso dela, não seria uma reação incomum —, mas preferi não correr o risco. Dando as costas para a entrada, puxei Stormy pela mão e a encorajei a atravessar uma das portas entre o nártex e a nave.

Na igreja deserta, fracas luzes marcavam o corredor central.

O enorme crucifixo atrás do altar reluzia devido a um pequeno refletor no teto. As chamas tremeluziam nos vidros cor de rubi nas prateleiras para velas votivas.

Aqueles pontos de luz e o pôr do sol avermelhado, visto por trás dos vitrais das janelas na parede oeste, não afastavam a congregação de sombras que enchiam os bancos e os corredores laterais.

Disparamos pelo corredor central, esperando que Robertson irrompesse com a fúria de um touro raivoso por uma das portas do nártex. Sem escutarmos nada até alcançarmos o gradil que demarcava o altar, paramos e olhamos para trás.

Ao que tudo indicava, Robertson não entrara. Se estivesse na nave, certamente teria vindo direto atrás de nós pelo corredor central.

Embora a lógica argumentasse contra minha intuição, sem qualquer evidência na qual me sustentar, suspeitava de que Robertson estava conosco. A pele arrepiada de meu braço denunciava meu medo.

O instinto de Stormy sincronizava com o meu. Vasculhando as sombras geométricas formadas por bancos, corredores e colunatas, ela sussurrou:

— Ele está mais perto do que pensamos. Está muito perto.

Abri o portãozinho do gradil. Passamos, andando em absoluto silêncio, evitando encobrir qualquer ruído que denunciasses a aproximação de Robertson.

Enquanto caminhávamos pelo coro e subíamos a galeria para alcançar o altar-mor, eu já não olhava tanto para trás e prosseguia com cautela redobrada. Inexplicavelmente, contrário a minha mente, meu coração dizia que o perigo estava à frente.

Nosso perseguidor não poderia ter se esgueirado ao nosso encalço sem ser percebido. Além do mais, não havia razão para Robertson fazer isso, já que podia nos atacar diretamente.

No entanto, a cada passo que eu dava, a tensão aumentava no tendão de cada músculo da minha nuca, que se tornavam tão esticados quanto as molas de um relógio de corda.

Pelo canto do olho, vislumbrei um movimento perto do altar e me virei naquela direção, puxando Stormy para mais perto. Sua mão apertou-me com mais força do que antes.

O Cristo crucificado de bronze mexia-se, como se, por um milagre, o metal tivesse se tornado carne, como se Ele fosse libertar-se da cruz e descer para reassumir seu posto terreno de messias.

Uma grande mariposa com asas em forma de leque voou das lentes quentes do refletor do teto. A ilusão do movimento — que a sombra exagerada e flutuante do inseto tinha concedido à figura de bronze — foi imediatamente dissipada.

A chave da porta da torre de Stormy também abria a porta nos fundos do santuário. Atrás ficava a sacristia, na qual o padre se preparava antes de cada missa.

Olhei para trás, examinando o santuário, a nave. Silêncio.

Quietude. Exceto pelo jogo de sombras da mariposa.

Depois de usar a chave e devolvê-la para Stormy, empurrei a porta almofadada com certo temor.

Meu medo, naquele instante, não tinha qualquer base racional. Robertson não era um mágico capaz de aparecer por ilusionismo num cômodo trancado.

Contudo, meu coração batia tresloucado contra minhas costelas. Quando procurei pelo interruptor de luz, nenhum punhal surgiu para prender minha mão à parede. A luz do teto revelou um cômodo pequeno e simples, sem nenhum psicopata grandalhão com cabelo amarelo esponjoso como mofo.

À esquerda ficava o genuflexório, onde o padre se ajoelhava para oferecer sua prece particular antes de celebrar a missa. À direita ficavam os armários para os paramentos, além de um baú para as vestimentas.

Stormy fechou a porta do santuário e trancou a fechadura de segurança.

Atravessamos rapidamente o cômodo até a porta externa da sacristia. Eu sabia que atrás dela estava o pátio leste da igreja, onde uma trilha de pedra levava ao presbitério onde o tio de Stormy vivia.

Aquela porta também estava trancada.

Por dentro da sacristia, a tranca poderia ser aberta sem chave.

Agarrei o trinco ... mas hesitei.

Talvez não tivéssemos ouvido ou visto Robertson entrar na nave pelo nártex simplesmente por ele não ter entrado pela frente da igreja depois que o vi subindo os degraus.

E talvez, antecipando que tentaríamos fugir pelos fundos, ele houvesse circulado o prédio para nos esperar do lado de fora da sacristia. Isso explicaria por que eu tinha o pressentimento de que nos movíamos na direção do perigo, em vez de fugirmos dele.

— O que foi? - perguntou Stormy.

Pedi silêncio — o que seria um erro fatal em quaisquer circunstâncias, exceto naquela — e ouvi pela fenda entre a porta e o batente. Um finíssimo sopro de ar quente fez cócegas na minha orelha, mas com ele não veio qualquer som de fora.

Esperei. Ouvi. Fiquei cada vez mais inquieto. Afastando-me da porta exterior, sussurrei para Stormy.

— Vamos voltar por onde entramos.

Retornamos à porta entre a sacristia e o santuário, que Stormy trancara. Mas hesitei novamente com meus dedos na fechadura de segurança.

Colocando o ouvido contra a fenda entre aquela porta e o batente, ouvi a igreja do outro lado. Nenhum sopro de ar incomodou meu canal auditivo, nenhum ruído furtivo ou intrigante.

As duas portas da sacristia estavam trancadas por dentro.

Para chegar a nós, Robertson precisaria de uma chave, algo que ele não possuía.

— Não vamos ficar aqui esperando até a missa da manhã — disse Stormy, como se pudesse ler por meus pensamentos com a mesma facilidade com que se navega por um documento no computador.

Meu celular estava preso ao cinto. Poderia usá-lo para ligar para o chefe Porter e explicar a situação.

Contudo existia a possibilidade de Bob Robertson ter pensado duas vezes sobre a prudência de me atacar num lugar público como a igreja, mesmo que naquele momento não houvesse fiéis ou testemunhas presentes. Tendo refreado seu rompante de raiva, poderia ter ido embora.

Se o chefe despachasse um carro-patrolha para a São Bartolomeu ou se ele mesmo viesse, só para descobrir que não havia nenhum psicopata sorridente, minha credibilidade sofreria um golpe. A boa vontade que conquistei ao longo dos anos com Wyatt Porter me permitiria fazer um ou dois saques da minha conta corrente, mas eu me sentia relutante em fazê-lo.

É da natureza humana acreditar na magia de um ilusionista — e também zombar e lhe dar as costas no momento em que comete o menor erro, revelando seu artifício. O auditório fica constrangido por ser ludibriado tão facilmente e culpa o artista pela própria credulidade.

Embora eu não empregue nenhum truque, embora ofereça a verdade descoberta por meios sobrenaturais, não estou ciente apenas da vulnerabilidade do mágico, mas também do perigo que é ser o garoto que denuncia a farsa — neste caso, o garoto que

denuncia o Homem-Fungo.

A maioria das pessoas deseja desesperadamente acreditar que é parte de um grande mistério, que a Criação é uma obra de graça e glória, não o mero resultado da colisão de forças randômicas. Mas sempre que se oferece uma razão para a dúvida, o vermezinho que se instala na maçã do coração faz com que as pessoas ignorem inúmeras provas da existência do miraculoso e que, por consequência, experimentem uma sede de bêbado pelo cinismo e se cimentem do desespero tal qual um homem faminto atacando pelo pão.

E como testemunha do miraculoso, eu ando sobre um fio alto demais para dar um passo errado e ainda assim sobreviver.

Chefe Porter é um bom homem, mas é humano. Demoraria a me virar as costas, mas caso sentisse que o fizera de bobo mais de vez, essa atitude certamente ocorreria.

Eu poderia usar o celular para ligar para o tio de Stormy, no presbitério. Ele viria em nosso socorro sem demora e sem muitas perguntas estranhas.

Robertson, contudo, era um monstro humano, não um de origem sobrenatural. Se estivesse à espreita no pátio da igreja, não seria detido por um simples colarinho romano ou pelo brandir de crucifixo.

Tendo colocado Stormy em perigo, desisti imediatamente da ideia de envolver também seu tio.

Duas portas de sacristia. A externa levava ao pátio da igreja.

A interna, para o santuário.

Como não ouvi nada em qualquer saída, precisava confiar na intuição. Escolhi a porta para o santuário.

Aparentemente, a bolinha saltitante da intuição de Stormy ainda não tinha se decidido por parar em algum número. Colocou sua mão sobre a minha enquanto eu segurava o trinco.

Nossos olhos se encontraram por um momento. Então nos voltamos para a porta externa.

Foi um momento em que o cartão que tiramos da máquina de adivinhação no parque de diversões parecia indiscutivelmente significativo.

Sem trocarmos palavra, chegamos a um plano que nós dois compreendíamos. Fiquei na porta que dava para o santuário. Stormy voltou para a porta do pátio.

Se quando destrancasse a porta, Robertson se lançasse sobre mim, Stormy abriria a porta externa e dispararia do santuário, gritando por socorro. Eu tentaria segui-la ... e continuar vivo.

VINTE

AQUELE MOMENTO NA SACRISTIA DESTILAVA A ESSÊNCIA da minha existência inteira: sempre entre duas portas, entre uma vida com os vivos e uma vida com os mortos, entre a transcendência e o terror.

Do outro lado do cômodo, Stormy acenou com a cabeça.

No genuflexório, um livrinho de orações aguardava que um padre se ajoelhasse diante dele.

Sem dúvida havia garrafas de vinho sacramental armazenadas um dos armários. Bem que eu poderia ter feito uso de um pouco de fortificação espiritual.

Inclinei-me com força sobre a porta para mantê-la no lugar. Quando abri o trinco, a trava fez um ruído baixo, semelhante ao uma navalha sendo afiada.

Se Robertson estivesse a postos para precipitar-se sobre mim, teria ter reagido ao som da fechadura de segurança recuando contra a testa no batente da porta. Claro que podia ser menos esquentado e mais astucioso do que parecera antes, quando estava ado no cemitério sacudindo o dedo para nós.

Talvez suspeitasse de que eu prendia a porta com meu corpo e que fecharia o trinco no instante em que ele tentasse empurrá-la para dentro da sacristia. Por mais insano que pudesse ser, no entanto, teria alguma intuição própria.

O Bob Robertson que deixava a cozinha cheia de pratos sujos, cascas de banana e migalhas de pão era desleixado demais para ser um estrategista inteligente. O Robertson que mantinha o escritório limpo e guardava pastas meticulosas naqueles arquivos medonhos era, entretanto, um homem diferente daquele cuja sala de estar apresentava montes de revistas baratas e romances usados.

Eu não sabia qual Bob Robertson podia estar, naquele momento, do outro lado da porta.

Quando olhei para Stormy, ela fez um gesto que significaria tanto ande logo quanto você decide.

Escorando a porta com forte propósito, virei a maçaneta inteira

para a direita. Ela rangeu. Eu ficaria impressionado se não tivesse rangido.

Mudei o peso e deixei a porta se abrir meio centímetro ... um centímetro ... depois, por completo.

Se Robertson aguardasse em alguma das entradas da sacristia, estaria lá fora no pátio. Parado na abreviação rubra da última luz do dia, assemelharia-se a algo que deveria estar sob lápide de granito.

Stormy afastou-se de seu posto. Juntos voltamos rapidamente ao santuário, do qual estávamos tão ansiosos para fugir apenas dois minutos atrás.

A mariposa dançava diante da luz e, outra vez, Cristo parecia se torcer na cruz.

O prolongado cheiro do incenso deixara de ser doce, tinha uma nova adstringência, e as chamas votivas pulsavam com a urgência de aneurismas arteriais prestes a explodir.

Descendo a galeria, passando pelo coro, atravessando o portão o gradil, eu quase esperava que Robertson brotasse diante de nós saído de um esconderijo improvável. Ele havia se tomado uma figura tão ameaçadora em minha mente que não me surpreenderia se ele descesse do teto abobadado sobre nós, dono de asas desenvolvidas subitamente, um furioso anjo negro com hálito de morte.

Estávamos no corredor central quando um grande estrondo e o estilhaçar de vidro espantou o eclesiástico silêncio às nossas costas. Nós viramos, olhamos, mas não vimos nenhum estrago.

A sacristia não tinha janelas e não havia vidro na porta para o pátio. Contudo, o cômodo que acabávamos de deixar parecia ser a fonte daqueles sons de destruição. Os ruídos recomeçaram, mais altos que antes.

Ouvi o que poderia ser o banco atingindo os armários de paramentos, ouvi garrafas de vinho quebrando, ouvi o cálice prateado e outros objetos sacramentais ricocheteando pelas paredes e armários com reverberante retinir metálico.

Em nossa pressa de escapar, tínhamos deixado a luz da sacristia

acesa. Agora, através da porta aberta, a movimentação era visível: uma miscelânea de sombras fluando em meio a fachoas cintilantes de luz.

Não sabia o que estava acontecendo e não pretendia voltar à sacristia e dar uma olhada. Segurei a mão de Stormy novamente. Corremos pelo corredor central, passando por toda a nave antes de atravessarmos a porta para o nártex.

Sáímos da igreja, descemos os degraus e escapamos para um crepúsculo que parecia ter quase sangrado até a morte, que pouco vermelho tinha para oferecer, e que agora começava a empurrar mortalhas roxas sobre as ruas de Pico Mundo.

Por um instante não consegui encaixar a chave trêmula na ignição do Mustang. Stormy apressou-me, como se me apressar já não fosse minha intenção, e finalmente a chave entrou como devia, e o motor ganhou vida.

Deixando uma oferta significativa de borracha diante da São Bartolomeu, viajamos um quarteirão e meio com fumaça nos pneus, tão rápido que parecíamos ter sido teletransportados antes que eu tivesse fôlego para dizer:

— Ligue para o chefe.

Stormy tinha o próprio celular, então teclou o número do telefone da casa de Wyatt Porter que eu ditava. Aguardou enquanto o aparelho chamava, então disse:

— Chefe, é a Stormy. Odd precisa falar com você.

Peguei o telefone e despejei:

— Senhor, se mandar um carro para a São Bartolomeu bem rápido, talvez apanhe o tal Robertson destruindo a sacristia, talvez mais do que a sacristia, talvez a igreja inteira.

Ele me deixou esperando e fez uma ligação na outra linha. Três quarteirões depois da São Bartolomeu, deixei a rua e entrei com o Mustang numa franquia de fast-food mexicano.

— Jantar? — perguntei a Stormy.

— Depois de tudo aquilo na igreja?

Dei de ombros.

— O resto de nossas vidas será depois de tudo aquilo que aconteceu na igreja. Pessoalmente, pretendo comer outra vez, e quanto antes melhor.

— Não será o mesmo que meu banquete na torre.

— Nada poderia ser.

— Confesso que estou morrendo de fome.

Segurando o celular no ouvido e dirigindo com uma das mãos como se isso ainda fosse permitido pela lei, entrei com o Mustang na fila de veículos esperando para chegar à janela de atendimento.

Quando o chefe Porter retomou, perguntou:

— Por que ele está vandalizando a São Bartolomeu?

— Não tenho ideia, senhor. Ele tentou emboscar Stormy e eu no campanário da igreja ...

— O que vocês dois faziam no campanário?

— Um piquenique, senhor.

— Suponho que isso faça sentido para você.

— Sim, senhor. É agradável. Jantamos lá em cima algumas vezes por mês.

— Filho, não quero pegar você jantando no mastro do prédio do tribunal.

— Talvez só alguns aperitivos, senhor, nunca um jantar.

— Se quiser passar aqui, ainda podemos servir churrasco a vocês dois. Traga o Elvis.

— Eu o deixei na igreja batista, senhor. Estou com Stormy na fila para comprar alguns tacos, mas agradeço assim mesmo.

— Fale sobre Robertson. Tenho um homem de vigia em Camp's End, mas ele ainda não voltou para casa.

Eu disse:

— Ele estava no cemitério, viu-nos lá no campanário. Mostrou o

dedo obsceno com bastante ênfase e depois veio atrás de nós.

— Acha que sabe que você esteve na casa dele? — perguntou o chefe.

— Se ele não foi em casa desde que eu estive lá, não sei como ele poderia, mas deve saber. Só um momento, senhor.

Tínhamos alcançado o painel de cardápio.

— Tacos de peixe-espada com molho extra, bolinho de milho frito e uma Coca grande, por favor — pedi ao macaco de sombreiro que segurava um microfone na boca. Olhei para Stormy. Ela assentiu. — Dois de cada.

— Estão no Mexicali Rose? — perguntou o chefe.

— Sim, senhor.

— Os churros são fantásticos. Você deveria provar.

Aceitei a sugestão e pedi uma porção dupla de churros ao macaco, que, como antes, agradeceu com a voz de uma adolescente.

Enquanto a fila de carros arrastava-se a minha frente, continuei:

— Quando escapamos de Robertson na igreja, ele deve ter ficado zangado. Mas não sei por que decidiu descontar no prédio.

— Dois carros estão a caminho da São Bartolomeu, sem sirenes. Talvez já estejam lá agora. Mas vandalismo? Isso não está à altura dos horrores que você disse que ele pretende cometer.

— Não, senhor. Nem de perto. E faltam menos de três horas até 15 de agosto.

— Se conseguirmos estacionar o traseiro dele na cadeia esta noite por vandalismo, teremos uma desculpa para vasculhar sua vida. Talvez isso nos dê a chance de calcular o que está tramando.

Após desejar sorte ao chefe, desliguei e devolvi o celular a Stormy.

Olhei para o relógio. A meia-noite — o dia 15 de agosto — parecia um tsunami, crescendo em altura e poder, correndo em nossa direção com força silenciosa, porém mortal.

VINTE E UM

ESPERANDO PARA OUVIR DO CHEFE QUE TINHAM AGARRADO Robertson no ato de vandalismo, Stormy e eu comemos nosso jantar no estacionamento do Mexicali Rose, com as janelas do Mustang arriadas, esperando pegar uma brisa. A comida estava saborosa, mas o ar quente da noite cheirava a fumaça exaurida.

— Então você arrombou a casa do Homem-Fungo — comentou Stormy.

— Não quebrei vidro nenhum. Usei minha carteira de motorista.

— Ele guarda cabeças decepadas na geladeira?

— Não abri a geladeira.

— Onde mais você esperava encontrar cabeças decepadas?

— Eu não estava procurando nenhuma.

Ela disse:

— Com aquele sorriso de causar arrepios, aqueles estranhos olhos cinza ... A primeira coisa que eu procuraria seria uma coleção de enfeites com orelhas. Esses tacos estão fabulosos.

Eu concordei.

— E gosto de todas as cores do molho. As pimentas verdes e amarelas, o vermelho dos tomates picados, os pedacinhos roxos de cebola ... faz lembrar confete. É assim que se deve fazer molho.

— O que foi? Foi picado pela Martha Stewart, agora é um guru de estilo de vida ambulante? Me diga o que encontrou, já que não viu cabeças.

Contei-lhe sobre o quarto negro.

Lambendo as migalhas de bolinhos de milho dos dedos elegantes, ela alertou-me:

— Escute com atenção, esquisitão.

— Sou todo ouvidos.

— Seus ouvidos são grandes, mas não tanto. Só quero que os

abra bem e escute: não entre naquele quarto negro novamente.

— Ele não existe mais.

— Nem mesmo vá procurar, na esperança de que tenha voltado.

— Isso nunca me passou pela cabeça.

— Passou, sim — discordou ela.

— Passou, sim — admiti. — Digo, gostaria de compreender ... o que é, como funciona.

Para enfatizar a objeção, ela atirou um bolinho de milho em mim.

— É o portão do Inferno. E você não está destinado para o Inferno.

— Não acho que seja o portão do Inferno.

— Então o que é?

— Não sei.

— É o portão do Inferno. Se você for lá procurar e acabar parando no Inferno, não vou descer até lá procurando por você e arrastar esse seu traseiro para longe do fogo.

— Seu aviso está devidamente anotado.

— Já é bem difícil estar casada com um cara que vê mortos e sai à caça deles todos os dias, pior ainda se ele decidir entrar em alguma missão para descobrir o portão para o Inferno.

— Eu não saio à caça deles — respondi. — E desde quando somos casados?

— Seremos — afirmou ela, antes de comer o último bolinho.

Pedi Stormy em casamento mais de uma vez. Apesar de concordarmos que somos almas gêmeas, que estaremos juntos para sempre, ela sempre recusou meus pedidos dizendo algo como: Eu te amo louca e desesperadamente, Oddie. Tão loucamente que cortaria a mão direita por você, se isso fizesse qualquer sentido como prova de amor. Mas esta história de casamento — vamos esquecer esse assunto.

Compreensivelmente, migalhas de taco de peixe-espada caíram

da minha boca quando ouvi que iríamos fazer os votos. Arranquei aqueles pedacinhos da camiseta e os comi, ganhando tempo para pensar furiosamente, antes de dizer:

— Então ... está dizendo que aceita meu pedido?

— Bobo, aceitei tempos atrás. — Ignorando meu ar de espanto, ela disse: — Oh, não com um convencional “Sim, querido, sou sua”, mas aceitei em muitas palavras.

— Não interpretei “vamos esquecer esse assunto” como sim. — Espanando migalhas de peixe-espada da minha camiseta, Stormy declarou:

— Você precisa aprender a ouvir não só com os ouvidos.

— Com que orifício sugere que eu escute?

— Não seja grosseiro. Não fica bem em você. Eu quis dizer que às vezes você precisa ouvir com o coração.

— Escuto com meu coração há tanto tempo que periodicamente tenho que tirar cerume da válvula aórtica.

— Churros? — perguntou, abrindo a sacolinha branca com os doces, imediatamente enchendo o carro com um delicioso aroma de canela.

Eu repliquei:

— Como pode pensar em sobremesa numa hora dessas?

— Fala da hora do jantar?

— Falo da hora de conversar-sobre-nosso-casamento.

Meu coração corria como se estivesse perseguindo alguém ou sendo perseguido, mas com sorte aquela parte do dia acabaria.

— Escute, Stormy, se está mesmo falando sério, então farei algo para melhorar nossa situação financeira. Desisto do trabalho de cozinheiro no Grille, mas não estou falando de pneus. Algo maior.

Seu olhar de divertida especulação era tão pesado que sua cabeça entortou para o lado. Erguendo uma sobrancelha, perguntou:

— E a partir de sua perspectiva, o que poderia ser maior que

pneus?

Pensei um pouco nisso.

— Sapatos.

— Que tipo de sapatos?

— Todos os tipos. Venda de sapatos a varejo.

Ela parecia incerta.

— Isso é maior que pneus?

— Claro. Com que frequência você compra pneus? Nem uma vez ao ano. E só se precisa de um jogo de pneus por veículo. Mas as pessoas precisam de mais de um par de sapatos. Precisam de todos os tipos. Sapatos sociais marrons, sapatos sociais pretos, sapatos de corrida, sandálias ...

— Não você. Tudo o que você tem são três pares do mesmo tênis.

— Sim, mas eu não sou como as outras pessoas.

— Nem um pouco — concordou ela.

— Outra coisa a ser considerada é que nem todo homem, mulher e criança tem carro, mas todos têm pés. Ou quase todos em uma família de cinco pessoas pode possuir dois carros, mas eles tem dez pés.

— Há tantas razões para amar você, Oddie, mas esta talvez seja a minha coisa favorita em você.

Stormy não estava mais com a cabeça inclinada ou a sobrelance erguida. Olhava diretamente para mim. Os olhos dela eram galácticos: tão profundos quanto a escuridão entre duas estrelas no céu. Sua expressão tinha se suavizado com a afeição. Ela parecia sincera e genuinamente emocionada com algo que eu dissera, e essa impressão era sustentada pelo fato de ela ainda não ter tirado um único churro da sacolinha.

Infelizmente, eu devia estar escutando só com meus ouvidos, porque não entendia o que ela queria dizer.

— Sua coisa favorita em mim? Que te dizer ... minha análise

vendas de sapatos?

— Você é mais esperto que qualquer um que eu tenha conhecido ... e ainda assim tão simples. É uma combinação adorável. Cérebro e inocência. Sabedoria e ingenuidade. Perspicácia apurada e genuína doçura.

— Isso é sua coisa favorita em mim?

— No momento, sim.

— Bem, puxa, não é algo em que possa trabalhar.

— Trabalhar?

— Coisas que você gosta em mim, quero torná-las ainda melhores. Digamos que dissesse que gosta da minha aparência, ou do meu gosto para roupas, ou das minhas panquecas. Sempre estou aperfeiçoando minhas panquecas, pergunte a Terri, elas são leves e macias, cheias de sabor. Mas não entendo como ser esperto e simples ao mesmo tempo de uma maneira melhor do que sou agora. Na verdade, nem tenho certeza se sei o que você quer dizer.

— Que bom. Não é nada sobre o que você deva pensar. Não é nada sobre o que você possa trabalhar. É só você. De qualquer forma, quando me casar com você, não será por dinheiro.

Ela me ofereceu um churro.

Considerando o quão rápido meu coração batia e a minha mente rodava, a última coisa que precisava era de açúcar, mas aceitei o doce.

Comemos em silêncio por um minuto, então perguntei:

— Sobre o casamento, quando acha que devemos encomendar o bolo?

— Em breve. Não posso mais esperar muito tempo. — Com alívio e alegria, eu disse:

— Gratificação tardia em excesso pode ser uma coisa ruim. — Stormy exibiu um grande sorriso.

— Está vendo o que está acontecendo aqui?

— Acho que só estou enxergando com meus olhos. O que eu

deveria ver?

— O que está acontecendo é: eu quero outro churro, mas vou comê-lo agora em vez de esperar até a próxima quinta-feira.

— Você é uma mulher desenfreada, Stormy Llewellyn.

— Você não sabe nem a metade.

Aquele tinha sido um dia ruim, com Harlo Landerson, o Homem-Fungo, o quarto negro, *bodachs* por toda parte e Elvis em prantos. Mas sentado ali com Stormy, comendo churros, tudo estava bem no mundo no momento.

O momento não durou muito. Meu celular tocou, e não fiquei surpreso ao ouvir a voz do chefe Porter.

— Filho, a sacristia da São Bartolomeu dá novo significado à palavra destruído. Alguém ficou claramente furioso ali.

— Robertson.

— Tenho certeza de que tem razão. Você sempre tem.

— Provavelmente foi ele. Mas tinha ido embora quando meus homens chegaram à igreja. Você não o viu outra vez?

— Estamos meio que escondidos aqui, mas ... não, nem sinal dele. Esquadrinhei o estacionamento, o contínuo tráfego entrando e saindo da fila do Mexicali Rose, e a rua em frente, procurando pelo Ford Explorer poeirento de Bob Robertson.

O chefe continuou:

— Estávamos vigiando a casa, mas agora estamos realmente atrás dele.

— Posso dar uma chance ao meu magnetismo psíquico — falei, referindo-me à minha habilidade de localizar praticamente qualquer um ao ficar andando a esmo por meia hora.

— Isso é prudente, filho? Digo, com Stormy no carro?

— Vou levá-la para casa primeiro.

Stormy anulou aquela ideia.

— Você pensa que vai, Mulder.

— Ouvi isso — disse chefe Porter.

— Ele ouviu isso — contei a Stormy.

— Que me importa? — resmungou ela.

O chefe Porter parecia achar engraçado:

— Ela chama você de Mulder, como em Arquivo X?

— Nem sempre, senhor. Só quando acha que estou sendo paternalista.

— Você sempre a chama de Scully?

— Só quando estou com humor para ganhar uns tapas.

— Você arruinou o programa — disse o chefe.

— Como fiz isso, senhor?

— Você tornou toda aquela coisa estranha real demais. Já não acho mais o sobrenatural divertido.

— Nem eu — garanti-lhe.

Quando o chefe Porter e eu terminamos de falar, Stormy tinha recolhido todas as embalagens e caixas de nosso jantar e colocado tudo numa sacola. Quando deixamos Mexicali Rose, jogou-a na lata de lixo que ficava junto à pista de saída.

Enquanto eu virava à esquerda na rua, ela me pediu:

— Vamos passar na minha casa primeiro, para que eu possa pegar minha pistola.

— É uma arma de defesa domiciliar. Você não tem licença de porte.

— Não tenho licença para respirar também, mas faço isso mesmo assim.

— Nada de armas — insisti. — Vamos só rodar e ver o que acontece.

— Por que você tem medo de armas?

— Porque elas explodem.

— E por que você sempre evita responder a essa pergunta?

— Nem sempre evito respondê-la.

— Por que você tem medo de armas? — insistiu ela.

— Provavelmente morri com um tiro na vida passada.

— Você não acredita em reencarnação.

— Não acredito em impostos também, mas pago todos.

— Por que você tem medo de armas?

— Talvez por causa de um sonho profético no qual eu levava um tiro.

— Você teve um sonho profético no qual levava um tiro?

— Não.

Stormy sabe ser implacável.

— Por que você tem medo de armas?

E eu sei ser estúpido. Assim que falei, arrependi-me das palavras:

— Por que você tem medo de sexo?

Do subitamente frio e distante banco do carona, Stormy me lançou uma olhada longa e dura, capaz de congelar a medula.

Por um momento fingi não perceber o impacto que minhas palavras haviam provocado. Tentei me concentrar na rua adiante como se eu não passasse de um motorista responsável.

Não tenho talento para fingimento. Logo a olhei, sentindo péssimo, e desculpei-me:

— Sinto muito.

— Não tenho medo de sexo.

— Eu sei. Sinto muito. Sou um idiota.

— Só quero ter certeza ...

Tentei silenciá-la. Ela persistiu:

— Só quero ter certeza de que a razão de estar apaixonado por mim tem mais a ver com outras coisas do que com isso.

— E tem — assegurei-lhe, sentindo-me pequeno e egoísta. —

Outras mil coisas. Você sabe disso.

— Quando estivermos juntos, quero que seja direito, puro e bonito.

— Eu também. E será, Stormy. Quando for a hora certa. Temos muito tempo.

Parando no sinal vermelho, estendi minha mão direita para ela. Fiquei aliviado quando a segurou, emocionado por Stormy mantê-la apertada.

O sinal ficou verde. Dirigi apenas com uma das mãos no volante. Depois de instantes, numa voz baixa de emoção, ela disse:

— Sinto muito, Oddie. Foi minha culpa.

— Não foi sua culpa. Sou um idiota.

— Eu o deixei encurralado perguntando por que tem medo de armas, e quando continuei insistindo, você apenas revidou.

Era a verdade, mas a verdade não me fez sentir nem um pouco melhor quanto ao que eu tinha feito.

Seis meses depois das mortes da mãe e do pai, quando Stormy tinha pouco mais que 7 anos e ainda era Bronwen, ela foi adotada por um casal abastado e sem filhos de Beverly Hills. Eles moravam numa bela propriedade. O futuro parecia promissor.

Uma noite, durante a segunda semana com a nova família, o pai adotivo foi até seu quarto para acordá-la. Ele se expôs e a tocou de uma maneira que a deixou assustada e humilhada.

Ainda chorando a morte dos pais biológicos, amedrontada, desesperadamente sozinha, confusa, envergonhada, Stormy suportou os avanços doentios daquele homem por três meses. Por fim, ela fez queixas para uma assistente social que foi fazer uma visita de acompanhamento para a agência de adoção.

Depois disso, ela viveu no Orfanato São Bartolomeu, intocada, até se formar no colégio.

Nós nos tornamos um casal quando estávamos no segundo ano. Estamos juntos — sempre os melhores amigos um do outro — há mais de quatro anos.

Apesar de tudo o que representávamos um para o outro e de tudo o que esperávamos alcançar nos anos vindouros, eu tinha sido capaz de magoá-la — Por que você tem medo de sexo? — quando me pressionou demais quanto ao meu pavor por armas.

Um cínico uma vez disse que o traço mais identificador da humanidade é nossa capacidade de sermos desumanos uns com os outros.

Sou otimista quanto a nossa espécie. Presumo que Deus também, pois do contrário Ele teria nos limpado do planeta há muito tempo e recomeçado.

Contudo não posso ignorar totalmente a azeda avaliação daquele cínico. Abrigo uma capacidade para a desumanidade, exibida na cruel resposta que dei à pessoa que mais amo em todo o mundo.

Navegamos pelos rios de asfalto por um tempo, sem encontrar o Homem-Fungo, mas lentamente descobrindo nosso caminho de volta para um ao outro.

A certa altura, ela disse:

— Eu amo você, Oddie.

Minha voz estava embargada quando respondi.

— Eu amo você mais que a vida.

— Ficaremos bem — ela retrucou.

— Estamos bem.

— Nós somos esquisitos e problemáticos, mas estamos bem — concordou.

— Se alguém inventasse um termômetro que medisse esquisitice, ele derreteria na minha língua. Mas você — você não é esquisita.

— Então renega minha esquisitice, mas concorda que sou problemática.

— Entendi a questão. Certos tipos de esquisitices podem ser interessantes, mas ser problemático nunca é.

— Exatamente.

— Não foi cavalheiresco de minha parte negar sua esquisitice.

— Desculpas aceitas.

Rodamos um pouco, usando o carro como um adivinho usa seu bastão para procurar água, até eu perceber que entrava no estacionamento do Boliche Green Moon. É uma pista de boliche que fica a 800 metros do shopping onde fica a sorveteria em que Stormy trabalha.

Ela sabe do sonho recorrente que tem perturbado meu sono nos últimos três anos. Sempre vejo os funcionários de um centro de boliche caídos mortos: baleados no estômago, membros quebrados, rostos horivelmente desfigurados, não por algumas balas, mas por artilharia pesada.

— Ele está aqui? — perguntou Stormy.

— Não sei.

— Está se tornando realidade esta noite — o sonho?

— Acho que não. Não sei. Talvez.

Os tacos de peixe-espada nadavam nas correntes ácidas do meu estômago, agitando um amargo efeito colateral em minha garganta.

As palmas das minhas mãos ficaram suadas. E frias. Esfreguei-as no jeans.

Quase desejei ir à casa de Stormy para pegar a arma.

VINTE E DOIS

DOIS TERÇOS DO ESTACIONAMENTO DO CENTRO DE BOLICHE estavam ocupados. Circulei, procurando pelo Explorer de Robertson, mas não o encontrei.

Por fim estacionei e desliguei o motor.

Stormy abriu a porta do passageiro, mas eu disse: - Espere.

- Não me faça chamar você de Mulder - ameaçou ela.

Olhando para as letras em néon verde e azul que soletravam BOLICHE GREEN MOON, tive esperanças de obter um pressentimento que me indicasse se o massacre que eu previa era iminente ou ainda estava distante no futuro. O néon não se comunicou com meu sexto sentido.

O arquiteto tinha desenhado o centro de boliche com responsável consciência dos gastos envolvidos na refrigeração de um prédio tão grande no Mojave. A estrutura de toca, que apresentava tetos baixos por dentro, frustrava a transferência de calor por usar o mínimo de vidro. As paredes de reboco bege-claro refletiam o sol durante o dia e refrescavam rapidamente com o cair da noite.

No passado, aquele prédio não me parecera nefasto; sua natureza me impressionava apenas por causa da eficiência do projeto, pois possuía as linhas limpas e a fachada simples dos prédios mais modernos do deserto. Não me lembrava um depósito de munição, mas pressentia que uma tremenda explosão poderia acontecer em breve dentro daquelas paredes. Depósitos de munição, crematório, tumbas ...

- Os funcionários daqui vestem calça preta e camisa de algodão azul com colarinho branco - comentei com Stormy.

- E daí?

- No meu sonho, todas as vítimas vestiam calça marrom e camiseta polo verde.

Ainda no banco, mas com uma das pernas para fora do Mustang, um pé sobre o asfalto, Stormy disse:

- Então este não é o lugar. Há outra razão para você ter vindo aqui. Seguro o bastante para entrarmos, talvez descobriremos por que estamos aqui.

- Lá no Boliche Fiesta - continuei, referindo-me ao outro único centro de boliche em Pico Mundo e cercanias -, eles vestem calça cinza e camisa preta com os nomes bordados de branco no bolso do peito.

- Então seu sonho deve ser sobre alguma coisa que acontecerá fora de Pico Mundo.

- Isto nunca aconteceu antes.

Passei minha vida inteira na relativa paz de Pico Mundo e arredores. Nunca nem vi as extensões mais distantes do condado de Maravilla, do qual nossa cidade é a sede do governo.

Se eu viver até os 80 anos, uma perspectiva improvável que encaro com desânimo, senão desespero, talvez um dia eu me aventure a visitar o campo ou uma das cidadezinhas distantes do condado. Ou talvez não.

Não ligo para mudanças de cenário ou experiências exóticas.

Meu coração anseia por familiaridade, estabilidade, O conforto de um lar - e minha sanidade depende disso.

Numa cidade do tamanho de Los Angeles, com tantas pessoas comprimidas umas sobre as outras, a violência acontece diariamente, de hora em hora. O número de encontros sanguinários num único ano seria maior que os de toda história de Pico Mundo.

Então certo morrer no agressivo torvelinho do trânsito de Los Angeles quanto uma padaria produzir muffins. Terremotos, incêndios em blocos de apartamentos, incidentes terroristas ...

Só consigo imaginar quantas pessoas mortas assombram as ruas desta e de qualquer outra metrópole. Em tal lugar, com tantos falecidos se voltando para mim por justiça ou consolo, ou apenas por silenciosa companhia, eu sem dúvida buscaria uma rápida escapatória no autismo ou no suicídio.

Mas como eu ainda não estava morto nem era autista, teria que enfrentar o desafio de Boliche Green Moon.

- Tudo bem - falei, capaz de invocar resignação, senão bravata -, vamos entrar e dar uma olhada.

Com o cair da noite, o calçamento de asfalto devolvia o calor que tomara emprestado do sol durante o dia, e com ele se erguia um leve cheiro de piche.

Tão baixa e grande que parecia estar caindo sobre nós, a lua se erguera ao leste: um medonho semblante amarelo, exibindo as crateras vazias de sua eterna contemplação cega.

Talvez porque vovó Sugars fosse incrivelmente supersticiosa com luas amarelas e acreditasse que eram um presságio de cartas ruins no pôquer, entreguei-me a urgência irracional de fugir da vista daquela face celestialleprosa e ictérica. Pegando a mão de Stormy, apressei-a na direção das portas de entrada do centro de boliche.

O boliche é um dos esportes mais velhos do mundo e, de uma forma ou outra, era jogado já em 5.200 a. C.

Só nos Estados Unidos, mais de 7 mil centros de boliche ofereciam diversão em mais de 130 mil pistas.

Os rendimentos anuais do boliche no país alcançavam 5 bilhões de dólares.

Com a esperança de esclarecer meu sonho recorrente e compreender seu significado, fiz pesquisas sobre boliche. Sabia milhares de fatos sobre o assunto, nenhum deles particularmente interessante.

Também aluguei sapatos e joguei oito ou dez partidas. Não sou nada bom no esporte.

Observando-me jogar, Stormy uma vez disse que se eu fosse me tornar um jogador frequente, passaria mais tempo na vala do que um vagabundo alcoolizado.

Mais de 60 milhões de pessoas nos Estados Unidos jogam boliche ao menos uma vez ao ano. Nove milhões são pessoas teimosas que pertencem a ligas de boliche e competem

regularmente em torneios amadores.

Quando Stormy e eu entramos no Boliche Green Moon naquela noite de terça-feira, um significativo percentual daqueles milhões estava ali atirando bolas nas pistas polidas, conseguindo mais spares que splits, porém mais splits que strikes. As pessoas estavam rindo, torcendo umas pelas outras e se divertindo tanto que era difícil imaginar a Morte escolhendo aquele lugar para ceifar uma súbita safra de almas.

Difícil, mas não impossível.

Devia ter ficado pálido, porque Stormy perguntou: - Você está bem?

- Sim. ?. Estou bem.

O baixo trovejar das bolas rolando e o barulho dos pinos nunca me pareceram ruídos apavorantes; mas aquela série irregular de estrondos e colisões desarranjava meus nervos.

- E agora? - perguntou Stormy.

- Boa pergunta. Nenhuma resposta.

- Quer só andar por aí, ver o escopo da cena, ver se sente vibrações ruins?

Eu assenti.

- Sim. O escopo da cena. Vibrações ruins.

Nós não fomos longe antes de vermos algo que fez minha boca ficar seca.

- Oh, meu Deus!

O rapaz atrás do balcão de aluguel de sapatos não viera trabalhar com a calça preta e a camisa de algodão azul com colarinho branco de costume. Vestia calça marrom e camisa polo verde, como as pessoas mortas no sonho.

Stormy virou-se, esquadrinhando o longo espaço ocupado, e apontou para mais dois funcionários.

- Todos receberam uniformes novos.

Como todo pesadelo, o meu era vívido, porém não oferecia riqueza de detalhes, era quase surreal, nada específico quanto a lugar, momento ou circunstâncias. As faces das vítimas do assassinato eram tortas de agonia, retorci das pelo terror, encobertas pelas sombras e por uma luz estranha. Quando acordava, nunca conseguia descrevê-los bem.

Exceto por uma jovem. Ela fora atingida no peito e na garganta, mas o rosto continuara consideravelmente intocado pela violência. Possuía cabelos loiros, olhos verdes e um bonito sinalzinho no lábio superior, perto do canto esquerdo da boca.

Enquanto Stormy e eu prosseguíamos adiante pelo Boliche Green Moon, vi a loira do meu sonho. Estava atrás do bar, servindo cerveja de uma das bicas.

VINTE E TRES

,TORMY E EU NOS SENTAMOS A UMA MESA NUM CANTO DO bar, mas não pedimos bebidas. Eu já estava meio bêbado de medo.

Queria tirá-la daquele boliche. Ela não queria ir. - Precisamos lidar com esta situação - insistiu.

Minha única maneira de lidar com a situa?ão foi ligar para o hefe Porter e dizer-lhe, com poucas explicações, que quando ob Robertson fizesse sua festa para celebrar seu status como um verdadeiro psicopata assassino, o local de seu baile de estreia provavelmente seria o Boliche Green Moon.

Para um homem cansado depois de um dia de trabalho, entupido de churrasco e cerveja, pronto para dormir, o chefe reagiu com admirável rapidez e clareza de ideias.

- Até que horas fica aberto?

Com o telefone na orelha direita, o dedo na orelha esquerda i ara bloquear o ruído da pista, eu disse:

- Acho que até meia-noite, senhor.

- Um pouco mais que duas horas. Vou despachar um oficial agora mesmo, mandarei que fique de guarda, esperando por Robertson. Mas, filho, você disse que poderia acontecer em 15 de agosto - amanhã, não hoje.

- Esta é a data na página de calendário da pasta dele. Não tenho certeza do que significa. Só terei certeza de que não aconteceria hoje quando o dia acabar e Robertson não tiver atirado em ninguém. - Alguma dessas coisas que você chama de bodachs está por aí?

- Não, senhor. Mas podem aparecer quando ele chegar.

- Ele ainda não voltou para a casa em Camp's End - disse o chefe -, então está andando por aí. Como estavam os churros? - Deliciosos - respondi.

- Depois do churrasco, tivemos uma difícil escolha entre torta de chocolate e torta de pêssego. Eu pensei com muito cuidado e comi das duas.

- Se um dia já tive um vislumbre do Paraíso, senhor, foi quando comi uma fatia da torta de pêssego da Sra. Porter.

- Teria me casado só pela torta de pêssego, mas felizmente ela também era esperta e bonita.

Nós nos despedimos. Prendi o celular no cinto e falei com Stormy que precisávamos sair dali.

Ela meneou a cabeça.

- Espere. Se a bartender loira não estiver aqui, o tiroteio não acontecerá. - Ela mantinha a voz baixa, chegando mais perto para ser ouvida acima das colisões e do tropel dos jogadores. - Então precisamos fazer com que ela saia de alguma maneira.

- Não. Uma premonição num sonho não é uma imagem exata do que acontecerá. Ela poderia estar a salvo em casa, e o atirador poderia aparecer de qualquer jeito.

- Mas ao menos ela estaria salva. Uma vítima a menos.

- Exceto que alguém que não teria morrido poderia ser atingido em seu lugar. Como o bartender que a substituir. Ou eu. Ou você.

- Talvez.

- Sim, talvez, mas como posso salvar um se existe a probabilidade de que isso seja a condenação de outro?

Três ou quatro bolas atingiram os pinos numa rápida sucessão. O barulho estrondoso soou como uma rajada automática e, embora eu soubesse que não era uma rajada, eu estremeci do mesmo jeito.

Continuei:

- Não tenho o direito de decidir que um outro morra no lugar dela.

Sonhos proféticos - e as complexas escolhas morais que eles apresentam - raramente me acontecem. E sou grato por isso. - Além disso, qual será a reação dela se eu chegar ao bar e dizer que ela morrerá baleada se não sair daqui?

- Pensará que você é excêntrico ou perigoso, mas talvez vá embora.

- Não vai. Ela ficará ali. Não vai querer colocar seu emprego em risco. Não vai querer parecer medrosa, porque isso a faz parecer fraca, e hoje em dia as mulheres não querem parecer mais fracas que os homens. Mais tarde pedirá que alguém a acompanhe até o carro, e é só.

Stormy olhava para a loira atrás do bar enquanto eu esquadrihava o lugar procurando por bodachs que pudessem ter precedido o executor. Não havia nada além de nós, humanos.

- Ela é tão bonita, tão cheia de vida - disse Stormy, falando da bartender. - Tanta personalidade, uma risada tão contagiante.

- Ela parece mais viva porque você sabe que pode estar destinada a morrer jovem.

- Parece errado sair e deixá-la lá - disse Stormy -, sem avisá-la, sem lhe dar uma chance.

- A melhor maneira de lhe dar uma chance, dar uma chance a todas as vítimas potenciais, é deter Robertson antes que faça qualquer coisa.

- E qual a probabilidade de você detê-lo?

- Melhor do que se ele nunca tivesse entrado no Grille esta manhã e eu nunca tivesse posto os olhos no séquito de bodachs. - Mas você não pode estar certo de que vai detê-lo.

- Nada é certo neste mundo.

Olhando nos meus olhos, pensou no que eu tinha dito, então me lembrou:

- Exceto nós.

- Exceto nós. - Eu empurrei minha cadeira para longe da mesa. - Vamos.

Ainda fitando a loira, Stormy disse: - Isso é tão difícil.

- Eu sei.

- Tão injusto.

- De morte não é?

Ergueu-se da cadeira.

- Não vai deixá-la morrer, vai, Oddie?

- Farei o que puder.

Fomos para fora, esperando sairmos antes que o prometido oficial de polícia chegasse e ficasse curioso com o meu envolvimento.

Nenhum tira da força policial de Pico Mundo compreendia meu relacionamento com chefe Porter. Eles percebem que há algo de diferente em mim, mas não se dão conta do que vejo, do que sei. O chefe me dá boa cobertura.

Alguns pensam que fico pendurado em Wyatt Porter porque quero ser tira. Presumem que anseio pelo glamour da vida policial, mas que não tenho a esperteza ou a coragem necessária para o trabalho.

A maioria acredita que considero o chefe uma figura paterna, já que meu pai verdadeiro é um caso perdido. Esta visão contém certa verdade.

Estão convencidos de que o chefe ficou com pena de mim

quando, aos 16 anos, sem poder continuar vivendo com meu pai ou minha mãe, me vi sozinho no mundo. Como Wyatt e Karla nunca puderam ter filhos, as pessoas acham que o chefe tem uma afeição paternal por mim e que me considera um filho substituto. Eu fico profundamente reconfortado pela possibilidade de este fato possivelmente ser real.

Mas como são tiras, os membros do departamento de polícia de Pico Mundo sentem instintivamente que lhes falta algum conhecimento crucial que lhes possibilite compreender completamente nosso relacionamento. Assim, por mais eu pareça descomplicado e simplório, eles me consideram um quebra-cabeças com várias peças faltando.

Quando Stormy e eu saímos do Boliche Green Moon às 22 horas, uma hora depois do cair da noite, a temperatura em Pico Mundo continuava acima dos 37 graus. Talvez o ar refrescasse mais um grau quando fosse meia-noite.

Se Robertson decidira criar um Inferno na Terra, tínhamos o clima apropriado para isso.

Andando em direção ao Mustang de Terri Stambaugh, ainda pensando na bartender loira marcada para morrer, Stormy disse: - Às vezes não sei como você consegue viver com todas as coisas que vê.

- Atitude - respondi.

- Atitude? E funciona?

- Às vezes sim.

Stormy teria me pressionado por mais explicações, mas o carropatrolha chegou, prendendo-nos na luz do farol antes que pudéssemos alcançar o Mustang. Certo de que eu seria reconhecido, esperei, de mãos dadas com Stormy, que a viatura parasse ao nosso lado.

O oficial em serviço, Simon Varner, estava na força policial havia apenas três ou quatro meses, mais tempo que Bern Eckles, que me olhou com suspeita no churrasco do chefe, mas não por tempo suficiente para que sua curiosidade desvanecesse.

O oficial Varner tinha o rosto tão doce quanto o de qualquer apresentador de programa infantil na TV, e olhos de dios grossos como o finado ator Robert Mitchum. Inclinou-se para a janela aberta, o braço forte descansando sobre a porta, parecendo o modelo para um urso sonolento em algum desenho da Disney.

- Odd, prazer em vê-lo. Srta. Llewellyn. O que devo procurar por aqui?

Eu estava certo de que o chefe não usara meu nome ao despachar o oficial Varner para o centro de boliche. Quando eu estava envolvido num caso, ele fazia questão de manter-me o tão invisível quanto pudesse, nunca aludindo a informações obtidas por meios sobrenaturais, não apenas para proteger meus segredos, mas também para garantir que nenhum advogado de defesa libertasse facilmente um assassino alegando que todo o caso contra seu cliente fora construído em cima da palavra de um esquisito que se autoproc1amava médium.

Por outro lado, por causa de minha intromissão no churrasco ter levado o chefe a empenhar-se na montagem de um rápido perfil de Robertson, Eckles sabia que eu tinha alguma ligação com a situação. Se Eckles sabia, então a notícia se espalharia; já devia estar na boca do departamento de polícia.

Mesmo assim, parecia melhor bancar o estúpido.

- O que deve procurar por aqui? Senhor, não entendi.

- Eu vi você, então imaginei que tivesse dito ao chefe algo que o tenha feito me mandar para cá.

- Só estávamos vendo alguns amigos jogando boliche respondi. - Não sou nada bom jogando.

Stormy disse:

- Ele é o dono da canaleta.

Do banco do lado, Varner puxou uma ampliação impressa em computador da fotografia da carteira de motorista de Bob Robertson.

- Conhece este cara, certo? Eu disse:

- Eu o vi duas vezes hoje. Não o conheço realmente.
- Não disse ao chefe que ele poderia aparecer por aqui?
- Eu não. Como eu poderia saber onde apareceria?

- O chefe disse que se ele aparecer e não estiver com ambas as mãos visíveis, não é porque está tirando balinhas de menta do bolso.

- Eu não duvidaria do chefe

Um Lincoln Navigator saiu da rua e parou atrás da viatura de Varner. Ele colocou todo o braço para fora da janela e sinalizou para que o veículo seguisse adiante.

Pude ver dois homens dentro do Navigator. Nenhum era Robertson.

- Como conheceu este cara? - perguntou Varner.
- Antes do meio-dia, ele apareceu para almoçar no Grille.

As pálpebras daqueles olhos de urso sonolento ergueram-se ligeiramente.

- Isso é tudo? Você fez o almoço dele? Eu pensei. .. que alguma coisa tivesse acontecido entre você e ele.

- Aconteceu. Nada grave. - Condensei o dia, deixando de fora o que Varner não precisava saber: - Ele agia de forma estranha no Grille. O chefe estava lá na hora, viu como ele estava agindo. Então esta tarde, depois que saí do trabalho, fiquei cuidando da minha própria vida, e esse Robertson começou a mostrar o dedo e ser agressivo comigo.

As pesadas pálpebras de Varner pareciam toldos, estreitando os olhos em fendas cheias de suspeita. O instinto lhe dizia que eu estava retendo informações. Não era tão lento quanto parecia. - Agressivo como?

Stormy salvou-me de uma mentira tosca com uma mais aceitável:

- O esquisitão me passou uma cantada muito grosseira, e Odd mandou que ele fosse embora.

O Homem-Fungo não parecia o tipo de machão que pensava que

todas as mulheres suspiravam por ele.

Stormy, no entanto, era tão linda que Varner, já cheio de suspeitas, parecia inclinado a acreditar que até um trapo como Bob Robertson desenvolveria hormônios suficientes para tentar a sorte com ela.

Ele disse:

- O chefe acha que esse cara destruiu a São Bartolomeu.

Você sabe disso, aposto.

Desviando aquele obstinado Sherlock da pista, Stormy comentou:

- Oficial Varner, a curiosidade está me matando. Se não se importa com a pergunta, o que sua tatuagem significa?

Ele usava camisa de manga curta, expondo os antebraços enormes. No braço esquerdo, acima do relógio, havia três letras de forma: PDT.

- Srta. Llewellyn, lamento dizer que eu era muito problemático quando adolescente. Acabei envolvido com gangues.

Mudei o rumo da minha vida antes que fosse tarde demais. Agradeço ao Senhor Jesus por isso. Essa tatuagem era coisa de gangue.

- O que as letras significam? - perguntou. Ele parecia constrangido.

- É uma verdadeira obscenidade, senhorita. Prefiro não dizer.

- Poderia removê-la - disse ela. - Aprimoraram muito a técnica nos últimos anos.

Varner disse:

- Pensei mesmo em fazer isso. Mas deixei para me lembrar o quanto me desviei do caminho certo e de como é fácil dar o primeiro passo errado.

- Isso é fascinante e admirável - salientou Stormy, inclinando-se para mais perto da janela como se quisesse enxergar melhor aquele modelo de virtude. - Muitas pessoas reescrevem o passado em vez

de enfrentá-lo. Fico feliz de saber que temos homens como você zelando por nós.

Stormy despejava aquela xaropada verbal de maneira tão agradável que parecia ser sincera.

Enquanto o oficial Varner se deleitava com a bajulação, ela se virou para mim e disse:

- Odd, preciso ir para casa. Acordo cedo amanhã.

Desejei boa sorte ao oficial Varner, que não fez qualquer tentativa de continuar me interrogando. Parecia ter esquecido suas suspeitas.

No carro, disse a Stormy:

- Nunca percebi que você tinha tamanho talento para enganar alguém.

- Oh, isso seria uma definição forte demais. Eu apenas o manipulei um pouco.

- Depois que casarmos, ficarei prestando atenção nisso - avisei enquanto ligava o carro. - O que quer dizer?

- Para o caso de você tentar me manipular um pouco.

- Ora, esquisitão, manipulo você todos os dias. Sempre dobro e engabelo você.

Não sabia dizer se ela falava sério. - Mesmo?

- Com delicadeza, claro. Com delicadeza e grande afeição.

E você sempre gosta. - Gosto?

- Você possui inúmeros truquezinhos que me convencem disso.

Coloquei o carro em movimento, mas mantive o pé no freio. - Está dizendo que eu convido à manipulação?

- Às vezes você vibra com isso.

- Não consigo saber se você está falando sério.

- Eu sei. Você é adorável.

- Cachorrinhos são adoráveis. Não sou um cachorrinho.

- Você e cachorrinhos. Totalmente adoráveis.

- Está falando sério?

- Estou?

Eu a observei.

- Não. Não, não está.

- Não estou?

Suspirei.

- Posso ver os mortos, mas não consigo ver através de você. Quando saímos do estacionamento, o oficial Varner estava parado perto da entrada do Boliche Green Moon.

Em vez de manter uma discreta vigilância do lugar com a esperança de agarrar Robertson antes que qualquer violência fosse cometida, ele ficara altamente visível, como se quisesse dissuadir qualquer coisa.

Sua interpretação da tarefa provavelmente não seria algo a ganhar aprovação do chefe.

Ao passarmos, o oficial Varner acenou para nós. Parecia estar comendo uma rosquinha.

Vovó Sugars era sempre contra qualquer pensamento negativo. Segundo sua superstição, quando nos preocupamos muito com algum mal, estamos na verdade convidando o próprio mal, assegurando a ocorrência do evento que tememos. No entanto, não pude deixar de pensar como seria fácil para Robertson se aproximar da viatura por trás e baleiar Simon Varner na cabeça enquanto ele devorava suas rosquinhas.

VINTE E QUATRO

VIOLA PEABODY, A GARÇONETE QUE SERVIU O ALMOÇO PARA mim e Terri no Grille, vivia a apenas dois quarteirões de Camp's

End, mas por causa de sua incansável jardinagem, pintura e carpintaria, sua casa parecia estar a mundos de distância daquelas ruas sombrias.

Apesar de pequena e simples, a casa lembrava um chalé de contos de fada numa daquelas pinturas de Thomas Kinkade. Sob a luz da lua, as paredes cintilavam de maneira tão suave quanto alabastro iluminado. Uma lanterna de carruagem revelava as pétalas vermelhas das flores que grinaldavam a treliça ao redor da porta da frente.

Sem qualquer surpresa aparente por chegarmos àquela hora sem avisar, Viola cumprimentou a mim e Stormy com bondade, com um sorriso e um oferecimento de café e chá gelado, que declinamos.

Sentamos na pequena sala de estar cujo assoalho a própria Viola arrancara e reformara. Havia feito o tapete esfarrapado e também costurado as cortinas de chintz e as capas que faziam a velha mobília acolchoada parecer nova.

Sentada no braço de uma poltrona, Viola parecia tão delgada quanto uma menina. As dificuldades e os fardos da vida não tinham deixado marcas nela. Não parecia suficientemente velha ou destroçada para ser mãe solteira das meninas de 5 e 6 anos que agora dormiam no quarto dos fundos.

O marido, Rafael, que a abandonou e não contribuía com um centavo para o bem-estar das filhas, era um idiota tão grande que deveriam exigir que se vestisse de bobo da corte, com direito ao chapéu ridículo e aos sapatos de ponta curvada.

A casa era desprovida de refrigeração. As janelas estavam abertas, e havia um ventilador elétrico no teto, as pás oscilantes transmitindo uma ilusão de frescor ao ar.

Inclinando-se para a frente com as mãos abraçando os joelhos, Viola trocou o sorriso por um ar de solene expectativa, pois sabia o porquê de minha visita.

- É meu sonho, não é? - disse baixinho.

Falei baixinho também, em respeito às crianças dormindo. - Conte outra vez.

- Eu vi a mim mesma, um buraco na testa, meu rosto quebrado.

- Você acha que foi baleada.

- Morta baleada - confirmou, juntando as mãos entre os joelhos, como se rezasse. - Meu olho direito injetado de sangue, inchado, todo feio, meio para fora da órbita.

- Provavelmente ansiedade - disse Stormy, tentando tranquilizar.- Não tem nada a ver com o futuro.

- Já tocamos neste assunto - Viola prosseguiu.- Odd ... ele era da mesma opinião esta tarde. - Olhou para mim. - Você deve ter mudado de ideia, ou não estaria aqui.

- Onde você estava no sonho?

- Lugar nenhum. Você sabe, um lugar de sonhos ... tudo indistinto, fluido.

- Você costuma jogar boliche?

- Isso custa dinheiro. Tenho que economizar para duas faculdades. Minhas meninas precisam ser alguém.

- Alguma vez já estive dentro do Boliche Green Moon? Meneou a cabeça.

- Não.

- Alguma coisa no sonho sugeria que o lugar poderia ser uma pista de boliche?

- Não. Como eu disse, não era nenhum lugar real. Por que mencionou o boliche? Você teve um sonho também? - Sim, tive.

- Pessoas mortas? - perguntou Viola.

- Sim.

- Você sempre tem sonhos que se tornam realidade?

- Às vezes - admiti.

- Sabia que compreenderia. É por isso que pedi que me lesse.

- Fale mais do seu sonho, Viola.

Ela fechou os olhos, esforçando-se para lembrar.

- Estou fugindo de algo. Há sombras, alguns clarões de luz, mas não é um lugar específico.

Meu sexto sentido é único em sua natureza e limpidez. Mas acredito que muitas pessoas têm percepções sobrenaturais menos dramáticas e não descobertas que se manifestam de tempos em tempos ao longo da vida: pressentimentos que às vezes aparecem em sonhos, assim como outros momentos de percepção ou visões misteriosas.

Não exploram estas experiências porque acreditam que reconhecer o sobrenatural seria irracional. Também estão assustadas, geralmente inconscientemente, com a perspectiva de abrir mente e coração para a verdade de um universo muito mais complexo e significativo que o mundo material, que lhes foi apresentado como a soma de todas as coisas.

Não me surpreendeu, portanto, que o pesadelo de Viola, que antes não parecia ter qualquer consequência, tivesse se provado afinal uma questão de importância.

- Seus sonhos têm vozes, sons? - perguntei a ela. - O de algumas pessoas não.

- Os meus têm. No sonho, posso ouvir minha própria respiração. E a multidão.

- Multidão?

- Uma multidão urrando, como o som de um estádio.

Confuso, eu perguntei:

- Onde seria tal lugar aqui em Pico Mundo?

- Não sei. Talvez um jogo da Liga Mirim.

- Não haveria uma multidão assim tão grande - comentou Stormy.

- Não era exatamente milhares de vozes. Poderia ser só uma centena - disse Viola. - Só uma multidão, todos gritando.

Eu indaguei:

- E então, como foi atingida?

- Não vejo acontecer. As sombras, os clarões de luz, eu correndo, depois tropeço, caio sobre as mãos e os joelhos ...

Os olhos de Viola apertaram-se por trás das pálpebras como se ela dormisse e experimentasse o pesadelo pela primeira vez. - ... sobre as mãos e os joelhos - repetiu -, as mãos sobre algo pegajoso. É sangue. Então as sombras somem e a luz surge, e estou olhando de cima para meu próprio rosto morto.

Ela estremeceu e abriu os olhos.

Gotinhas de suor pontilhavam a testa e o lábio superior.

Apesar do ventilador ligado, o cômodo estava quente. Mas ela não estava suando antes de recordar o sonho.

- Há algo mais, qualquer outro detalhe? - perguntei. Até a mínima coisa pode me ajudar. Sobre o que você ... digo, seu corpo morto ... sobre o que estava deitado? Algum tipo de piso? Grama? Asfalto?

Viola pensou por um momento, meneou a cabeça.

- Não sei dizer. A única outra coisa era o homem, o homem morto.

Sentei-me mais ereto no sofá.

- Fala de outro cadáver?

- Perto de mim perto do meu corpo. Estava caído de lado, um braço retorcido às costas.

- Havia outras vítimas? - perguntou Stormy.

- Talvez. Não vi mais ninguém.

- Você o reconheceu?

- Não olhei o rosto. Estava virado para o outro lado.

Pedi:

- Viola, se pudesse se esforçar mais um pouco para se lembrar ...

- De qualquer forma, ele não me interessava. Estava muito assustada para me perguntar quem seria. Olhava para meu próprio rosto morto, e tentava gritar, mas não conseguia, e tentava com

mais força, e então eu sentava na cama, o grito escapando de mim, sabe, só um chiado.

A lembrança agitou Viola. Começou a se levantar da poltrona. Talvez as pernas estivessem fracas, pois sentou-se outra vez.

Como se estivesse lendo minha mente, Stormy perguntou: - O que ele vestia?

- O quê? No sonho? Um pé estava virado para trás, o sapato quase fora do pé. Um mocassim.

Esperamos enquanto Viola vasculhava a memória. Os sonhos, enquanto se desenrolam, são tão substanciosos quanto leite. Mas quando acordamos, tornam-se leite desnatado e, pouco a pouco, esvaem-se de nossas mentes, deixando apenas uns poucos resíduos depois de filtrados no tecido de gaze em que se prepara o queijo.

- A calça estava salpicada de sangue - disse Viola. - Cáqui, eu acho. Uma calça marrom-clara, de qualquer forma.

A lenta rotação do ventilador agitava as folhas de uma palmeira num vaso no canto da sala, erguendo da folhagem um seco farfalhar que lembrava correria de baratas, ratos, ou outras coisas ruins.

Lendo os últimos detalhes do sonho que ainda restavam no tecido da memória, Viola disse:

- Uma camisa polo ...

Eu me ergui do sofá. Precisava me mexer. Percebi que a sala era muito pequena para ficar andando, mas continuei de pé.

- Verde - disse Viola. - Uma camisa polo verde.

Pensei no rapaz por trás do balcão de aluguel de sapatos no Boliche Green Moon, a loira atendendo atrás do bar - ambos em seus novos uniformes de trabalho.

Com a voz se tornando ainda mais baixa, Viola disse:

- Diga a verdade, Odd. Olhe no meu rosto. Você vê a morte em mim?

Respondi: - Sim.

VINTE E CINCO

- Amanhã não é a sua folga? Ela assentiu.

Como tinha uma irmã que podia cuidar de suas filhas, Viola trabalhava no Grille seis dias por semana.

Stormy perguntou:

- Quais são seus planos? O que fará amanhã?

- Pensei em cuidar da casa de manhã. Sempre há coisas para se fazer aqui. A tarde ... é reservada para as meninas.

- Fala de Nicolina e Levanna? - perguntei, dizendo o nome de suas filhas.

- Sábado é aniversário de Levanna. Fará 7 anos. Mas o que é cheio aos sábados, boas gorjetas. Não posso perder o trabalho. Então vamos comemorar antes.

- Comemorar como?

- Aquele filme novo é um grande sucesso com as crianças, aquele com o cachorro. Vamos à sessão das 16 horas.

Antes que Stormy falasse, sabia a essência do que diria.

- Pode haver uma multidão maior no frescor do cinema numa tarde de verão do que num jogo da Liga Mirim.

Perguntei a Viola:

- O que você planeja fazer depois do filme?

- Terri disse para levá-las ao Grille, para jantar por conta dela.

O Grille podia ser barulhento quando todas as mesas estavam ocupadas, mas não acho que a conversa animada dos clientes no nosso pequeno restaurante possa ser confundido com os urros de uma multidão. Nos sonhos, claro, tudo pode ser distorcido, inclusive os sons.

Com a janela aberta às costas, subitamente me senti vulnerável a ponto de sentir a pele da nuca se arrepiar.

Olhei novamente para o quintal. Tudo parecia estar como há um minuto atrás.

APESAR DE SER INCAPAZ DE LER O FUTURO DE UMA PESSOA ou os segredos de seu coração, não consegui olhar nem um momento mais para o rosto de Viola Peabody, pois eu imaginava o que não conseguia realmente ver: as meninas órfãs paradas ao lado do túmulo da mãe.

Fui para uma das janelas abertas. Ao lado havia um quintal com aroeiras. Da quente escuridão lá fora vinha a fragrância doce do jasmim que fora plantado e tratado pelas mãos carinhosas de Viola.

Geralmente, a noite não me amedronta. Contudo tinha medo daquela, porque a mudança de 14 de agosto para 15 de agosto vinha tão rápido quando um trem expresso, como se a rotação da terra ganhasse drástica velocidade pelo estalar de um dedo divino.

Voltei-me para Viola, que ainda estava sentada na beira da poltrona. Os olhos, sempre grandes, agora estavam arregalados, o rosto moreno parecia apresentar uma nuance cinzenta. Perguntei:

Os galhos graciosos das aroeiras pendiam no desalentado ar da noite perfumada de jasmim. Sombras e arbustos trançavam suas diferentes formas escuras, mas até onde eu podia dizer, não encobriam Bob Robertson ou qualquer outra pessoa.

Contudo, afastei-me da janela, e voltei-me novamente para Viola.

- Acho que deve mudar seus planos para amanhã.

Ao salvar Viola de seu destino, podia estar sentenciando outro a sofrer uma morte horrível em seu lugar, assim como seria o caso com a bartender loira do boliche. A única diferença era que eu não conhecia a loira ... e Viola era uma amiga.

Às vezes escolhas morais complexas e difíceis são decididas mais pelo sentimento do que pela razão e pela correção. Talvez tais decisões sejam as pedras que pavimentam a estrada para o Inferno; se for o caso, minha rota está bem pavimentada, e o comitê de boas-vindas já sabe meu nome.

Em minha defesa, só posso dizer que sentia, naquele instante, que salvar Viola significava salvar as meninas também. Três vidas,

não uma.

- Há qualquer esperança ... - Viola tocou o rosto com dedos trêmulos, traçando os ossos do queixo, das bochechas e da testa, como se descobrindo não seu crânio, mas o semblante da Morte em processo de substituir o seu. - ... qualquer esperança disso se afastar de mim?

- O destino não é uma estrada reta - expliquei, tornandome o oráculo que antes não queria ser. - Existem bifurcações, muitas rotas diferentes para acontecimentos diferentes. Temos o livre-arbítrio de escolher o caminho.

- Faça tudo o que Oddie disser - aconselhou Stormy -, e tudo ficará bem.

- Não é assim tão fácil- apressei-me em dizer. - Você de mudar de estrada, mas às vezes uma curva pode levá-la dito para aquele mesmo destino.

Viola me fitava com muito respeito, talvez assombro.

- Eu tinha certeza de que você sabia sobre essas coisas, Odd, do sobre o Outro Mundo e o Além.

Desconfortável com sua admiração, fui para a outra janela erta. O Mustang de Terri estava junto a um poste de luz diante da casa. Tudo quieto. Nada com o que se alarmar. Nada e tudo.

Tínhamos dado alguns passos para garantir que não estávamos sendo seguidos ao sair do centro de boliche. Eu continuava, de qualquer forma preocupado, pois as aparições de Robertson na casa de Pequeno Ozzie e no pátio da igreja me surpreenderam. E ele não podia ser surpreendido uma terceira vez.

- Viola - falei, dirigindo-me a ela novamente -, mudar os planos para amanhã não é suficiente. Você também precisa ficar vigilante, alerta para qualquer coisa que parecer ... suspeita. - Já estou tão inquieta quanto um grilo.

- Isso não é bom. Inquieta não é o mesmo que vigilante.

Ela concordou. - Tem razão.

- Você precisa ficar o mais calma possível.

- Tentarei. Farei o melhor.

- Calma e precavida. Preparada para reagir rápido a qualquer ameaça, mas suficientemente calma para ver a ameaça chegando, recomendei.

Parada na beira da cadeira, Viola ainda parecia tão preparada tipara saltar quanto um grilo.

- Pela manhã - disse Stormy -, traremos uma foto de homem no qual deverá ficar de olho. - Voltou-se para - Consegue arranjar-se uma foto, Oddie?

Assenti. O chefe me forneceria uma ampliação impressa em computador da foto de Robertson que o departamento de trânsito liberara.

- Que homem?

Tão vívido quanto possível, descrevi o Homem-Fungo, que estivera no Grille durante o primeiro turno, antes de Viola chegar para trabalhar.

- Se o vir, fique longe. Você saberá que o pior está vindo.

Mas acho que nada acontecerá esta noite. Não aqui. Pelas indicações, ele pretende fazer manchete num lugar público, com muitas pessoas ...

- Amanhã, não vá ao cinema - disse Stormy.

- Não irei - Viola garantiu-lhe.

- E nada de jantar fora também.

Apesar de não compreender o que ganharia dando uma olhada em Nicolina e Levanna, de repente soube que não podia deixar a casa sem verificar as meninas.

- Viola, posso ver as meninas?

- Agora? Estão dormindo.

- Não quero acordá-las. Mas é ... importante.

Levantou do assento e nos guiou para o quarto que as irmãs dividiam: duas luminárias, duas mesinhas de cabeceira, duas camas,

e duas garotinhas angelicais dormindo em suas camisolas, sob os lençóis, mas sem cobertores.

Uma das luminárias fora deixada na menor intensidade de seu interruptor de três fases. A cúpula cor de damasco lançava uma luz suave, acolhedora.

Duas janelas estavam abertas para a noite quente. Tão insubstancial quanto um espírito, uma mariposa branca translúcida batia as asas insistentemente contra uma das telas, com o desespero de uma alma perdida debatendo-se contra os portões do Inferno.

Montadas por dentro das janelas, com uma alavanca de emergência que não podia ser alcançada por fora, grades de aço 11lpediam que um homem como Harlo Landerson alcançasse as meninas.

Telas e barras podiam frustrar mariposas e maníacos, mas não ,podiam barrar bodachs. E cinco pairavam no quarto.

VINTE E SEIS

DUAS FORMAS SINISTRAS ESTAVAM SOBRE CADA CAMA, visitantes de algum inferno, viajantes saídos daquele quarto negro.

Curvam-se sobre as meninas e pareciam estudá-las com muito interesse. As mãos, caso possuísem mãos, flutuavam poucos centímetros acima dos lençóis, como se traçassem lentamente os contornos dos corpos das crianças.

Não podia saber com certeza o que faziam, mas imaginei que eram atraídos pela própria energia vital de Nicolina e Levanna - e que de alguma forma se deleitavam com aquilo.

Aquelas criaturas pareciam alheias à nossa entrada no quarto.

Talvez hipnotizadas por alguma radiância que as meninas emitiam, uma radiância invisível para mim, mas evidentemente deslumbrante para eles.

A quinta besta rastejava pelo chão do quarto, seus movimentos tão fluidos e ondulantes como os de qualquer réptil. Serpenteou sob a cama de Levanna, pareceu se enroscar ali, mas um momento depois emergiu com sinuosidade digna de uma salamandra, apenas para deslizar sob a cama de Nicolina e oscilar silenciosamente para a frente e para trás, como uma cobra movendo-se em câmera lenta.

Incapaz de reprimir um estremecimento, pressenti que aquele quinto intruso devia estar saboreando algum rastro delicado, algum resíduo etéreo deixado pela passagem dos pés da menininha. E imaginei - ou espero ter imaginado - ver aquele repugnante bodach lamber repetidamente o tapete com sua fina língua fria.

Como não me aventurei além do vão da porta, Viola sussurrou:

- Está tudo bem. Elas dormem profundamente, as duas.

- São lindas - disse Stormy.

Viola ficou radiante de orgulho.

- São meninas tão boas. - Vendo no meu rosto um leve reflexo do aborrecimento que envolvia minha mente, perguntou: - Algo errado?

Olhando para mim enquanto eu invocava um sorriso nada convincente, Stormy imediatamente suspeitou da verdade. Ela examinou os cantos escuros do quarto - esquerda, direita, na direção do teto - esperando pescar ao menos um vislumbre de qualquer presença sobrenatural que estivesse se revelando para mim.

Junto às camas, os quatro bodachs curvados poderiam ser sacerdotes de uma religião diabólica, astecas no altar de sacrifício humano, enquanto as mãos se moviam sinuosa e incansavelmente numa pantomima ritualística sobre as meninas dormindo.

Como não consegui responder à pergunta de Viola imediatamente, ela pensou que eu tinha visto algo de errado com as filhas, então deu um passo na direção das camas.

Gentilmente, segurei-a pelo braço e a mantive afastada.

- Desculpe, Viola. Não há nada de errado. Só queria ter certeza de

que as meninas estavam seguras. E com aquelas grades nas janelas, estão.

- Elas sabem como mexer na alavanca de emergência - contou.

Uma das entidades ao lado da cama de Nicolina pareceu sair de seu transe e reconhecer nossa presença. As mãos tornaram-se mais lentas, mas não abandonaram totalmente os movimentos misteriosos. E ele ergueu a cabeça lupina para olhar em nossa direção com perturbadora intensidade.

Detestava deixar as meninas sozinhas com aquelas cinco aparições, mas não podia fazer nada para bani-Ios.

Além disso, a julgar por tudo que tinha visto dos bodachs, eles podem vivenciar este mundo com alguns, senão todos, os cinco sentidos comuns, mas não parecem provocar qualquer efeito nas coisas aqui. Nunca os ouvi fazerem ruído, nunca os vi moverem um objeto ou, ao caminharem, perturbarem mais do que partículas de poeira flutuando no ar.

Possuem menos substância que um espectro ectoplásmico pairando acima da mesa numa sessão espírita. São criaturas oníricas do lado errado do sonho.

As meninas não sofreriam mal. Não aqui. Não ainda. Ou assim eu esperava.

Suspeito de que aqueles espíritos viajantes, que vieram para Pico Mundo procurando um lugar na primeira fila num festival de sangue, estavam se divertindo na véspera do evento principal. Talvez considerassem prazeroso estudar as vítimas antes que os tiros fossem disparados; deviam achar divertido e excitante observar pessoas inocentes dirigirem-se tranquilamente para a própria morte.

Fingindo estar alheio aos intrusos, colocando um dedo sobre os lábios como que sugerindo a Stormy e Viola que tivéssemos cuidado para não acordar as meninas, levei-as comigo para fora do quarto. Deixei a porta entreaberta, exatamente como estava quando chegamos, permitindo que os bodachs serpenteassem pelo chão, farejando e ondulando, tecendo seus padrões de gestos sinuosos com misterioso propósito.

Temia que um ou mais deles nos seguissem até a sala de estar, mas alcançamos a porta da frente sem escolta sobrenatural.

Falando quase tão baixinho quanto no quarto das meninas, eu disse a Viola:

- Preciso esclarecer uma coisa. Quando digo que não vá ao cinema amanhã, quero dizer que as meninas também não devem ir. Não as deixe ir com um parente. Nem ao cinema, nem a lugar nenhum.

O suave cetim da testa de Viola tornou-se um veludo martom.

- Mas minhas doces menininhas ... não eram atingidas no sonho.

- Nenhum sonho profético revela tudo o que está por vir.

Apenas fragmentos.

Em vez de meramente aumentar sua ansiedade, as implicações de minha afirmação encheram seu semblante de raiva. Bom! Ela precisaria de medo e raiva para ficar atenta, para tomar decisões sensatas no dia seguinte.

Para fortalecer sua resolução, acrescentei:

- Mesmo que tivesse visto suas meninas ... Deus nos livre, mortas ... você poderia ter bloqueado isso de sua mente quando acordou.

Stormy pousou a mão sobre o ombro de Viola.

- Você não gostaria de ter tais imagens na mente.

Tensa de determinação, Viola disse:

- Ficaremos em casa, faremos uma festinha, só para nós.

- Também não sei se isso é prudente - falei.

- Por que não? Não sei que lugar era aquele no meu sonho, mas tenho certeza de que não era esta casa.

- Lembre-se ... estradas diferentes podem levar ao mesmo destino.

Não queria contar a ela sobre os bodachs no quarto das filhas, pois então teria que revelar todos os meus segredos. Só Terri, o

chefe, a Sra. Porter e Pequeno Ozzie sabiam a maior parte da verdade sobre mim, e só Stormy sabia de tudo.

Se muitas pessoas fossem trazidas para meu círculo íntimo, meu segredo vazaria. Eu me tornaria uma sensação da mídia, uma aberração para muitas pessoas, um guru para outras. A simplicidade e as horas de quietude estariam para sempre além de meu alcance. Minha vida seria muito complicada para valer ser vivida.

Argumentei para Viola:

- No seu sonho, esta casa não é o lugar onde será atingida.

Mas se você estivesse destinada a ser baleada no cinema, e agora não vai mais lá ... então talvez o Destino venha aqui para encontrá-la. Não é provável. Mas não é impossível.

- E no seu sonho, amanhã é o dia?

- Isso mesmo. Então me sentiria melhor se você estivesse dois passos afastada do futuro que viu no pesadelo.

Olhei para os fundos da casa. Nenhum bodach ainda se aventurara atrás de nós. Acho que não provocam qualquer efeito neste mundo.

Contudo, não querendo arriscar as vidas das meninas, baixei ainda mais a voz.

- Passo um: não vá ao cinema nem ao Grille amanhã. Passo dois: também não fique aqui.

Stormy perguntou:

- Sua irmã mora longe daqui?

- Dois quarteirões. Em Maricopa Lane.

Continuei:

- Viremos pela manhã, entre 9 e 10 horas, com a foto que prometi. Levarei você e as meninas para a casa de sua irmã.

- Não precisa fazer isso, Odd. Podemos ir para lá sozinhas.

- Não. Quero levá-las. É importante.

Precisava ter certeza de que nenhum bodach seguia Viola e as

filhas.

Baixando a voz num sussurro, acrescentei:

- Não conte a Levanna e Nicolina o que faremos. E não ligue para sua irmã para dizer que vai pra lá. Você poderia ser ouvida.

Viola examinou a sala de estar, preocupada, porém espantada. - Quem poderia ouvir?

Por necessidade, fui misterioso:

- Certas ... forças. - Se os bodachs ouvissem o plano de levar as meninas para a casa da irmã, Viola talvez não se afastasse dois passos do destino sonhado afinal, apenas um. - Você acredita mesmo, como disse, que sei tudo sobre o Outro Mundo Além?

Ela assentiu.

- Sim. Acredito.

Seus olhos estavam tão arregalados de espanto que me assustavam, pois me lembrava dos olhos dos cadáveres.

- Então confie em mim, Viola. Tente dormir se puder. Virei pela manhã. Amanhã à noite, tudo isso não terá passado de um 'esadelo, não haverá nada de profético.

Não me sentia tão confiante como soava, mas sorri e beijei-a no rosto.

Desprovida de ventilador, a noite lá fora estava mais quente que o ar morno de dentro da pequena casa.

A lua erguera-se lentamente na direção das estrelas mais altas, afastando o véu amarelo para revelar sua verdadeira face prateada. Uma face tão rígida quanto um relógio, e implacável.

POUCO MAIS DE UMA HORA ANTES DA MEIA-NOITE, PREOcupado com um novo dia que poderia colocar crianças na linha de fogo, estacionei o Mustang atrás do Pico Mundo Grille.

Quando apaguei os faróis e desliguei o motor, Stormy perguntou:

- Vai deixar esta cidade algum dia?

- Realmente espero não ser um daqueles que insiste em ficar vagando depois de morto, como o pobre Tom Jedd lá no Mundo dos Pneus.

- Falo de algum dia enquanto estiver vivo.

- Só de pensar fico com zumbidos no cérebro.

- Porquê?

- É muito grande lá fora.

- Nem tudo é grande. Muitas cidades são menores e mais pacatas que Pico Mundo.

- Acho que o que quero dizer é ... que tudo lá fora seria Gosto do que é familiar. Considerando tudo o mais que enfrento ... não posso lidar com muita coisa nova ao mesmo tempo. Novos nomes de rua, nova arquitetura, novos aromas, tanta gente nova ...

- Sempre pensei que seria bom morar nas montanhas.

- Clima novo. - Sacudi a cabeça. - Não preciso de clima novo.

- De qualquer forma - disse ela -, não falava de deixar a cidade permanentemente. Só um dia ou dois. Poderíamos viajar para Vegas.

- Esta é sua ideia de lugar menor, mais pacato? Aposto que é um lugar com milhares de mortos que não querem seguir adiante. - Porquê?

- Pessoas perdem tudo o que possuem nos dados, nas roletas, então voltam para seus quartos e estouram o cérebro. Estremeci. - Suicidas sempre ficam vagando depois de mortos. Têm medo de seguir adiante.

- Você tem uma visão melodramática de Las Vegas, esquisitão.

Uma camareira de hotel não se depara com dúzias de suicidas toda manhã.

- Bandos de homens mortos pela ralé, os corpos descartados no concreto fresco da fundação de novos hotéis. Pode apostar o que quiser que eles têm assuntos inacabados e muita raiva pós-morte. Além disso, não me aventuro em jogos de azar.

- Isso não soa em nada como o neto de Pearl Sugars.

- Ela esmerou-se em me tornar um carteador, mas acho que a desapontei.

- Ela te ensinou pôquer, não é?

- Sim. Costumávamos apostar alguns trocados.

- Mesmo que seja por trocados, ainda é apostar.

- Não quando apostava com vovó Sugars.

- Ela o deixava ganhar? Que gracinha.

- Vovó queria que eu viajassem com ela para o circuito de pôquer do sudoeste. Vovó disse: "Odd, envelhecerei na estrada, não numa cadeira de balanço na varanda de um asilo com um punhado de velhas peidorreiras. E morrerei com o rosto entre as cartas no meio de um jogo, não no tédio de um chá dançante para aposentados desdentados tentando dançar o chá-chá-chá nos andadores."

- Na estrada - disse Stormy- haveria muita coisa nova.

- Todos os dias, novidades e mais novidades. - Suspirei.

- Mas certamente seria divertido. Ela queria companhia para compartilhar as risadas ... e se morresse no meio de um jogo difícil, ela queria ter certeza de que os outros jogadores não dividiriam seu dinheiro e jogariam sua carcaça no deserto como banquete para os coiotes.

- Compreendo que não queria cair na estrada, mas por que não joga?

- Porque mesmo que vovó Sugars não jogasse sujo para me dar uma chance, ainda assim eu quase sempre vencia. - Quer dizer que é por causa do seu ... dom?

- Sim.

- Você conseguia ver as cartas que saíam?

- Não. Nada tão dramático. Apenas tenho um pressentimento quando minha mão está mais forte que a dos outros jogadores e vice-versa. A sensação comprovou-se certa nove vezes em dez.

- Isto dá uma imensa vantagem nas cartas.

- Acontece o mesmo com blackjack, qualquer jogo de cartas.

- Então não seria mesmo apostar no jogo.

- Não mesmo. É apenas ... recolher dinheiro.

Stormy compreendeu imediatamente por que desisti das cartas.

- Seria praticamente o mesmo que roubar.

- Não preciso tanto assim de dinheiro - falei. - E nunca precisarei enquanto as pessoas ainda quiserem comer o que é frito em minha chapa.

- Ou enquanto ainda tiverem pés.

- Sim. Presumindo que me mude para a venda de sapatos.

- Falei de Vegas não porque quisesse apostar no jogo - explicou ela.

- É muita estrada só para ir num restaurante coma-tudo-o-que-puder.

- Falei em Vegas porque podemos chegar lá em mais ou menos três horas, e as capelas de matrimônio ficam abertas dia e noite. Não exigem exame de sangue. Poderíamos estar casados ao amanhecer.

Meu coração deu uma daquelas guinadas que só Stormy é capaz de provocar,

- Dau! Isso é quase o bastante para me dar coragem de viajar.

- Quase o bastante, hein?

- Podemos fazer nossos exames de sangue amanhã de manhã, tirar a licença de casamento na quinta-feira, e casarmos no sábado.

E nossos amigos poderiam estar lá. Quero nossos amigos lá. Você não quer?

- Sim. Mas quero mais ainda casar. Eu a beijei e perguntei:

- Depois de tanta hesitação, por que a súbita pressa? Como estávamos sentados havia algum tempo num beco não iluminado, nossos olhos estavam completamente acostumados ao escuro. Do contrário eu não teria reconhecido inteiramente sua profunda preocupação no rosto e nos olhos; de fato, Stormy parecia tomada não por uma mera ansiedade, mas por um quieto terror.

- Ei, ei - garanti -, tudo vai ficar bem.

Sua voz não estremeceu. Stormy é durona demais para chorar fácil. Mas na suavidade de sua fala, pude ouvir uma mulher assustada:

- Desde quando estávamos sentados na beira do lago de carpas e aquele homem surgiu pelo passeio ...

Qu.ando sua voz falhou, eu disse: - O Homem-Fungo.

- Sim. Aquele filho da mãe horripilante. Desde que eu o vi ... Sinto muito medo por você. Digo, sempre temo por você, Oddie, mas geralmente não faço nada porque a última coisa que precisa, além de tudo mais que já tem na cabeça, é de uma dama chorosa sempre implicando para que tome cuidado.

- Dama chorosa?

- Perdão. Devo ter retrocedido para uma vida passada na época de 1930. Mas é verdade, a última coisa que você precisa é de uma mulher histérica no seu pé.

- Gostei mais da dama chorosa. Escute, acho que esse cara é muito doente, com dez megatons de poder de explosão e timer acelerado, mas o chefe e eu estamos no caso, e vamos puxar o fuantes que ele exploda.

- Não tenha tanta certeza. Por favor, Oddie, não tenha. Ter tanta certeza a respeito deste homem será sua morte. - Não serei morto.

- Sinto muito medo por você.

- Amanhã à noite, Bob Robertson, vulgo Homem-Fungo, estará

vestindo um macacão laranja oferecido pela prisão, e talvez terá ferido algumas pessoas, ou talvez tenha sido detido antes de apertar o gatilho, mas qualquer que seja a situação, estarei com você na hora do jantar, e estaremos planejando nosso casamento, ainda terei as duas pernas, os dois braços ...

- Oddie, pare, não diga mais nada ...

- ainda terei esta cabeça estúpida para a qual está olhando agora.

- Por favor, pare.

- ... e não estarei cego, porque realmente quero ver você, e não estarei surdo, porque não poderíamos planejar nosso casamento se não a escutasse, e não estarei. ..

Ela socou-me no peito.

- Não provoque o destino, droga!

Sentada, Stormy não podia pegar impulso bastante para que o punho desferisse um golpe forte. Mal balancei com o soco.

Com o mínimo de ruído que consegui, respirei fundo e esclareci:

- Não estou preocupado em provocar o destino. Não sou supersticioso assim. - Talvez eu seja.

- Bem, supere isso.

Beijei-a. Ela me beijou de volta.

Como tudo estava bem no mundo naquela hora! Coloquei um braço ao redor dela e disse:

- Sua dama chorosa e bobinha. Bob Robertson pode ser psicótico a ponto de não poder nem se qualificar para gerente do Bates Motel, mas não deixa de ser só um otário. Não tem nada funcionando na cabeça além de 16 engrenagens de loucura. Voltarei para você sem furos, sem aranhões, sem talhos. E nenhuma das minhas etiquetas de identificação de enchimento federalmente autorizadas terá sido arrancada.

- Meu Pooh - disse ela, como costuma às vezes fazer. Tendo conseguido acalmar um pouco seus nervos e liquidar parcialmente

seus temores, me senti bastante viril, como um daqueles intrépidos e rígidos xerifes dos velhos filmes de caubói, que com um sorriso tranquilizam as mentes das moças e varrem legiões de pistoleiros das ruas de Dodge City sem sujar o chapéu branco.

Eu era o pior tipo de idiota. Quando olho para aquela noite de agosto, alterada para sempre por todas as minhas feridas e todo meu sofrimento, aquele intacto Odd Thomas parece um ser humano diferente de mim, imensuravelmente mais confiante do que sou agora, ainda capaz de ter esperanças, mas não tão sábio. Choro por ele.

Disseram-me para não deixar o tom desta narrativa se tornar muito sombrio. Certa musa de 200 quilos estacionaria seu traseiro de 70 quilos em mim como forma de comentário editorial. E há sempre a ameaça de um gato mijão.

VINTE E OITO

QUANDO SAÍMOS DO MUSTANG, A FAMILIAR VIELA definhava ao norte e ao sul na profunda escuridão que eu recordava de outras noites, pouco revelada pela lua, obscurecida pelas sombras.

Acima da entrada dos fundos para a cozinha do restaurante, uma lâmpada brilhava. Contudo, a escuridão parecia pressioná-la em vez de se afastar.

Uma escada descoberta levava ao patamar do segundo andar e para a porta do apartamento de Terri Stambaugh. A luz brilhava por trás das cortinas.

No topo dos degraus, Stormy apontou para o céu setentrional.

- Cassiopeia.

Estrela por estrela, identifiquei os pontos da constelação.

Na mitologia clássica, Cassiopeia era a mãe de Andrômeda.

Andrômeda foi salva de um monstro marinho pelo herói Perseu, que também matou a Górgona Medusa.

Não menos que a fictícia Andrômeda, Stormy Llewellyn, filha de outra Cassiopeia, é suficientemente estelar para merecer uma constelação com seu nome. Eu, no entanto, não matei nenhuma Górgona, nem sou nenhum Perseu.

Terri atendeu à porta quando bati, aceitou as chaves do carro, e insistiu para que entrássemos para um café ou para uma bebida antes de dormir.

A luz de duas velas refletia agradavelmente nas paredes da cozinha enquanto o sopro fresco do ar condicionado perturbava as chamas. Terri encontrava-se sentada à mesa quando batemos. Um copinho de conhaque de pêssego estava sobre a toalha xadrez branco e vermelho.

Como sempre, a música de fundo de sua vida era Elvis: desta vez "Wear My Ring Around Your Neck."

Sabíamos que ela gostaria de uma breve visita nossa, por isso Stormy não ficara esperando ao pé da escada.

Terri às vezes sofria de insônia. Mesmo quando o sono vinha com facilidade, as noites eram longas.

Quando a placa de FECHADO era pendurada na porta da frente do Grille às 21 horas e depois que o último cliente partia entre 21 e 22 horas, estivesse Terri bebendo café descafeinado ou algo mais forte, ela também abria uma garrafa de solidão.

O marido, Kelsey, seu namoradinho do colégio, estava morto havia nove anos. O câncer fora impiedoso, mas sendo um lutador de determinação incomum, ele levou três anos para morrer.

Quando o mal foi diagnosticado, ele jurou que não deixaria Terri sozinha. Kelsey possuía a vontade, mas não o poder para manter o juramento.

Nos anos finais, por causa do incessante bom humor e da calma coragem com que Kelsey enfrentou sua longa batalha mortal, o amor e o respeito de Terri por ele, sempre intensos, tinham se tornado profundos.

De certa forma, Kelsey mantivera a promessa de nunca deixá-la. Seu fantasma não vagava pelo Grille ou por qualquer outro lugar de

Pico Mundo. Ele mora nas vívidas recordações de Terri e a lembrança está gravada em sua memória.

Depois de três ou quatro anos, a aflição de Terry tinha amadurecido num conformado pesar. Acho que ficou surpresa ao perceber que mesmo depois de aceitar a perda, não tinha qualquer desejo de remendar o rasgo no coração. O buraco deixado por Kelsey tornara-se mais reconfortante que qualquer remendo com o qual pudesse fechá-la.

Sua fascinação por Elvis, sua vida e música, começara nove anos atrás, quando ela tinha 32, no mesmo ano em que Kelsey morreu.

As razões para seu intenso interesse por Presley são numerosas. Sem dúvida, contudo, entre elas está uma: enquanto ela tiver uma coleção sobre Elvis - música, objetos, fatos biográficos - para construir e conservar, não terá tempo de ser atraída por um homem vivo e poderá continuar emocionalmente leal ao marido perdido.

Elvis é a porta que ela fecha na cara do romance. A arquitetura da vida dele é seu retiro na montanha. Sua alta fortaleza, seu convento.

Stormye eu nos sentamos à mesa. Terri sutilmente conduziu-nos para longe da quarta cadeira, a que Kelsey sempre ocupava quando vivo.

O assunto de nosso iminente casamento surgiu antes de estarmos propriamente acomodados em nossos assentos. Com o conhaque de pêssgo que nos serviu, Terri fez um brinde à nossa eterna felicidade.

Todo outono, ela transforma potes cheios de casca de pêssgo 'f neste elixir: fermenta, filtra, engarrafa. O sabor é irresistível, e o conhaque provoca tal efeito que é melhor quando apreciado em pequenas doses.

Mais tarde, quando Stormy e eu terminávamos nossa segunda dose, e quando o Rei cantava "Love Me Tender", eu contei a Terri que Elvis pegara carona no carro dela. Terri emocionou-se a princípio, mas depois ficou triste por ouvir que ele chorara ao longo de nossas viagens.

- Já o vi chorar algumas vezes antes - falei. - Desde a morte, ele parece emocionalmente frágil. Mas esta foi a pior das vezes que presenciei.

- Claro - disse Terri. - Não há mistério para ele estar numa total confusão justo hoje.

- Bem, é mistério para mim - assegurei-lhe.

- É 14 de agosto. Às 13h14 da manhã de 14 de agosto de 1958, a mãe dele morreu. Ela só tinha 46 anos.

- Gladys - disse Stormy. - O nome era Gladys, não era? Há a fama de artistas de cinema como aquela desfrutada por Tom Cruise, a fama de astros de rock como a de MickJagger, a fama literária, a fama política ... Mas a mera fama transforma-se em verdadeira lenda quando pessoas de diferentes gerações lembram do nome de sua mãe um quarto de século depois da sua morte e quase meio século depois da dela.

- Elvis estava a serviço - recordou Terri. - Em 12 de agosto, ele voou para Memphis numa licença de emergência e foi para junto da cama da mãe no hospital. Mas 16 de agosto é um i dia ruim para ele também.

- Porquê?

- Foi quando ele morreu - disse Terri.

- O próprio Elvis? - perguntou Stormy.

- Sim. 16 de agosto de 1977.

Eu terminara o segundo conhaque de pêssego. Terri ofereceu a garrafa.

Eu queria mais, mas não precisava. Cobri o copo vazio com a mão e disse:

- Elvis parecia preocupado comigo.

- Do que está falando? - perguntou Terri.

- Ele deu tapinhas no meu braço. Como se sentisse simpatia por mim. Estava com ar melancólico, como se estivesse com pena de mim por alguma razão.

Aquela revelação alarmou Stormy.

- Você não me contou isso. Por que não me contou? Encolhi os ombros.

- Não significa nada. Era só o Elvis.

- Se não significa nada - perguntou Terri -, por que mencionou isso?

- Significa alguma coisa para mim - declarou Stormy. Gladys morreu no dia 14. Elvis morreu no dia 16. O dia 15 está espremido entre os dois - é quando este filho da mãe do Robertson vai sair atirando nas pessoas. Amanhã.

Terri franziu a testa para mim. - Robertson?

- O Homem-Fungo. O cara que fui procurar com seu carro.

- Encontrou-o?

- Sim. Ele vive em Camp's End.

- E?

- O chefe e eu ... estamos no caso.

- Este Robertson é um mutante resultado de lixo tóxico saído de algum filme louco - Stormy explicou a Terri. - Ele veio atrás de nós na São Bartolomeu e, quando conseguimos escapar, ele destruiu parte da igreja.

Terri ofereceu mais conhaque de pêssago a Stormy. - Você disse que ele vai sair atirando nas pessoas? Stormy não bebe muito, mas aceitou outra rodada.

- O sonho recorrente do seu cozinheiro finalmente está se tornando realidade.

Agora Terri parecia alarmada.

- Os funcionários mortos da pista de boliche?

- E talvez um monte de gente num cinema - disse Stormy, que então entornou o conhaque de pêssago num só gole.

- Isso também tem algo a ver com o sonho de Viola? - Terri perguntou-me.

- É uma história muito longa pra contar agora - falei.

- Está tarde. Estou quebrado.

- Tem tudo a ver com o sonho dela - Stormy disse a Terri.

- Preciso dormir - implorei. - Conto pra você amanhã, Terri, quando tudo acabar.

Quando empurrei minha cadeira para trás, pretendendo me levantar, Stormy pegou meu braço e segurou-me à mesa.

- E agora descubro que o próprio Elvis Presley alertou Oddie de que ele morrerá amanhã.

Objetei.

- Ele não fez tal coisa. Apenas deu tapinhas no meu braço e depois, antes de sair do carro, apertou minha mão.

- Apertou sua mão? - Stormy perguntou num tom que insinuava que tal gesto só poderia ser interpretado como o pior dos presságios.

- Não é grande coisa. Tudo o que fez foi segurar minha mão entre as dele e apertá-la duas vezes ...

- Duas vezes!

- e me deu aquele olhar novamente.

- Aquele olhar de pena? -. perguntou Stormy. Terri pegou a garrafa e se ofereceu para servir Stormy. Coloquei minha mão sobre o copo dela.

- Já bebemos o bastante.

Agarrando minha mão direita e segurando-as entre as dela como Elvis havia feito, Stormy disse insistentemente:

- O que ele está tentando dizer, Sr. Médium machão metido a Batman, é que a mãe dele morreu em 14 de agosto, e ele morreu em 16 de agosto, e que você vai morrer em 15 de agosto - os três como num golpe triplo da morte, se você não tomar cuidado.

- Não foi isso que tentou me dizer - discordei.

- O quê? Acha que ele só estava cantando você?

- Ele não tem mais vida amorosa. Está morto.

- De qualquer forma - disse Terri -, Elvis não era gay.

- Não aleguei que era gay. Stormy fez a dedução.

- Apostaria o Grille - disse Terri - e a banda direita do meu traseiro de que Elvis não era gay.

Eu gemi.

- Esta é a conversa mais doida que já tive. Terri me contrariou:

- Dá um tempo! Já tive centenas de conversas com você muito mais doidas que esta.

- Eu também - concordou Stormy. - Odd Thomas, você é uma fonte de conversas doidas. - Um gêiser- sugeriu Terri.

- Não sou eu, é só a minha vida - lembrei a elas.

- É melhor ficar fora disso - afligiu-se Terri. - Deixe Wyatt Porter cuidar de tudo.

- VOu deixar que ele cuide disso. Não sou tira, sabia? Não carrego uma arma. Tudo que posso fazer é aconselhá-lo.

- Nem mesmo aconselhe desta vez - disse Stormy. - Apenas desta vez, fique fora disto. Venha para Vegas comigo. Agora.

Queria agradá-la. Agradá-la me agrada, então os pássaros cantam mais doce que de costume, e as abelhas fazem um mel mais gostoso e o mundo é um lugar de alegria - ou assim parece segundo minha perspectiva.

O que eu queria fazer e a coisa certa a fazer não eram o mesmo. Então disse:

- O problema é que eu fui posto aqui para este trabalho, e se recuar de meu trabalho, ele irá me perseguir, de uma maneira ou de outra.

Peguei meu copo. Tinha esquecido que estava vazio. Recoloquei-o sobre a mesa.

- Quando tenho um alvo específico, meu magnetismo psíquico trabalha em duas direções. Posso andar aleatoriamente e descobrir

quem preciso descobrir ... neste caso, Robertson ... ou ele será atraído para mim se quiser, às vezes mesmo que não queira. E no segundo caso, tenho menos controle da situação e estou mais exposto a ... ser desagradavelmente surpreendido.

- Isso é só teoria - disse Stormy.

- Não é nada que eu possa provar, mas é verdade. É algo que sei aqui no estômago.

- Sempre suspeitei de que não pensasse com a cabeçadisse Stormy, o tom de persistência - e quase raiva - mudando para resignação e afeição.

Terri me disse:

- Se eu fosse sua mãe, socaria seus ouvidos.

- Se fosse minha mãe, eu não estaria aqui.

Aquelas eram as duas mulheres mais importantes no mundo para mim; amo-as de maneiras diferentes, e rejeitar o pedido delas, mesmo na intenção de fazer a coisa certa, era difícil.

A luz das velas iluminava seus semblantes com o mesmo brilho dourado, e fitavam-me com idêntica ansiedade, como se por virtude da intuição feminina soubessem de coisas que eu não podia perceber nem com meu sexto sentido.

No CD player, Elvis cantava "Are You Lonesome Tonight?".
Consultei meu relógio.

- É 15 de agosto.

Quando tentei me levantar, Stormy não me impediu como fizera anteriormente. Ela também se ergueu da cadeira.

Eu esclareci:

- Terri, acho que vai precisar me cobrir amanhã no primeiro turno - ou chamar Poke, se ele estiver disposto.

- O quê? Não pode cozinhar e salvar o mundo ao mesmo tempo?

- Não, só se quiser bacon queimado. Desculpe por avisar tão em cima da hora.

Terri nos acompanhou até a porta. Abraçou Stormy e então me abraçou. Depois socou um dos meus ouvidos.

- É melhor estar aqui depois de amanhã, na hora certa, na chapa, virando aqueles hambúrgueres, senão coloco você para servir refrigerante.

VINTE E NOVE

DE ACORDO COM A GRANDE PLACA DIGITAL NO BANK OF IRELAND, a temperatura tinha caído para agradáveis 32 graus à "F", meia-noite, momento em que vassouras têm licença para voar.

Uma brisa preguiçosa agitava-se pela cidade, morrendo e erguendo-se repetidas vezes, como se a ferrugem inibisse os mecanismos dos deuses dos ventos. Quente e seca, viajava em suspiros refrescantes e espasmódicos entre figueiras, palmeiras e jacarandás.

As ruas de Pico Mundo estavam quietas. Quando a brisa lançava seu sopro, eu ouvia o click dos interruptores nas caixas de controle dos sinais de trânsito quando as luzes mudavam de verde para amarelo e depois vermelho nas interseções.

Enquanto caminhávamos para o apartamento de Stormy, o único movimento era o dardejar e o mergulho de um bando de morcegos perseguindo uma agitação de mariposas através do clarão do poste, até a lua, e depois para além de Cassiopeia.

Stormy mora a três quarteirões do Pico Mundo Grille.

Andávamos de mãos dadas e andávamos em silêncio.

Meu curso já estava irrevogavelmente traçado. Apesar das objeções, Stormy sabia tão bem quanto eu que não havia escolha senão fazer o possível para ajudar O chefe Porter a deter Robertson antes que ele cometesse o massacre que banhava meus sonhos por três anos.

Qualquer coisa que agora pudesse ser dita sobre o assunto seria uma repetição inútil. E ali na hora escura que antecedia uma aurora ameaçadora, conversas fúteis não tinham qualquer charme.

A antiga casa vitoriana de dois andares fora dividida em quatro apartamentos. Stormy morava na unidade do térreo à direita.

Não imaginávamos que Robertson nos esperasse lá. Embora de alguma forma houvesse descoberto quem eu era, não procedia que descobrisse tão facilmente o endereço de Stormy.

Que estivesse esperando por mim, em meu apartamento sobre a garagem de Rosalia Sanchez, era uma aposta melhor que a casa de Stormy.

A prudência, no entanto, nos tornava cautelosos ao entrarmos no vestíbulo e depois no apartamento. Lá dentro, o ar fresco tinha um leve perfume de pêssego. Deixamos o Mojave bem atrás de nós quando fechamos a porta.

O apartamento possui três cômodos, mais um banheiro e uma cozinha. Acendendo as luzes, fomos direto para o quarto de Stormy, onde ela guarda a pistola 9mm.

Ela ejetou o pente, verificou se estava completamente carregado, e o recolocou na arma.

Tenho receio de qualquer arma em qualquer lugar, a qualquer hora - exceto quando a arma está nas mãos de Stormy. Ela poderia ficar com o dedo num botão de detonação de uma arma nuclear, e eu me sentiria seguro o bastante para tirar um cochilo.

Uma rápida verificação nas janelas revelou que estavam trancadas, como Stormy as deixara.

Nenhum bicho-papão tinha estabelecido residência em nenhum dos armários.

Enquanto Stormy escovava os dentes e se trocava para dormir, liguei para o Boliche Green Moon e ouvi uma mensagem gravada comunicando horários, serviços e valores. Abriam às 11 horas de quinta-feira a domingo, e às 13 horas de segunda a quarta-feira.

O mais cedo que Robertson poderia entrar no centro de boliche com assassinato em mente seria quando destrancassem as portas às 13 horas.

Dois cinemas multiplex com um total de vinte telas de exibição

serviam a grande área de Pico Mundo. Por telefone, descobri que o filme para o qual Viola pretendia levar as filhas era exibido apenas em duas salas de um único multiplex. Anotei mentalmente o horário das exhibições, a primeira delas sendo às 13h10.

No quarto, puxei as cobertas, tirei os sapatos e me estiquei em cima do fino cobertor, esperando por Stormy.

Ela tinha mobiliado sua humilde casa com itens de bazares gerenciados pela Godwill ou pelo Exército da Salvação; contudo, a aparência não era surrada ou sem personalidade. Stormy tem talento para o design eclético e para discernir a mágica em objetos que outros provavelmente veriam meramente como velhos ou peculiares, ou até grotescos.

Luminárias de chão com cúpula de seda e franjas de miçangas, cadeiras no estilo Stickiey combinadas com rechonchudas banquetas vitorianas estofadas em tapeçaria, gravuras de Max:field Parrish, vasos de vidro iridescente e bibelôs: a mistura não deveria funcionar, mas funcionava. Os cômodos eram os mais acolhedores que eu já vira.

O tempo parece suspenso neste lugar.

Nestes cômodos, sinto-me em paz. Esqueço minhas preocupações. Os problemas com panquecas e poltergeists são afastados de mim.

Aqui não posso ser ferido.

Aqui conheço meu destino e me sinto contente com ele. Aqui Stormy vive, e onde ela vive, eu floresço.

Acima da cama, por trás de vidro, numa moldura, está o cartão da máquina de adivinhação: VOCÊS ESTÃO DESTINADOS A FICAR JUNTOS PARA SEMPRE.

Quatro anos atrás, à meio caminho para a exposição do condado, um berrante aparelho chamado Mamãe Cigana aguardava num canto escuro nos fundos de uma tenda de fliperama cheia de jogos incomuns e atrações macabras.

A máquina lembrava uma cabine de telefone antiquada e tinha dois metros de altura. A metade de baixo era inteiramente fechada.

A metade de cima apresentava vidraças em três lados.

Na porção envidraçada estava sentada a figura anã de uma mulher trajada numa fantasia de cigana completa com joias espalhafatosas e lenço de cabeça colorido. As mãos nodosas, ossudas e atrofiadas repousavam sobre as coxas, e o verde das unhas parecia mais mofo que esmalte.

Uma placa aos seus pés alegava que aquele era o cadáver mumificado de uma anã cigana. Na Europa do século XVIII, fora renomada pela exatidão de seus prognósticos e predições.

A pele matizada do rosto esticava-se sobre o crânio. As pálpebras mantinham-se fechadas com alinhavos de linha preta, assim como os lábios.

O mais provável não era que fosse obra da Morte agindo na carne da médium, como alegado, mas sim o produto de um artista que era talentoso com gesso, papel e látex.

Quando Stormy e eu nos aproximamos da Mamãe Cigana, outro casal depositava uma moeda na máquina. A mulher inclinou-se na direção de uma tela redonda no vidro e fez sua pergunta em voz alta:

- Diga Mamãe Cigana, Johnny e eu teremos um casamento longo e feliz?

O homem, evidentemente Johnny, apertou o botão RESPOSTA, e um cartão deslizou na bandeja de metal. Leu em voz alta:

- Um vento frio sopra, e cada noite parece durar mil anos. Nem Johnny nem a futura esposa consideraram aquilo res;losta para a pergunta, então tentaram outra vez. Ele leu o segundo cartão:

- O louco pula do penhasco, mas o lago abaixo está congelado pelo inverno.

A mulher, acreditando que a Mamãe Cigana não tinha ouvi* bem a pergunta, repetiu:

- Johnnye eu teremos um casamento longo e feliz? Johnny leu o terceiro cartão:

- O pomar de árvores ressecadas produz frutas venenosas. Com

irracional persistência, o casal gastou mais quatro moedas na busca da resposta. Começaram a discutir ao receberem o cartão. Quando Johnny leu o de número 8, o vento frio irrevisto pela primeira predição soprava com força de tempestade entre eles.

Depois que Johnny e sua amada saíram, Stormy e eu tivemos dessa vez na Mamãe Cigana. Uma única moeda nos produziu a certeza de que estávamos destinados a ficar juntos para sempre.

Quando Stormy conta essa história, alega que depois de nos coner o que o outro casal queria, a anã mumificada tinha piscado. Não vi essa piscada. Não sei como um olho fechado por ali poderia executar tal truque e ainda assim não estragar um ponto da costura. A imagem de uma múmia piscando ressoa em mim apesar de tudo.

Agora, enquanto esperava sob o cartão emoldurado da Mamãe Cigana, Stormy veio para a cama. Vestia uma simples calcinha de algodão branco e uma camiseta do Bob esponja calça quadrada.

Todas as modelos do catálogo da Vitoriàs Secret, em tangas, camisolas minúsculas e sutiãs reveladores, juntas possuíam apenas uma fração da atração erótica de Stormy em calcinha de colegial e camiseta do Bob Esponja.

Deitando de lado, aconchegando-se em mim, apoiou a cabeça em meu peito para ouvir meu coração. Ficou com a orelha cheia.

Ela geralmente gosta de ficar assim até cair no sono. Sou o barqueiro no qual confia para ser levada para sonhos tranquilos.

Depois de certo silêncio, murmurou: - Se me quiser ... estou pronta.

Não sou nenhum santo. Usei minha carteira de motorista para entrar em casas sem ser convidado. Respondo violência com violência, e nunca ofereço a outra face. Tenho pensamentos suficientemente impuros para destruir a camada de ozônio. E já falei mal da minha mãe.

Mas quando Stormy se ofereceu para mim, pensei na menina órfã, então conhecida no mundo como Bronwen, sozinha e assustada aos 7 anos, adotada e instalada num porto seguro, apenas para descobrir que o novo pai não queria uma filha, mas um

brinquedo sexual. A confusão, o medo, a humilhação, a vergonha eram fáceis demais de serem imaginados.

E também pensei em Penny Kallisto e a concha que ela me entregara. Da lustrosa garganta rosada daquela concha viera a voz de um monstro falando a língua da luxúria enlouquecida.

Apesar de não confundir minha limpa paixão com o desejo doentio e o egoísmo selvagem de Harlo Landerson, não conseguia purgar da memória sua respiração agitada e os gemidos bestiais.

- Sábado está pertinho - respondi. - Você ensinou-me a beleza da expectativa.

- E se sábado nunca chegar?

- Teremos este sábado e milhares mais - assegurei a ela.

- Preciso de você - confessou-me.

- E isso é algo novo?

- Deus,não.

- Também não é novo para mim.

Abracei-a, ela ouvia meu coração. Os cabelos lhe cobriam o rosto como a asa de um corvo, e minha disposição decolou.

Logo ela murmurava satisfeita com alguém que parecia ter encontrado no sono. O barqueiro cumprira seu trabalho, e Stormy velejava em sonhos.

Saí da cama sem acordá-la, puxei o lençol e um fino cobertor sobre seus ombros, e deixei a luminária ao lado da cama na modulação mais fraca. Ela não gostava de acordar no escuro.

Depois de calçar meus sapatos, beijei-a na testa e deixei-a com a pistola 9mm no criado-mudo.

Desliguei o resto das luzes do apartamento, saí para o vestíbulo coletivo e tranquei a porta com a chave que ela me dera.

A porta da frente do prédio tinha um grande vitral oval. As bordas chanfradas das peças do mosaico exibiam uma visão fragmentada e distorcida do alpendre.

Coloquei o olho num pedaço plano de vidro para ver as coisas com mais clareza. Uma van não identificada da polícia estacionara no meio-fio do lado oposto da rua.

A aplicação da lei em Pico Mundo envolvia algumas operações clandestinas. O departamento de polícia possui apenas duas Unidades não identificadas.

O cidadão comum não reconheceria qualquer um dos veículos. Por causa da assistência que eu ofereci ao chefe em inúmeros casos, já estava familiar com ambos.

Das características identificadoras da van branca, a pequena e grossa antena de ondas curtas presa no teto da traseira era a prova contundente.

Eu não pedira ao chefe que oferecesse proteção a Stormy; ela teria ficado zangada com a insinuação de que não poderia cuidar de si mesma. Ela tem sua pistola, seu certificado de graduação no curso de autodefesa, e seu orgulho.

O perigo para Stormy, caso existisse, parecia existir apenas quando eu estava com ela. Bob Robertson não tinha queixa de ninguém. Só de mim.

Esse encadeamento lógico me fez perceber que o chefe Porter não devia estar oferecendo proteção a Stormy, mas a mim.

Provavelmente, não era proteção, mas vigilância. Robertson tinha me rastreado até a casa de Pequeno Ozzie e me encontrara novamente mais tarde na São Bartolomeu. O chefe devia estar de olho em mim na esperança de Robertson farejar minhas pegadas outra vez, pois assim ele poderia ser levado em custódia para interrogatório quanto ao vandalismo da igreja.

Compreendia este raciocínio, mas me ressentia por servir de isca sem ter sido educadamente consultado primeiro se me importava de ter um anzol no traseiro.

Além disso, no afã de atender às responsabilidades de meu dom sobrenatural, eu às vezes recorria a táticas reprovadas pela polícia. O chefe sabe disso. Ser objeto de vigilância policial e proteção me inibiria e, caso agisse da costumeira maneira impulsiva, tornaria a

situação do chefe Porter mais difícil.

Em vez de sair pela entrada principal, caminhei para o fim do vestíbulo coletivo e saí pela porta dos fundos. Um pequeno quintal iluminado pela lua conduzia a uma garagem para quatro carros; um portão ao lado da garagem abria para uma viela.

O oficial na van pensaria estar mantendo vigilância sobre mim, mas agora servia de guardião para Stormy. E ela não poderia ficar zangada comigo porque nunca pedi que lhe fornecessem proteção.

Sentia-me cansado, mas ainda não estava pronto para dormir.

Fui para casa mesmo assim.

Talvez Robertson estivesse esperando por mim e tentasse me matar. Talvez eu sobrevivesse, conseguisse dominá-lo, chamasse o chefe e, assim, colocasse um fim naquilo.

Depositava grandes esperanças num encontro violento com conclusão satisfatória.

TRINTA

O MOJAVE TINHA PARADO DE RESPIRAR, OS PULMÕES MORTOS do deserto não mais exalavam a brisa preguiçosa que acompanhara a mim e Stormyem nossa caminhada até o apartamento dela.

Pelas ruas e vielas, ao longo de uma trilha cortando um terreno vazio, através de canaletas de drenagem secas há meses, e então nas ruas novamente, fiz meu caminho para casa em passo rápido.

Os bodachs estavam por toda parte.

Primeiro os vi a distância, uma dúzia ou mais, correndo em bando. Quando passavam por lugares escuros, eram discerníveis apenas como um tumulto de sombras, mas sob a luz de postes e portões revelavam-se como eram. Os movimentos ágeis e a postura ameaçadora lembravam panteras em perseguição à presa.

Uma casa georgiana de dois andares na Hampton Way era um ímã de bodachs. Quando passei do lado oposto da rua, vi vinte ou trinta formas negras, algumas chegando e outras partindo pelas fendas nas armações das janelas e frestas nos batentes das portas.

Sob a luz da varanda, um bodach se sacudia e contorcia como um espasmos de loucura. Então se afunilou através do buraco da fechadura na porta da frente.

Dois outros, saindo da residência, esticavam-se pela tela que cobria um respiradouro no sótão. Tão confortáveis em superfícies 'erticais quanto qualquer aranha, rastejaram parede abaixo até o telhado da varanda, de onde saltaram para o gramado da frente.

Aquele era o lar da família Takuda, Ken e Micali, com seus três filhos. Nenhuma luz iluminava qualquer janela. Os Takudas dormiam, sem saber que um enxame de espíritos malevolentes, mais silenciosos que baratas, rastejavam através de seus quartos e os observavam sonhando.

Só podia supor que um dosTakudas - ou todos eles - estava destinado a morrer naquele mesmo dia, qualquer que fosse o incidente violento que atraía os bodachs para Pico Mundo em grandes números.

A experiência me ensinara que aqueles espíritos geralmente se aglomeram no local de iminente horror, como na casa de repouso Buena Vista antes do terremoto. Neste caso, entretanto, eu não acreditava que os Takudas pereceriam em casa, assim como não esperava que Viola e as filhas morreriam em seu pitoresco bangalô.

Os bodachs não se concentravam em um lugar desta vez. Estavam por toda a cidade e, a julgar pela ampla distribuição e comportamento, deduzi que visitavam as potenciais vítimas antes de se reunirem no local onde o derramamento de sangue ocorreria. Era o show que antecedia o evento principal.

Mastei-me apressado da casa do Takudas e não olhei para trás, preocupado que a menor atenção que prestasse às criaturas as alertaria do fato de que eu podia vê-Ios.

Na Eucaliptus Way, outros bodachs tinham invadido a casa de Morris e Rachel Melman.

Desde que Morrie aposentara-se da função de superintendente do distrito escolar de Pico Mundo, deixou de resistir ao fato de que era um notívago por natureza. Passava essas quietas horas à procura de vários hobbies e interesses. Enquanto Rachel dormia no escuro andar superior, uma cálida luz iluminava o andar inferior.

As distintas formas dos bodachs em sua postura ereta, porém curvada, eram visíveis em cada janela do térreo. Pareciam estar num incessante e agitado movimento pelos cômodos, como se o cheiro de morte iminente lhes provocasse uma excitação violenta e delirante.

Até certo ponto, aquele silencioso frenesi marcava o comportamento onde quer que eu os visse desde quando caminhara para o trabalho menos de 24 horas atrás. A intensidade daquele êxtase maligno abastecia meu temor.

Naquela noite infestada, percebi que eu olhava cautelosamente para o céu, quase esperando ver bodachs pululando entre as estrelas. Contudo a lua não estava velada por espíritos alados, e as estrelas cintilavam desobstruídas desde Andrômeda até a Raposa.

Por não possuírem massa aparente, os bodachs não deviam ser afetados pela gravidade. Contudo nunca os vi voar. Apesar de sobrenaturais, pareciam estar presos por muitas, embora não todas, leis da física.

Quando alcancei Marigold Lane, fiquei aliviado porque a rua na qual vivia parecia livre daquelas bestas.

Passei pelo ponto onde detivera Harlo Landerson em seu Pontiac Firebird 400. Como, comparando agora, o dia começara fácil.

Com seu assassino identificado e impedido de atacar outras meninas, Penny Kallisto fez as pazes com este mundo e seguiu em frente. Aquele sucesso me dava esperança de que poderia impedir ou minimizar a carnificina que atraía legiões de bodachs para nossa cidade.

Nenhuma luz brilhava na casa de Rosalia Sanchez. Ela sempre vai cedo para a cama, pois levanta-se antes do amanhecer, ansiosa para ouvir se continua visível.

Não me aproximei da garagem pela entrada de carros. Cruzei ... o gramado lateral indo de carvalho em carvalho, reconhecendo sorrateiramente o território.

Quando decidi que nem Robertson nem qualquer outro inimigo tinha se postado no quintal, circulei a garagem. Apesar de não encontrar ninguém à espera, afugentei um coelho assustado de um suculento canteiro de liriopes e, quando passou disparado por mim, atingi meu recorde pessoal na competição de susto-e, pulo-vertical.

Subindo a escada externa até meu apartamento, observei as janelas acima, alerta para o revelador movimento de uma persiana. Os dentes da chave arranharam de leve o mecanismo da tranc.a. Virei a maçaneta e abri a porta.

Quando liguei a luz, vi a arma antes de qualquer coisa. Uma pistola.

Com chefe Porter como amigo, com Stormy como noiva, eu saberia a diferença entre uma pistola e um revólver mesmo que minha mãe não houvesse me instruído nos vários pontos positivos das armas de fogo em inúmeras ocasiões angustiantes.

A pistola não estava meramente caída no chão, parecia ter ido tão bem arranjada quanto um colar de diamantes no mostruário de veludo negro de uma joalheria, disposta para capturar a luz tal forma que seus contornos assumissem um teor quase erótico. Quem tivesse deixado a arma ali tinha esperanças de seduzir a pegá-la.

TRINTA E UM

MINHA MOBÍLIA DE VENDA DE GARAGEM (MUITO ARRANHADA e cafona para atender aos padrões dos bazares que vendem para Stormy), meus livros organizadamente arrumados em prateleiras feitas de tijolos empilhados e tábuas, meus pôsteres emoldurados de Quasimodo, interpretado por Charles Laughton; Hamlet, interpretado por Mel Gibson, e ET do filme de mesmo

nome (três personagens ficcionais com os quais me identificava por razões diferentes), o Elvis de papelão perpetuamente sorridente ...

Do vão da porta, onde eu estava, tudo parecia igual a antes de eu sair para trabalhar na terça-feira de manhã.

A porta antes trancada não possuía sinais de entrada forçada.

Circulando o prédio, eu não tinha notado janelas quebradas.

Agora eu me dividia entre deixar a porta aberta para facilitar uma rápida saída e trancá-la para impedir qualquer um de entrar às minhas costas. Depois de muita hesitação, fechei calmamente a porta e tranquei a fechadura de segurança.

Exceto pelo ocasional trinado de um pássaro noturno que se inalava pelas duas janelas com tela que deixei aberta para ventilação, o silêncio era tão profundo que uma gota d'água, na pequena cozinha, da bica na pia com um plonk que estremeceu meus tímpanos.

Certo de que pretendiam que eu pegasse a arma, facilmente insistindo à sedução, passei por cima dela.

Um dos benefícios de se viver num único cômodo - a poltrona, a poucos passos da cama, a cama a poucos passos da geladeira é que a busca por um intruso leva menos de um minuto, a pressão sanguínea não tem tempo de elevar-se para níveis de derrame quando só se precisa olhar atrás do sofá e em um unico guarda-roupa para verificar todos os esconderijos possíveis. Só o banheiro restava para ser vasculhado.

Aquela porta estava fechada. Eu a deixara aberta.

Depois do banho, sempre a deixava aberta porque o banheiro ha uma única janelinha, pouco mais que uma portinhola, e um exaustor que produz o mesmo barulho - mas move menos que uma bateria martelada por um músico de heavy metal.

Eu não deixasse a porta aberta, o banheiro seria dominado por agressivos mofos mutantes com apetite por carne humana, e eu ria forçado então a me banhar na pia da cozinha.

Tirando o celular do cinto, considerei ligar para a polícia para

enunciar um intruso.

Se os policiais chegassem e não encontrassem ninguém no banheiro, eu pareceria tolo. E ocorreram-me cenários nos quais eu pareceria mais do que meramente tolo.

Olhei para a arma no chão. Se tinha sido deixada com cuidadosa ponderação, com a intenção de que eu a pegasse, por que além desejaria que eu estivesse de posse dela?

Depois de colocar o telefone no balcão, parei ao lado da porta do banheiro e fiquei ouvindo atentamente. Os únicos sons eram a um vestígio cintilante de sabonete líquido no azulejo da bancada ao redor da pia e a grossa espuma de sabão na cuba sugeria que o assassino lavara vigorosamente as mãos depois do feito, talvez para limpar o sangue ou traços incriminadores de pólvora.

Depois de secá-Ias, jogara a toalha de mão na banheira. Ela cobria as costas da cabeça da vítima.

Sem intenção consciente, eu recuara do banheiro. Estava parado além da porta aberta.

Meu coração tocava um ritmo inapropriado à melodia do pássaro noturno.

Olhei na direção da arma sobre o carpete, exatamente diante da porta de entrada. Minha instintiva relutância em tocar a arma provara-se prudente, embora eu ainda não compreendesse o completo significado do que acontecera ali.

Meu celular estava sobre o balcão, e o telefone do apartamento, sobre o criado mudo ao lado de minha cama. Considerei aqueles para quem deveria ligar e aqueles para quem poderia ligar. Nenhuma das opções me parecia atraente.

Para melhor compreender a situação, eu precisava ver o rosto do cadáver.

Retomei ao banheiro. Inclinei-me sobre a banheira. Evitando os dedos curvados e contorcidos, agarrei um punhado da roupa e, com certo esforço, virei o homem morto de lado, depois de costas.

A toalha deslizou de seu rosto.

Ainda um cinza-pálido, mas desprovidos de seu característico divertimento misterioso, os olhos de Bob Robertson pareciam mais intensamente focados em morte que em vida. O olhar se fixou atentamente numa visão distante, como se no instante final de sua existência, ele tivesse vislumbrado algo mais espantoso e muito mais aterrorizante que apenas o rosto de seu assassino.

Periódica canção de um pássaro noturno e, após longa pausa, o plonk de outra gota d'água na pia da cozinha.

A maçaneta virou sem resistência. A porta se abriu. Alguém deixara a luz acesa.

Sou diligente quanto a economizar eletricidade. O custo pode ser de apenas alguns centavos, mas um cozinheiro que espera casar não pode arcar com luzes acesas ou música tocando para o prazer de aranhas e espíritos que possam visitar sua moradia em sua ausência.

Com a porta toda aberta, o pequeno banheiro não ofereceria lugar para um intruso se esconder senão na banheira, atrás da cortina fechada do chuveiro.

Eu sempre fecho a cortina depois do banho, porque se eu a deixasse puxada num canto, ela não secaria direito naquele espaço pouco ventilado. O mofo imediatamente estabeleceria moradia em suas dobras úmidas.

Desde que eu saíra na manha de terça-feira, alguém havia puxado a cortina para o canto. Aquela ou outra pessoa estava naquele momento virada para baixo dentro da banheira.

Ele parecia ter caído na banheira ou ter sido largado ali como peso morto. Nenhuma pessoa viva se deitaria em posição tão estranha, o rosto contra o ralo, o braço direito virado para trás do corpo num ângulo atormentador que sugeria um ombro deslocado ou mesmo um manguito rompido.

Os dedos da pálida mão exposta estavam curvados numa rígida garra. Não se moviam; também não tremiam.

Ao longo da borda oposta da banheira, uma fina mancha de sangue secara na porcelana.

Quando o sangue se derrama em quantidade, pode-se sentir o cheiro: não é um odor asqueroso quando fresco, mas sutil, marcante e apavorante. Eu não conseguia detectar o menor cheiro de sangue ali.

TRINTA E DOIS

POR UM INSTANTE ESPEREI QUE O HOMEM-FUNGO PISCASSE, sorrisse, me agarrasse e me arrastasse para a banheira com ele, me atacasse com aqueles dentes que lhe serviram tão bem durante sua comilança no balcão do Pico Mundo Grille.

Sua morte inesperada me deixava sem nenhum monstro imediato, com meu plano sabotado e meu propósito incerto. Havia suposto que ele era o assassino maníaco de meu sonho recorrente, não meramente outra vítima. Com Robertson morto, aquele labirinto não possuía nenhum Minotauro para rastrear e destruir.

Ele levava um tiro no peito de tão perto que o cano da arma devia ter sido pressionado contra seu corpo. A camisa carregava a dilatação marrom-acizentada de uma marca chamuscada.

Com os batimentos cardíacos interrompidos de repente, pouco sangue escapou do corpo.

Novamente recuei do banheiro.

Quase fechei a porta. Então tive a estranha sensação de que por trás da porta fechada, apesar do coração atingido, Robertson se levantaria calmamente da banheira e ficaria à espera, pegandome de surpresa quando eu voltasse.

O corpo estava duro como pedra, sabia que estava morto, mesmo assim aquelas preocupações irracionais contraíam meus nervos.

Deixando a porta do banheiro aberta, fui até a pia da cozinha e lavei minhas mãos. Depois de secá-las em papel-toalha, quase as lavei outra vez.

Embora tivesse tocado apenas as roupas de Robertson, eu imaginava que minhas mãos cheiravam a morte.

Erguendo o fone da parede, por acidente bati com ele na base,

E quase o deixei cair. Minhas mãos estavam tremendo.

Ouvi o sinal de discagem.

Sabia o numero do chefe Porter. Não precisava procurar.

Por fim recoloquei o fone no lugar sem apertar um único dígito no teclado.

As circunstâncias haviam alterado minha confortável relação com o chefe. Um homem morto esperava para ser descoberto em meu apartamento. A arma que o matara estava ali também.

Mais cedo, eu relatara um encontro alterado com a vítima na São Bartolomeu. E o chefe sabia que eu entrara ilegalmente na casa de Robertson na tarde de terça-feira e, portanto, oferecido ao homem razão para me confrontar.

Se a pistola estivesse registrada com o nome de Robertson, a hipótese mais óbvia por parte da polícia seria a de que ele viera exigir saber o que eu fazia na sua casa e talvez ameaçar-me. Iriam Supor que tínhamos discutido, que a discussão levou a uma briga, e que eu atirara nele com sua própria arma em autodefesa.

Não me acusariam de assassinato ou homicídio culposo. Provavelmente nem me levariam em custódia para interrogatório.

No entanto, se a pistola não estivesse registrada no nome de Robertson, eu estaria preso como um rato na ratoeira.

Wyatt Porter me conhecia bem demais para acreditar que eu mataria um homem a sangue frio, quando minha vida não estivesse em risco. Sendo o chefe da polícia, estabelecia as políticas do departamento e tomava importantes decisões de procedimento, mas não era o único tira da força policial. Outros não seriam tão rápidos em me declarar inocente sob circunstâncias questionáveis, e se não houvesse nenhum motivo senão as aparências, o chefe teria que me colocar na cela por um dia, até descobrir uma maneira de resolver a questão a meu favor.

Na cadeia, eu estaria a salvo da catástrofe sangüinária que se abateria sobre Pico Mundo, mas eu não estaria em posição de usar meu dom para impedir a tragédia. Não poderia escoltar Viola Peabody e as filhas de casa para o refúgio mais seguro do lar da irmã. Não encontraria uma maneira de induzir a família Takuda a mudar os planos de quarta-feira.

Eu esperava seguir os bodachs até o local do iminente crime quando a manhã de quarta-feira cedesse lugar à tarde, quando o evento parecia destinado a ocorrer. Aqueles espíritos malévolos se agrupariam antes do derramamento de sangue, me proporcionando, talvez, tempo suficiente para mudar o destino de todos aqueles que estavam, sem saber, aproximando-se da morte naquele local ainda desconhecido.

Odisseu acorrentado, todavia, não poderia retomar o caminho para Ítaca.

Incluo esta alusão literária apenas porque sei que Pequeno Ozzie achará divertida a minha audácia de me comparar ao grande herói da Guerra de Troia.

- Dê à narrativa um tom mais leve que o que pensa que merece, querido rapaz, mais leve que o que pensa que pode suportar dar - instruiu antes que eu comesse a escrever -, pois você não encontrará a verdade da vida na morbidez, apenas na esperança.

Minha promessa de obedecer à instrução tem se tornado mais difícil de ser mantida enquanto minha história procede impiedosa até a hora da arma. A luz se afasta de mim, e a escuridão me sufoca. Para agradar minha pesada musa de seis dedos, devo recorrer a ardis como os de Odisseu.

Tendo determinado que não poderia pedir ajuda ao chefe Porter naquelas circunstâncias, desliguei todas as luzes, exceto a do banheiro. Não suportaria ficar completamente no escuro com o cadáver, pois pressentia que, mesmo morto, ele ainda tinha surpresas reservadas para mim.

Na escuridão, logo achei meu caminho pelo quarto entulhado, tão confiante quanto se tivesse nascido cego e crescido ali. Diante de uma das janelas frontais, girei o bastão de controle para abrir a

persiana.

À direita, via a escada iluminada pela lua enquadrada em tiras porcausa das lâminas da persiana. Não havia ninguém subindo para meu apartamento.

Diretamente à frente ficava a rua, mas por causa da interferência dos carvalhos, eu não tinha uma visão clara. No entanto, entre os galhos, podia ver o bastante da Marigold Lane para ter certeza de que nenhum veículo suspeito estacionara junto ao meio-fio desde minha chegada.

A julgar pela evidência, eu não estava sendo observado, mas tinha certeza de que quem atacara Robertson voltaria. Quando soubesse que eu viera para casa e descobrira o cadáver, viria me liquidar também, e faria o duplo assassinato parecer assassinato. Suicídio, ou provavelmente faria uma ligação anônima para a polícia ê me colocaria numa cela, o que eu estava determinado a evitar. Eu reconhecia uma armação quando via uma.

TRINTA E TRES

DEPOIS DE FECHAR A PERSIANA DA JANELA, DEIXANDO AS luzes apagadas, fui para a cômoda, que ficava próxima à cama. Naquele espaço sem divisórias, tudo podia ser encontrado perto da cama, inclusive o sofá e o micro-ondas.

Na última gaveta da cômoda eu guardava meu único conjunto de roupas de cama reserva. Debaixo das fronhas, encontrei o lençol passado e dobrado.

Apesar de não duvidar de que a situação justificava o sacrifício, lamentava ter que desistir daquele lençol. Roupas de cama de algodão de boa qualidade não eram baratas, e eu era um tanto alérgico a muitos dos tecidos sintéticos comumente usados para tais itens.

No banheiro, abri o lençol no chão.

Estando morto e, portanto, indiferente aos meus problemas, Robertson não poderia tornar meu trabalho mais fácil; contudo, fiquei surpreso com sua resistência em ser removido da banheira.

Aquela não era a ativa força de uma oposição consciente, mas a passiva resistência da rigidez cadavérica.

Ele se provava tão rígido e difícil de manejar quanto uma pilha de tábuas pregadas juntas em ângulos estranhos.

Relutante, coloquei uma das mãos no seu rosto. Robertson estava mais frio do que eu esperava.

Talvez o meu entendimento dos eventos da noite anterior precisasse de alguns ajustes. Sem pensar, fiz certas suposições que a condição de Robertson não confirmava.

Para descobrir a verdade, eu teria que examiná-lo melhor. Por estar com o rosto dentro da banheira quando o encontrei, antes que o virasse, eu agora desabotoava a camisa.

A tarefa me encheu de aversão e repugnância, previsível, mas não estava preparado para a abominável sensação de intimidade que gerava uma terrível náusea.

Meus dedos estavam molhados de suor. Os botões perolados provaram ser escorregadios.

Fitei o rosto de Robertson, certo de que o olhar recuperaria o foco de visão sobrenatural e se voltaria para minhas mãos. Claro que a expressão de choque e terror não mudaram, continuava fitando algo além do véu que separava este mundo do outro.

Os lábios estavam ligeiramente abertos, como se com o último suspiro cumprimentasse a Morte ou fizesse um apelo não atendido.

Olhar para aquele rosto só me causou mais arrepios. Quando baixei a cabeça, imaginei que os olhos dele acompanhavam a minha luta com os botões teimosos. Se tivesse sentido um hálito fétido exalado perto de minha testa, teria gritado, mas não teria ficado surpreso.

Nenhum cadáver jamais me horripilara tanto quanto aquele.

Em grande parte, os falecidos com os quais interajo são aparições, sou resguardado de tanta familiaridade com o sujo aspecto biológico da morte.

Naquele caso, eu estava menos preocupado com os odores e

sinais da primeira etapa de putrefação do que com as peculiaridades físicas do homem morto, principalmente com aquele caráter fungoide esponjoso que o marcara em vida, mas também com a extraordinária fascinação - revelada pelos arquivos - por tortura, assassinato brutal, desmembramento, decapitação e canibalismo.

Abri o último botão. Dobrei a camisa para trás.

Como não vestia camiseta, eu vi a avançada lividez imediatamente. Depois da morte, o sangue se acomoda entre os tecidos das partes inferiores do corpo, dando àquelas áreas uma aparência muito feia de hematoma. O peito mole e a barriga flácida de Robertson estavam matizados, escuros e repulsivos.

A frieza da pele, a rigidez cadavérica e a avançada lividez sugeriam que Robertson não morrera uma ou duas horas antes, mas muito antes. O abafamento do meu apartamento teria acelerado a deterioração do cadáver, mas não a este ponto.

Provavelmente, no cemitério da São Bartolomeu, quando Robertson me mostrou o dedo enquanto eu olhava da torre do sino, não era um homem vivo, mas uma aparição.

Tentei lembrar se Stormy o vira. Ela estava abaixada retirando o queijo e os biscoitinhos da cesta de piquenique. Eu os derrubei da mão dela por acidente, espalhando-os pelo passadiço.

Não. Ela não viu Robertson. Quando se levantou e se inclinou no parapeito para olhar o cemitério, ele já sumira.

Momentos depois, quando abri a porta da frente da igreja e encontrei Robertson subindo os degraus, Stormy estava atrás de mim. Deixei que a porta se fechasse e empurrei Stormy para fora do nártex, para a nave, na direção do altar da igreja.

Antes de ir para a São Bartolomeu, eu vira Robertson duas vezes na casa de Pequeno Ozzie em Jack Flats. Na primeira vez, parara na calçada diante da casa, depois no quintal dos fundos.

Em nenhuma ocasião Ozzie esteve numa posição que confirmasse que o visitante era real, uma pessoa viva.

De seu canto no peitoril, Chester, o Terrível vira o homem na

cerca dianteira e reagira vivazmente. Mas isso não significava que Robertson estava ali em carne e osso.

Em várias ocasiões testemunhei gatos e cães reagirem à presença de espíritos - embora eles não vejam bodachs. Os animais geralmente não agem de maneira dramática, só sutilmente; parecem ser totalmente tranquilos com fantasmas.

A hostilidade de Chester, o Terrível provavelmente era uma reação não ao fato de Robertson ser uma aparição, mas à constante aura de maldade, que o caracterizava tanto em vida quanto em morte.

A evidência sugeria que a última vez em que vi Robertson vivo fora quando ele deixou a casa em Camp's End, antes que eu abrisse a tranca, entrasse e descobrisse o quarto negro.

Ele vinha me assombrando desde então, e de maneira furiosa.

Como se me culpasse por sua morte.

Embora tivesse sido assassinado em meu apartamento, ele devia saber que eu não puxara o gatilho. Encarando seu assassino, ele fora baleado de uma distância de não mais que poucos centímetros.

O que Robertson e o assassino faziam no meu apartamento, eu não conseguia imaginar. Precisava de mais tempo e circunstâncias mais calmas para pensar.

Você poderia pensar que aquele espírito furioso estivesse à espreita no banheiro ou na cozinha, esperando que eu chegasse em casa, ansioso para me ameaçar e molestar como na igreja. Você estaria enganado porque se esquece que essas almas perturbadas que permanecem no mundo o fazem porque não aceitam a verdade da própria morte.

Em minha considerável experiência, a última coisa que eles querem é ficar por perto dos corpos mortos. Nada seria um lembrete mais ferino de sua passagem do que a própria carcaça esvaída.

A proximidade da própria carne sem vida causa nos espíritos a urgência de livrar-se deste mundo e seguir para o outro, uma compulsão à qual estão determinados a resistir. Robertson visitaria

o local de sua morte eventualmente, mas não até que seu corpo fosse removido e cada marca de sangue, limpa.

Aquilo me favorecia. Não precisava de todo o tumulto associado à visita de um espírito zangado.

O vandalismo na sacristia da São Bartolomeu não era obra de um homem vivo. A destruição fora provocada por um fantasma enfurecido em completo modo poltergeist.

No passado, perdi um sistema de som, uma luminária, um rádiorelógio, um belo banco de bar e vários pratos durante uma explosão de raiva de um desses espíritos. Um cozinheiro não pode arcar com as despesas de bancar o anfitrião para tipos assim.

Está é uma das razões de minha mobília ser rejeitos de vendas de garagem. Quanto menos tiver, menos eu perco.

De qualquer forma, olhei para a lividez do peito mole e da barriga flácida de Robertson, logo tirei as deduções citadas anteriormente e tentei abotoar a camisa sem olhar diretamente para o buraco da bala. Um mórbido interesse levou a melhor em mim.

No peito macio e pálido, o buraco era pequeno, porém irregular, úmido - e estranho de uma maneira que eu não queria pensar ou contemplar ainda mais no momento.

A náusea rastejando nas paredes de meu estômago se avolumava cada vez mais rápido. Senti como se tivesse 4 anos de novo, com um perigoso e virulento caso de gripe, febril e fraco, contemplando minha própria mortalidade.

Como havia bastante sujeira para limpar sem reencenar o histórico último vômito de Elvis, trinqueei os dentes, reprimi minha garganta e terminei de abotoar a camisa.

Embora soubesse mais sobre a condição de um cadáver que qualquer cidadão comum, não sou especialista em medicina forense. Não podia determinar com precisão, de até meia hora, a hora exata da morte de Robertson.

A lógica a colocava entre 17h30 e 19h45. Durante esse período, eu vasculhei a casa dele em Camp's End, explorei o quarto negro, dirigi com Elvis até o churrasco do chefe e subsequentemente até a

igreja batista, e viajei sozinho até a casa de Pequeno Ozzie.

Chefe Porter e seus convidados poderiam testemunhar minha localização por boa parte do tempo, mas nenhuma corte pareceria favorável à alegação de que o fantasma de Elvis poderia fornecer meu álibi para o tempo restante.

A extensão de minha vulnerabilidade tornou-se clara naquele momento, e eu soube que o tempo estava se esgotando. Quando uma batida eventualmente surgisse à porta, provavelmente seria a polícia, enviada por uma denúncia anônima.

TRINTA E QUATRO

UMA SENSACÃO DE URGÊNCIA BEIRANDO O PÂNICO ME DEU força renovada. Com muitos resmungos e a intervenção de algumas vívidas obscenidades, arrastei Robertson para fora da banheira e o larguei sobre o lençol que estendi no chão do banheiro.

Muito pouco sangue havia espirrado na banheira. Liguei o chuveiro e lavei as marcas na porcelana com água fervendo de quente.

Nunca seria capaz de tomar banho ali novamente. Teria que viver sem banho pelo resto da minha vida ou encontrar um novo lugar para morar.

Quando remexi os bolsos das calças de Robertson, encontrei um bolo de dinheiro em cada: vinte notas novinhas de 100 dólares no bolso esquerdo, 23 no direito. Estava claro que não morrera por dinheiro.

Recoloquei os maços nos bolsos.

A carteira de notas tinha ainda mais. Coloquei aquele dinheiro em um dos bolsos dele também, mas fiquei com a carteira na esperança de que tivesse uma pista de suas intenções assassinas quando eu tivesse tempo de examinar o conteúdo restante.

O cadáver gorgolejou de maneira alarmante quando o enrolei no lençol. Bolhas de fleuma ou sangue irromperam na garganta, perturbadoramente semelhante a um arroto.

Enrolei as pontas do lençol na cabeça e nos pés, então as

amarrei o mais forte possível com os cadarços brancos que tirei de um par de sapatos de reserva.

Aquele pacote assemelhava-se a um cigarro de maconha imenso. Não uso drogas, nem mesmo maconha, mas era o que o embrulho parecia.

Ou talvez um casulo. Uma larva ou pupa gigante dentro, transformando-se em algo novo. Não queria imaginar o que poderia ser.

Usando uma sacola plástica de uma livraria como mala, empacotei uma muda de roupas, xampu, escova de dente, pasta de dente, barbeador elétrico, celular, lanterna, tesoura, um pacote de lenços umedecidos - e um tubo de antiácidos, que eu precisaria para enfrentar o resto da noite.

Arrastei o corpo para fora do banheiro, através do quarto escuro, até as duas janelas mais amplas que davam para o sul. Se morasse em um prédio comum, com vizinhos embaixo, o comitê de inquilinos me procuraria logo pela manhã para traçar a nova regra proibindo arrastamento de cadáveres após as 22 horas.

O corpo pesava demais para ser carregado. Atirá-lo pela escada externa seria uma proposta barulhenta - e um memorável espetáculo caso acontecesse de alguém passar na rua num momento inoportuno.

Havia uma mesa com metade do tamanho de uma mesa de jantar e duas cadeiras diante da janela. Masteei-as, ergui a vidraça inferior, removi a tela e me inclinei para fora para ter certeza de que lembrava corretamente que o quintal dos fundos não poderia ser visto pelas casas vizinhas.

Uma cerca de tábuas e choupos ofereciam privacidade. Se uma estreita linha de visão entre os galhos desse aos vizinhos alguma lasca de vista, a luz da lua sozinha não iluminava a cena o suficiente para dar credibilidade a um testemunho no tribunal.

Impulsionei o cadáver envolto no lençol do chão para a janela aberta. Empurrei-o pelo pé porque, embora Robertson estivesse indiscutivelmente morto, sentia-me melindrado de jogá-lo de cabeça. Metade para fora da janela, o lençol pendurado numa

protuberante cabeça de prego, mas cheio de determinação, manobrei-o o suficiente para que a gravidade cuidasse do resto.

A queda do batente da janela teria 3 ou 4 metros. Não mais que isso. Ainda assim o impacto produziu um som brutal e repugnante que parecia imediatamente identificável como um corpo morto caindo de certa altura no chão duro.

Nenhum cão latiu. Ninguém disse: Escutou alguma coisa, Maude? Ninguém respondeu: Sim, Clem, ouvi Odd Thomas jogar um corpo pela janela. Pico Mundo dormia.

Usando papel-toalha para evitar deixar impressões digitais, tirei a pistola do carpete. Acrescentei a arma ao conteúdo da sacola de plástico.

Olhei uma vez o banheiro para ter certeza de que não deixara nada óbvio durante a limpeza. Mais tarde teria que fazer um trabalho muito mais completo do que o feito agora: passar aspirador para eliminar pelos e fibras incriminadoras, limpar cada superfície para eliminar as impressões de Robertson ...

Não estava ajudando o criminoso a sair impune. Pelas indicações, o cara era um profissional frio que teria sido esperto e autoconsciente o bastante para deixar digitais ou qualquer outra evidência de sua presença.

Quando consultei o relógio, o que vi me surpreendeu. 1h38. A noite parecia estar correndo atrás do amanhecer. Pensei que já passe 2h30 ou mais.

Todavia, o tempo corria contra mim. Meu relógio era digital, mas podia ouvir minha oportunidade de agir tiquetaqueando.

Depois de desligar a luz do banheiro, fui para a janela frontal outra vez, entreabri a persiana e estudei a rua. Se alguém estava de vigília, eu ainda não conseguia enxergar.

Carregando a sacola plástica, saí e tranquei a porta. Descendo a escada, senti-me tão atentamente observado quanto as candidatas a Miss América durante a competição de traje de banho.

Apesar de estar muito seguro de que não havia qualquer olhar sobre mim, eu carregava um tanto de culpa que me deixava alerta.

Nervoso, fitei a noite, perscrutando todos os cantos menos os deaus diante de mim; é uma prova da existência dos milagres que eu não tenha caído e quebrado o pescoço, deixando um segundo torpo para intrigar a polícia.

Você poderia se perguntar por que eu me sentia culpado, considerando que não tinha matado Bob Robertson.

Bem, nunca preciso de uma boa razão para abraçar a culpa. Às vezes sinto-me responsável por descarrilamentos de trens na Geórgia, atentados terroristas em cidades distantes, tornados no Kansas ...

Parte de mim acredita que se trabalhasse de maneira mais agressiva para explorar meu dom e desenvolvê-lo, em vez de meramente lidar com ele dia a dia, eu seria capaz de ajudar no aprisionamento de mais criminosos e poupar mais vidas tanto de homens maus quanto da violência da Natureza, mesmo em lugares muito distantes de Pico Mundo. Sei que esse não é o caso. Sei que procurar envolvimento exagerado com o sobrenatural seria perder contato com a realidade, imergir numa gentil loucura, o que tornaria minhas habilidades inúteis. Porém aquela parte punitiva de mim pesa meu caráter de tempos em tempos e me julga inadequado.

Compreendo por que sou alvo tão fácil para a culpa. As origens residem em minha mãe e suas armas.

Reconhecer a estrutura de sua psicologia não significa que se pode facilmente reconstruí-la. A Câmara da Culpa Irracional é parte de minha arquitetura mental, e duvido de que serei capaz de redecorar este cômodo em particular no estranho castelo que sou.

Quando alcancei o fim dos degraus sem ninguém correr em minha direção para gritar *j'accuse!*, eu me dirigi à garagem - então parei, fulminado pela visão da casa vizinha e o pensamento em Rosalia Sanchez.

Pretendia usar o Chevy de Rosalia, que raramente o dirigia, para remover o corpo de Robertson, então devolver o veículo à garagem sem que ela soubesse. Não precisava de chave. Quando era aluno do colegial, podia não prestar muita atenção nas aulas de

matemática quanto seria aconselhável, mas já aprendera a fazer ligação direta num carro.

Minha súbita preocupação com Rosalia não tinha nada a ver com a possibilidade de que ela me visse naquele trabalhinho nefasto, mas tudo a ver com sua segurança.

Se outro homem, com assassinato em mente, tinha vindo com Robertson ao meu apartamento entre 17h30 e 19h45, o tinham feito à luz do dia. Na brilhante luz do dia do Mojave.

Eu suspeitava de que os dois homens tivessem chegado como conspiradores e que Robertson se considerasse engajado num negocinho sujo direcionado a mim. Talvez acreditasse que ficariam esperando por mim. Deve ter se surpreendido quando seu companheiro puxou a arma para matá-lo.

Uma vez que Robertson estava morto e tudo fora arranjado a me incriminar de assassinato, o assassino não precisaria se emorar experimentando minhas cuecas ou as sobras de comida a geladeira. Teria saído rápido, também à luz do dia.

Claro que ficaria preocupado de que alguém nas casas vizinhas o tivesse visto entrando com a vítima ou partindo sozinho.

Sem querer correr o risco de ter uma testemunha, poderia ter batido na porta dos fundos de Rosalia depois de liquidar Robertson.

Uma viúva gentil, morando sozinha, seria presa fácil.

De fato, se ele fosse um homem competente e cauteloso, provavelmente teria visitado Rosalia antes de levar Robertson lá. Teria usado a mesma pistola nas duas ocasiões, enquadrando-me em dois assassinatos.

A julgar pela rapidez e ousadia com que agira para eliminar um cúmplice, este desconhecido era competente, cauteloso e muito mais.

A casa de Rosalia continuava em silêncio. Nenhuma luz briem qualquer das janelas, só um rosto fantasmagórico que de fato, o mero reflexo da lua descendente.

TRINTA E CINCO

EU CAMINHAVA ATRAVÉS DA ENTRADA DE CARROS PARA A porta dos fundos de Rosalia antes mesmo de perceber que começara a me mover. Após poucos passos, me detive.

Se ela estivesse morta, eu não poderia fazer nada. E se o assassino de Robertson a visitara, certamente não a deixara viva.

Até agora pensara em Robertson como um atirador isolado, um doente mental e moral tramando por seu momento sanguinário na história, como muitos naquela escória infame de seus arquivos magnificamente organizados.

Ele poderia ter sido exatamente assim em dado momento, mas tornara-se muito mais. Encontrara outro que alimentava as mesmas fantasias de massacre insano, e juntos tinham se transformado numa besta de duas faces, dois corações odiosos e quatro mãos ocupadas em fazer o trabalho demoníaco.

A pista estava pendurada na parede do escritório na casa de Robertson, mas eu não a tinha compreendido. Manson, Mc Veigh e Atta. Nenhum deles trabalhara sozinho. Tinham conspirado com outros.

Nos arquivos havia histórias de inúmeros assassinos em série e assassinos em massa que agiam sozinhos, mas os três rostos em seu templo eram de homens que haviam descoberto significado na irmandade do mal.

Minha visita ilegal à residência de Robertson em Camp's End fora de alguma forma descoberta. Talvez houvesse câmeras escondidas na casa.

Sociopatas frequentemente são paranoicos também. Se assim quisesse, Robertson tinha recursos financeiros amplos o suficiente para equipar a casa com câmeras de vídeo avançadas e bem escondidas.

Devia ter contado ao amigo assassino que eu rondara pelos quartos. O amigo assassino devia então ter decidido que ele mesmo estaria em risco caso sua associação com Robertson se tornasse

conhecida.

Ou, por causa de minha bisbilhotice, Robertson ficara nervoso com os planos para 15 de agosto. Poderia ter desejado adiar o extermínio que tinham planejado cometer.

Talvez o amigo psicótico não estivesse muito animado para aceitar a ideia do adiamento. Tendo contemplado por tanto tempo sua deliciosa violência, ele agora sentia uma fome por ela, uma necessidade.

Dei as costas à casa de Rosalia.

Se entrasse lá e descobrisse que fora assassinada em consequência de meus atos, duvidava de que teria forças para lidar com o corpo de Robertson. Só de pensar em descobrir o corpo de Rosalia - Odd Thomas, pode me ver? Odd Thomas, ainda estou visível? -, senti uma fraqueza nas dobradiças da razão, e soube que seria um risco vacilar emocionalmente, senão psicologicamente.

Viola Peabody e as filhas dependiam de mim.

No momento, um número desconhecido de pessoas destinadas a morrer em Pico Mundo, antes do próximo pôr do sol, poderia ser salvo se eu conseguisse ficar longe da cadeia, se eu pudesse descobrir o lugar e a hora da planejada atrocidade.

Como se a mágica subitamente sobrepujasse a física, o luar parecia adquirir peso. Sentia o fardo da radiância lunar a cada passo dado de volta à garagem, onde o corpo esperava em seu invólucro branco.

A porta dos fundos da garagem estava destrancada. Aquele interior escuro cheirava a borracha de pneu, óleo de motor, graxa velha e madeira assada das vigas expostas ao calor. Coloquei minha sacola de plástico lá dentro.

Terrivelmente consciente do que o dia me cobrara mental e psicologicamente, arrastei o corpo pelo limiar e fechei a porta. Só então tateei em busca do interruptor.

Aquela garagem separada continha duas vagas, mais uma oficina domiciliar onde um terceiro carro também poderia estacionar. Atualmente uma das vagas ficara vazia, e o Chevy de Rosalia estava

parado no espaço mais próximo à casa.

Quando experimentei o porta-malas do carro, achei-o trancado. A ideia de carregar o corpo no banco traseiro e dirigir com ele às minhas costas era perturbadora.

Nos meus 20 anos, já vi muitas coisas estranhas. Uma das mais bizarras foi o fantasma do presidente Lyndon Johnson desembarcando de um ônibus no terminal de Pico Mundo. Chegava de Portland, Oregon, passando por São Francisco e Sacramento, apenas para embarcar de imediato num ônibus com destino a Phoenix, Tucson e alguns pontos no Texas. Como morrera no hospital, ele estava de pijamas, sem chinelos, e parecia perdido. Quando percebeu que eu podia vê-lo, fitou-me zangado, então abaixou o pijama e me mostrou o traseiro.

Todavia nunca vi um corpo recuperar a vida, também nunca encontrei qualquer corpo animado por magia negra. Ainda assim, a ideia de ficar de costas para o cadáver de Robertson e servir de chofer até um canto isolado de Pico Mundo enchame de pavor.

Por outro lado, não podia escorá-lo, completamente enrolado, no banco do carona e dirigir por aí com o que parecia um baseado :de 100 quilos.

Colocar o cadáver no banco de trás do Chevy exigiu muito da minha força e do meu estômago. Em seu casulo, Robertson parecia frouxo, leve ... maduro.

Repetidamente, a vívida lembrança do buraco de bala úmido e irregular em seu peito me veio à mente: a carne mole e lívida ao redor, o lodo escuro e pegajoso escorrendo. Não olhara o ferimento de perto, desviara o olhar bem rápido, mesmo assim a imagem continuava se erguendo como um sol negro em minha mente.

Quando consegui colocar o corpo no carro e fechar a porta de trás, o suor escorria como se um gigante tivesse torcido um pano de prato ensopado sobre mim. Era assim que eu me sentia 'também.

Lá fora, às 2 horas da madrugada, a temperatura tinha caído para refrescantes 29 graus. Ali, na garagem fechada, a temperatur'a devia estar 16 graus mais desesperadora.

Piscando para tirar o suor dos olhos, remexi debaixo do painel e achei os fios de que precisava. Levando apenas um único choque, consegui ligar o motor.

Durante tudo isso, o homem morto no banco de trás não se mexeu.

Desliguei a luz da garagem e coloquei minha sacola de plás!Co no banco do passageiro. Entrei atrás do volante e usei o controle remoto para erguer a porta da garagem.

Secando meu rosto num punhado de Kleenex retirado da caixa sobre o painel, percebi que não pensara onde despejaria minha carga. Nem o depósito de lixo da cidade nem uma caixa de coleta das indústrias Goodwill parecia uma boa ideia.

Se Robertson fosse descoberto muito depressa, o chefe Porter me faria duras perguntas que poderiam interferir na minha tentativa de rechaçar o horror que logo desceria sobre Pico Mundo. O ideal era que o corpo ficasse se decompondo calmamente por pelo menos 24 horas antes que alguém o encontrasse, levando um susto tão grande que talvez redescobrisse seu amor por Jesus.

Então pensei no esconderijo perfeito: o bar de topless, livraria adulta e paraíso do hambúrguer da Igreja do Cometa Sussurrante.

TRINTA E SEIS

A IGREJA DO COMETA SUSSURRANTE FORA ERGUIDA HAVIA mais de vinte anos, afastada da estrada estadual, uns poucos metros além dos limites da cidade de Pico Mundo, numa extensão xerófita do deserto.

Mesmo quando era uma casa de adoração incomum, não se assemelhava a uma igreja. Ali na noite clara e estrelada, a construção principal- um abrigo de 60 metros de comprimento, 18 de largura, semicilíndrico, de metal corrugado e com janelinhas - parecia uma espação nave, sem o nariz cônico, semienterrada no

deserto.

Aninhado entre árvores mortas e moribundas, mais da metade escondido pela camuflagem matizada de sombras e fraco luar, abrigos menores cercavam o perímetro da propriedade. Eram barracos para os verdadeiros crentes.

O fundador da igreja, Caesar Zedd Jr., pregava que recebia .. mensagens sussurradas, geralmente em sonhos, mas às vezes acordado também, de inteligência alienígena a bordo de uma espaçonave viajando na direção da Terra num cometa. Esses alienígenas alegavam ser os deuses que criaram os seres humanos e todas as espécies do planeta.

A maioria das pessoas em Pico Mundo presumia que as cerimônias religiosas da Igreja do Cometa Sussurrante um dia culminariam na comunhão com Ki-Suco envenenado e centenas de mortes. Em vez disso, a sinceridade da fé religiosa de Zedd havia sido questionada quando ele e todo seu sacerdócio foram indiciados e condenados por operar a maior associação de produção e distribuição de ecstasy do mundo.

Depois que a igreja deixou de existir, um grupo que se intitulava Sociedade Protetora da Primeira Emenda Inc. - a maior operadora de livrarias adultas, bares de topless, sites pornográficos na internet e salões de coquetel e karaokê nos Estados Unidos - intimidou o condado de Maravilla a fornecer-lhe uma licença de negócio. Remodelaram a propriedade transformando-a num barato parque de diversões de temática sexual, convertendo em néon a placa original da igreja, ampliando-a para BAR DE TOPLESS, LIVRARIA ADULTA E PARAÍSO DOS HAMBÚRGUERES DA IGREJA DO COMETA SUSSURRANTE.

Diziam os rumores que os hambúrgueres e fritas eram excelentes e que a promessa de refis grátis de refrigerante era generosamente honrada. Contudo o estabelecimento nunca teve sucesso em conquistar as famílias e os casais bem-sucedidos profissionalmente que eram essenciais ao funcionamento de qualquer restaurante.

O empreendimento, localmente conhecido como Búrguer Sussurrante, tornou-se um belo lucro mesmo após cobrir as perdas

com o serviço de restaurante. O bar de topless, a livraria (que não armazenava livros, mas oferecia centenas de fitas de vídeo), e o prostíbulo (não mencionado no formulário original de licença de negócio) traziam oceanos de dinheiro àquele oásis no deserto.

Apesar de os advogados da corporação, corajosos defensores da Constituição, conseguirem manter as portas abertas ao longo de dez condenações por operação de um ponto de prostituição, o Búrguer Sussurrante implodiu depois que três prostitutas foram atingidas a tiros por um cliente nu afetado por pó de anjo e doses excessivas de Viagra.

Por causa de impostos e multas não pagas, a propriedade caiu nas mãos do condado. Durante os últimos cinco anos, o cessar de toda a manutenção e os incansáveis esforços de retomada do deserto reduziram a antiga e orgulhosa casa de deuses alienígenas em ferrugem e ruínas.

As terras da igreja tinham sido desenhadas como um paraíso tropical, com gramados exuberantes, vários tipos de palmeiras, samambaias, bambus e trepadeiras floridas. Sem rega diária, a breve estação chuvosa do deserto não foi suficiente para preservar aquele Éden.

Tendo desligado os faróis quando saí da rodovia estadual, dirigi pelas sombras desordenadas lançadas pelas palmeiras. A pista de asfalto rachado e esburacado levava aos fundos da construção principal, depois ao arco de abrigos menores.

Eu relutava em deixar o carro com o motor ligado, mas queria ser capaz de fugir rapidamente. Sem chaves, não poderia ligar o motor rápido o suficiente numa crise.

Com a lanterna que colocara na sacola de plástico, saí para encontrar um lugar adequado para esconder um cadáver inconveniente.

O Mojave recuperara o fôlego. Um preguiçoso sopro veio do leste, cheirando a arbustos secos, areia quente e à estranha vida do #eserto. Cada um dos dez abrigos usados como barracões pela igreja abrigara sessenta membros do culto à moda apertada dos eliches nas casas de ópio. Quando a igreja foi substituída por um

ardel com hambúrgueres, algumas daquelas estruturas foram esvaziadas, repartidas e redecoradas para servir de manjedoura confortável às prostitutas que ofereciam o que as dançarinas de topless do bar apenas prometiam.

Durante anos, desde que a propriedade fora abandonada, pessoas morbidamente curiosas exploraram e vandalizaram a construção principal e todos os barracões. Portas foram arrombadas. Algumas caíram das dobradiças corroídas.

No terceiro barracão que inspecionei, o trinco da porta ainda funcionava bem o bastante para mantê-la fechada.

Não queria deixar o corpo num espaço onde coiotes pudessem facilmente encontrá-lo. Robertson fora um monstro; eu continuava convencido disto; contudo, apesar do que poderia ter feito ou pudesse ser capaz de fazer, não podia transferir ao seu corpo a indignidade que vovó Sugars temia sofrer caso caísse morta numa mesa de pôquer com jogadores cruéis.

Talvez os coiotes não fossem comedores de cadáveres. Talvez só comessem carne morta por eles.

O deserto, todavia, abundava com mais formas de vida do que poderia ser vista numa inspeção casual. Muitas ficariam contentes em jantar uma carcaça tão gorda quanto a de Robertson.

Depois de levar o Chevy o mais próximo possível da construção escolhida - cerca de três metros da porta - precisei de um minuto para invocar a coragem para lidar com o corpo. Mastiguei dois tablets de antiácido.

Durante a viagem desde a cidade, Bob Robertson nenhuma vez perguntou Já chegamos? No entanto, contra qualquer lógica, eu não acreditava que continuaria morto.

Puxá-lo para fora do carro provou-se mais fácil que colocá-lo dentro dele, exceto por um ponto: quando o grande corpo gelatinoso estremeceu dentro da mortalha feita de lençol, foi como se eu lidasse com uma bolsa cheia de cobras vivas.

Depois de arrastá-lo até a porta do abrigo, que mantive aberta com a lanterna, parei para secar o suor que gotejava da testa - e vi

os olhos amarelos. Próximos ao chão, 6 ou 9 metros distante, eles me observavam com inconfundível fome.

Peguei a lanterna e focalizei a luz na coisa que eu mais temia: um coioote tinha vindo do deserto, explorando as construções abandonadas. Grande, vigoroso, selvagem, testa e mandíbula acentuadas, sua natureza era menos perversa que a de muitos seres humanos, mas no momento parecia um demônio que tinha se esgueirado pelos portões do Inferno.

A lanterna não o afugentou, o que significava que se tornara perigosamente seguro na presença de pessoas - e que talvez não estivesse sozinho. Varri a noite com o facho de luz e descobri outra besta furtiva mais atrás, à direita da primeira.

Até anos recentes, coiotes raramente atacavam crianças e nunca atacavam adultos. Como os assentamentos humanos ultrapassaram os limites de suas áreas de caça, tinham se tornado audazes, mais agressivos. Nos últimos cinco anos, vários adultos foram perseguidos e até atacados na Califórnia.

Aqueles dois não pareciam me considerar intimidador, apenas saboroso.

Vasculhei o chão perto dos meus pés, procurando uma pedra, e me deparei com um pedaço de concreto que quebrara da borda do caminho. Atirei no predador mais próximo. O míssil atingiu o asfalto 6 centímetros distante do alvo e rolou para longe na escuridão.

O coioote esquivou-se do ponto de impacto, mas não correu.

O segundo perseguidor tomou a posição do primeiro e manteve-se no lugar.

O assobio e o barulho do carro ocioso, que não intimidavam os coiotes, preocupavam-me. O Búrguer Sussurrante era uma propriedade isolada; ninguém devia estar suficientemente perto para ter sua curiosidade aguçada pelo resmungo do motor. Se outros intrusos já estivessem nas terras, entretanto, o ruído disfarçaria o som de seus movimentos.

Eu não poderia lidar com as duas coisas ao mesmo tempo.

Tirar o corpo de vista era mais importante que lidar com os coiotes.

Quando voltasse, talvez os predadores tivessem desaparecido, levados pelo cheiro de coelhos ou de outra presa fácil.

Arrastei o cadáver embrulhado pelo lençol, para dentro do abrigo, e então fechei bem a porta.

Um corredor ao longo de uma das paredes da construção oferecia um banheiro e quatro quartos. Cada quarto fora o local de trabalho de uma prostituta.

Minha lanterna revelava poeira, teias de aranha, duas garrafas de cerveja vazias, um enxame de abelhas mortas ...

Após tantos anos, o ar ainda estava levemente impregnado com o fraco buquê de velas aromáticas, incenso, perfume, óleos perfumados. Subjacente à leve e doce mistura, havia um cheiro mais fraco e acre que poderia ser a urina de animais que haviam entrado e saído.

A mobília fora levada havia muito. Em dois quartos, espelhos no teto sugeriam onde as camas ficavam posicionadas. As paredes eram pintadas de rosa forte.

Cada quarto apresentava duas janelinhas. A maior parte das vidraças fora atingida por meninos com espingardas de ar comprimido.

No último quarto, ambas as janelas estavam intactas. Ali, nenhum dos grandes devoradores de cadáveres encontraria o corpo.

Um dos cadarços tinha afrouxado. A ponta da mortalha se abria, deixando o pé esquerdo de Robertson exposto.

Pensei em remover o lençol e os cadarços. Eram possíveis ligações à minha pessoa, embora fossem de marcas comuns, vendidas em muitas lojas, que sozinhos não poderiam me incriminar.

Quando me inclinei para a tarefa, surgiu em minha mente o ferimento no peito de Robertson. E na memória ouvi a voz de

minha mãe: Quer puxar o gatilho para mim? Quer puxar o gatilho para mim?

Eu tinha muita prática em afastar a mente de certas memórias da infância. Podia rapidamente transformar a lembrança da voz dela num suspiro silencioso.

Tirar da mente a imagem do ferimento de Robertson não foi tão fácil. Aquele buraco úmido pulsava na memória como se o coração morto batesse dentro dele.

No meu banheiro, quando abri a camisa para verificar a lividez e acabei vendo o ferimento na carne roxa, algo me compelira a olhar mais de perto. Enojado com meu impulso mórbido e, de fato, assustado com ele, temendo que minha fascinação provasse que eu fora corrompido por minha mãe de uma forma que ainda não tinha percebido, resisti a continuar olhando e imediatamente virei o rosto, reabotoando a camisa.

Agora, ajoelhado ao lado de Robertson, lidando com os nós do cadarço que seguravam a mortalha, tentei fechar a recordação da camisa sobre a recordação da ferida gosmenta, mas elas ainda pulsavam em minha mente.

No cadáver inchado, o gás emergia numa série de risadinhas que culminaram no que parecia um suspiro de alívio fluindo dos lábios do homem morto, ali por trás do véu de algodão.

Incapaz de gastar mais um segundo com o corpo, saí disparado, fugi do quarto rosa com minha lanterna, e estava na metade do corredor quando percebi que deixara a porta aberta. Voltei e fechei-a, protegendo melhor o corpo dos grandes devoradores de cadáveres do deserto.

Usei a ponta da camiseta para limpar a maçaneta de todos os cômodos que investiguei. Então, esfregando os pés sobre as pegadas que deixei antes, borrei a grossa camada de poeira no chão na esperança de evitar deixar impressões claras de meus sapatos.

Quando abri a porta externa, o facho de luz da lanterna fez cintilar os olhos de três coiotes que esperavam entre mim e o Chevy ocioso.

TRINTA E SEIS

A IGREJA DO COMETA SUSSURRANTE FORA ERGUIDA HAVIA trinta e seis anos, afastada da estrada estadual, uns poucos metros além dos limites da cidade de Pico Mundo, numa extensão xerófito do deserto.

Mesmo quando era uma casa de adoração incomum, não se assemelhava a uma igreja. Ali na noite clara e estrelada, a construção principal - um abrigo de 60 metros de comprimento, 18 de largura, semicilíndrico, de metal corrugado e com janelinhas - parecia uma espaçonave, sem o nariz cônico, semienterrada no deserto.

Aninhado entre árvores mortas e moribundas, mais da metade escondido pela camuflagem matizada de sombras e fraco luar, abrigos menores cercavam o perímetro da propriedade. Eram barracos para os verdadeiros crentes.

O fundador da igreja, Caesar Zedd Jr., pregava que recebia mensagens sussurradas, geralmente em sonhos, mas às vezes acordado também, de inteligência alienígena a bordo de uma nave.

Dei um grito no maior volume que consegui, pois a sabedoria popular diz que súbitos ruídos altos assustam os coiotes e os colocam em fuga. Dois se agitaram, mas nenhum deles recuou mais que um centímetro.

Cozido em meu próprio suor, eu deveria cheirar como um jantar salgado, porém saboroso.

Quando recuei pela soleira da porta, não saltaram em cima de mim, o que significava que sua coragem ainda não amadurecera até a convicção absoluta de que poderiam me abater. Deixei a porta fechar-se entre nós.

Outra porta no fim do corredor também se abria para fora, mas se fugisse por aquela saída, estaria a grande distância do Chevy. Não

podia esperar dar a volta por trás do carro e entrar pela porta que deixara aberta. Muito antes que eu a atingisse, os três irmãos do Coiote Coió sentiram meu cheiro, esperariam, e nenhum deles precisaria depender de uma máquina de extermínio bizantina da Acme comprada por correspondência.

Se esperasse ali dentro até o amanhecer, talvez escapasse deles, pois eram caçadores noturnos, possivelmente famintos demais para esperar. O medidor de combustível no carro de Rosalia mostrava que o tanque estava pela metade, o que talvez durasse o suficiente, mas o motor certamente ficaria superaquecido antes que o combustível acabasse, deixando o carro imprestável.

Além disso, as pilhas da minha lanterna provavelmente não durariam uma hora. Apesar de todo o meu discurso corajoso sobre não ter medo do desconhecido, não toleraria ser encurralado no escuro abrigo em companhia de um morto.

Sem nada para entreter meus olhos, ficaria obcecado pela imagem do ferimento à bala. Convenceria-me de que cada sopro de brisa noturna, sussurrando por uma janela quebrada, era na verdade o som de Bob Robertson despindo-se de seu casulo.

Saí à procura de algo para jogar nos coiotes. A não ser que estivesse preparado para tirar os sapatos do cadáver, eu não tinha nada senão duas garrafas vazias de cerveja.

Depois de voltar à porta com as garrafas, desliguei a lanterna, enfiei-a na cintura do jeans, e esperei alguns minutos, dando uma chance à paz, mas também deixando meus olhos se adaptarem à escuridão.

Quando abri a porta, esperando que a fila da comida tivesse se desmanchado e dispersado, fiquei desapontado. Os três continuavam praticamente onde os deixei: dois diante do carro, o terceiro perto do pneu dianteiro do lado do passageiro.

À luz do sol, seus pelos seriam marrom-claro com nuances vermelhas e um salpicado de pelos pretos. Agora eram de um cinza patinado de prata velha. Os olhos brilhavam sutilmente com uma loucura pensativa.

Apenas por parecer o mais destemido do trio, escolhi o coiote

mais próximo como líder da matilha. Era o maior espécime também, com um queixo cinzento que sugeria mais experiência na caça.

Os especialistas afirmam que, quando confrontado por um cão raivoso, você deve evitar contato visual. Isso constituiria um desafio ao qual o animal responderia agressivamente.

Se o canino em questão é um coiote ponderando seu valor nutricional, seguir a opinião dos especialistas só fará com que você morra. Deixar de manter contato visual será entendido como fraqueza, indicando que você é uma presa adequada; é o mesmo que se oferecer num prato com batatas duplas, duas vezes no inferno, e uma porção de assobios da meia-noite.

Mantendo contato visual com o líder da matilha, bati uma das garrafas contra a estrutura da porta de metal, depois bati mais forte, quebrando-a. Fiquei segurando o gargalo, cacos dentados projetando-se do meu punho.

Aquela não seria uma arma ideal para confrontar um adversário que tinha as mandíbulas providas das navalhas de um carnívoro, mas era marginalmente melhor que as mãos vazias.

Esperava desafiá-los com tamanha confiança que os deixasse momentaneamente em dúvida quanto a minha vulnerabilidade. Tudo o que precisava para alcançar a porta traseira aberta do Chevy seriam três ou quatro segundos de hesitação da parte dos coiotes.

Deixando que a porta se fechasse atrás de mim, fui em direção ao líder da matilha.

Imediatamente ele exibiu uma perigosa fileira de dentes. Um baixo e vibrante rosnado avisava-me para recuar.

Ignorando o alerta, e com um rápido movimento do punho, atirei a garrafa de cerveja intacta. Atingiu em cheio o focinho do líder, arremeteu, e estilhaçou a seus pés no pavimento.

Surpreendido, o coiote parou de rosnar. Moveu-se para a dianteira do carro, sem recuar de mim, também sem se aproximar mais, meramente reposicionando-se para apresentar uma frente unida com os dois companheiros.

Isto teve o efeito desejável de me apresentar uma rota direta e desprotegida até a porta aberta na traseira do Chevy. Infelizmente, uma verdadeira corrida em busca de esconderijo exigiria que eu tirasse a atenção do bando.

No momento em que disparasse até o carro, eles pulariam sobre mim. A distância entre nós não era maior que a distância entre mim e a porta aberta - e eles eram muito mais rápidos.

Segurando a garrafa quebrada diante de mim, investindo contra eles em golpes rápidos e ameaçadores, caminhava de lado na direção do Chevy ocioso, considerando cada centímetro um triunfo.

Dois observavam com óbvia curiosidade: as cabeças erguidas, bocas abertas, línguas penduradas. Curiosos, mas também alertas para qualquer oportunidade que eu pudesse lhes dar, eles mantinham o peso sobre as pernas traseiras, prontos para se lançarem em frente com seus poderosos músculos do quadril.

A postura do líder preocupava-me mais do que a dos outros membros do bando. Cabeça baixa, orelhas achatadas contra o crânio, dentes aparentes, língua recolhida, aquele indivíduo fitavame atentamente sob a testa inclinada.

O animal pressionava as patas dianteiras contra o chão com tal intensidade que, mesmo sob o fraco luar, os dedos eram claramente visíveis. Com os nós dos dedos bem curvados, a besta parecia estar apoiada na ponta das garras.

Embora continuasse a encará-los, os coiotes não estavam mais diretamente a minha frente, mas à direita. A porta aberta do carro estava à esquerda.

Um feroz ranger de dentes não teria agitado meus nervos com a mesma eficiência que suas respirações controladas, em silenciosa expectativa.

A meio caminho do Chevy, percebi que poderia arriscar uma corrida ao banco traseiro, atirar-me dentro do carro e fechar a porta bem a tempo de evitar as mandíbulas cheias de dentes.

Então ouvi um rosnado abafado à esquerda.

O bando agora aumentara. Eram quatro, e o último tinha se

esgueirado por trás do Chevy. Estava entre mim e a porta aberta.

Pressentindo movimento à direita, voltei minha atenção ao trio de novo. Durante minha breve distração, eles tinham se aproximado mais de mim.

O luar prateava um fio de baba que escorria da boca do líder.

À esquerda, o rosnado do quarto coiote tornou-se mais alto, rivalizando-se ao resmungo do carro. Era uma máquina viva de morte, ociosa agora, mas pronta para se colocar em movimento. E na periferia de meu campo de visão, vi que se arrastava na minha direção.

TRINTA E OITO

A PORTA DO ABRIGO FICAVA A UMA DESAFIADORA DISTância atrás de mim. Antes de alcançá-la, o líder do bando estaria nas minhas costas, os dentes na minha nuca, e o outros rasgariam minhas pernas, puxando-me para o chão.

Na minha mão, a garrafa de cerveja quebrada parecia frágil, uma arma lamentavelmente inadequada, boa para nada mais que cortar minha própria garganta.

A julgar pela súbita e devastadora pressão na minha bexiga, aqueles predadores receberiam carne marinada quando chegasse o momento de tirar um pedaço de mim ... mas então o asqueroso cliente à esquerda engoliu o rosnado e deixou escapar um choramingo submisso.

O apavorante trio à minha direita, como se fossem um só, trocou a ameaça pela perplexidade. Ergueram-se da postura de caça, ficaram bem eretos, as orelhas erguidas e viradas para a frente.

A mudança no comportamento dos coiotes, tão abrupta e inexplicável, transmitia ao momento um caráter de encantamento, como se um anjo da guarda tivesse lançado um sentimento de misericórdia sobre aquelas criaturas, oferecendo-me um adiamento da estripação.

Fiquei parado perplexo, com medo de que algum movimento meu quebrasse o encanto. Então percebi que a atenção dos coiotes se transferira para algo atrás de mim.

Virando cautelosamente a cabeça, descobri que meu anjo da guarda era uma jovem bonita, porém muito magra, com desgrehados cabelos loiros e traços delicados. Encontrava-se atrás de mim à esquerda, descalça, nua exceto por uma minúscula calcinha de renda, os braços esguios cruzados sobre os seios.

A pálida pele macia parecia luminosa ao luar. Olhos azulberilo, piscinas lustrosas, eram janelas para uma melancolia tão profunda que percebi imediatamente que pertencia à comunidade dos mortos inquietos.

O coioote solitário à esquerda sentou-se no chão, toda a fome esquecida, a luta abandonada. A besta fitava-a à maneira de um cachorro esperando uma palavra de afeição da mestra adorada.

À direita, os três primeiros coiotes não pareciam tão humildes quanto o quarto, mas também estavam hipnotizados pela visão. Embora não fugissem, arfavam e lambiam os lábios incessantemente - dois sinais de estresse nervoso em qualquer canino. Enquanto a mulher passava por mim na direção do Chevy, os coiotes recuaram, não de maneira amedrontada, mas em deferência.

Quando alcançou o carro, voltou-se para mim. O sorriso era um crescente invertido de tristeza.

Abaixei-me com calma para deixar a garrafa quebrada no chão, então levantei-me com novo respeito pelas percepções e prioridades dos coiotes, que pareciam dar maior importância à experiência do maravilhoso do que às exigências do apetite.

No carro, fechei a porta traseira do lado do passageiro e abri a porta da frente.

A mulher agora me fitava solenemente, como se estivesse profundamente comovida por ser vista, anos após a morte, assim como eu me comovia por vê-la em seu próprio purgatório.

Tão adorável quanto uma rosa desabrochando e ainda cheia de promessas, parecia não ter mais do que 18 anos quando morreu,

jovem demais para ter se sentenciado por tanto tempo às correntes deste mundo, a tamanho sofrimento solitário prolongado.

Devia ser uma das três prostitutas que foram baleadas pelo homem desequilibrado cinco anos atrás, no evento que fechou o Búrguer Sussurrante para sempre. O trabalho escolhido devia ter endurecido sua alma; mas ela parecia um espírito tímido e delicado.

Tocado pela vulnerabilidade e pela severa autocrítica que a mantinha ali, estendi-lhe a mão.

Em vez de pegar minha mão, baixou a cabeça com recato.

Depois de certa hesitação, descruzou os braços e os baixou para as laterais do corpo, revelando os seios - e os dois escuros buracos de bala que marcavam seu peito.

Como eu duvidava de que ela tivesse assuntos a resolver naquele local desolado, e como sua vida fora tão dura que ela teria pouca razão para amar este mundo, supus que a relutância em seguir adiante vinha do medo do que estava por vir, talvez por temer uma punição.

- Não tenha medo - repliquei. - Você não foi um monstro nesta vida, foi? Apenas solitária, perdida, confusa, ferida - como todos nós que passamos por este caminho.

Lentamente, ela ergueu a cabeça.

- Talvez tenha sido fraca e tola, mas muitos são. Eu também sou - continuei.

Ela procurou meus olhos novamente. A melancolia parecia-me mais profunda agora, tão aguda quanto a dor e tão duradoura quanto o pesar.

- Eu também sou - repeti. - Mas quando eu morrer, seguirei adiante. E você também deveria ir adiante, sem medo.

A jovem carregava suas feridas não como se vestisse um estigma divino, mas como se fossem a marca do demônio, o que não eram.

- Não tenho ideia de como seja, mas sei que uma vida melhor a espera, longe das misérias que conheceu aqui, um lugar seu, onde será realmente amada.

Pela expressão dela, percebi que a ideia de ser amada não havia passado de uma esperança que nunca se realizou em sua curta vida infeliz. Terríveis experiências, talvez desde o berço até o som do tiro que a matou, tinham tornado a jovem incapaz de enxergar um mundo além daquele onde o amor era uma promessa perdida.

Ela ergueu os braços outra vez e cruzou-os sobre o peito, escondendo os seios e as feridas.

- Não tenha medo - repeti.

Renovada, o sorriso parecia tão melancólico quanto antes, mas agora também enigmático. Não sei se o que eu disse serviulhe de conforto.

Desejando ser mais persuasivo em minha fé, e imaginando por que não era, sentei-me no banco do passageiro. Fechei a porta e deslizei para o volante.

Não queria deixá-la ali, sozinha, entre as palmeiras mortas e os abrigos corroídos, com tão pouca esperança quanto substância física.

Mas a noite avançava, a lua e todas as constelações movendose pelos céus tão impiedosamente quando os ponteiros no mostrador de um relógio. Em poucas horas, o terror se abateria sobre Pico Mundo, a não ser que eu pudesse impedir.

Enquanto me afastava lentamente, olhei repetidas vezes pelo espelho retrovisor. Lá estava ela ao luar, os coiotes enfeitados deitados aos seus pés, como se fosse a deusa Diana entre uma caçada e outra, senhora da lua e de todas as criaturas, recuando, diminuindo, mas despreparada para voltar para seu lar no Olimpo.

Dirigi da Igreja do Cometa Sussurrante de volta para Pico Mundo, da companhia de um estranho baleado para as más notícias sobre um amigo baleado.

TRINTA E NOVE

SE EU CONHECESSE O NOME OU MESMO O ROSTO DE QUEM

devia procurar, poderia ter tentado uma sessão de magnetismo psíquico, rodando por Pico Mundo até meu sexto sentido me colocar em contato com ele. O homem que matara Bob Robertson, e que ansiava matar outros no dia seguinte, ainda continuava sem identidade para mim e, enquanto eu apenas procurasse um fantasma, perderia tempo e gasolina.

A cidade dormia, mas não seus demônios. Os bodachs estavam nas ruas, mais numerosos e mais temíveis que bandos de coiotes, correndo pela noite no que parecia ser um êxtase de expectativa.

Passei por casas onde aquelas sombras vivas se aglomeravam e pululavam com particular curiosidade. A princípio tentei me lembrar de cada uma das residências assombradas, pois ainda acreditava que as pessoas que interessavam aos bodachs também seriam aquelas que seriam assassinadas entre o próximo amanhecer e o próximo pôr do sol.

Embora relativamente pequena, nossa cidade é muito maior do que costumava ser, com todos os novos bairros de elegantes casas padronizadas, englobando mais de 40 mil almas num condado de meio milhão de pessoas. Eu só conhecia uma tímida fração delas.

A maioria das casas infestadas por bodachs pertencia a pessoas que eu não conhecia. Não tinha tempo de visitá-las, e nenhuma esperança de ganhar-lhes a confiança a ponto de ouvirem meu conselho e mudarem os planos para quarta-feira, como Viola fizera.

Considerarei parar nas casas dos conhecidos, pedir que listassem cada lugar no qual esperavam estar na tarde seguinte. Com sorte, poderia descobrir o único destino que se provaria comum a todos.

Nenhum deles pertencia ao meu pequeno círculo de amigos.

Não sabiam de meu dom sobrenatural, mas muitos consideravam-me, de uma maneira ou outra, um adorável excêntrico. Portanto, não se surpreenderiam com minha visita inesperada ou com minhas perguntas.

Procurar informações na presença dos bodachs, entretanto, levantaria suas suspeitas. Uma vez alertados, eventualmente descobririam minha natureza única.

Lembrei do garotinho inglês de 6 anos que falara dos bodachs em voz alta - e fora esmagado entre uma parede de blocos de concreto e um caminhão desgovernado. O impacto fora tão forte que inúmeros blocos se esfaçalharam em pedras e poeira, expondo as costelas das barras de aço ao redor das quais eles foram cimentados.

Embora o motorista, um jovem de 28 anos, estivesse em perfeita saúde, a autópsia revelou que sofrera um derrame forte e fatal enquanto dirigia.

O derrame devia tê-lo matado no exato momento em que cruzava o topo de um morro - no pé do qual estava o menino inglês. Análises da cena do acidente feitas pela polícia determinaram que o ângulo lateral da inclinação, em relação ao cruzamento na rua abaixo, deveria carregar o caminhão sem motorista para longe do menino, atingindo o muro a 9 metros de onde realmente fizera sua parada mortal. Evidentemente, durante parte da descida, o corpo do motorista se pendurara ao volante, contrariando o ângulo da rua que teria salvado a criança.

Sei mais sobre os mistérios do universo do que aqueles que não conseguem ver os mortos vagando, mas não compreendo mais do que uma ínfima fração da verdade de nossa existência. Eu, entretanto, ao menos consegui tirar uma conclusão baseada no que sei: não existem coincidências.

Em escala maior, percebo que os físicos nos dizem a verdade em escala menor: até mesmo no caos existe ordem, propósito e um estranho significado que nos convida - mas geralmente nos demove - à investigação e ao entendimento.

Consequentemente, não parei em nenhuma das casas onde os bodachs saltavam, não acordei os que dormiam para fazer minhas perguntas urgentes. Em algum lugar, um motorista saudável só precisaria de um caminhão pesado, um aneurisma cerebral e uma falha nos freios na hora exata para cruzar meu caminho com súbita rapidez.

Em vez disso, dirigi para a casa do chefe Porter, tentando decidir se devia acordá-lo na inadequação das 3 horas da manhã.

Ao longo dos anos, lhe interrompi o sono apenas duas vezes.

Na primeira, eu estava molhado e enlameado, ainda usando um dos grilhões - e arrastando um pedaço de corrente - que antes me prendiam aos dois cadáveres com os quais tinha sido atirado no lago Malo Suerte por dois homens maus com temperamento ruim. Na segunda vez em que o acordei, havia uma crise que necessitava de sua atenção.

A crise atual ainda não tinha nos alcançado exatamente, mas chegaria. Eu achava que ele precisava saber que Bob Robertson não era um solitário, mas um conspirador.

O truque seria revelar as novidades de maneira convincente, sem dizer que encontrara Robertson morto no meu banheiro e que, quebrando inúmeras leis sem qualquer remorso, removera o cadáver para um local de repouso menos incriminador.

Quando virei a esquina, a meio quarteirão do endereço do chefe Porter, fiquei surpreso por ver luzes acesas em várias casas tão tarde da noite. A casa do chefe reluzia mais do que qualquer uma.

Quatro viaturas da polícia estavam diante da casa. Todas tinham sido estacionadas às pressas, em ângulos diferentes diante do meio-fio. A sirene de um dos carros ainda piscava, girando.

No gramado da frente, no qual rítmicas manchas de luz vermelha perseguiram ondas azuladas, cinco oficiais conversavam. A postura sugeria que consolavam um ao outro.

Eu pensara em estacionar do outro lado da rua, diante da casa do chefe. Teria ligado para seu número pessoal apenas depois de confeccionar uma história que evitasse qualquer menção ao meu recente empenho como taxista para um homem morto.

Em vez disso, com um inevitável peso no coração, abandonei o Chevy na rua, ao lado de um dos carros-patrolhas. Desliguei os faróis, mas deixei o motor ligado, com a esperança de que nenhum dos policiais se aproximaria para ver se havia chave na ignição.

Os oficiais no gramado eram todos meus conhecidos. Voltaram-se para olhar para mim quando corri até eles.

Sonny Wexler, o mais alto, durão e afável do grupo, estendeu um

dos braços musculosos como se quisesse me impedir de passar para alcançar a casa.

- Calma, fique onde está, garoto. A perícia está trabalhando no local.

Até o momento, eu não tinha visto Izzy Maldonado na varanda. Ele ergueu-se de alguma tarefa que ele fazia de joelhos, e esticou-se para desentortar as costas.

Izzy trabalha para o laboratório de criminalística do Departamento do xerife do condado de Maravilla, que contrata seus serviços para a polícia de Pico Mundo.

Quando o corpo de Bob Robertson fosse eventualmente encontrado naquele abrigo, Izzy provavelmente seria o perito a peneirar o local meticulosamente à procura de evidências.

Embora quisesse desesperadamente saber o que acontecera ali, eu não conseguia falar. Não conseguia engolir. Alguma massa grudada parecia obstruir minha garganta.

Tentando sem sucesso engolir a bola fantasma, que sabia ser apenas uma emoção sufocada, pensei em Gunther Ulstein, o muito adorado professor de música e diretor da banda do colégio de Pico Mundo, que ocasionalmente experimentava dificuldade para engolir. Durante várias semanas, o problema piorou rapidamente. Antes que fosse diagnosticado, o câncer de esôfago espalhou-se por toda a laringe.

Como não conseguia engolir, seu peso diminuiu. Os médicos primeiro o trataram com radiação, pretendendo em sequência remover todo seu esôfago e formar um novo a partir de parte do cólon. A radioterapia não ajudou. Ele morreu antes da cirurgia.

Magro e de aparência debilitada, como estava em seus últimos dias, Gunny Ulstein geralmente pode ser encontrado numa cadeira de balanço na varanda da casa que ele mesmo construiu. Mary, a esposa, ainda vive lá.

Durante as últimas poucas semanas de vida, ele perdera a capacidade de falar. Tinha tanta coisa que queria dizer a Mary - como ela sempre despertava o que havia de melhor nele, como a

amava -, mas não podia escrever seus sentimentos com a sutileza e gama de emoções com que teria se expressado falando. E permanece aqui, lamentando o que não conseguiu dizer, inutilmente esperando que como fantasma descubra uma maneira de falar com ela.

Um câncer emudecedor pareceria quase uma bênção no momento, se me impedisse de perguntar a Sonny Wexler:

- O que aconteceu?

- Pensei que soubesse - disse ele. - Pensei que era por isso que estava aqui. O chefe foi baleado.

Jesus Bustamante, outro oficial, falou zangado:

- Há quase uma hora, algum covarde filho da mãe atirou três vezes no peito do chefe na varada da casa dele.

Meu estômago se revirou, quase no compasso das luzes giratórias da sirene da viatura próxima, e a obstrução fantasma no meu esôfago se tornou real quando um gosto amargo subiu na minha garganta.

Eu devia estar pálido, devia ter vacilado sobre os joelhos subitamente trêmulos, pois Jesus colocou o braço nas minhas costas para me dar apoio, e Sonny Wexler foi bem rápido:

- Calma, garoto, calma, o chefe está vivo. Está mal, mas está vivo, é um lutador.

- Os médicos estão cuidando dele agora - disse Billy Munday, cuja marca de nascença vinho cobrindo um terço de seu rosto parecia reluzir de modo estranho à noite, emprestando-lhe a aura de um xamã pintado, com alertas, presságios e males iminentes a relatar. - Ele vai ficar bem. Precisa ficar. Afinal, o que seria de nós sem ele?

- Ele é um lutador - repetiu Sonny.

- Qual hospital? - perguntei.

- Hospital Geral.

Corri para o carro que tinha largado na rua.

QUARENTA

HOJE EM DIA, A MAIORIA DOS HOSPITAIS MODERNOS NO sul da Califórnia lembra centros comerciais com lojas de porte médio vendendo tapetes com desconto ou suprimentos de escritório por atacado.

A arquitetura suave não inspirava confiança de que alguém poderia ser curado dentro daquelas paredes.

O Hospital Geral do Condado, o mais antigo da região, apresenta um impressionante portal com colunas de pedra calcária e uma cornija moldada em dentículo ao redor de todo o prédio. A primeira vista, você percebe que enfermeiras e médicos trabalham lá dentro, não balconistas.

O corredor principal tem piso de travertino, nada de carpete industrial, e a fachada de travertino do balcão de informações ostenta um escudo de bronze incrustado, símbolo da medicina.

Antes que alcançasse o balcão, fui interceptado por Alice Norrie, uma veterana há dez anos no departamento de polícia de Pico Mundo, que trabalhava para impedir que repórteres e visitantes não autorizados avançassem além do corredor.

- Ele está na cirurgia, Odd. Vai ficar lá por um tempo.

- Onde está a Sra. Porter?

- Está na sala de espera da UTI. Ele será levado direto para lá quando sair da sala de cirurgia.

A unidade de tratamento intensivo ficava no quarto andar.

Num tom que pretendia implicar que ela teria que me prender para me impedir, eu disse:

- Senhora, vou subir lá.

- Não precisa peitar meu distintivo para isso, Odd. Seu nome está na listinha que Karla me deu.

Tomei o elevador para o segundo andar, onde se localizavam as salas de operações do Hospital Geral.

Encontrar a sala certa foi fácil. Rafus Carter, uniformizado e grande o suficiente para deter um touro enlouquecido, estava de guarda do lado de fora da porta.

Enquanto me aproximava pela claridade fluorescente, ele pousou a mão direita sobre a coronha da arma no coldre.

Notou minha reação à suspeita dele, e disse:

- Sem ofensa, Odd, mas só Karla poderia passar por este corredor sem me despertar suspeitas.

- Acha que ele foi baleado por alguém que conhecia?

- É quase certo, o que significa que provavelmente é alguém que conheço também. - Como ele está?

- Mal.

- Ele é um lutador - falei, ecoando o mantra de Sonny Wexler.

Rafus Carter disse:

- Melhor que seja mesmo.

Retomei ao elevador. Entre o terceiro e quarto andares, apertei o botão de parar.

Um tremor incontrollável chacoalhava para longe as minhas forças. Com as pernas fracas demais para ficar de pé, escorreguei pela parede da cabine e sentei-me no chão.

A vida, Stormy dizia, não é o quão rápido se corre ou mesmo com qual nível de graça se faz isso. É perseverar, ficar de pé e seguir em frente não importa o que aconteça.

Afinal, na sua cosmologia, a vida é um campo de treinamento. Se você não perseverar através de todos os obstáculos e todas as feridas infligidas, não poderá seguir para a próxima vida de maior aventura, que ela chama de "serviço", ou eventualmente para sua terceira vida, que supõe-se estar cheia de prazeres e glórias muito maiores que uma tigela de sorvete de cereja com coco e pedaços de chocolate.

Apesar do quão forte os ventos da mudança possam soprar ou quão opressivo o peso da experiência possa se tornar, Stormy sempre estará de pé, metaforicamente falando; diferentemente dela, eu acho que às vezes preciso fazer uma pausa se no final das contas for preciso perseverar.

Queria estar calmo, controlado, forte e cheio de energia positiva quando encontrasse Karla. Ela precisava de apoio, não de lágrimas de simpatia ou dor.

Depois de dois ou três minutos, eu estava mais calmo e vagamente controlado, convencido de que estava bem o bastante. Levantei-me, pressionei o botão de parar do elevador e continuei até o quarto andar.

A sombria sala de espera, bem ao fim do corredor da unidade de tratamento intensivo, tinha paredes cinza-pálidas, chão de piso de vinil manchado de preto e cinza, cadeiras cinza e marrom-lama. O ambiente dizia "morte". Alguém precisava dar um tapa na cabeça do decorador.

A irmã do chefe, Eileen Newfield, sentada num canto, olhos vermelhos de chorar, torcia compulsivamente um lenço bordado nas mãos.

Ao seu lado estava sentado Jake Hulquist, murmurando palavras tranquilizadoras. Era o melhor amigo do chefe. Tinham ingressado na força policial no mesmo ano.

Jake não usava uniforme, vestia calça cáqui e uma camiseta solta na cintura. Os cadarços do tênis estavam desamarrados. O cabelo, revoltado em pontas e curvas estranhas, como se não tivesse sobrado tempo para se pentear depois de receber o aviso.

Karla, como sempre, parecia fresca, linda e controlada.

Os olhos estavam limpos; ela não chorara. Em primeiro lugar, era esposa de um policial; ser mulher vinha em segundo. Não se entregaria às lágrimas enquanto Wyatt estivesse lutando pela vida porque lutava com ele em espírito.

No instante em que atravessasse a entrada, Karla veio até mim, abraçou-me e disse:

- Que doideira, não é, Oddie? Não é o que os jovens da sua idade diriam numa situação destas?

- Que doideira - concordei. - Totalmente.

Sensível à frágil condição emocional de Eileen, Karla me levou para o corredor, onde poderíamos conversar.

- Ele recebeu um telefonema na linha particular noturna, pouco antes das 2 horas da manhã.

- De quem?

- Não sei. O barulho não chegou a me acordar completamente. Mandou que eu voltasse a dormir, que estava tudo bem. - Quantas pessoas têm o número da linha noturna?

- Não muitas. Ele não foi ao armário para se vestir. Deixou o quarto de pijamas, então pensei que não fosse sair, que fosse algum problema que poderia resolver de casa, então voltei a dormir ... até que os tiros me despertarem.

- Quando foi isso?

- Nem dez minutos depois da ligação. Aparentemente ele abriu a porta para alguém que ele estava esperando ... - Alguém que ele conhecia ...

- ... e levou quatro tiros.

- Quatro? Ouvi que foram três no peito.

- Três no peito - confirmou - e um na cabeça.

Com a novidade do tiro na cabeça, quase precisei me apoiar na parede e escorregar para o chão de novo.

Vendo como a informação me pegara em cheio, Karla logo disse:

- Não houve dano cerebral. O tiro da cabeça foi o menos destrutivo dos quatro. - Exibiu um sorriso trêmulo, mas genuíno. - Ele fará piada disso, não acha?

- Provavelmente já fez.

- Posso ouvi-lo dizendo que se alguém quiser estourar os miolos de Wyatt Porter, tem que lhe dar um tiro no traseiro. - É a cara dele,

com certeza - concordei.

- Aham que era para ser um tiro de misericórdia, depois que ele já estava caído, mas talvez o atirador tenha perdido a coragem ou se distraído. A bala só passou de raspão no escalpo de Wyatt.

Eu estava em negação:

- Ninguém desejaria matá-la. Karla continuou:

- Até eu discar 911 e conseguir descer com minha pistola, o atirador já tinha sumido.

Imaginei-a descendo as escadas sem medo, com a arma nas mãos, até a porta da frente, pronta para trocar balas com o homem que atirara em seu marido. Uma leoa. Como Stormy.

- Wyatt estava caído, inconsciente, quando o encontrei. Ao longo do corredor, vindo da direção dos elevadores, vinha uma enfermeira cirúrgica vestida em uniforme verde. Tinha no rosto uma expressão de por-favor-não-atire-no-mensageiro.

QUARENTA E UM

A ENFERMEIRA CIRÚRGICA, JENNA SPINELLI, ESTEVE UM ANO a minha frente no colégio. Os calmos olhos cinzentos eram salpicados de azul, e as mãos eram feitas para tocar concertos de piano.

As notícias que ela trazia não eram tão terríveis quanto eu temia, mas nem tão felizes quanto eu gostaria.

Os sinais vitais do chefe estavam estáveis, mas não eram fortes. Ele perdera o baço, mas poderia viver sem. Um dos pulmões fora perfurado, mas não era nada que não pudesse ser recuperado, e nenhum dos órgãos vitais fora irreparavelmente danificado.

Seria necessário fazer reparos vasculares complexos, e o médico responsável pela equipe cirúrgica estimava que o chefe ficaria na sala de operações por mais uma hora e meia, talvez duas.

- Estamos seguros de que tudo transcorrerá bem durante a cirurgia - disse Jenna. - Então o desafio será evitar complicações pós-operatórias.

Karla voltou à sala de espera da UTI para compartilhar o relatório com a irmã do chefe e com Jake Hulquist.

Sozinho no corredor com Jenna, perguntei:

- Você despejou tudo ou ainda está faltando alguma coisa?

- É como eu disse, Oddie. Não suavizamos as más notícias para os cônjuges. Contamos tudo de uma vez. - Que devastador.

- Como um furacão - concordou. - Você é próximo a ele, eu sei. - Sim.

- Acho que ele no fim das contas consegue - disse Jenna.

- Não só se recuperar da cirurgia, mas também voltar andando para casa.

- Mas não há garantias.

- E quando há? Ele está uma bagunça por dentro. Mas não é nem metade do que imaginávamos quando o vimos sobre a mesa de cirurgia, antes de o abrímos. É uma chance em um milhão que alguém consiga sobreviver a três ferimentos no peito. Ele tem muita sorte.

- Se isso for sorte, melhor ele nunca ir a Vegas.

Com a ponta do dedo, ela afastou uma das minhas pálpebras para examinar o cenário de sangueira:

- Você parece destruído, Oddie.

- Foi um longo dia. Você sabe ... o café da manhã começa cedo no Grille.

- Estive lá com duas amigas um dia desses. Você fez nosso almoço.

- Mesmo? Às vezes as coisas são tão frenéticas na chapa que não tenho a chance de olhar ao redor, ver quem está lá.

- Você tem talento.

- Obrigado - agradei. - É gentileza sua.
- Ouvi dizer que seu pai está vendendo a lua.
- Sim, mas não é um bom lugar para uma casa de férias.
Não tem ar.
- Você não é nada parecido com seu pai.
- E quem gostaria de ser?
- Muitos rapazes.
- Acho que você está enganada quanto a isso.
- Quer saber? Você deveria dar aulas de culinária.
- A maior parte do que faço é fritura.
- Eu me inscreveria.
- Não é realmente uma culinária saudável- falei.
- Todos teremos que morrer um dia de alguma coisa. Ainda está com Bronwen?
- Stormy. Sim. É como se fosse coisa do destino.
- Como sabe?
- Temos marcas de nascença idênticas.
- Está falando daquela que ela tatuou para parecer com a sua?
- Tatuou? Não. É bem real. Vamos nos casar.
- Oh! Eu não sabia.
- É notícia de última hora.
- Espere até as garotas descobrirem - disse Jenna.
- Que garotas?
- Todas elas.

Aquela conversa não estava fazendo muito sentido para mim, então disse:

- Escuta, estou uma imundície, preciso de um banho, mas não quero deixar o hospital até o chefe Porter sair salvo da cirurgia

como você diz. Tem algum lugar onde eu possa tomar um banho?

- Deixe-me falar com a enfermeira-chefe deste andar. Acho que podemos encontrar um lugar.

- Tenho uma muda de roupas no carro - comentei.

- Vá buscá-las. Então depois procure a sala das enfermeiras.

Terei arranjado tudo.

Quando ela começava a se virar, perguntei: - Jenna, você teve aulas de piano?

- Muitas. Durante anos. Por que pergunta?

- Suas mãos são bonitas. Aposto que deve tocar muito bem.

Deu-me uma longa olhada que não consegui interpretar: mistérios naqueles olhos cinzentos salpicados de azul.

- Essa história de casamento é verdade?

- Sábado - assegurei, cheio de orgulho por Stormy aceitar-me. - Se eu pudesse deixar a cidade, nós teríamos viajado para Vegas e estaríamos casados ao amanhecer.

- Algumas pessoas têm muita sorte - disse Jenna Spinelli.

- Mais sorte que o chefe Porter por ainda estar respirando depois de três ferimentos no peito.

Presumindo que ela estivesse falando que eu era um afortunado por ter conquistado Stormy, disse:

- Depois de toda a confusão que vivi com meus pais, o destino me devia isso.

Jenna tinha um perfeito olhar impenetrável.

- Avise se enfim decidir dar aulas de culinária. Aposto que sabe como bater bem.

Desconcertado, respondi:

- Bater? Bem, é claro, mas isso é só para ovos mexidos. Com panquecas e waffles, você precisa sovar a massa. E fora isso quase tudo é fritar, fritar, fritar.

Jenna sorriu, meneou a cabeça e se afastou, deixando-me com aquela perplexidade que eu às vezes sentia quando, como jogador com melhor status no time de beisebol de nossa escola, assim lançava acima dela, sem nem mesmo tocar a bola.

Andei apressado até o carro de Rosalia no estacionamento.

Peguei a arma da sacola de plástico e a preendi debaixo do assento do motorista.

Quando voltei à sala das enfermeiras do quarto andar com minha sacola, esperavam por mim. Embora cuidar de doentes e moribundos parecesse uma tarefa amarga, todas as quatro enfermeiras do turno da madrugada estavam sorridentes e claramente divertidas com algo.

Além do número habitual de quartos particulares e semiparticulares, o quarto andar oferecia a custo adicional algumas acomodações especiais que poderiam passar por quartos de hotel. Acarpetados e decorados em cores quentes, péssimas obras de arte belamente emolduradas e banheiros completos com frigobar.

Os pacientes ambulatoriais capazes de custear um acréscimo nos benefícios do seguro podiam reservar tal benefício, escapando do sombrio ambiente hospitalar. Dizem que isso acelera a recuperação, e acredito que seja verdade, apesar das péssimas ilustrações de navios no mar e de gatinhos nos campos de margaridas.

Recebendo um jogo de toalhas, fui autorizado a usar o banheiro de uma das luxuosas unidades desocupadas. As pinturas seguiam um tema circense: palhaços com balões, leões de olhos tristonhos, um equilibrista caminhando numa corda-bamba com um guarda-sol cor-de-rosa. Masquei dois tabletes de antiácido.

Depois de me barbear, tomar banho, lavar os cabelos e colocar roupas limpas, ainda me sentia como que esmagado por um rolo compressor, completamente achatado.

Sentei numa poltrona e remexi no conteúdo da carteira que retirei do corpo de Robertson. Cartões de crédito, carteira de motorista, cartão da biblioteca ...

A única coisa incomum era um simples cartão de plástico preto

Activity	Hours
Reading	3
Watching TV	1
Eating	2
Sleeping	4
Studying	2
Working	3
Exercising	1
Shopping	2

Considerando que ele não era cego, não conseguia imaginar por que Robertson carregaria um cartão com uma frase em Braille.

Sentado na poltrona, lentamente deslizei um polegar pelos pontos, depois a ponta do dedo indicador. Eram apenas protuberâncias no plástico, ilegíveis para mim, mas quanto mais delineava o padrão, mais inquieto ficava.

Era tarde, a lua afundava além das janelas, a escuridão intensificava-se e marchava com inútil resistência contra o amanhecer sangrento.

Nos meus sonhos, armas rugiam, balas em câmera lenta abriam túneis visíveis no ar, coiotes exibiam ferozes dentes de plástico preto marcados por padrões criptografados de pontos que quase conseguia ler com meus dedos nervosos. No peito pálido de Robertson, o ferimento gosmento abriu-se diante de mim como se fosse um buraco negro e eu um astronauta no espaço profundo, arrastava-me com irresistível gravidade para suas profundezas, para o esquecimento.

QUARENTA E DOIS

DORMI POR APENAS UMA HORA ATÉ UMA ENFERMEIRA ME despertar. O chefe Porter estava sendo transferido da cirurgia para a unidade de tratamento intensivo.

A janela mostrava uma vista de colinas escuras erguendo-se contra o céu negro cheio de pontos de Braille marcados em prata. O sol ainda se demoraria uma hora abaixo do horizonte oriental.

Carregando minha sacola plástica de roupas sujas, voltei para o corredor fora da UTI.

Jake Hulquist e a irmã do chefe esperavam ali. Nenhum deles jamais vira algo parecido com o cartão de plástico preto.

Depois de um minuto, uma enfermeira e um plantonista entraram no longo corredor vindo do elevador, um à frente e outro aos pés de uma maca, carregando o chefe. Karla Porter caminhava ao lado do marido, uma mão sobre seu braço.

Quando a maca passou por nós, vi que o chefe estava inconsciente, com as pontas de um inalador no nariz. Seu bronzeado parecia alumínio; os lábios, mais cinzentos que rosados.

A enfermeira puxava e o plantonista empurrava a maca pelas portas duplas da UTI, e Karla os seguiu depois de nos dizer que o marido não recobriria a consciência nas próximas horas.

Quem matara Robertson tinha ferido o chefe. Eu não podia provar; contudo, quando não se acredita em coincidências, dois ataques com a intenção de matar, dentro de poucas horas, numa cidade sonolenta como Pico Mundo, devem estar tão indiscutivelmente conectados quanto gêmeos siameses.

Perguntava-me se quem ligou para a linha particular noturna tentara imitar minha voz, se havia se identificado como eu, procurando conselhos, pedindo para que me encontrasse lá embaixo na porta da frente da casa. Ele talvez tivesse esperança de que o chefe não só seria enganado como também mencionaria meu nome à esposa antes de deixar o quarto.

Se fora feita uma tentativa de me enquadrar em um assassinato, por que não em dois?

Embora rezasse para que o chefe se recuperasse rápido, preocupava-me o que diria quando recobrasse a consciência.

Meu álibi para o momento do ataque resumia-se a isso: eu estava escondendo um corpo num abrigo na Igreja do Cometa Sussurrante. Aquela explicação, que seria completa com a verificação do cadáver, não animaria nenhum advogado de defesa.

Na sala das enfermeiras do quarto andar, nenhuma das mulheres de serviço reconheceu o item que encontrei na carteira de Robertson.

Tive mais sorte no terceiro andar, onde uma enfermeira pálida e sardenta, de aparência sobrenatural, estava ao balcão da sala, verificando o conteúdo dos copos de comprimidos com uma lista de nomes de pacientes. Ela aceitou o misterioso retângulo de plástico, examinou ambos os lados e disse:

- É um cartão de meditação.

- O que é isso?

- Geralmente vêm sem protuberâncias. Em vez disso, eles tem pequenos símbolos impressos neles. Como séries de cruzes ou imagens da Virgem Sagrada.

- Não este.

- Deve-se repetir uma oração, como o Pai Nosso ou o Salve Rainha, enquanto se move o dedo de símbolo em símbolo.

- Então é uma forma conveniente de rosário que se pode carregar na carteira?

- Sim. Um rosário. - Esfregando as pontas dos dedos sobre os pontos elevados, ela disse: - Mas não são usados apenas por cristãos. De fato, começou como coisa New Age.

- E como estes são?

- Já vi desses com fileiras de sinos, Budas, sinais de paz, cães e gatos quando se quer dirigir a energia meditativa para a realização dos direitos dos animais, ou fileiras de planetas Terra para meditar por um meio ambiente melhor.

- E este é para pessoas cegas? - perguntei.

- Não. Não mesmo.

Manteve o cartão contra a testa por um instante, como uma mentalista lendo o conteúdo de uma mensagem através de um envelope selado.

Não sei por que ela fez isso, mas decidi não perguntar.

Delineando os pontos outra vez, continuou:

- Cerca de um quarto dos cartões são como este, em Braille.

Você deve pressionar um dedo sobre os pontos e meditar sobre cada letra.

- Mas o que ele diz?

Enquanto continuava a tocar o cartão, uma ruga começou a se formar em seu rosto tão gradualmente quanto uma imagem surgindo da escuridão de um filme de Polaroid. - Não leio Braille.

Mas eles dizem coisas diferentes, umas palavras inspiradoras. Um mantra no qual se focar a energia. Está impresso no pacote no qual o cartão vem.

- Não tenho o pacote.

- Ou você também pode encomendar uma impressão personalizada, seu mantra pessoal, qualquer coisa que queira. Este é o primeiro cartão preto que vejo.

- Quais são as cores geralmente? - perguntei.

- Branco, dourado, prateado, azul da cor do céu, muitas vezes verde para os mantras ambientalistas.

A ruga dela tinha se desenvolvido completamente. Devolveu-me o cartão.

Com evidente desgosto, fitava os dedos com os quais tinha delineado os pontos.

- Onde disse que encontrou isso? - perguntou.

- Lá embaixo no saguão, no chão - menti.

Detrás do balcão, ela pegou um frasco. Jogou um bocado do gel transparente na palma esquerda, guardou o frasco, e esfregou vigorosamente as mãos, higienizando-as.

- Se eu fosse você, me livraria disso - disse enquanto esfregava. - E o quanto antes, melhor.

Despejara tanto gel higienizador que eu podia sentir o cheiro do álcool etílico se evaporando.

- Livrar-me disto? Por quê? - perguntei.

- Tem energia negativa. Magia ruim. Vai lhe trazer maldade.

Perguntava-me qual escola de enfermagem ela frequentara. - Jogarei no lixo - prometi.

As sardas em seu rosto pareciam estar mais vívidas, queimando como respingos de pimenta-malagueta.

- Não jogue aqui.

- Tudo bem - respondi. - Não jogo.

- Nem em qualquer lugar do hospital. Dirija até o deserto, onde não haja ninguém por perto, acelere, jogue pela janela e deixe o vento levar.

- Parece um bom plano.

Suas mãos estavam secas e higienizadas. A ruga tinha evaporado junto com o álcool em gel.

- Espero ter sido de alguma ajuda.

- Você foi ótima.

Levei o cartão de meditação para fora do hospital, para a noite desvanecente, mas não para um passeio no deserto.

QUARENTA E TRES

OS ESTÚDIOS DA RÁDIO KPMC, VOZ DO VALE DE MARAVILLA, ficam na Main Street, no coração de Pico Mundo, num sobrado

georgiano de tijolo de três andares, entre dois edifícios vitorianos abrigando os escritórios de advocacia de Knacker & Hisscus e a padaria Bom Dia.

Naquela última hora de escuridão, as luzes estavam acesas na cozinha da padaria. Quando saí do carro, a rua cheirava a pão fresco saído do forno, pãezinhos doces de canela e strudel de limão.

Nenhum bodach a vista.

Os primeiros andares da KPMC abrigam os escritórios administrativos. Os estúdios de transmissão ficam no terceiro andar.

Stan "Spank:y" Lufmunder era o engenheiro encarregado.

Harry Beamis, que conseguia sobreviver no mundo do rádio sem um apelido, era o produtor de "A Noite Inteira com Shamus .

Fiz caretas para eles através da vidraça de isolamento triplo entre o corredor do terceiro andar e seu ninho eletrônico.

Depois de exprimirem com as mãos gestos de que eu devia copular comigo mesmo, deram-me sinal para entrar, e continuei pelo corredor até a porta da cabine de transmissão.

Pelo alto-falante do corredor, num volume baixo, tocava "String offPearls", do imortal Glenn Miller, o disco que Shamus colocava no ar naquele momento.

A música na verdade era originária de um CD, mas no seu programa, Shamus usa gírias das décadas de 1930 e 40.

Harry Beamis fez sinal para ele, então quando entrei na cabine. Shamus tirou os fones de ouvido, aumentou o volume de retorno do programa apenas o bastante para ficar acompanhando, e me cumprimentou:

- Ei, Mágico, bem-vindo ao meu Pico Mundo.

Para Shamus, sou o Mágico de Odd, ou apenas Mágico. Perguntou-me:

- Por que não está cheirando a xampu de pêssego?

- O único sabonete que eu tinha era sem perfume.

Ele franziu a testa.

- Não acabou entre você e a deusa, acabou?
- Só está começando - garanti.
- Fico feliz por saber.

As paredes recobertas por espuma plástica suavizavam nossas vozes, silenciando os timbres ásperos.

As lentes de seus óculos escuros eram azuis como as antigas garrafas de leite de magnésio. A pele dele era tão preta que também parecia ter um tom azulado.

Coloquei diante dele o cartão de meditação, pressionando-o com ruído sobre a mesa para intrigá-lo.

Fingiu desinteresse, não pegou logo o cartão.

- Vou passar no Grille depois do programa, para engolir uma pilha de presunto fatiado frito capaz de provocar um ataque cardíaco, cebolas fininhas e biscoitos com molho.

Depois de circular a ilha de som, sentei num banco diante de Shamus e empurrei o outro microfone de braço flexível para o lado.

- Não vou cozinhar esta manhã. Tirei o dia de folga.
- E o que você faz nas folgas? Vai passear naquela loja de pneus?
- Pensei em jogar boliche.
- Você é um tremendo festeiro, Mágico. Não sei como sua namorada consegue acompanhar seu ritmo.

A melodia de Miller acabou. Shamus inclinou-se no microfone e fez alguns comentários de improviso, anunciando "One O'Clock Jump" de Barry White e, na sequência, "Take the A Train" de Duke Ellington.

Gosto de ouvir Shamus entrando e saindo do ar. Ele tem uma voz que faz Barry White e James Earl Jones soarem como apresentadores de circo com faringite. Para as pessoas da rádio, é o Língua de Veludo.

Da 1 às 6 horas da manhã, todos os dias exceto domingo, Shamus apresenta o que chama de música que ganhou a grande guerra e reconta histórias da vida noturna dos velhos tempos.

Nas outras 19 horas do dia, a KPCM se abstém da música em favor do falatório. A direção gostaria de tirar a emissora do ar naquelas cinco horas menos ouvidas, mas a licença de transmissão exige que sirvam a comunidade 24 horas por dia.

Esta situação dá a Shamus a liberdade de fazer o que quiser, e já que ele quer é afundar os ouvintes insones nas glórias da era das Grandes Bandas. Naquele tempo, dizia ele, a música era autêntica, e a vida estava mais fincada na verdade, na razão e na boa vontade.

Na primeira vez em que ouvi aquele cowentário, expressei surpresa por Shamus sentir tamanha afinidade por uma época de ativa segregação. Sua resposta foi:

- Sou negro, cego, um bocado inteligente e sensível.

Nenhuma época seria fácil para mim. Ao menos a cultura tinha cultura naquele tempo, e estilo.

Agora falava aos ouvintes:

- Fechem os olhos, imaginem Duke no terno branco que era sua marca registrada, e juntem-se a mim, Shamus Cocobolo, para embarcarmos neste trem.

A mãe dera-lhe o nome de Shamus porque queria que o filho fosse detetive policial. Quando ficou cego aos três anos, uma carreira na polícia deixou de ser opção. O "Cocobolo" veio do pai, direto da Jamaica.

Pegando o cartão de plástico preto, segurando-o pelas bordas entre o polegar e o indicador da mão direita, perguntou:

- Algum banco incrivelmente estúpido lhe deu um cartão de crédito?

- Esperava que você me dissesse o que está escrito.

Ele deslizou um dedo sobre o cartão, sem ler realmente, apenas determinando sua natureza.

- Oh, Mágico, acha que eu preciso meditar quando tenho Count Basie, Satchmo e Artie Shaw?

- Então você sabe o que é?

- Nos últimos anos, as pessoas já me deram dúzias dessas coisas, com pensamentos inspiradores diferentes, como se os cegos ficassem meditando já que não podem dançar. Sem ofensa, Mágico, mas você não é exatamente o tipo de pessoa para me dar uma dessas porcarias espirituais de plástico. Sinto-me até um pouco envergonhado por você.

- Não quente. Mas não estou lhe dando. Só estou curioso para saber o que está escrito em Braille.

- Fico aliviado. Mas por que a curiosidade?

- Nasci assim.

- Já entendi. Não é da minha conta. - Leu o cartão com as pontas dos dedos e disse: - Pai das Mentiras. - Pai do quê?

- Mentiras. Inverdades.

A frase era familiar, mas por alguma razão não conseguia interpretá-la, talvez porque eu não quisesse.

- O demônio - disse Shamus. - O Pai das Mentiras, Pai do Mal, Sua Majestade Satânica. Qual é a história, Mágico? A velha religião da São Bartolomeu anda muito chata hoje em dia? Precisa de uma fungada de enxofre para estimular a alma?

- O cartão não é meu.

- Então de quem é?

- Uma enfermeira no Hospital Geral me disse para enfiar o pé no acelerador, partir para o deserto, jogá-lo pela janela e deixar que o vento o levasse.

- Para um bom garoto que vive honestamente de sua espátula, você anda com uma gente muito estranha.

Empurrou-me o cartão sobre a ilha de som. Eu levantei do banco.

- Não deixe esse Braille feito de enxofre aqui - pediu.

- É só uma porcaria espiritual de plástico, lembra?

Meus reflexos gêmeos observavam-me das lentes azul-escuras de seus óculos.

Shamus disse:

- Conheci um praticante de satanismo uma vez. O cara dizia odiar a mãe, mas devia tê-la amado muito. Os tiras encontraram a cabeça decepada dela no congelador dele, num saco plástico vedado com pétalas de rosas para ficar perfumada.

Peguei o cartão de meditação. Parecia frio. - Obrigado pela ajuda, Shamus.

- Tenha cuidado, Mágico. Amigos excêntricos interessantes são difíceis de achar. Se você morresse de repente, sentiria sua falta.

QUARENTA E QUATRO

o AMANHECER SURTIU VERMELHO, O SOL SEMELHANTE À lâmina de um carrasco cortando o horizonte escuro.

Em algum lugar de Pico Mundo, um candidato a assassino em massa podia estar olhando para este amanhecer enquanto inseria cartuchos nos pentes sobressalentes de seu rifle de assalto.

Estacionei na entrada de carros e desliguei o motor. Não podia esperar mais para descobrir se o atirador que disparou em Bob Robertson também assassinara Rosalia Sanchez. Ainda assim, dois ou três minutos se passaram antes que encontrasse coragem suficiente para sair do carro.

Os pássaros noturnos haviam silenciado. Geralmente atia primeira luz, os corvos matutinos ainda não tinham aparecido.

Subindo os degraus do alpendre dos fundos, vi que a tela estava fechada, mas a porta, aberta. As luzes da cozinha continuam acesas.

Observei através da tela. Rosalia estava sentada à mesa, as mãos entrelaçadas numa caneca de café. Parecia estar viva.

As aparências enganam. O corpo podia estar aguardando para ser descoberto em outro cômodo, e aquele poderia ser seu espírito preso à terra, com as mãos ao redor da caneca que abandonara ao

atender à batida na porta do assassino, na noite anterior.

Não sentia o cheiro de café fresco.

Antes, quando esperava que eu chegasse para lhe dizer que estava visível, as luzes sempre estavam acesas. Nunca a vi sentada no escuro como agora.

Rosalia ergueu o olhar e sorriu quando entrei na cozinha.

Eu a fitava, temendo falar, com medo de que fosse um espírito errante e não pudesse responder. - Bom dia, Odd Thomas.

O temor esvaiu de mim com meu suspiro reprimido. - Você está viva.

- Claro que estou viva. Sei que percorri uma longa estrada desde quando eu era moça, mas ainda não pareço morta, espero. - Digo ... visível. Você está visível.

- Sim, eu sei. Os dois policiais me disseram, então não precisei esperar por você esta manhã. - Policiais?

- Foi bom descobrir mais cedo. Desliguei as luzes e fiquei sentada aqui, apreciando o amanhecer. - Ela ergueu a caneca. - Quer suco de maçã, Odd Thomas?

- Não, obrigado, senhora. Você disse dois policiais?

- Eram bons rapazes.

- Quando foi isso?

- Não tem nem quarenta minutos. Estavam preocupados com você.

- Preocupados? Porquê?

- Disseram que alguém relatou ter ouvido um tiro vindo do seu apartamento. Não é ridículo, Odd Thomas? Eu lhes disse que não tinha ouvido nada.

Eu tinha certeza de que a ligação relatando o tiro havia sido anônima, porque o denunciante provavelmente seria o assassino de Robertson.

A Sra. Sanchez continuou:

- Perguntei-lhes no que você atiraria no apartamento. Eu disse que não havia ratos. - Ela ergueu a caneca para tomar um gole de suco de maçã. - Você não tem ratos em casa, tem?

- Não, senhora.

- Mas quiseram olhar de qualquer forma. Estavam preocupados com você. Bons garotos. Tiveram o cuidado de limpar os sapatos. Não tocaram em nada.

- Está dizendo que os levou para ver meu apartamento? Depois de engolir um pouco de suco, ela disse:

- Bem, eram policiais, e estavam muito preocupados com você. Ficaram bem aliviados quando descobriram que você não tinha atirado no pé ou algo do tipo.

Fiquei contente por ter removido o corpo de Robertson imediatamente após encontrá-lo no meu banheiro.

- Odd Thomas, você não apareceu na noite passada para pegar os biscoitos que fiz para você. Gotas de chocolate com nozes. Seu favorito.

Um prato, cheio de biscoitos, coberto com filme plástico, esperava sobre a mesa.

- Obrigado, senhora. Seus biscoitos são os melhores. Peguei o prato. - Eu estava me perguntando ... Poderia me emprestar um pouco o carro?

- Mas não acabou de sair com ele?

Meu rubor ficou mais vermelho que o amanhecer espalhando-se além das janelas.

- Sim, senhora.

- Ora, então já pegou emprestado - observou sem o menor traço de ironia. - Não precisa pedir duas vezes.

Peguei as chaves no quadro junto à geladeira.

- Obrigado, Sra. Sanchez. É muita bondade sua.

- Você é um rapaz adorável, Odd Thomas. Lembra muito o meu sobrinho Marco. Em setembro próximo, ele completará três anos

invisível.

Marco, como o resto da família, viajava a bordo de um dos aviões que atingiu o World Trade Center.

Rosalia prosseguiu:

- Continuo pensando que se tornará visível de novo um dia, mas já faz tanto tempo ... Nunca fique invisível, Odd Thomas.

Às vezes ela parte meu coração. - Não ficarei - garanti a ela.

Quando me inclinei para lhe dar um beijo na testa, ela colocou a mão na minha cabeça, mantendo meu rosto próximo ao seu.

- Prometa que não ficará.

- Prometo, senhora. Juro por Deus.

QUARENTA E CINCO

QUANDO ESTACIONEI DIANTE DO PRÉDIO DE STORMY, A van disfarçada do departamento de polícia fora embora.

Obviamente, quando a unidade policial estava lá, não era para oferecer segurança a Stormy. Como eu suspeitava, vigiavam com a esperança de que Robertson viria atrás de mim. Quando apareci na casa do chefe Porter, perceberam que eu não estava mais com Stormy, e evidentemente mudaram de serviço.

Robertson embarcara num sono eterno, observado pelo fantasma de uma jovem prostituta, mas seu assassino e antigo colega continuava solto. Este segundo psicopata não teria razão para fazer de Stormy um alvo especial; além disso, ela possuía uma pistola 9mm e coragem para usá-la.

Na minha mente ainda surgia a imagem do ferimento no peito de Robertson, e eu não podia dar as costas ou fechar os olhos como fizera no banheiro. Pior, minha imaginação transferiu o buraco fatal da carne lívida do homem morto para Stormy, então pensei na jovem que me salvou dos coiotes, braços cruzados modestamente sobre os seios e ferimentos.

A partir da calçada, saí em disparada. Subi às pressas os degraus. Irrompi pela varanda. Empurrei a porta com vitral.

Tateei a chave, deixei-a cair, inclinei-me e a peguei no ar enquanto quicava no chão de madeira dura. E finalmente entrei no apartamento.

Da sala de estar, vi Stormy na cozinha e fui até lá.

Ela estava com uma tábua de carne, ao lado da pia, usando uma facinha para cortar toranja, a fruta número um da Flórida. Uma pequena pilha de sementes extraídas cintilava na madeira.

- O que o deixou nervoso? - perguntou ao terminar a tarefa e largar a faca.

- Pensei que estivesse morta.

- Já que não estou, quer tomar café da manhã?

Quase contei a ela que alguém atirara no chefe. Em vez disso, respondi:

- Se eu usasse drogas, adoraria uma omelete de anfetamina com três copos de café preto. Não consegui dormir direito. Preciso ficar acordado, clarear meus pensamentos.

- Tenho rosquinhas cobertas com chocolate.

- É um começo.

Nos sentamos à mesa da cozinha: ela com sua toranja, eu com uma caixa de rosquinhas e uma Pepsi, cheio de açúcar, cheio de cafeína.

- Por que pensou que eu estava morta? - perguntou ela. Stormy já estava preocupada comigo. Não queria que sua ansiedade chegasse ao limite.

Se contasse a ela sobre o chefe, acabaria contando sobre Bob Robeiton na minha banheira, sobre já ser um homem morto quando o vimos na igreja, sobre os acontecimentos na Igreja do Cometa Sussurrante e sobre o cartão de meditação satânico.

Ela desejaria ficar ao meu lado o resto do dia. Dar disparos, oferecer cobertura. Não podia permitir que se colocasse em perigo

daquela maneira.

Suspirei e meneei a cabeça.

- Não sei. Tenho visto bodachs por toda parte. Hordas deles. Não importa o que está por vir, será grande. Estou assustado.

Prevenindo-me, Stormy apontou a colher para mim. - Não me diga para ficar em casa hoje.

- Gostaria que ficasse em casa hoje.

- O que eu acabei de dizer?

- O que eu acabei de dizer?

Mastigando, silenciados pela toranja e pela rosquinha de chocolate, nós nos encarávamos.

- Ficarei em casa hoje - disse ela -, se você ficar o dia inteiro aqui comigo.

- Já passamos por isso antes. Não posso deixar que pessoas morram se houver uma maneira de poupá-las.

- E eu não fico nem um dia numa gaiola só porque há um tigre solto por aí.

Tomei um gole de Pepsi. Queria ter algumas cápsulas de cafeína. Queria ter sais de cheiro para clarear minha cabeça sempre que a neblina do sono começava a me envolver. Queria ser como as outras pessoas, sem qualquer dom sobrenatural, sem nenhum peso para carregar que não fosse o das rosquinhas de chocolate que eventualmente me engordariam.

- Ele é pior que um tigre - comentei.

- Não me importa que seja pior que um tiranossauro rex.

Tenho uma vida a viver ... e nenhum tempo a perder caso queira ter minha própria sorveteria em quatro anos.

- *Caia na real. Um dia de folga não destruirá suas chances de alcançar seu sonho.*

- Cada dia que eu trabalho na direção dele é o sonho. O processo, não o resultado final, é o que interessa.

- Por que sempre tento argumentar com você? Sempre perco.
- Você é um fabuloso homem de ação, querido. Não precisa ser bom debatedor também.
- Sou um fabuloso homem de ação e um excelente cozinheiro.
- O marido ideal.
- Preciso de uma segunda rosquinha.

Completamente consciente de que oferecia uma concessão que eu não poderia recusar, Stormy sorriu e disse:

- Quer saber? Vou tirar o dia de folga e ficarei bem ao seu lado, aonde quer que vá.

Aonde esperava ir, pela graça do magnetismo psíquico, era até o homem desconhecido que matara Robertson e talvez agora estivesse se preparando para conduzir a atrocidade que haviam planejado juntos. Stormy não estaria segura ao meu lado.

- Não. Você precisa continuar com seu sonho. Sirva aquelas casquinhas, prepare aqueles milk-shakes, e seja a melhor fornecedora de sorvetes que puder ser. Nem os menores sonhos se tornam realidade sem perseverança.

- Pensa isso mesmo, esquisitão, ou só está citando alguém?

- Não reconhece? Estou citando você.

Stormy sorriu carinhosamente.

- Você é mais esperto do que parece.

- É preciso. Onde pretende tirar a hora de almoço?

- Você me conhece ... levo meu almoço. É mais barato e posso continuar no trabalho, de olho nas coisas.

- Não mude de ideia. Não se aproxime de pistas de boliche, de salas de cinema, de nada.

- Posso me aproximar de um campo de golfe?

- Não.

- Um campo de golfe miniatura?

- Estou falando sério.
- Posso me aproximar de um fliperama?
- Lembra daquele filme antigo, Inimigo Público? - perguntei.
- Posso me aproximar de um parque de diversões?
- James Cagney é um gângster que está tomando café da manhã com a amante ...
- Não sou amante de ninguém.
- ... e quando ela o irrita, ele atira metade de uma toranja na cara dela.
- E o que ela faz? Ela o castra? É o que eu faria, com minha faquinha.
- Inimigo Público foi feito em 1931. Não se podia mostrar uma castração naquela época.
- Como era uma forma imatura de arte naquela época. E tão esclarecida agora. Quer ficar com minha metade de toranja enquanto pego minha faca?
- Só estou dizendo que amo você e que estou preocupado.
- Eu também amo você, querido. Então prometo não almoçar num campo de golfe em miniatura. Ficarei quietinha no Burke & Bailey's. Se eu derramar sal, jogo uma pitada sobre meu ombro na hora. Melhor, jogo o saleiro inteiro.
- Obrigado. Mas ainda estou considerando atirar uma toranja em você.

QUARENTA E SEIS

NA CASA DOS TAKUDAS EM HAMPTON WAY, NÃO HAVIA nenhum bodach a vista. Na noite anterior, eles pululavam ao redor da casa.

Quando estacionei diante da casa, a porta da garagem ergueuse. Ken Takuda saía de ré com seu Lincoln Navigator.

Quando me dirigi à entrada de carros, ele parou o utilitário e

abriu a janela.

- Bom dia, Sr.Thomas.

É a única pessoa que se dirige a mim de maneira tão formal. - Bom dia, senhor. Uma bela manhã, não é?

- Uma manhã gloriosa - declarou. - Um dia muito importante, como todos os dias, cheio de possibilidades.

O Dr. Takuda trabalha na faculdade da Universidade do Estado da Califórnia em Pico Mundo. Ensina literatura americana do século XX.

Considerando que a literatura moderna e contemporânea apresentada na maioria das universidades é em grande parte um dogmatismo obscuro, cínico, mórbido, pessimista e misantropo, em geral escrita por tipos suicidas que mais cedo ou mais tarde se matam com álcool, drogas ou tiros, o professor Takuda era um homem notavelmente animado.

- Preciso de algum conselho quanto ao futuro - menti. - Estou pensando em entrar na faculdade afinal, depois fazer um doutorado, construir uma carreira acadêmica, como você.

Quando sua lustrosa compleição asiática empalideceu, adquiriu um tom cinzento.

- Ora, Sr.Thomas, embora eu seja a favor da educação, nunca em boa consciência recomendaria uma carreira universitária senão na área das ciências naturais. Como ambiente de trabalho, o resto da academia é um esgoto de irracionalidade, incitação de ódio, inveja e egoísmo. Pretendo sair no momento em que completar os 25 anos de trabalho para a aposentadoria. Então começarei a escrever livros, como Ozzie Boone.

- Mas, senhor, sempre me parece tão feliz.

- Quando na barriga do Leviatã, Sr.Thomas, só nos resta nos desesperar e perecer, ou ser alegre e perseverar. - Ele sorriu animado.

Aquela não era a resposta que esperava, mas insistiu no meu precário esquema para descobrir sua programação para o dia e

talvez localizar o local onde o coleguinha de Robertson atacaria. - Ainda assim, gostaria de conversar sobre o assunto.

- O mundo possui poucos cozinheiros humildes e um excesso de professores arrogantes, mas conversaremos se quiser. Ligue para a universidade e peça para falar com meu escritório. Minha assistente agendará uma data.

- Eu esperava poder conversar esta manhã, senhor.

- Agora? O que causou esta súbita sede pela conquista acadêmica?

- Preciso pensar melhor no meu futuro. Vou me casar no sábado.

- Com a Srta. Bronwen Llewellyn?

- Sim, senhor.

- Sr. Thomas, você tem uma rara oportunidade de felicidade perfeita, seria mau conselho envenenar sua vida com a academia ou com o tráfico de drogas. Tenho uma aula esta manhã, seguida por duas conferências estudantis. Depois saio para almoçar e ver um filme com minha família, então creio que só amanhã poderemos discutir esse seu impulso autodestrutivo.

- Onde vai almoçar, senhor? No Grille?

- Deixaremos as crianças escolherem. É o dia delas.

- Que filme vão assistir?

- Aquele com o cachorro e o alienígena.

- Não vá - falei, apesar de nunca ter visto o filme. - É um horror.

- Mas é um grande sucesso.

- Uma chatice.

- Os críticos gostaram - comentou ele.

- Randall J arrell diz que a arte é eterna, mas que os críticos são insetos que só duram um dia.

- Ligue para meu escritório, Sr. Thomas. Conversaremos amanhã.

Ergueu a janela, saiu pela entrada de carros e seguiu para a

universidade e, mais tarde naquele dia, para um encontro com a Morte.

QUARENTA E SETE

NICOLINA PEABODY, 5 ANOS, CALÇAVA TÊNIS ROSA, VESTIA short rosa e uma camiseta rosa. Seu relógio de pulso tinha pulseira de plástico rosa e o rosto de um porco rosa no mostrador.

- Quando eu for grande para comprar minhas próprias roupas - ela me dizia -, não vou vestir nada que não seja rosa, rosa, rosa, todos os dias, o ano inteiro, para sempre.

Levanna Peabody, que logo teria 7 anos, revirou os olhos e disse:

- Todos vão pensar que você é uma vadia.

Entrando na sala com um bolo de aniversário num prato, protegido por uma tampa de plástico transparente, Viola repreendeu:

- Levanna! Isso é coisa que se diga? Se continuar falando feio deste jeito, são duas semanas sem mesada.

- O que é uma vadia? - perguntou Nicolina.

- Uma mulher que se veste de rosa e beija os homens para ganhar dinheiro - explicou Levanna, num tom de grande sofisticação.

Quando segurei o bolo para Viola, ela disse:

- Vou buscar a caixa com os livros de atividades delas, então poderemos ir.

Eu tinha dado um rápido passeio pela casa. Não havia bodachs à espreita em canto algum.

Nicolina disse:

- Se eu beijar os homens de graça, posso vestir rosa e não ser vadia.

- Se beijar muitos homens de graça, você vira uma vagabunda - disse Levanna.

- Levanna, já chega! - repreendeu Viola.

- Mas, mãe - disse Levanna -, ela precisa aprender como o mundo funciona mais cedo ou mais tarde.

Notando meu divertimento e interpretando isso como um fantástico talento, Nicolina confrontou a irmã mais velha: - Você nem sabe o que é vadia, só pensa que sabe. Sei, sim - Levanna insistiu orgulhosa.

As meninas me precederam andando até O carro da Sra. Sanchez, que estava parado em frente.

Depois de trancar a casa, Viola nos seguiu. Colocou a caixa de livros no banco de trás com as meninas, então sentou-se na frente. Entreguei-lhe o bolo e fechei a porta.

A manhã era típica do Mojave, chamejante e irrespirável. O céu, um caldeirão de cerâmica azul invertido, despejava seu vapor seco e quente.

Com o sol ainda no leste, todas as sombras inclinavam-se para oeste, parecendo ansiar por aquele horizonte que as precedia antes da chegada da noite. E ao longo da rua sem vento, só minha sombra se movia.

Se entidades sobrenaturais estavam presentes, não eram evidentes.

Quando entrei no carro e liguei o motor, Nicolina disse:

- Nunca vou beijar homem nenhum mesmo. Só mamãe, Levanna e tia Sharlene.

- Você vai querer beijar os homens quando ficar mais velha - previu Levanna. - Não vou.

- Vai sim.

- Não vou - Nicolina declarou com firmeza. - Só você, mamãe e tia Sharlene. Ah, Cheevers também.

- Cheevers é um menino - disse Levanna enquanto eu saía com o

carro em direção à casa de Sharlene.

Nicolina deu uma risadinha. - Cheevers é um urso.

- Mas é um menino.

- É de pelúcia.

- Não deixa de ser menino - afirmou Levanna. - Viu, já começou ... você quer beijar homens.

- Não sou vagabunda - insistiu Nicolina. - Vou ser médica de cachorros.

- Eles são veterinários. E nenhum deles veste rosa, rosa, rosa, todos os dia, o ano inteiro, para sempre.

- Vou ser a primeira.

- Bem - disse Levanna -, seu eu tivesse um cachorro doente e você fosse uma veterinária vestida de rosa, acho que levaria o cachorro para você, mesmo assim, porque sei que o deixaria bom.

Seguindo uma rota tortuosa, verificando o retrovisor, dirigi por seis quarteirões apenas para cobrir os dois quarteirões que nos distanciavam de Maricopa Lane.

Usando meu celular durante o trajeto, Viola ligou para a irmã para dizer que levaria as meninas para uma visita.

Aquela arrumada casa de tábuas brancas em Maricopa Lane tem venezianas azul-pervinca. Na varanda, cujos postes também são azuis, existem um banco e quatro cadeiras de balanço. É um ponto de encontro da vizinhança.

Sharlene ergueu-se de uma das cadeiras quando estacionamos na entrada de carros. É uma mulher grande, de sorriso encantador, dona de uma voz musical digna de uma cantora gospel, o que ela é.

Um retriever dourado, Posey, levantou-se do chão da varanda para ficar a seu lado, agitando uma bela cauda peluda, animado por ver as meninas. Não precisava de correia para ficar no lugar, só da ordem suave da dona.

Levei o bolo à cozinha, onde tive que recusar educadamente as ofertas de Sharlene: limonada bem gelada, trouxinhas de maçã, três

variedades de biscoitos e pé de moleque caseiro.

Deitado no chão com as quatro pernas no ar, as patas dianteiras inclinadas em submissão, Posey solicitava esfregadas na barriga, o que as meninas foram rápidas em oferecer.

Curvei-me sobre um joelho e só interrompi a brincadeira por tempo suficiente para desejar feliz aniversário a Levanna. Dei um abraço em cada uma das meninas.

Pareciam terrivelmente pequenas e frágeis. Qualquer um com pouca força poderia quebrá-las, arrancá-las deste mundo. A vulnerabilidade delas me assustava.

Viola acompanhou-me até a varanda, onde disse:

- Você disse que me traria a foto do homem no qual devo ficar atenta.

- Agora é desnecessário. Ele está ... fora de cena.

Seus olhos grandes estavam cheios de uma confiança que eu não merecia.

- Odd, por Deus, seja honesto. Ainda vê a morte em mim?

Não sabia o que viria, mas apesar do dia no deserto trazer uma impressão brilhante aos meus olhos, para o meu sexto sentido tudo parecia tão escuro quanto numa tempestade, com grandes trovões por vir. Alterar os planos, cancelar o filme e o jantar no Grille ... isso devia bastar para mudar o destino delas. Com certeza.

- Você está bem agora. E as meninas também.

Os olhos de Viola examinaram os meus, mas não ousei desviar o rosto.

- E você, Odd? Apesar do que está por vir ... Há algum caminho que leve você a um lugar seguro?

Forcei um sorriso.

- Sei tudo sobre o Outro Mundo e o Além, lembra?

Ela sustentou os olhos nos meus por mais um instante, então me abraçou. Nós nos apertávamos com força.

Não perguntei a Viola se ela via a morte em mim. Nunca alegara ter um dom para ver o futuro ... Entretanto temia que dissesse que sim.

QUARENTA E OITO

MUITO DEPOIS DE "A NOITE INTEIRA COM SHAMUS Cocobolo" ter saído do ar e os últimos acordes de Glenn Miller viajarem até a estratosfera em direção às estrelas distantes, sem nenhum CD do Elvis que me confortasse, rodei pelas ruas de Pico Mundo ao silêncio do sol, imaginando para onde os bodachs teriam ido.

Num posto de gasolina, parei para abastecer o Chevy e usar o banheiro. No espelho manchado sobre a pia, meu rosto sugeria um homem perseguido, a aparência cansada e os olhos fundos.

No lojinha adjacente, comprei uma garrafinha de Pepsi com tampa de rosca e um frasquinho com cápsulas de cafeína.

Com a assistência química das cápsulas, da cola e do açúcar no prato de biscoitos que a Sra. Sanchez me dera, poderia permanecer acordado. Se eu conseguiria pensar com clareza suficiente seguindo tal regime só se tornaria evidente quando as balas comesçassem a ser disparadas.

Sem nome ou rosto para atribuir ao colaborador de Robertson, meu magnetismo psíquico não me levaria à minha presa. Rodar sem direção não seria de serventia nenhuma.

Sem intenções claras, parti para Camp's End.

O chefe ordenara vigilância na casa de Robertson na noite anterior, mas era óbvio que aquela tarefa fora abandonada. Com o chefe ferido e todo o departamento de polícia em choque, alguém decidira transferir os recursos para outro lugar.

De repente, percebi que talvez o chefe não fosse alvo só para me enquadrar num segundo assassinato. Talvez o coleguinha de Robertson quisesse eliminar Wyatt Porter para garantir que o Departamento de Polícia de Pico Mundo estivesse abalado, desorientado e lento para responder à crise que estava por vir.

Em vez de estacionar do outro lado da rua, mais no fim do quarteirão, deixei o Chevy diante da casinha amarela com porta azul desbotada. Caminhei com convicção até o abrigo de carros.

Minha carteira de motorista ainda servia ao seu propósito fundamental. A lingueta da porta estalou, e entrei na cozinha.

Por um instante, fiquei parado na soleira, escutando. O zumbido do motor da geladeira. Os rangidos e os estalos marcavam a lenta dilatação das vigas da velha casa à medida que o calor aumentava naquela nova manhã.

O instinto me dizia que eu estava sozinho.

Fui direto para o escritório bem conservado. No momento, ele não servia de estação de trem para os bodachs.

Da parede acima dos arquivos, Mc Veigh, Manson e Atta me observavam como se estivessem completamente cômicos.

Na escrivaninha, vasculhei o conteúdo das gavetas mais uma vez, procurando nomes. Na visita anterior, considerei a agenda de endereços como algo de pouco valor, mas desta vez a folheava com interesse.

A agenda continha menos de quarenta nomes e endereços.

Nenhum deles me despertava qualquer lembrança.

Não investiguei os extratos bancários outra vez, mas olhei para eles, pensando sobre os \$58.000 em dinheiro que ele tinha sacado nos últimos meses. Havia mais de 4 mil nos bolsos da calça quando encontrei o corpo.

Se você fosse um sociopata rico interessado em custear atos bem planejados de assassinato em massa, que tipo de circo de sangue poderia armar ao custo de aproximadamente \$54.000?

Mesmo sem dormir, com dor de cabeça por causa da cafeína e tonto de tanto açúcar, eu podia responder àquela pergunta sem muita ponderação: um circo imenso. Você poderia comprar um circo com três picadeiros da morte: balas, explosivos e gás venenoso, praticamente qualquer coisa menor que uma bomba nuclear.

Em algum lugar da casa, uma porta se fechou. Não foi com estrondo. Foi silenciosa, com um baque suave e um estalo.

Caminhando de maneira furtiva, porém rápida, voltei para o vão da porta do escritório, então pisei no corredor.

Nenhum intruso a vista. Exceto eu.

As portas do banheiro e do quarto continuavam abertas, como antes.

No quarto, a porta do guarda-roupa era corrediça. Aquilo não poderia ter produzido o som que escutei.

Ciente de que a morte costuma recompensar igualmente os imprudentes e os tímidos, andei com pressa cautelosa até a sala de estar. Vazia.

A porta de vai e vem da cozinha não poderia ser o que eu tinha ouvido. A porta de entrada da casa continuava fechada, como antes.

No canto esquerdo de quem entra na sala de estar, havia um closet. Dentro do closet: duas jaquetas, algumas caixas de papelão lacradas, um guarda-chuva.

Na cozinha. Ninguém.

Talvez eu tivesse escutado um intruso saindo. O que significava que alguém estava na casa quando cheguei e saiu quando teve certeza de que eu estava distraído.

O suor gotejava na minha testa. Uma única gota escorreu pela minha nuca e acompanhou minha espinha até o cóccix.

O calor da manhã não era a única razão para o meu suor. Retornei ao escritório e liguei o computador. Examinei os programas de Robertson, surfei pelos diretórios e encontrei uma coleção de vulgaridades baixadas da internet. Arquivos de pornografia sádica. Pornografia infantil. Vários outros sobre assassinos em série, mutilação ritualista e cerimônias satânicas.

Nada daquilo parecia me levar ao seu colaborador, ao menos não suficientemente rápido para resolver a crise atual de modo favorável. Desliguei o computador.

Se tivesse algum gel higienizador, como o que a enfermeira usou

no hospital, poderia ter despejado metade do frasco nas mãos.

Durante minha primeira visita àquele casebre, havia conduzido uma rápida procura, que terminou quando fiz descobertas suficientemente perturbadoras para levar o caso contra Robertson ao chefe. Embora um relógio em contagem regressiva fizesse tique-taque em minha cabeça, desta vez examinei melhor a casa, grato por ser tão pequena.

No quarto, numa gaveta de uma cômoda alta, descobri várias facas de tamanhos diferentes e formatos curiosos. Havia frases em latim entalhadas nos cabos das primeiras que examinei.

Apesar de não ler latim, pressenti que o caráter das palavras seria, após uma tradução, tão perigoso quanto o corte de cada uma daquelas lâminas afiadas.

Outra faca apresentava hieróglifos do cabo à ponta. Aquela pictografia não me parecia mais significativa do que as palavras em latim, embora eu reconhecesse algumas imagem altamente estilizadas: chamuscas, falcões, lobos, cobras, escorpiões ...

Examinando a segunda gaveta, descobri um pesado cálice de prata. Gravado com obscenidades. Polido. Frio ao toque.

Aquele cálice profano era uma odiosa zombaria à taça da comunhão que guarda o vinho consagrado na missa católica. As asas ornadas eram cruzes invertidas: Cristo estava virado de cabeça para baixo. Palavras em latim envolviam a borda, e ao redor do corpo da taça estavam impressas imagens de homens e mulheres nus em vários atos de sodomia.

Na mesma gaveta, encontrei um cibório de laca preta igualmente decorado com imagens pornográficas. Nas laterais e na tampa da pequena caixa, coloridas cenas de degradação pavorosa pintadas à mão exibiam homens e mulheres copulando, não entre si, mas com chacais, hienas, bodes e serpentes.

Numa igreja comum, o cibório guarda a eucaristia, as hóstias da comunhão de pão ázimo. Aquela caixa estava cheia de hóstias pretas como carvão salpicadas de vermelho.

O pão sem fermento exala um aroma sutil, atraente. O conteúdo

daquele cibório tinha um odor igualmente leve, porém repelente. Primeira fungada: herbal. Segunda fungada: fósforos queimados. Terceira fungada: vômito.

A cômoda guardava outras parafernália satânicas; mas eu já tinha visto o bastante.

Não conseguia conceber como adultos levavam a sério os rituais satânicos artificiais e glamourizados de Hollywood. Certos garotos de 14 anos, sim, porque alguns tinham metade do raciocínio levado pelas mudanças nas marés de hormônios. Mas não os adultos. Mesmo sociopatas como Bob Robertson e seu parceiro desconhecido, por mais fascinados por violência e insanos que fossem, deviam ter alguma clareza de percepção, o suficiente para que vissem o absurdo de tais brincadeiras de Dia das Bruxas.

Depois de recolocar os itens na cômoda, fechei as gavetas. Uma batida me assustou. Um leve arranhar de dedos.

Olhei para a janela do quarto, esperando ver um rosto na vidraça, talvez um vizinho batendo no vidro. Só havia a forte luz do deserto, sombras de árvores e o quintal dos fundos marrom.

A batida surgiu de novo, tão pacata quanto antes. Não foram só três ou quatro arranhões rápidos. Foi uma rajada de pequenos golpes durando de 15 a 20 segundos.

Na sala de estar, aproximei-me da janela ao lado da porta e puxei com cuidado as cortinas sujas. Ninguém esperava lá fora na varanda.

O Chevy da Sra. Sanchez era o único veículo na rua. O cão cansado que tinha se arrastado pela rua um dia antes passava por ali outra vez, a cabeça baixa, a cauda ainda mais baixa que a cabeça.

Lembrando da algazarra dos corvos briguentos no telhado em minha primeira visita, deixei a janela e estudei o teto, ouvidos atentos.

Após um minuto, quando as batidas não se repetiram, entrei na cozinha. Em alguns lugares, o linóleo velho estalava sob meus pés.

Precisando de um nome para o colaborador de Robertson, não conseguia pensar num lugar da cozinha provável de conter tal

informação. Examinei todas as gavetas e os armários mesmo assim. A maioria estava vazia: só uns poucos pratos, meia dúzia de copos, alguns utensílios de mesa.

Fui até a geladeira porque Stormy acabaria perguntando se desta vez havia procurado cabeças decepadas. Quando abri a porta, vi cerveja, refrigerantes, parte de um presunto, metade de uma torta de morango e as mercadorias e condimentos de praxe.

Perto da torta de morango, um pacote plástico transparente guardava velas pretas e finas. Talvez as deixasse na geladeira para que não amolecessem e entortassem naquele calor de verão, numa casa sem ar condicionado.

Ao lado das velas havia um vidro sem rótulo, cheio com o que pareciam ser dentes. Uma olhada mais próxima confirmou o conteúdo: dúzias de molares, pré-molares, incisivos, caninos ... Dentes humanos. O suficiente para encher cinco ou seis bocas.

Fitei o vidro por um bom tempo, tentando imaginar como conseguira aquela estranha coleção. Quando concluí que era melhor não pensar no assunto, fechei a porta.

Se não tivesse descoberto nada incomum na geladeira, não teria aberto o compartimento do congelador. Agora me sentia obrigado a continuar explorandó.

O congelador era um fundo compartimento deslizante debaixo da geladeira. A cozinha quente sugou a tênue névoa gelada da gaveta quando a abri.

Duas vasilhas rosa e amarelo me eram familiares: o sorvete que Robertson comprara na Burke & Bailey's na tarde anterior. Nozes e chocolate com tangerina.

Além disso, o compartimento guardava cerca de dez recipientes opacos com tampas vermelhas, de formato e tamanho que armazenariam sobras de lasanha. Não os abriria se os recipientes de cima não apresentassem etiquetas escritas a mão: HEATHER JOHNSON, JAMES DEERFIELD.

Afinal, eu estava procurando especificamente por nomes. Quando puxei os recipientes de cima, vi mais nomes nas tampas

dos de baixo: LISA BELMONT, ALYSSA RODRIGUEZ, BENJAMIN NADER

Comecei com Heather Johnson. Quando levantei a tampa vermelha, encontrei os seios de uma mulher.

QUARENTA E NOVE

SOUVENIRES. TROFÉUS. OBJETOS PARA ESTIMULAR A IMAGInação e eletrizar o coração nas noites solitárias.

Como se tivesse queimado as mãos, larguei o recipiente de volta no congelador. Fiquei de pé e fechei a gaveta com um chute.

Devia ter me afastado da geladeira, atravessado a cozinha, mas não estava ciente de ter buscado a pia até me ver lá. Apoiando-me no balcão, inclinado para a frente, lutei para represar a vontade de vomitar os biscoitos da Sra. Sanchez.

Ao longo da vida, já vi coisas terríveis. Algumas tinham sido piores que o conteúdo daquele recipiente. Entretanto a experiência não tinha me imunizado contra o horror, a crueldade humana ainda tinha o poder de me devastar, afrouxar os ligamentos dos meus joelhos.

Embora quisesse lavar as mãos e jogar água fria no rosto, preferi não tocar nas bicas de Robertson. Encolhi ante a ideia de usar seu sabão.

Mais nove recipientes aguardavam no congelador. Um outro alguém teria que abri-los. Eu não tinha qualquer curiosidade quanto ao restante da coleção grotesca.

Na pasta de arquivo que carregava seu nome, Robertson não incluía nada além da página de calendário do dia 15 de novembro, sugerindo que sua própria carreira como assassino começaria naquela data. Porém a evidência no congelador mostrava que sua pasta já deveria estar grossa.

Eu estava coberto de suor, quente no rosto, frio ao longo da espinha. Nem parecia que tinha tomado banho no hospital.

Consultei o relógio: 10h02.

A pista de boliche não abriria antes das 13 horas. A primeira exibição do filme do cachorro que causava sensação também estava agendada para as 13 horas.

Se meu sonho profético estava prestes a acontecer, as evidências sugeriam que eu não tinha mais do que três horas para encontrar e deter o colaborador de Robertson.

Tirei o celular do cinto. Abri o aparelho. Puxei a antena.

Apertei o botão para ligá-lo. Observei o logo do fabricante aparecer e ouvi a música de assinatura eletrônica.

Talvez o chefe Porter ainda não tivesse recobrado a consciência. Mesmo que tivesse, seus pensamentos estariam confusos devido aos efeitos prolongados da anestesia, pela morfina ou coisa equivalente, e pela dor. Não teria força nem presença de espírito para dar instruções aos seus subordinados.

De uma maneira ou outra, eu conhecia todos os oficiais do Departamento de Polícia de Pico Mundo. Contudo nenhum sabia de meu dom paranormal, nenhum era tão bom amigo quanto o chefe Porter.

Se eu trouxesse a polícia para aquela casa, revelasse o conteúdo do congelador e insistisse para que aplicassem todos os recursos na obtenção do nome do comparsa de Robertson, precisariam de horas para assimilar a situação. Como não sabiam de meu sexto sentido, não seria tão fácil persuadi-los de que ele era real, portanto, os oficiais não compartilhariam de minha urgência.

Acabariam por me deter ali enquanto investigavam a situação. Aos seus olhos, seria tão suspeito quanto Robertson, pois entrei na casa ilegalmente. Quem poderia afirmar que eu mesmo não recolhera aquelas partes de corpo e as plantara nos dez recipientes no congelador para incriminá-lo?

Se encontrassem o corpo de Bob Robertson e se o chefe - Deus nos livre - sucumbisse por complicações pós-operatórias, eu certamente seria preso e condenado por assassinato.

Desliguei o celular.

Sem um nome no qual concentrar meu magnetismo psíquico, sem ninguém a quem pedir ajuda, dera de cara com a parede. E o impacto rachara meus dentes.

Algo se espatifou no chão do cômodo ao lado: não era apenas um baque de uma porta se fechando, não era um leve arranhar, mas um forte estouro e o som de ruptura.

Movido por uma frustração tão intensa que não permitia cautela, rumei para a porta de vai e vem, tentando colocar o telefone no cinto. Ele caiu, deixei aquilo para depois, e empurrei a porta vai e vem, entrando na sala de estar.

Um abajur fora derrubado no chão. A base de cerâmica estava estilhaçada.

Quando escancarei a porta da frente e não vi ninguém na varanda ou no gramado, eu a fechei de imediato. Com força. O estrondo sacudiu a casa. E fazer barulho me agradou depois de tanto andar na surdina. Era bom extravasar a raiva.

Disparei pela arcada, para o corredor estreito, procurando o responsável. Quarto, closet, escritório, closet, banheiro. Ninguém.

Os corvos no telhado não tinham derrubado o abajur. Nem uma lufada de ar. Nem um terremoto.

Quando voltei à cozinha para apanhar meu celular e sair da casa, Robertson esperava por mim.

CINQUENTA

PARA UM HOMEM MORTO QUE JÁ NÃO TINHA MAIS INTERESSE nos esquemas e jogos deste mundo, Robertson possuía ferocidade singular, tão enfurecido quanto quando o vi da torre do sino na São Bartolomeu. Seu corpo, semelhante a uma colônia de cogumelos, agora parecia poderoso, mesmo em sua flacidez. O rosto mole e as feições borradas tornavam-se endurecidas e aguçadas de fúria.

Nenhum buraco de bala, marca chamuscada ou mancha maculavam a camisa. Diferentemente de Tom Jedd, que carregava

seu braço decepado e fingia usá-lo para coçar as costas lá no Mundo dos Pneus, Robertson estava em negação da própria morte e escolheu não exibir seu ferimento mortal, assim como Penny Kallisto inicialmente se manifestara sem evidência de estrangulamento, adquirindo as marcas de atadura só em companhia de Harlo Landerson, seu assassino.

Em grande agitação, Robertson circulava a cozinha. Olhava furioso para mim, os olhos ferozes e mais febris do que os dos coiotes na Igreja do Cometa Sussurrante.

Quando comecei a investigar sobre ele, sem intenção fiz de Robertson um perigo para o colaborador, destinando-o à morte, mas não tinha puxado o gatilho. Evidentemente, sua raiva por mim excedia a que nutria pelo homem que o matara; do contrário, caçaria em outro lugar.

Do fogão à geladeira, à pia, à geladeira novamente, ele circulava enquanto eu me agachava para pegar o celular que deixara cair antes. Morto, ele não me preocupava nem uma fração do que quando eu pensava que estava vivo na igreja.

Quando prendia o celular no cinto, Robertson veio em minha direção. Assomou diante de mim. Os olhos eram cinzentos como neve suja, mesmo assim transmitiam o calor de sua fúria.

Revidei seu olhar e não recuei. Aprendera que não era prudente demonstrar medo nesses casos.

Seu rosto pesado de fato ainda lembrava um fungo, mas de variedade carnuda. Parecia um champignon. Os lábios pálidos afastaram-se para exibir os dentes que pareciam não ver uma escova com frequência.

Ele estendeu a mão direita e envolveu minha nuca.

A mão de Penny Kallisto era seca e quente. A de Robertson, úmida, fria. Aquela não era sua mão real, claro, só parte de uma aparição, uma imagem espiritual, que apenas eu poderia sentir; mas a natureza de tal toque revela o caráter da alma.

Apesar de não me intimidar com aquele contato sobrenatural, me encolhi por dentro ao pensar na nojenta manipulação dos dez

souvenires no congelador. O estímulo visual daqueles troféus congelados nem sempre devia satisfazer. Talvez os descongelasse de vez em quando para aumentar o prazer tátil e conjurar uma memória mais vívida de cada morte: beliscando, apertando, afagando, acariciando, dando beijinhos carinhosos naquelas recordações.

Nenhum espírito, mesmo maligno, pode ferir uma pessoa viva meramente ao toque. Este é o nosso mundo, não o deles. Seus golpes passam através de nós, suas mordidas não arrancam sangue.

Quando percebeu que não conseguiria me acovardar, Robertson baixou a mão da minha nuca. Sua fúria dobrou, triplicou, contorcendo seu rosto numa carranca de gárgula.

Havia um meio de certos espíritos ferirem os vivos. Se seu caráter for suficientemente pernicioso, se eles entregam o coração ao ódio até a maldade amadurecer numa malignidade espiritual incurável, são capazes de conjurar a energia de sua fúria demoníaca e despejá-la sobre o inanimado.

Nós os chamamos de poltergeists. Uma vez perdi um aparelho de som novinho para uma dessas entidades, além da bela placa de premiação por escrita criativa que ganhei naquela competição do colégio julgada por Pequeno Ozzie.

Como fizera na sacristia da São Bartolomeu, O espírito irado de Robertson explodiu na cozinha, suas mãos jorrando pulsos de energia que faziam o ar vibrar, uma visão similar às ondulações concêntricas que se espalham na água a partir do ponto de impacto de uma pedra.

As portas dos armários se abriram e fecharam com estrondo, e repetiram o movimento, rugindo mais alto e com menos significado que as mandíbulas de muitos políticos discursando. Pratos voavam das prateleiras, cortando o ar com um whoosh de um disco atirado por um atleta olímpico.

Esquivei-me de um copo, que estourou na porta do fogão, espalhando projéteis cintilantes. Outros copos passaram longe de mim, estilhaçando-se nas paredes, armários e prateleiras.

Poltergeists são pura fúria cega e tormento violento, sem alvo ou

controle. Só podem machucar alguém num golpe indireto e sortudo. Mesmo com descontrole e sorte, contudo, a decapitação sempre pode arruinar seu dia.

Acompanhado pelos aplausos das portas de madeira dos armários, Robertson lançava raios de energia de suas mãos. Duas cadeiras dançavam sem sair de junto da mesa, sapateando no linóleo, batendo nas pernas da mesa.

Sobre o fogão, sem que ninguém tocasse, quatro botões giraram. Quatro labaredas de gás projetaram uma assustadora luz azul na cozinha sombria.

Atento aos projéteis mortais, eu me afastava de Robertson em direção à porta por onde entrei na casa.

Uma gaveta se abriu e uma cacofonia de talheres irrompeu, cintilando e retinindo num frenesi de levitação, como se fantasmas famintos usassem facas, garfos e colheres num jantar tão invisível quanto eles mesmos.

Vi os talheres vindo - passaram através de Robertson sem provocar qualquer efeito em sua forma ectoplasmática - e pulei para o lado, erguendo os braços para proteger o rosto. Os talheres encontraram-me tão facilmente quanto um ferro encontra um ímã, esmurrando-me. Um garfo ultrapassou minhas defesas, furou minha testa e varreu meus cabelos.

Quando a chuva de aço inoxidável estatelou-se no chão atrás de mim, ousei baixar os braços.

Como um grande ogro entoando uma música sombria que só ele podia ouvir, Robertson socava, arranhava, girava no ar, parecendo berrar e gritar, mas apenas se agitava no grande silêncio dos falecidos emudecidos.

O compartimento superior da velha geladeira se abriu, regurgitando cerveja, refrigerantes, o prato de frios, torta de morango, um dilúvio que se espalhou e retiniu pelo chão.

Anéis de alumínio estouraram; a cerveja e o refrigerante esguichavam das latas.

A própria geladeira começou a vibrar, batendo com violência nos

armários que franqueavam suas laterais. As gavetas de vegetais tremiam; prateleiras de arame sacolejavam.

Chutando latas de cerveja e talheres espalhados, continuei em direção à porta para o abrigo de carros.

Um trovão ensurdecador avisou-me da rápida aproximação da morte.

Joguei-me para a esquerda, escorreguei na espuma da cerveja e numa colher torta.

Com seu repelente carregamento de partes de corpos ainda aninhado na gaveta do congelador, a geladeira passou por mim e colidiu na parede com força bastante para rachar as vigas por trás do gesso.

Atirei-me para fora, nas sombras do abrigo, e bati a porta ao passar.

Lá dentro, o tumulto continuava: baques e estalos, rangidos e estouros.

Não esperava que o espírito torturado de Robertson fosse me seguir, ao menos não por enquanto. Uma vez tomado por um frenesi de destruição, um poltergeist geralmente esbraveja sem controle até a exaustão, então vaga confuso até ficar novamente à deriva numa zona purgatória entre este mundo e o outro.

CINQUENTA E UM

NA LOJINHA DE CONVENIÊNCIA ONDE EU COMPRARA AS cápsulas de cafeína e a Pepsi, comprei outra cola, um antisséptico e um pacote de band-aids grandes.

O balconista, um homem com rosto feito para o assombro, deixou de lado a seção de esportes do Los Angeles Times e disse: - Ei, você está sangrando.

Ser educado não é apenas a maneira correta de responder às pessoas, mas também a mais fácil. A vida é tão cheia de conflitos inevitáveis que não vejo razão em promover mais confrontos.

Naquele momento, entretanto, aconteceu de eu estar num raro

mau humor. O tempo corria numa velocidade assustadora, a hora do tiroteio se aproximava rapidamente, e eu ainda não tinha um nome para dar ao colaborador de Robertson.

- Sabia que está sangrando? - perguntou ele.

- Eu suspeitava.

- Parece feio.

- Peço desculpas.

- O que aconteceu com sua testa?

- Dmgarfo.

- Dmgarfo?

- Sim, senhor. Melhor se eu estivesse comendo com uma colher.

- Você se furou com um garfo?

- Ele voou.

- Voou?

Sim.

- O garfo voou?

- E furou minha testa.

Fazendo uma pausa na contagem do meu troco, ele estreitou os olhos.

- É isso mesmo - afirmei. - O garfo voou e furou minha testa.

Ele decidiu não ter maior envolvimento comigo. Deu-me o troco, ensacou os itens e voltou para as páginas de esportes.

No banheiro masculino do posto de gasolina ao lado, lavei o sangue do rosto, limpei o ferimento, tratei com antisséptico e apliquei uma compressa de papel-toalha. Os cortes e arranhões eram leves, e o sangramento logo parou.

Aquela não era a primeira vez - nem a última - que eu desejava que meu dom sobrenatural incluísse poderes de cura.

Band-aids aplicados, voltei para o Chevy. Sentando atrás do volante, com o motor ligado e o ar-condicionado voltado para meu

rosto, tomei a Pepsi gelada.

Só havia más notícias no meu relógio de pulso: 10h48. Meus músculos doíamo Meus olhos estavam irritados.

Sentia-me cansado, fraco. Talvez meu raciocínio não estivesse em marcha lenta, como parecia, mas eu não teria muitas chances caso ficasse frente a frente com o comparsa de Robertson, que devia ter desfrutado de uma noite de sono melhor que a minha.

Tomara duas cápsulas de cafeína havia menos de duas horas, então não havia justificativa para engolir mais duas. Além disso, o ácido no meu estômago já se agitava com força corrosiva suficiente para dissolver aço. Estava exausto e inquieto, o que não era uma condição condizente para a sobrevivência.

Apesar de não ter uma pessoa - nenhum nome, nenhuma descrição - na qual concentrar meu magnetismo psíquico, dirigi a esmo por Pico Mundo, esperando ser guiado a um lugar de iluminação.

O brilhante dia do Mojave fritava com ardente ferocidade.

O próprio ar parecia estar em chamas, como se o sol- na velocidade da luz, menos de oito minutos e meio de distância da Terra - tivesse se tornado uma estrela nova, oferecendo-nos nada além de seu fulgor ofuscante como um breve aviso de nossa morte iminente.

Cada clarão e cintilar de luz atingindo o para-brisa do carro parecia mirar meus olhos. Eu não usava óculos escuros. O facho cortante logo provocou uma dor de cabeça que fazia a garfada na testa parecer um peteleco em comparação.

Virando sem rumo de rua em rua, confiando que a intuição me guiaria, fui parar no Rancho Shady, um dos empreendimentos residenciais mais recentes nas colinas de Pico Mundo, que uma década antes não abrigavam nada mais perigoso que cascavéis. Agora pessoas viviam ali, e talvez uma delas fosse um monstro sociopata planejando um assassinado em massa no conforto do subúrbio de classe média -alta.

O Rancho Shady nunca foi um rancho; também não era agora, a

não ser que você considerasse as casas como plantações. Quanto às sombras, aquelas colinas desfrutavam de menos frescor que a maioria dos bairros no coração da cidade porque as árvores estavam longe da maturidade.

Estacionei o carro na entrada da casa do meu pai, mas não desliguei o motor imediatamente. Precisava de tempo para juntar coragem para aquele encontro.

Como as pessoas que moravam nela, a casa em estilo mediterrâneo tinha pouca personalidade. Abaixo das telhas vermelhas, as paredes de reboco bege sem decoração e o vidro estavam em ângulos previsíveis, dispostos mais pelos ditames do tamanho e formato avantajados da casa do que pelo gênio arquitetônico.

Aproximando-me do ar-condicionado do painel, fechei os olhos para receber a lufada de vento frio. Luzes fantasmagóricas vagavam por trás das minhas pálpebras, memórias do clarão do brilho do deserto guardadas na retina, estranhamente tranquilizadoras por um instante - até a ferida no peito de Robertson surgir de uma memória mais profunda.

Desliguei o motor, saí do carro, fui até a casa e toquei a campainha da porta de meu pai.

Àquela hora da manhã, ele provavelmente estaria em casa.

Nunca trabalhou um dia sequer na vida e era raro se levantar antes das 9 ou 10 horas.

Meu pai atendeu, surpreso por me ver.

- Odd, você não ligou para dizer que viria.

Meu pai tem 45 anos, um homem bonito com cabelo espesso ainda não muito grisalho. Possui um corpo atlético do qual se orgulhava ao ponto da vaidade.

Descalço, vestia short cáqui folgado nos quadris. Seu bronzeado era assiduamente cultivado com óleos, aprimorado com tonalizantes e preservado com loções.

- Por que veio? - perguntou ele.

- Não sei.

- Não me parece bem.

Ele recuou um passo da porta. Tem medo de doenças.

- Não estou doente - assegurei. - Só muito cansado.

Sem dormir. Posso entrar?

- Não estávamos fazendo nada, só terminando o café da manhã, preparando-nos para pegar um pouco de sol.

Fosse um convite ou não, eu o interpretei como um e cruzei a soleira, fechando a porta às costas.

- Britney está na cozinha - disse, levando-me aos fundos da casa.

As cortinas estavam puxadas, os cômodos ofereciam sombra suntuosa.

Já vi o lugar com mais iluminação. É belamente mobiliado.

Meu pai tem estilo e ama o conforto.

Tinha herdado um substancial fundo fiduciário. Um generoso cheque mensal sustenta um estilo de vida que muitos invejariam.

Embora possua muito dinheiro, meu pai deseja mais. Deseja viver muito melhor do que vive, e se irrita com os termos do fundo, que exigem que ele viva dos rendimentos e proíbem acesso à quantia principal.

Seus pais foram inteligentes ao deixar os bens sob aquelas condições. Se meu pai fosse capaz de colocar as mãos no capital principal, há muito estaria desamparado e sem teto.

Ele é cheio de esquemas para enriquecer rápido, o último fora a venda de terrenos na lua. Se pudesse gerenciar a própria fortuna, ficaria impaciente com um retorno de investimentos de apenas 15 por cento e colocaria grandes somas em empreendimentos nada confiáveis na esperança de dobrar ou triplicar seu dinheiro da noite para o dia.

A cozinha é grande, com equipamentos dignos de restaurante e toda ferramenta e tranqueira culinária imaginável, embora ele coma fora seis ou sete noites na semana. Piso de madeira de bordo,

armários no mesmo padrão ao estilo náutico com cantos arredondados, balcões de granito e aparelhos de aço inoxidável contribuem para um ambiente atraente e convidativo.

Britney é atraente também, e convidativa de uma maneira que faz sua pele arrepiar. Quando entramos na cozinha, apoiavase numa janela, bebericando um champanhe matinal e olhando para o sol serpentear sinuosamente sobre a superfície da piscina.

A tanga do biquíni era pequena o bastante para excitar os entediados editores da Hustler, mas caía bem o suficiente para torná-la capa da Sports Illustrated.

Tinha 18 anos, mas parecia mais jovem. Este era o critério básico do meu pai para mulheres. Nunca tinham mais do que 20 anos, e sempre pareciam mais jovens do que eram realmente.

Alguns anos atrás, meteu-se em problemas por coabitar com uma menina de 16 anos. Alegou não saber sua verdadeira idade. Um caro advogado e o suborno à jovem e seus pais o pouparam da indignidade de uma cela na cadeia e do corte de cabelo da prisão.

Em vez de cumprimentar, Britney me deu uma olhada aborrecida e desprezível. Voltou sua atenção à piscina iluminada de sol.

Ela se ressentia porque pensa que meu pai me dá dinheiro que, do contrário, seria gasto com ela. Essa preocupação não tem qualquer validade. Ele nunca me ofereceria um tostão, e eu nunca aceitaria.

Seria melhor preocupar-se com dois fatos: primeiro, vivia com meu pai havia cinco meses; segundo, a duração média dos casos dele fica entre seis e nove meses. Com o aniversário de 19 anos se aproximando, Britney logo pareceria velha para ele.

Havia café fresco. Pedi uma xícara, me servi e sentei no banco de bar da cozinha.

Sempre inquieto na minha companhia, meu pai se movimentava pela cozinha, lavando a taça de champanhe quando Britney terminou de beber, limpando um balcão que não precisava de limpeza, endireitando as cadeiras da mesa.

- Eu me caso no sábado - anunciei.

Isso o surpreendeu. Ficou casado com minha mãe por pouco tempo, pois se arrependeu horas depois de ter trocado os votos. Casamento não era para ele.

- Com aquela moça, Llewellyn? - perguntou.

- Sim.

- E é uma boa ideia?

- A melhor que já tive.

Britney voltou o rosto para me estudar com olhos bem especulativos. Para ela, um casamento significava um presente, uma bênção do pai, portanto, estaria preparada para defender seus interesses.

Não me causou a menor raiva. Só me entristecia, pois eu podia ver o futuro profundamente infeliz que ela teria sem necessidade de sexto sentido.

Na verdade, Britney me assustava um pouco, pois era temperamental e ficava zangada rápido. Pior, a pureza e a intensidade de sua autoestima lhe garantiam nunca duvidar de si mesma, nunca conceber que sofreria desagradáveis consequências por qualquer ato que cometesse.

Meu pai gosta de mulheres impulsivas, cuja zanga esteja sempre à flor da pele. Quanto mais o temperamento indique uma genuína desordem psicológica, mais o excitam. Sexo sem perigo não parece atraí-lo.

Todas as suas amantes encaixam-se nesse perfil. Meu pai não parece despendar muito esforço procurando por elas; como se pressentissem sua necessidade, atraídas por vibrações ou feromônios, elas o encontravam com certa regularidade.

Uma vez ele me disse que quanto mais temperamental for uma mulher, mais quente ela é na cama. Foi um conselho paterno sem o qual eu poderia viver.

Agora, enquanto eu derramava café num estômago cheio de Pepsi, ele perguntou:

- Essa moça está grávida?

- Não.

- Você é jovem demais para casar - disse ele. - Na minha idade ... é a hora certa de sossegar.

Disse aquilo para poupar Britney. Nunca se casaria com ela. Mais tarde, a moça se lembraria disso como uma promessa. Quando a dispensasse, travariam uma luta mais épica que Godzilla vs. Mothra.

Cedo ou tarde, uma de suas amantes, num ataque de raiva, acabará por mutilá-lo ou matá-lo. Acho que lá no fundo, talvez inconscientemente, meu pai saiba disso.

- Que é isso na sua testa? - perguntou Britney.

- Band-aid.

- Caiu bêbado ou algo assim?

- Algo assim.

- Esteve numa briga?

- Não. É um acidente de trabalho ocasionado por um garfo.

- O quê?

- Um garfo voou e furou minha testa.

A verdade parece ofender certas pessoas. A expressão dela se azedou.

- Que porcaria você tem usado?

- Estou entupido de cafeína - admiti.

- Cafeína? Não caio nessa.

- Pepsi, café, cápsulas de cafeína. E chocolate. Chocolate contém cafeína. Comi biscoitos com chocolate. Rosquinhas de chocolate.

Meu pai disse:

- Sábado não é um dia bom. Não podemos ir. Temos compromissos que não podemos cancelar.

- Tudo bem - respondi. - Eu entendo.

- Queria que tivesse avisado antes.

- Não tem problema. Não esperava que você pudesse ir.

- Mas que idiota - refletiu Britney - anuncia o casamento apenas três dias antes da cerimônia?

- Vá com calma - meu pai aconselhou-a.

O motor psicológico dela não tinha uma engrenagem "vá com calma".

- Ora, droga, ele é um esquisito mesmo.

- Isso não está ajudando - meu pai a repreendeu, mas num tom meloso.

- Mas é verdade - insistiu ela. - Como se não tivéssemos falado sobre isso dúzias de vezes. Ele não tem carro, mora numa garagem ...

- Em cima de uma garagem - corriji.

- veste a mesma coisa todo santo dia, faz amizade com todos os fracassados da cidade, idolatra o chefe de polícia na esperança de um dia entrar na força policial, mas não passa de um grande esquisito ...

- Não vai conseguir discutir comigo - avisei.

- ... um grande esquisito, sem falar do jeito como se mete e escapa de várias confusões, e agora me vem falando de casamento e "acidente de trabalho ocasionado por um garfo". Dá Um tempo!

- Sou um esquisito - disse sinceramente. - Reconheço e aceito. Não há razão para discutir. Paz.

Meu pai não conseguiu fingir um tom convincente de sinceridade quando disse:

- Não diga isso. Você não é esquisito.

Ele não sabe de meu dom sobrenatural. Aos 7 anos, quando meu sexto sentido fraco e inconstante cresceu em poder e confiabilidade, não o procurei para buscar conselho.

Escondi meu dom em parte porque esperava que meu pai me

importunasse para lhe informar os números da loteria, coisa que não sou capaz de fazer. Imaginei que ele me exibiria na mídia, tagarelando de meu poder num programa de TV, ou então que venderia ações minhas para especuladores desejando financiar um programa de televidas no qual as pessoas se consultariam pelo telefone com um médium.

Erguendo-me do banco, disse:

- Acho que agora sei por que vim aqui.

Quando eu começava a rumar para a porta da cozinha, meu pai me seguiu.

- Ficaria contente se escolhesse outro sábado. Virando o rosto para ele, respondi:

- Acho que vim aqui porque estava com muito medo de ir até a minha mãe.

Britney postou-se atrás do meu pai, pressionando-o com seu corpo quase nu. Colocou os braços ao seu redor, as mãos sobre o peito. Ele não fez qualquer tentativa de afastá-la.

- Há alguma coisa que estou bloqueando - falei, mais para mim mesmo do que para eles. - Algo que preciso desesperadamente saber ... ou fazer. E está relacionado à mamãe de alguma forma. Acho que ela tem a resposta.

- Resposta? - disse, incrédulo. - Você sabe perfeitamente que a casa da sua mãe é o último lugar para encontrar respostas.

Sorrindo maliciosamente sobre o ombro esquerdo de meu pai, Britney deslizava as mãos lentamente pelo peito musculoso e pela barriga plana.

- Sente-se - meu pai continuou. - Sirvo outro café para você. Se há algum problema que precisa resolver, vamos conversar.

A mão direita de Britney desceu mais por sua barriga, as pontas dos dedos provocando por baixo da cintura do short folgado.

Meu pai queria que eu visse o desejo que ele inspirava naquela garota. Tinha o orgulho de um homem fraco em seu status de ganhão, um orgulho tão cruel que preenchia sua mente,

deixando-o incapacitado de reconhecer a humilhação do próprio filho.

- Ontem foi o aniversário de morte de Gladys Presley contei. - Seu filho chorou descontroladamente por dias depois de perdê-la, e ficou de luto por um ano.

Um breve franzir provocou leves rugas na testa cheia de Botox de meu pai, mas Britney estava muito empenhada em seu joguinho para me ouvir com atenção. Os olhos brilhavam com o que poderia ser zombaria ou triunfo, enquanto a mão direita deslizava lentamente mais para dentro do short cáqui.

- Ele amava o pai também. Amanhã é o aniversário de morte de Elvis. Acho que vou procurar por ele e dizer o quanto foi sortudo desde o dia em que nasceu.

Sai da cozinha, sai da casa.

Meu pai não veio atrás de mim. Mas eu não esperava que ele viesse.

CINQUENTA E DOIS

MINHA MÃE MORAVA NUMA ADORÁVEL CASA VITORIANA no distrito histórico de Pico Mundo. Meu pai herdara a casa dos pais.

No divórcio, ela recebeu a graciosa residência com tudo o que havia dentro, e uma pensão alimentícia substancial ajustada ao custo de vida. Como nunca voltou a se casar e provavelmente nunca o faria, sua pensão será um benefício para a vida toda.

A generosidade nunca foi um impulso de meu pai. Ele lhe proporcionava um estilo de vida confortável unicamente porque tinha medo dela. Embora se ressentisse de dividir o rendimento mensal do fundo, não tinha coragem para negociar com ela nem por intermédio de advogados. Minha mãe recebia praticamente tudo que exigisse.

Meu pai pagava pela própria segurança e por uma nova chance de felicidade (palavras dele). E me deixou para trás quando eu tinha

1 ano.

Antes de tocar a campainha, esfreguei minha mão no balanço da varanda para ter certeza de que estava limpo. Ela poderia ficar sentada no balanço, eu sentaria na grade enquanto conversássemos.

Sempre nos encontramos ao ar livre. Tinha prometido a mim mesmo que nunca entraria outra vez naquela casa, mesmo que vivesse mais que minha mãe.

Depois de tocar a campainha duas vezes sem obter resposta, dei a volta na casa para alcançar o quintal dos fundos.

O terreno é comprido. Um par de imensos carvalhos da Califórnia fica logo atrás da casa, oferecendo sombra abundante. Bem mais ao fundo, o sol bate sem filtros, permitindo a existência de um jardim de rosas.

Minha mãe trabalhava com suas flores. Parecendo uma dama de outra época, ela usava um vestido de verão amarelo e um chapéu combinando.

Embora a aba larga do chapéu sombreasse o rosto, eu podia perceber que sua excepcional beleza não se desgastara durante os quatro meses desde que a visitei pela última vez.

Casou-se com meu pai quando tinha 19 anos e ele, 24. Agora ela tem 40, mas pode passar por uma mulher de 30.

As fotos tiradas no dia do casamento revelavam uma moça de 19 anos com aparência de 16, incrivelmente adorável, surpreendentemente delicada para uma noiva.

Mesmo agora, aos 40 anos, se estivesse numa sala com Britney, ela de vestido e Britney no biquíni, a maioria dos homens seria atraído por minha mãe primeiro. E se estivesse com vontade de dominar a situação, ela os encantaria de uma maneira que os faria pensar nela como a única mulher entre eles.

Aproximei-me antes que ela percebesse que não estava mais sozinha. Minha mãe desviou a atenção das flores, ficou de pé, e por um instante piscou como se estivesse vendo uma miragem.

Então:

- Odd, meu doce menino, você deve ter sido um gato em outra vida, para atravessar sorratamente o quintal inteiro.

Só consegui conjurar o espectro de um sorriso. - Oi, mãe. Você está maravilhosa.

Ela exige elogios; mas, na verdade, nunca está menos do que maravilhosa.

Se fosse uma estranha, talvez eu a considerasse mais adorável ainda. No entanto, nossa história compartilhada diminuía sua radiância.

- Venha, querido, olhe estas flores fabulosas.

Entrei nas galerias de rosas, onde um tapete de granito triturado segurava a poeira e rangia sob os pés.

Alguns ramos explodiam com flores cujas pétalas pareciam tingidas de sangue à luz do sol. Outras eram como conchas de fogo laranja, copos de ônix amarelo transbordando do brilho de verão. Rosadas, roxas, cor de pêssego - o jardim estava perpetuamente decorado para uma festa.

Minha mãe beijou-me no rosto. Seus lábios não eram frios, como eu sempre espero que sejam.

Nomeando a variedade, ela disse:

- Esta é a rosa John F. Kennedy. Não é magnífica?

Com uma das mãos, ergueu gentilmente uma flor tão pesada que sua cabeça pendia sobre o caule curvado.

Tão branca quanto um osso desbotado pelo sol do Mojave, com leve nuance de verde, as pétalas grandes não eram delicadas, mas notavelmente grossas e suaves.

- Parecem moldadas em cera - comentei.

- Exatamente. São uma perfeição, não são, querido? Amo todas as minhas rosas, mas estas mais que quaisquer outras.

Não meramente por ser a favorita de minha mãe, eu gostava menos daquela do que das outras. Sua perfeição me parecia artificial.

As dobras sensuais de suas pétalas labiais prometiam mistério e satisfação no centro escondido, mas me parecia uma falsa promessa, pois sua brancura invemal e rigidez de cera - e a ausência de fragrância - não sugeriam pureza nem paixão, apenas morte.

- Esta é para você - disse ela, tirando uma tesoura do bolso do vestido.

- Não, não corte. Deixe que cresça. Será um desperdício comigo.

- Bobagem. Ofereça a sua namorada. Se devidamente apresentada, uma única rosa pode expressar os sentimentos do pretendente com mais clareza que um buquê.

Cortou uma parte do caule com a rosa.

Segurei a flor não muito abaixo de seu receptáculo, apertando o caule com o polegar e o indicador, entre os pares mais altos de espinhos.

Olhando para o relógio, vi que o sol ameno e as flores perfumadas apenas faziam o tempo parecer passar lentamente, quando na verdade, corria veloz. O cúmplice de Robertson talvez já estivesse dirigindo para o infame local do tiroteio.

Movendo-se entre as roseiras com graça de rainha e um sorriso de caridade real, admirando as cabeças curvadas de seus coloridos súditos, minha mãe falou:

- Estou tão feliz que tenha vindo me visitar, querido. Qual é a ocasião?

Apenas um passo atrás dela, respondi:

- Não sei exatamente. Estou com um problema ...

- Não permitimos problemas aqui - disse num tom de gentil objeção. - Desde a entrada até a cerca dos fundos, esta casa e este terreno são áreas livres de problemas.

Ciente dos riscos, no entanto, entrei num território perigoso.

O granito triturado sob meus pés poderia ser areia movediça.

Não sabia mais como proceder. Não tinha tempo para brincar nosso jogo segundo as regras de minha mãe.

- Há algo que preciso lembrar ou que eu deveria lembrar - comecei. - Mas eu bloqueei. A intuição me trouxe até aqui porque ... acho que você pode, de alguma forma, me ajudar a descobrir o que deixei passar.

Para ela, minhas palavras teriam sido um pouco mais compreensíveis que qualquer tagarelice. Igual a meu pai, ela não sabe nada de meu dom sobrenatural.

Ainda criança, percebi que se eu complicasse a vida de minha mãe com a verdade sobre minha condição, o peso deste conhecimento seria sua morte. Ou a minha.

Ela sempre procurou uma vida absolutamente sem estresse, sem disputas, Não reconhece dever nem responsabilidade por ninguém, exceto por ela mesma.

Minha mãe nunca chamaria isso de egoísmo. Para ela é autodefesa, pois acredita que o mundo é imensamente mais exigente do que ela é capaz de suportar.

Se abraçasse a vida por completo, com todos os seus conflitos, sofreria um colapso. Consequentemente, maneja o mundo com o frio calculismo de um impiedoso autocrata, e preserva sua precária sanidade ao criar ao redor de si mesma um casulo de indiferença.

- Talvez se conversássemos um pouco - pedi. - Talvez então eu consiga entender por que vim aqui, por que pensei que pudesse me ajudar.

Seu humor pode se transformar num instante. A dama das rosas era muito frágil para lidar com aquele desafio, então aquela ensolarada personalidade retraiu-se para abrir caminho para uma deusa zangada.

Minha mãe fitou-me com olhos apertados, os lábios contraídos até ficarem pálidos, como se pudesse me enxotar apenas com um olhar feroz.

Em circunstâncias comuns, aquele único olhar realmente me despacharia.

Um sol de ferocidade nuclear atingia seu ápice, rapidamente nos aproximando do momento da arma. Eu não ousava voltar às ruas

quentes de Pico Mundo sem um nome ou um propósito no qual focar meu magnetismo psíquico.

Quando percebeu que eu não a deixaria imediatamente no conforto das rosas, falou numa voz tão fria e dura quanto gelo: - Ele morreu com um tiro na cabeça, sabia?

- Quem? - perguntei.

- John F. Kennedy. - indicou a rosa homônima. -Atiraram na cabeça dele e explodiram seu cérebro.

- Mãe - eu disse, embora raramente use esta palavra quando conversamos -, desta vez é diferente. Você precisa me ajudar agora. Pessoas vão morrer se não me ajudar.

Talvez aquela fosse a pior coisa que eu poderia ter dito. Ela não possuía capacidade emocional para assumir responsabilidade pelas vidas de outros.

Olhou a rosa que me dera, agarrou a flor e a arrancou de minhamao.

Como não soltei a rosa rápido o bastante, o caule arranhou entre meus dedos, e um espinho furou meu polegar, afundando na carne.

Minha mãe esmagou a flor e a jogou no chão. Deu as costas e marchou em direção à casa.

Eu não desistiria. Fui atrás dela, caminhei ao seu lado, implorando por alguns minutos de conversa que pudessem esclarecer meus pensamentos e me ajudar a entender por que eu estava ali, entre tantos lugares, naquela hora mortal.

Ela acelerou, eu acelerei com ela. Quando alcançou os degraus do alpendre dos fundos, minha mãe já corria, a saia do vestido esvoaçando como asas, uma das mãos no chapéu para segurá-lo na cabeça.

A porta de tela bateu enquanto ela desaparecia dentro de casa.

Parei no alpendre, relutante em seguir adiante.

Embora eu lamentasse a necessidade de aborrecê-la, também me sentia aborrecido e desesperado.

Chamando por ela através da tela, falei:

- Não vou embora. Não posso desta vez. Não tenho para onde ir.

Ela não me respondeu. Além da porta de tela, a cozinha decorada com cortinas estava às escuras, muito quieta para estar abrigando minha atormentada mãe. Ela estava em outro canto da casa.

- Vou ficar aqui fora - gritei. - Ficarei esperando bem aqui. O dia inteiro se for preciso.

Com o coração disparado, sentei-me no chão da varanda, meus pés no degrau do topo, ignorando a porta da cozinha.

Mais tarde perceberia que fora à casa dela com a intenção inconsciente de disparar precisamente aquela reação, guiar minha mãe à sua última defesa contra responsabilidades. A arma.

Naquele momento, contudo, a confusão era minha companheira e a claridade de raciocínio parecia muito além de meu alcance.

CINQUENTA E TRES

ESPINHO PROJETAVA-SE EM MEU POLEGAR. PUXEI-O, MAS pontinho sangrento ardia como se contaminado por ácido.

Para minha vergonha, sentado ali nos degraus da varanda de minha mãe, sentia pena de mim mesmo, como se não fosse um simples espinho, mas uma coroa deles.

Quando era criança e tinha dor de dente, não podia esperar qualquer mimo maternal. Minha mãe sempre chamava meu pai ou uma vizinha para me levar ao dentista, enquanto se recolhia ao seu quarto e trancava a porta. Procurava refúgio ali por um dia ou dois, até ter certeza de que não haveria reclamações restantes que precisasse atender.

A menor febre ou dor de garganta que me afetava era uma crise com a qual não conseguia lidar. Aos 7 anos, acometido por apendicite, desmaiei na escola e fui levado diretamente ao hospital; se minha condição tivesse se revelado em casa, minha mãe talvez

me deixasse morrer no quarto, enquanto se ocupava com os livros relaxantes, com a música e os outros requintados interesses com os quais determinadamente criava seu perfeito mundo, seu "mundo perfeito".

Minhas necessidades emocionais, medos e alegrias, dúvidas e esperanças, misérias e ansiedades eram minhas para serem exploradas ou resolvidas sem seu conselho ou simpatia. Só falávamos de coisas que não a perturbassem ou a fizessem sentir-se obrigada a oferecer orientação.

Por 16 anos compartilhamos uma casa como se não vivêssemos no mesmo mundo, mas em dimensões paralelas que raramente se cruzavam. As principais características de minha infância foram uma triste solidão e a luta diária para evitar um vazio de espírito que só a solidão absoluta poderia fomentar.

Naquelas amargas ocasiões em que os eventos forçaram nossos mundos paralelos a se cruzarem em crises que minha mãe não podia suportar ou das quais não conseguia se retirar facilmente, ela sempre confiava no mesmo instrumento de controle. A arma. O horror daqueles encontros sombrios e a subsequente culpa que me afligia fizeram com que a solidão fosse preferível a qualquer contato que a agoniasse.

Agora, pressionando o indicador contra o polegar para interromper o sangramento, ouvi o ranger da porta de tela.

Não consegui me virar para olhá-la. O velho ritual começaria em breve.

Atrás de mim, minha mãe ordenou: - Agoravá.

Fitando a complexidade de sombras lançadas pelos carvalhos, para a colorida roseira mais atrás, eu disse:

- Não posso. Não desta vez.

Verifiquei meu relógio: 12h32. Minha tensão não poderia ter ficado maior, minuto após minuto, se aquilo fosse uma bombarelógio no meu pulso.

A voz dela se tornara insípida e tensa sob o peso do fardo que eu colocava sobre ela, o fardo da simples gentileza e atenção humana,

que não podia carregar.

- Não poderei suportar.

- Eu sei. Mas há algo ... não sei o quê ... algo que você pode fazer para me ajudar.

Minha mãe sentou-se ao meu lado nos degraus da varanda.

Segurava a pistola nas mãos, apontada no momento para o quintal sombreado pelos carvalhos.

Não empregava artifícios. A pistola estava carregada.

- Não vou viver desta maneira - disse ela. - Não vou.

Não posso. As pessoas sempre querendo coisas, sugando meu sangue. Todos vocês - querendo, querendo, ambiciosos, insaciáveis. Sua necessidade ... é como um terno de ferro para mim, o peso, é como ser enterrada viva.

Ao longo dos anos - talvez nunca - eu não a pressionei tanto quanto naquela funesta quarta-feira:

- O engraçado, mãe, é que mesmo depois de vinte anos desta tortura, bem no fundo do coração, onde devia ser mais sombrio, acho que ainda há uma centelha de amor por você. Pode ser pena, não tenho certeza, mas dói bastante para que seja amor.

Ela não quer amor de mim nem de ninguém. Não o tem para retribuir. Não acredita em amor. Tem medo de acreditar e nas demandas que o acompanham. Quer apenas simpatia, que não é exigente, apenas relacionamentos que exijam menos que elogios falsos para se manterem. Seu mundo perfeito possui população de um, e se ela não se ama, ao menos possui a mais terna afeição por si mesma e anseia a própria companhia quando deveria estar com os outros.

Minha incerta declaração de amor a inspirou a girar e apontar a arma para si própria. Apertou o cano da arma contra a garganta, ligeiramente angulada para o queixo, a melhor posição para explodir o cérebro.

Com palavras duras e fria indiferença, minha mãe consegue afugentar quem quiser, mas às vezes essas armas não foram

suficientemente eficientes em nosso turbulento relacionamento. Mesmo que não sinta, ela reconhece a existência de um laço especial entre mãe e filho, e sabe que às vezes este não pode ser rompido senão pelas mais cruéis medidas.

- Quer puxar o gatilho para mim? - perguntou.

Como sempre, desviei o olhar. Como se tivesse inalado a penumbra dos carvalhos junto com o ar, como se meus pulmões a tivessem vertido para meu sangue, sentia uma fria sombra surgir nos recantos do coração.

Como ela sempre faz quando desvio os olhos, disse:

- Olhe para mim, olhe para mim, ou dou um tiro em mim mesma e morro lentamente, berrando bem aqui na sua frente.

Enjoado, trêmulo, dei-lhe a atenção desejada.

- Pode muito bem puxar o gatilho você mesmo, seu merdinha. Não é diferente de me fazer puxar.

Eu não conseguia contar - e não me importava em lembrar - quantas vezes tinha ouvido aquele mesmo desafio.

Minha mãe era insana. Os psicólogos talvez usem uma série de outros termos específicos e menos críticos, mas no Dicionário de Odd, o comportamento dela é a definição de insanidade.

Soube que nem sempre foi assim. Quando criança, fora doce, alegre e amorosa.

A terrível mudança ocorreu quando tinha 16 anos. Começou a vivenciar alterações súbitas de humor. A doçura foi suplantada por uma raiva incessante e borbulhante que ela conseguia controlar melhor quando estava sozinha.

A terapia e uma série de medicamentos não ajudaram a restaurar sua antiga boa natureza. Quando, aos 18 anos, desistiu de prosseguir com o tratamento, ninguém insistiu para que continuasse com a psicoterapia ou com os remédios, pois na época ela não era tão desequilibrada, tão solipsista, tão ameaçadora quanto se tornou no começo dos 20 anos.

Quando meu pai a conheceu, era só temperamental e perigosa o

bastante para encantá-lo. Quando piorou, ele fugiu.

Ela nunca foi internada porque seu autocontrole é excelente quando não está sendo desafiada a interagir com outros além de sua capacidade. Minha mãe limita todas as suas ameaças de violência ao suicídio e, ocasionalmente para mim, apresenta ao mundo uma face charmosa ou ao menos racional.

Como ela tem uma confortável renda sem a necessidade de trabalhar e como prefere viver como reclusa, sua verdadeira condição não é amplamente conhecida em Pico Mundo.

Sua excepcional beleza também a ajuda a manter seus segredos. A maioria das pessoas tende a pensar o melhor daqueles que são abençoados com beleza; temos dificuldade de imaginar que uma perfeição física possa esconder sentimentos distorcidos ou mentes danificadas.

A voz dela se tornou mais cruel e confrontadora.

- Amaldiçoo a noite em que deixei o idiota do seu pai ejacular você dentro de mim.

Isso não me chocou. Já tinha ouvido antes, e pior. Ela continuou:

- Devia ter arrancado você de dentro de mim e atirado no lixo. Mas como teria saído do divórcio? Você foi minha passagem.

Quando olho para minha mãe nestas condições, não vejo ódio nela, apenas angústia, desespero e até terror. Não posso imaginar a dor e o horror que é ser ela.

Tenho consolo apenas por saber que quando ela está sozinha, quando não é desafiada a oferecer nada de si mesma, minha mãe vive contente, senão feliz. Qltero que ela se sinta ao menos contente.

E continuou dizendo:

- Pare de sugar meu sangue ou puxe o gatilho, seu merdinha. Uma das minhas primeiras lembranças mais vívidas é de uma noite chuvosa de janeiro quando eu tinha 5 anos e estava com gripe. Qltando não estava tossindo, eu chorava por atenção e alívio, e

minha mãe não conseguia encontrar um canto da casa onde pudesse escapar inteiramente do som de minha miséria.

Veio ao meu quarto e deitou-se ao meu lado na cama, como qualquer mãe faria para confortar o filho doente. Mas veio com a arma. As ameaças de se matar sempre conquistavam meu silêncio, minha obediência, minha concessão de absolvição de suas obrigações maternas.

Naquela noite, engoli minha tristeza da melhor maneira possível e controlei as lágrimas, mas não pude me livrar da garganta inflamada. Para ela, minha tosse era uma exigência de cuidado materno, e a persistência a lançou num precipício emocional.

Quando a ameaça de suicídio não silenciou minha tosse, ela colocou o cano da arma no meu olho direito. Encorajou-me a tentar ver a ponta brilhante da bala lá no fundo daquela passagem estreita.

Ficamos por um longo tempo ali juntos, com a chuva açoitando as janelas do meu quarto. Já vivenciei vários horrores desde então, mas nenhum tão genuíno quanto o daquela noite.

Da perspectiva de alguém com 20 anos, não acredito que me mataria, ou que um dia o faça. Se quisesse fazer mal a mim - ou a qualquer um - ela se condenaria exatamente ao que mais temia: interagir com outras pessoas. Minha mãe sabe que exigiriam respostas e explicações. Desejariam a verdade, o remorso, a justiça. Desejariam muito mais, nunca deixariam de desejar.

Não sei se ali, nos degraus, ela viraria a arma para mim novamente, nem sei exatamente como reagiria se o fizesse. Vim buscando uma confrontação que me iluminasse, embora eu não entendesse o que precisava ser nem o que poderia descobrir que me ajudaria a encontrar o colaborador de Robertson.

Então ela baixou a arma da garganta para o seio esquerdo, como sempre faz, pois o simbolismo de uma bala no cérebro não afeta tão poderosamente um filho quanto o simbolismo de um tiro no coração.

- Se não me deixar sozinha, se não deixar de me sugar e sugar, me drenar que nem sanguessuga, então por Deus puxe o gatilho, me dê um pouco de paz.

Na minha mente surgiu a ferida no peito de Robertson, que vinha me atormentando por quase 12 horas.

Tentei afogar aquela imagem insistente no pântano de minha memória de onde havia se erguido. É um pântano fundo, cheio de muitas coisas que teimam em não submergir.

De repente percebi que era por isso que eu estava ali: para forçar minha mãe ao odioso ritual de ameaça de suicídio que era o centro de nosso relacionamento, ser confrontado com a visão da pistola pressionada contra o seio, para virar o rosto como sempre faço, para ouvi-la exigir minha atenção ... e então, enjoado e trêmulo, encontrar coragem para olhar.

Na noite anterior, no banheiro, não tive força suficiente para examinar o ferimento no peito de Robertson.

Na hora, pressenti que havia algo de estranho, que poderia descobrir algo. Contudo, nauseado, desviei os olhos e abotoei a camisa.

Empurrando a pistola para mim, minha mãe insistia zangada: - Vamos, seu merda ingrato, pegue, pegue, atire em mim e acabe com isso ou me deixe sozinha!

Eram 11h35, de acordo com meu relógio.

A voz dela se tornara mais cruel e demente como sempre: - Sonhei e sonhei que fosse nascer morto.

Abalado, fiquei de pé e desci os degraus.

Atrás de mim, ela brandia uma faca de alienação só dela.

- O tempo inteiro em que carreguei você, pensei que estava morto dentro de mim, morto e apodrecendo.

O sol, mãe provedora da terra, jorrava um leite escaldante sobre o dia, fervendo parte do azul do céu e deixando-o desbotado. Mesmo as sombras dos carvalhos agora pulsavam com calor e, enquanto me afastava de minha mãe, eu estava tão quente de vergonha que não teria ficado surpreso se a grama explodisse em chamas sob meus pés.

- Morto dentro de mim - repetiu ela. - Mês após interminável

mês, senti seu feto podre supurando na minha barriga, espalhando veneno no meu corpo.

Na esquina da casa parei, me virei, e olhei para minha mãe naquela que eu suspeitava ser a última vez.

Tinha descido os degraus, mas não vinha atrás de mim. O braço direito pendia relaxado, a arma apontada para o chão.

Eu não tinha pedido para nascer. Só para ser amado.

- Não tenho nada para dar - disse ela. - Não ouviu?

Nada, nada. Você me envenenou, me encheu de pus e podridão de um bebê morto, agora estou arruinada.

Virando minhas costas para ela no que parecia ser uma última despedida, andei apressado pela lateral da casa até a rua.

Dada minha herança e a provação de minha infância, às vezes me pergunto por que não sou insano. Talvez eu seja.

CINQUENTA E QUATRO

DIRIGINDO MAIS RÁPIDO QUE A LEI PERMITIA NA PERIFERIA de Pico Mundo, tentei em vão banir da mente as lembranças da mãe de minha mãe, vovó Sugars.

Minha mãe e minha avó existiam em reinos largamente separados de minha mente, em nações soberanas da memória que não tinham qualquer contato entre si. Por amar vovó Sugars, sempre fui contrário a imaginá-la em contexto com a filha demente.

Considerá-las juntas suscitava perguntas terríveis para as quais eu há muito tempo resistia a procurar respostas.

Pearl Sugars sabia que a filha era mentalmente instável, senão desequilibrada, e que largara a medicação aos 18 anos. Devia saber também que a gravidez e a responsabilidade de cuidar de uma criança afligiriam minha frágil mãe a ponto de despedá-la.

Mesmo assim, vovó não interferiu em meu favor.

Ela temia a filha. Eu vira a evidência disso em inúmeras ocasiões. As abruptas alterações de humor e o temperamento quente de minha mãe acovardavam minha avó, mesmo que ela não se intimidasse com mais ninguém e não hesitasse em dar uma rasteira num homem ameaçador com o dobro de seu tamanho.

Além disso, Pearl Sugars gostava demais de sua vida sem raízes para sossegar e criar um neto. Sedenta por viajar, a atração dos ricos jogos de cartas em cidades fabulosas - Las Vegas, Reno, Phoenix, Alburquerque, Dallas, San Antonio, New Orleans, Memphis - e o desejo por aventura e excitação a mantinham longe de Pico Mundo mais de metade do ano.

Em sua defesa, vovó Sugars não imaginava a natureza intensa da crueldade de minha mãe comigo. Não sabia da arma e das ameaças que moldaram minha infância.

Ao escrever isto, ninguém sabe, exceto eu e minha mãe.

Embora Stormy conheça todos os meus outros segredos, até dela omiti este. Só quando Pequeno Ozzie ler este manuscrito, que escrevi por insistência dele, terei compartilhado inteiramente o que minha mãe é para mim e o que eu sou para ela.

A culpa e a vergonha, até agora, mantiveram-me em silêncio quanto a esta questão. Sou velho o suficiente, mesmo aos 20 anos, para saber que não tenho razão lógica para sentir culpa ou vergonha, que eu era a vítima, não o executor. Mas marinei por tanto tempo nestas duas emoções que elas para sempre me darão sabor.

Quando entregar este manuscrito para Ozzie, arderei de humilhação. Depois que ele ler, cobrirei meu rosto, embaraçado, quando ele falar destas porções da narrativa.

As consciências manchadas descarregam seus segredos nos surdos travesseiros.

Shakespeare. Macbeth, Ato V, Cena IH.

Esta alusão literária está inclusa aqui não apenas para agradar Ozzie. Há uma amarga verdade nela que ressoa em mim. Minha mãe infectou minha mente com um vírus tão potente que eu não era

capaz de confessar minha vergonhosa vitimização nem mesmo ao travesseiro, mas a carregava no sono a cada noite, impuro.

Quanto a vovó Sugars: eu devia agora me perguntar se seu peripatético estilo de vida e ausências frequentes, combinados à jogatina e à natureza inquieta, contribuíram materialmente para os problemas psicológicos de minha mãe.

Pior, não posso deixar de considerar que a doença de minha mãe talvez não seja o resultado de criação inadequada, mas uma consequência inteiramente genética. Talvez Pearl Sugars sofresse de uma forma branda da mesma psicose, que se expressava de maneiras mais atraentes que as de minha mãe.

O impulso hermético de minha mãe poderia ser uma inversão do desejo de viajar de minha avó. A necessidade de segurança financeira de minha mãe, conquistada a custo de uma gravidez que a enojava, talvez fosse a febre jogadora de minha avó pelo avesso.

Isso sugeria - embora não totalmente - que o que eu amava em vovó Sugars era uma faceta diferente da mesma condição mental que fazia de minha mãe tamanho terror. Isso me perturbava por razões que não conseguia compreender, mas também por razões que eu suspeitava de que não se tornariam claras até eu viver mais vinte anos, se eu viver tanto.

Quando eu tinha 16 anos, vovó Sugars me convidou a viajar com ela. Na época, eu já tinha me tornado o que sou: alguém que via os mortos, com limitações, com responsabilidades a cumprir. Não tive escolha senão declinar o convite. Se as circunstâncias tivessem permitido que eu viajassem com ela de jogo em jogo, de aventura em aventura, os estresses da vida diária e o contato constante poderiam ter revelado outra mulher, e menos atraente do que- aquela que eu pensava conhecer.

Eu devia acreditar que vovó Sugars tinha a capacidade para o amor genuíno que não existia em minha mãe, e devia acreditar que realmente me amava. Se essas duas coisas não fossem verdadeiras, então minha infância teria sido uma completa desolação.

Fracassando em banir aqueles pensamentos preocupantes enquanto saía de Pico Mundo, cheguei à Igreja do Cometa

Sussurrante num humor que combinava com o ambiente de palmeiras mortas, cenário torrado de sol e prédios abandonados à ruína.

Parei diante do abrigo onde os três coiotes tinham me encurralado. Não estavam à vista.

Geralmente eram caçadores noturnos. No calor do meio-dia, abrigavam-se em cavernas escuras frescas.

A prostituta morta, encantadora de coiotes, também não estava à vista. Esperava que ela tivesse encontrado seu caminho para fora deste mundo, mas duvidava de que meu conselho atrapalhado e superficial a tivesse convencido a seguir em frente.

Dos itens no fundo da minha sacola de plástico que servia de mala, tirei a lanterna, a tesoura e o pacote de lenços umedecidos.

No meu apartamento, ao fazer a bolsa, os lenços pareciam uma inclusão peculiar, a tesoura mais ainda. Inconscientemente, eu sabia exatamente por que precisaria delas.

Não somos estranhos a nós mesmos; só tentamos ser. Quando saí do carro, o forte calor do Mojave correspondia a sua estiagem, um silêncio quase perfeito que, talvez, só pudesse ser encontrado numa cena de neve diorâmica selada em vidro.

Meu relógio revelou que o tempo não esperava: 11h57.

Duas palmeiras secas lançavam sombras frondosas sobre o chão poeirento diante do abrigo, como se pavimentassem o caminho, não para mim, mas para um atrasado messias.

Quando entrei, senti-me como se tivesse acompanhado Sadraque, Mesaque e Abede-nego à fornalha de Nabucodonosor, embora nem um anjo pudesse me poupar do calor e do fedor intraduzível.

A branca luz alcalina do deserto cortava através das janelas em estilo de portal, mas eram tão pequenas e tão distantes que ainda precisei da lanterna.

Passei pelo corredor sujo até a quarta porta. Entrei no quarto rosa, antes um esconderijo de fornicação rentável, agora um

crematório a fogo lento.

CINQUENTA E CINCO

NENHUM CURIOSO OU CARNICEIRO ESTIVERA ALI EM minha ausência. O corpo estava onde o deixara, envolto no lençol branco, exceto pelo pé esquerdo calçado exposto pela ponta aberta da mortalha.

A noite quente e a manhã escaldante tinham facilitado e acelerado a decomposição. O fedor era muito pior ali que no resto do abrigo.

O calor sufocante e o mau cheiro tiveram o poder de dois socos em meu estômago. Saí rápido do quarto, para o corredor, ao mesmo tempo buscando ar mais puro e lutando para reprimir a vontade de vomitar.

Apesar de não ter levado os lenços com aquele propósito, peguei um deles e rasguei duas tiras. O papel umedecido tinha fragrância de limão. Enrolei as tiras saturadas de perfume em duas bolinhas tortas e tapei as narinas.

Respirando pela boca, não sentiria o cheiro do cadáver em decomposição. Quando entrei no quarto, tive ânsias de vômito mesmo assim.

Poderia ter cortado o cadarço que segurava o topo da mortalha - o do pé já tinha soltado na noite anterior - e rolando o corpo para fora do invólucro. Ao pensar no homem morto rolando no chão, como se estivesse animado outra vez, me convenci a atacar o problema com uma solução diferente.

Relutante, ajoelhei-me ao lado da cabeça do cadáver. Escorei a lanterna de maneira que melhor iluminasse o trabalho.

Desamarrei o cadarço e o joguei para o lado. A tesoura era afiada o bastante para cortar, de uma vez, as três camadas de lençol enrolado. Cortava com paciência e cuidado, enojado com a possibilidade de acertar o homem morto.

Quando o tecido caiu para os lados do corpo, o rosto logo se

tornou visível. Concluí tarde demais que se tivesse começado por baixo, só abriria a mortalha até o pescoço para ver o ferimento, evitando aquela visão lastimável.

O tempo e o ferrenho calor haviam feito seu terrível trabalho.

O rosto - de cabeça para baixo para mim - estava inchado, mais escuro que antes e esverdeado. A boca estava aberta. Uma fina catarata de fluido leitoso formara-se sobre os olhos, embora eu ainda pudesse ver a delineação do branco e das íris.

Enquanto estendia a mão sobre o rosto do morto para cortar a mortalha até o peito, ele lambeu meu pulso.

Gritei de choque e nojo, recuei e larguei a tesoura.

Da boca do cadáver surgia uma contorcida massa preta, uma criatura tão estranha naquele contexto que não a reconheci até ser completamente expelida. Sobre o rosto de Robertson, a coisa ergueu-se sobre as quatro patas traseiras e atacava o ar com as dianteiras. Uma tarântula.

. Com movimentos rápidos para evitar ser picado, afugentei a aranha. Ela caiu no chão, ficou de pé e correu para um canto distante.

Quando peguei a tesoura caída, minha mão tremia tanto que dei um corte vigoroso no ar antes de conseguir me controlar.

Preocupado com outras criaturas que poderiam ter rastejado pela ponta da mortalha para explorar o conteúdo fedido, retomei meu trabalho com o lençol num cuidado nervoso. Expus o corpo até a cintura sem encontrar mais investigadores de oito pernas.

Durante minha reação assustada à tarântula, expeli o tampão da minha narina direita. Quando o resíduo do fluido de limão evaporou-se, pude sentir o odor do corpo novamente, embora não com a mesma força porque continuava a respirar pela boca.

Mirando o canto para onde a aranha fugira, descobri que ela não estava mais lá.

Fiquei ansioso por um momento enquanto a procurava.

Então, apesar da pouca luz, vi a besta peluda à esquerda daquele

canto, um metro acima do chão, subindo lentamente a parede rosa.

Muito trêmulo e apressado para desabotoar a camisa do morto como tinha feito no apartamento, eu a puxei, estourando os botões. Um deles acertou meu rosto, os outros rolaram pelo chão.

Quando afugentei da mente a inibidora imagem de minha mãe com a pistola pressionada no seio, consegui focar a lanterna no ferimento. Examinando mais de perto, vi o que tinha me parecido estranho.

Escorei a lanterna outra vez e puxei três lenços da embalagem. Dobrei-os num quadrado grosso e tirei de leve o lodo viscoso que vazava do ferimento.

A bala tinha furado uma tatuagem no peito de Robertson, diretamente sobre o coração. O retângulo preto era do mesmo tamanho e formato do cartão de meditação que encontrara na sua carteira. No centro do retângulo viam-se três hieróglifos vermelhos.

Olhos irritados, nervoso, tonto de cafeína, não compreendi imediatamente o desenho por estar de cabeça para baixo.

Quando me coloquei ao lado de Robertson, aqueles olhos mortos pareceram acompanhar o movimento, rastreando-me sob as cataratas leitosas e semiopacas.

Quando procurei a tarântula, ela tinha desaparecido da parede. Com a lanterna, eu a localizei no teto, seguindo caminho na minha direção. Ela ficou paralisada sob luz direta.

Virei o facho de luz para a tatuagem e descobri que os três hieróglifos na verdade eram três letras do alfabeto escritas de maneira floreada. P ... D ... A terceira fora parcialmente rasgada pela bala, mas eu tinha certeza de que era um M.

PDM. Não era uma palavra. Era um acrônimo. Graças a Shamus Cocobolo, eu sabia o que significava: Pai das Mentiras.

Robertson carregava o nome de seu senhor das sombras sobre o coração.

Três letras: PDM. Lembrei de três outras, descobertas recentemente em outro lugar ...

De repente, pude ver o oficial Simon Varner vividamente na minha mente: ao volante da viatura no estacionamento do centro de boliche, inclinado na janela aberta, o rosto doce o suficiente para qualificá-lo como apresentador de programa infantil, os olhos pesados como os de um urso sonolento, o antebraço musculoso pousado sobre a porta, a "tatuagem de gangue" que alegava constrangê-lo. Nada tão elaborado quanto a tatuagem de Robertson, nada similar em estilo também. Talvez TDP.

Será que o oficial Simon Varner, do departamento de polícia de Pico Mundo, usava o nome daquele mesmo mestre no braço esquerdo?

Se a tatuagem de Robertson exibia um dos muitos nomes do demônio, então a de Simon Varner o colocava no mesmo clube.

Nomes para o demônio cortaram minha mente: Satã, Lúcifer, Diabo, Belzebu, Pai do Mal, Sua Satânica Majestade, Apolion, Beliel. ..

Não conseguia pensar em palavras que explicassem o acrônimo no braço de Varner, mas sem dúvida identificara o comparsa de Robertson.

Na pista de boliche não havia bodachs ao redor de Varner como às vezes havia ao redor de Robertson. Se eu o tivesse visto na companhia de bodachs, teria percebido o monstro que era.

Como poderiam tirar impressões digitais, recolhi rapidamente as embalagens de alumínio que envolviam os lenços e as enfiei no bolso. Peguei a tesoura, levantei, investiguei o teto com a lanterna e descobri a tarântula acima de mim.

Tarântulas são tímidas. Não perseguem seres humanos. Disparei do quarto, ouvi a aranha cair no chão com um ruído seco e sólido, bati a porta e limpei as impressões da maçaneta com a ponta da camiseta, depois fiz o mesmo com a da porta da frente ao sair.

Por saber que as tarântulas são tímidas e por não acreditar em coincidências, corri até o Chevy, atirei a tesoura e a lanterna na sacola de plástico, liguei o motor e pisei no acelerador. Deixei as terras da Igreja do Cometa Sussurrante com um rangido de borracha torturada, espalhando uma nuvem de poeira e asfalto

quebrado, ansioso para alcançar a estrada estadual antes de ser cercado por legiões de tarântulas, um exército de coiotes e uma horda rastejante de cascavéis, todas trabalhando em conjunto.

CINQUENTA E SEIS

NÃO ERA TDP. PDT. PRÍNCIPE DAS TREVAS. A ORIGEM DO acrônimo tatuado em Simon Varner me ocorreu ao cruzar os limites da cidade, voltando para Pico Mundo.

Satanistas fantasiados realizando estranhos rituais com um cálice obscenamente decorado seriam considerados mal-intencionados pela maioria das pessoas, porém incrivelmente mais estúpidos que os membros de chapéu peludo de um clube masculino chamado Ordem Fraternal dos Porcos-Espinhos. Homens que se vestem para parecer maus são tão suspeitos de serem nerds quanto aqueles com corte de cabelo feito com aparador de grama, óculos de tartaruga, calça cinco centímetros acima do umbigo e três acima dos sapatos, e adesivos de carro que dizem: JARJAR BINKS É O CARA.

Se eu estivesse inclinado a considerá-los como nerds brincando com o mal, aquela suposição não se manteve depois de encontrar as lembranças nos vasilhames do congelador.

Agora que eu suspeitava da identidade do colaborador de Robertson, confiei no meu dom sobrenatural para me guiar até ele. Considerando que tomado pelo magnetismo psíquico Stormy às vezes encurta para síndrome de MP ou SMP - eu ocasionalmente faço curvas abruptas, dirigi com toda a velocidade que me parecia prudente.

Sob influência da SMP, eu vago por certo tempo, e tento pensar apenas no objeto de meu interesse - naquele caso, Varner - em vez de onde estou no momento ou para onde possa estar indo. Sei para onde estou indo quando chego lá.

Neste estado, minha mente consciente relaxa, e pensamentos aleatórios surgem com a mesma frequência com que faço curvas ao acaso na busca de minha presa. Desta vez, um dos meus

pensamentos envolvia a irmã de minha mãe, Cymry, que nunca conheci.

De acordo com minha mãe, Cymry é casada com um checoslovaco cujo nome é Dobb. Meu pai diz que Cymry nunca se casou.

Nenhum dos meus pais tem histórico de confiabilidade. Neste caso, entretanto, suspeito de que meu pai esteja dizendo a verdade e que eu não tenho nenhum tio checoslovaco ou de qualquer outra nacionalidade.

Meu pai diz que Cymry é estranha, mas não conta nada além disso. Sua alegação enfurece minha mãe, que nega a anormalidade de Cymry e a considera um presente de Deus.

Isto é uma afirmação contraditória da parte de minha mãe, considerando que ela vive sua vida como se tivesse a firme convicção de que Deus não existe.

Na primeira vez que perguntei a vovó Sugars sobre sua misteriosa filha mais velha, ela se desmanchou em lágrimas. Nunca a vi chorar antes. No dia seguinte, ainda com os olhos vermelhos, pegou a estrada novamente em busca de jogos de pôquer distantes.

Na segunda vez que perguntei sobre Cymry, ela ficou zangada comigo por insistir no assunto. Nunca antes a vi zangada. Então tornou-se fria e distante. Ela nunca agira daquela maneira comigo, e o comportamento lembrava muito o da minha mãe.

Dali em diante, nunca mais perguntei sobre Cymry.

Suspeito de que em alguma instituição qualquer, controlada por drogas e moderação humana, eu tenho uma tia que se parece um pouco comigo. Suspeito de que quando criança ela não escondeu seu dom especial como eu.

É provavelmente por isso que vovó Sugars, com todos os seus ganhos no pôquer, nunca deixou qualquer bem. Acho que ela financiou um fundo para pagar os cuidados de Cymry.

Ao longo dos anos, meu pai deixou escapar certas pistas que me levaram a especular que o sexto sentido de Cymry, seja lá os estranhos talentos que possa englobar, é acompanhado de alguma

mutação física. Acho que assustava as pessoas não só por causa das coisas que dizia, mas também por causa da aparência.

Com mais frequência do que se imagina, um bebê nascido com mutação de fato apresenta outras duas ou mais. Ozzie diz - aparentemente não em seu papel de escritor de ficção - que um em cada 88 mil bebês nascem com um sexto dedo em uma das mãos, assim como ele. Centenas, talvez milhares de pessoas assim deveriam andar pelas ruas dos Estados Unidos, contudo, quantos adultos de seis dedos você já encontrou? Você não os encontra porque a maioria desses bebês nasce com outras deformidades mais horríveis que os matam no princípio da vida.

As crianças de seis dedos com a sorte de ter boa saúde geralmente são operadas quando o dedo supérfluo pode ser removido sem afetar a função da mão. Eles caminham entre nós, diz Pequeno Ozzie, passando-se por gente comum de cinco dedos.

Acho que tudo isso é verdade, porque Ozzie tem orgulho de seu sexto dedo e gosta de colecionar histórias sobre o que chama os inatos mãos-leves de minha raça superior. Diz que sua segunda mutação é a habilidade de escrever bem e rápido, despejando livros entusiasticamente recebidos num ritmo prodigioso.

Eu sonho com tia Cymry de tempos em tempos. Não são sonhos proféticos. Estão cheios de ansiedade. E tristeza.

Agora, às 12h21, sonhando acordado com Cymry, mas nervoso e ciente dos preciosos minutos que correm, completamente entregue à SMP, esperava encontrar o oficial Simon Varner nas vizinhanças do boliche ou do cinema onde o filme do cachorro seria exibido logo depois das 13 horas. Em vez disso, fui inesperadamente levado ao Green Moon Mall.

O que vi foi incomum para uma quarta-feira de verão: um estacionamento lotado. A faixa gigantesca me lembrou que a liquidação anual de verão tinha começado às 10 horas da manhã e continuaria ao longo do fim de semana.

Era uma multidão.

CINQUENTA E SETE

UMA GALÁXIA DE SÓIS FAISCAVA NOS PARA-BRISAS DOS carros e utilitários enfileirados, em um fulgor que chocava meus olhos vermelhos e me forçava a piscar.

Lojas de departamento de três andares ancoravam os lados norte e sul do shopping. Numerosas lojas especializadas ocupavam os dois níveis entre aqueles dois leviatãs.

A SMP levou-me para a loja de departamentos do norte. Dei a volta até os fundos e estacionei perto de uma grande rampa que levava à área subterrânea de descarregamento onde caminhões entregavam mercadorias.

Havia uma viatura branca e preta três vagas adiante. Nenhum policial visível.

Se aquele fosse o carro de Varner, ele já estava no shopping. Minhas mãos tremiam. As teclas do meu celular eram pequenas. Para acertar, tive que apertar o número da Burke & Bailey's duas vezes.

Pretendia dizer a Stormy que deixasse o trabalho imediatamente, que saísse do shopping pela porta mais próxima, que pegasse rápido o carro e fugisse, que dirigisse para qualquer lugar, apenas fugisse.

Quando o número estava tocando, desliguei. Talvez ela não estivesse destinada a cruzar o caminho de Varner, mas se eu a persuadissem a sair dali, talvez se deparasse com ele no instante em que puxasse a arma e abrisse fogo.

Seu destino é estar comigo para sempre. Temos o cartão da máquina de adivinhação como prova. Fica pendurado acima da cama dela. A Mamã Cigana nos dera, por uma simples moedinha, o que o outro casal não pôde comprar por dinheiro algum.

A lógica argumentava que se eu não fizesse nada, Stormy estaria a salvo. Se ela mudasse de planos por insistência minha, eu poderia

frustrar o destino dela e o meu. Melhor confiar no destino.

Minha responsabilidade não era avisar Stormy, mas deter Simon Varner antes que estivesse pronto para colocar seu plano em prática, antes que matasse qualquer pessoa.

Nestes momentos, você se depara com o mais-fácil-falar-quefazer. Ele era um tira, e eu não. Ele carregava ao menos uma arma de fogo, e eu não. Mais alto, mais forte, treinado em todo método possível de subjugar um cidadão agressivo, dispunha de todas as vantagens - exceto de um sexto sentido.

A arma que matara Robertson estava debaixo do banco do motorista. Tive que deixá-la ali na noite passada, pois pretendia livrar-me dela depois.

Inclinando-me, vasculhei debaixo do assento, encontrei a arma e a puxei. Senti-me de mãos dadas com a Morte.

Após mexer um pouco, descobri como ejetar o pente. Conteí nove projéteis. Latão brilhante. Carregada quase na capacidade. O único projétil faltando era o que tinha feito um buraco no coração de Robertson.

Empurrei o pente na pistola. Ele deu um estalo ao voltar para o lugar.

A arma de minha mãe tem uma trava de segurança. Um ponto vermelho se torna aparente quando a trava está desarmada.

Aquela pistola não parecia ter tal característica. Talvez a trava de segurança esteja no gatilho, exigindo um duplo aperto.

Não havia qualquer trava de segurança no meu coração. Ele estava acelerado.

Sentia-me de mãos dadas com a morte, sim - minha morte. Com a pistola no colo, peguei o celular e liguei para o número do celular particular do chefe Porter, não para a linha do departamento de polícia. As teclas pareciam encolher, como se aquele celular tivesse sido dado a Alice por uma lagarta fumando um narguilé, mas apertei os sete dígitos corretamente na primeira tentativa.

Karla Porter atendeu ao terceiro toque. Disse que ainda estava

na sala de espera da UTI. Tinham deixado que visse o chefe três vezes, em visitas de cinco minutos.

- Estava acordado da última vez, mas muito fraco. Sabia quem eu era. Sorri para mim. Mas não consegue falar muito, nem coerentemente. Está sendo mantido semissedado para facilitar a recuperação. Acho que não conseguirá falar muito até amanhã.

- Mas vai ficar bem? - perguntei.

- É o que dizem. E estou começando a acreditar.

- Eu o amo - disse, ouvindo minha voz falhar.

- Ele sabe disso, Oddie. Ele também ama você. Você é como um filho para ele.

- Diga a ele.

- Direi.

- Ligarei mais tarde - prometi.

Desliguei e larguei o celular no banco do passageiro.

O chefe não poderia me ajudar. Ninguém podia. Não havia qualquer prostituta morta que domasse o frenesi assassino daquele coite. Só eu.

A intuição dizia-me para não levar a pistola. Coloquei à sob o banco outra vez.

Quando desliguei o motor e saí do carro, o sol forte era tanto martelo quanto bigorna, forjando o mundo entre ele e seu reflexo.

O magnetismo psíquico funciona quer eu esteja sobre rodas ou andando. Fui levado para a rampa de entrega. Desci até o frescor da área de descarga subterrânea.

CINQUENTA E OITO

DE TETO BAIXO E INTERMINÁVEL CONCRETO CINZA, O

estacionamento subterrâneo para os funcionários do shopping e setor de descarga tinha a atmosfera gélida e agourenta de uma antiga tumba enterrada nas areias egípcias, a tumba de um faraó odiado cujos súditos enterraram de maneira barata, sem os vasilhames de ouro resplandecente ou ornamentos de qualquer tipo.

A doca elevada estendia-se pela imensa estrutura, e grandes caminhões estavam parados em vários pontos. Na loja de departamentos, dois caminhões pequenos podiam passar por vez pela doca e seguir direto para uma enorme área de recepção.

O lugar vibrava e zumbia de atividade enquanto as equipes dos caminhões descarregavam mercadorias tardias e os apressados funcionários do estoque as preparavam para entrega nas lojas após o fechamento.

Passei por araras, carrinhos, caixotes, caixas e engradados de mercadorias, desde roupas sociais femininas até utensílios de culinária e artigos esportivos. Perfume, roupas de banho, chocolates finos.

Ninguém contestou meu direito de estar ali, e quando peguei um bastão de beisebol de madeira de um engradado cheio deles, ninguém me mandou recolocá-lo no lugar.

Outro engradado continha bastões ocos de alumínio. Não eram o que eu queria. Preferia um bastão com peso. Precisava de certo equilíbrio no instrumento. É mais fácil quebrar um braço ou estraçalhar um joelho com uma maça de madeira.

Talvez precisasse do bastão, talvez não. O fato de eu estar ali - e da SMP ter me levado até lá - parecia sugerir que se não me aproveitasse daquele benefício, ficaria arrependido depois.

A única atividade extracurricular que exerci no colégio foi beisebol. Como escrevi antes, eu tinha os melhores status do meu time, mesmo que só pudesse participar de jogos na cidade.

Mas não estou sem prática. O Pico Mundo Grille tem um time. Competimos com outros estabelecimentos e organizações civis; nós arrasamos, ano após ano.

Repetidamente, empilhadeiras carregadas e carros elétricos anunciavam sua aproximação com buzinas suaves e apitos musicais. Saía do caminho deles, mas continuava andando, embora não tivesse ideia de para onde ia.

Minha mente repetia: Simon Varner. Rosto doce. Olhos sonolentos. PDT no antebraço esquerdo. Encontrar o desgraçado.

Um par de portas duplas imensas abria para um corredor com chão de concreto limpo e paredes de concreto pintadas. Hesitei, olhei para a direita, olhei para a esquerda.

Meu estômago se revirava. Precisava de antiácidos.

Precisava de um bastão maior, um colete a prova de balas e reforços também, mas não tinha nada disso. Apenas continuei andando.

As portas me guiaram às salas do lado direito do corredor. A maioria tinha identificação. BANHEIROS. SALA DE REMESSAS. SALA DA MANUTENÇÃO.

Procurando Simon Varner. Rosto doce. Príncipe das Trevas.

Sentir sua presença, atraindo-me na sua direção.

Passei por dois homens, uma mulher, outro homem. Eles sorriam e cumprimentavam com a cabeça. Ninguém parecia se perguntar onde era o jogo, qual seria o placar, em qual time eu jogava.

Logo deparei-me com uma porta escrita SEGURANÇA.

Parei. Aquilo não parecia certo ... mas ao mesmo tempo parecia.

Quando a SMP trabalha, eu geralmente sei quando cheguei.

Desta vez sentia que tinha chegado. Não conseguia explicar a diferença, mas era real.

Coloquei a mão na maçaneta, mas hesitei.

Na minha mente, ouvi Lysette Rains falando comigo no churrasco do chefe: Mas eu era apenas uma manicure, agora sou uma estilista de unhas certificada.

Juro por minha vida - e talvez fosse mesmo pela minha vida,

considerando que eu estava prestes a mergulhar no fogo, de uma maneira ou outra - que não sabia por que lembrei de Lysette naquela conjuntura.

A voz dela me perseguia: Demora-se um tempo para perceber como este é um mundo solitário, então quando se percebe. .. o futuro parece um tanto assustador.

Tirei a mão da maçaneta. Parei ao lado da porta.

Cascos de ferro num chão batido não teriam feito trovão maior que o ribombar de meu coração galopante.

Meu instinto é um técnico vitorioso, e quando ele disse Bata, não argumentei que não estava pronto para o jogo. Segurei o bastão com as duas mãos, assumi posição, e fiz uma oração para Mickey Mantle.

A porta se abriu, e um homem saiu para o corredor. Calçava botas pretas e vestia um macacão preto leve com capuz, uma máscara preta de esqui e luvas pretas.

Levava um rifle de assalto tão grande e perigoso que parecia irreal como os armamentos num dos primeiros filmes de Schwarzenegger. Do cinto pendiam oito ou dez pentes sobressalentes.

O homem olhava para a esquerda ao sair da sala de segurança.

Eu estava à direita, mas ele pressentiu minha presença imediatamente e virou a cabeça na minha direção ao primeiro passo.

Nunca fui alguém de acertar a bola de leve, então girei forte, bem acima da zona de strike, e o acertei no rosto.

Ficaria surpreso se não tombasse. Não fiquei surpreso.

O corredor estava deserto. Ninguém vira nada. Por enquanto. Precisava lidar com aquilo da maneira mais anônima possível, para mais tarde evitar perguntas caso o chefe continuasse incapaz de intervir por mim.

Depois de rolar o bastão de beisebol para a sala de segurança e empurrar o rifle de assalto logo em seguida, agarrei o atirador pelo

macacão e o arrastei para lá também, para fora do corredor, e fechei a porta.

Entre cadeiras de escritório reviradas e canecas de café espalhadas, três seguranças desarmados estavam caídos naquela sala. Aparentemente tinham sido abatidos com uma pistola com silenciador, porque os tiros não atraíram atenção. Pareciam surpresos.

A visão torturou-me. Eles estavam mortos porque minha percepção fora lenta demais.

Sei que não sou responsável por cada morte que não posso evitar. Compreendo que não carrego o mundo nas minhas costas, como Atlas. Mas sinto que deveria.

Doze imensos monitores de Tela cada um dividido em quatro janelas, apresentavam 48 imagens fornecidas por câmeras posicionadas na loja de departamentos. Para onde eu olhasse, os corredores mostravam-se cheios; a liquidação atraía todo o condado de Maravilla.

Ajoelhei-me ao lado do atirador e tirei sua máscara de esqui.

O nariz estava quebrado, sangrando; a respiração borbulhava em sangue. O olho direito provavelmente se fecharia de inchaço. Um galo já se formava na testa.

Não era Simon Varner. Tinha diante de mim Bern Eckles, o policial que estivera no churrasco, que fora convidado porque o chefe e Karla Porter tentavam juntá-lo com Lysette Rains.

CINQUENTA E NOVE

BOB ROBERTSON NÃO TINHA UM COLABORADOR, MAS DOIS. Talvez mais. Provavelmente se consideravam um coven, a menos que isso fosse só para bruxas. Com mais um poderiam formar uma banda satânica, compor as próprias músicas para a missa negra, ter seguro saúde e ganhar descontos na Disneylândia.

No churrasco do chefe, não vi bodachs ao redor de Bern Eckles.

A presença deles indicou-me a natureza de Robertson, mas não a dos comparsas - o que agora me parecia intencional. Como se soubessem de meu dom. Como se me manipulassem.

Depois de virar Eckles de lado para garantir que não se engasgasse com o sangue e a saliva, procurei algo para amarrar mãos e pés.

Não esperava que recobrasse a consciência nos próximos dez minutos. Quando finalmente acordasse, estaria rastejando, vomitando e implorando por analgésicos, sem condições de pegar o rifle e voltar à missão.

Contudo, desmontei dois telefones da sala de segurança e usei os fios para amarrar as mãos às costas e prender os tornozelos. Apertei bem os nós e não me preocupei muito se cortaria a circulação.

Eckles e Varner eram os oficiais mais novos do departamento de polícia de Pico Mundo. Tinham sido admitidos só com um ou dois meses de diferença.

Era fácil presumir que se conheciam antes de chegarem a Pico Mundo. Varner fora admitido primeiro, abrindo caminho para Eckles.

Robertson mudara-se de San Diego para Pico Mundo e comprara a casa em Camp's End antes de os dois colaboradores chegarem. Se pudesse confiar na minha memória, Varner antigamente era oficial de polícia na área de San Diego, senão na própria cidade.

Eu não sabia em que jurisdição Bern Eckles servia antes de ser recrutado em Pico Mundo. A Grande San Diego seria palpite melhor que Jueau, no Atasca.

Os três escolheram Pico Mundo por razões impossíveis de adivinhar. Tinham planejado com cuidado, por muito tempo.

Quando fui ao churrasco, sugerindo que seria boa ideia levantar o perfil de Bob Robertson, o chefe convocou auxílio de Eckles. Naquele instante, Robertson foi marcado para morrer.

Na verdade, ele devia ter sido morto meia hora mais tarde. Sem dúvida Eckles telefonou para Varner da casa do chefe, e Varner

puxou o gatilho contra o amigo de ambos. Talvez Simon Varner e Robertson estivessem juntos quando Varner recebeu a ligação de Eckles.

Com Eckles bem amarrado, abri o zíper de sua roupa apenas o bastante para confirmar que sob o macacão ele usava o uniforme da polícia.

Ele entrara na sala da segurança ostentando o distintivo. Os guardas provavelmente o cumprimentaram sem qualquer suspeita.

Era evidente que carregava o rifle de assalto e o macacão em malas. Uma estava aberta e vazia no chão. Uma Samsonite.

O plano provavelmente seria sair disparando rajadas na loja de departamentos e então, quando a polícia chegasse, encontrar um lugar reservado onde se despir do macacão e da máscara de esquí. Abandonando o rifle, Eckles poderia se misturar aos colegas como se respondesse à mesma chamada de socorro.

O porquê não era tão fácil de entender quanto o como. Algumas pessoas diziam que Deus falava com elas. Outras ouviam o demônio sussurrando em suas cabeças. Talvez um daqueles caras pensasse que Satã o tivesse mandado atirar no Green MoonMall.

Ou talvez só estivessem fazendo isso por diversão. Uma travessura. A religião deles é tolerante com formas extremas de recreação. Afinal garotos sempre serão garotos, e garotos sociopatas sempre serão sociopatas.

Simon Varner continuava à solta. Eu não tinha ideia de quantos poderiam formar um coven.

Usando um dos telefones ainda funcionando, liguei para 911, relatei três assassinatos e, sem responder perguntas, larguei o telefone, deixando-o fora do gancho. A polícia viria com uma equipe da SWA'f. Em três minutos, quatro. Talvez cinco.

Não seriam rápidos o bastante. Vamer estaria atirando nos clientes antes que eles chegassem.

O bastão de beisebol não rachara. Madeira boa.

Mesmo tendo sido eficiente contra Eckles, eu não podia esperar

que o bastão surpreendesse Varner da mesma forma. Apesar de meu medo de armas, precisava de um instrumento melhor que uill: Louisville Slugger.

Sobre o balcão diante dos monitores de segurança estava a pistola que Eckles usara para matar os guardas. Numa inspeção, descobri que quatro balas restavam no pente de dez tiros.

Por mais que quisesse evitar olhar, os homens mortos no chão atraíam minha atenção. Odeio violência. Odeio ainda mais a injustiça. Quero ser um cozinheiro de frituras, mas o mundo exige de mim mais do que ovos e panquecas.

Desatarraxeï o silenciador, joguei-o para o lado. Puxei a camiseta de dentro do jeans. Enfiei a pistola na cintura.

Sem sucesso, tentei não pensar na minha mãe com a pistola debaixo do queixo, contra o seio. Tentei não me lembrar da sensação que tive quando ela pressionou o cano da arma sobre meu olho e me disse para olhar o brilho da bala no fim daquele buraco estreito e escuro.

A camiseta não escondia a arma perfeitamente. Mas os consumidores estariam muito preocupados procurando barganhas e os balconistas muito ocupados atendendo aos clientes para notar o volume.

Cauteloso, abri a porta apenas o suficiente para escapulir da sala da segurança, depois a fechei. Um homem afastava-se pelo corredor, na direção que eu precisava tomar, então o segui, desejando que caminhasse mais depressa.

Ele virou à direita, atravessou as portas de vai e vem até a sala de recepção, e eu passei pelos elevadores reservados para os funcionários da empresa até uma porta identificada ESCADA. Subi dois degraus de cada vez.

Em algum lugar à frente, Simon Varner. Rosto doce. Olhos sonolentos. PDT no antebraço esquerdo.

No primeiro andar da loja de departamentos, deixei a escada e empurrei uma porta que dava para o estoque.

Uma bonita ruiva estava ocupada puxando caixas pequenas das

prateleiras lotadas. Disse "Olá", de maneira amigável.

- Olá - respondi, saindo do estoque para o andar de compras.

O departamento de artigos esportivos. Fervilhando. Homens, algumas mulheres, muitos adolescentes. As crianças olhavam patins e skates.

Depois dos artigos esportivos ficavam os corredores de sapatos esportivos. Depois dos sapatos esportivos, as roupas esportivas masculinas.

Pessoas, pessoas por toda parte. Pessoas demais muito agrupadas. Uma atmosfera quase festiva. Tão vulneráveis.

Se eu não o tivesse surpreendido ao sair da sala da segurança, Bern Eckles já teria matado dez ou vinte a esta altura. Trinta.

Simon Varner. Cara grande. Braços musculosos. Príncipe das Trevas. Simon Varner.

Confiantemente guiado por meu dom sobrenatural, assim como qualquer morcego pela ecolocação, atravessei o primeiro andar da loja de departamentos, buscando a saída para o passeio do shopping.

Não esperava ver outro atirador ali. Eckles e Varner teriam escolhido campos de extermínio bem distantes, para melhor semear terror e caos. Além disso evitariam que, por acidente, um cruzasse a linha de fogo do outro.

A dez passos da saída para o passeio, vi Viola Peabody, que deveria estar na casa da irmã, em Maricopa Lane.

SESSENTA

A ANIVERSARIANTE, LEVANNA, E A IRMÃZINHA APAIXONADA por rosa, Nicolina, não estavam ao lado da mãe. Vasculhei a multidão, mas não vi as meninas.

Quando corri até Viola e a agarrei por trás no ombro, ela reagiu com um sobressalto e largou a sacola de compras. - O que está

fazendo aqui? - perguntei.

- Odd! Você me deu um baita susto!

- Onde estão as meninas?

- Com Sharlene.

- Por que você não está com elas?

Pegando a sacola de compras, ela disse:

- Não tinha comprado o presente de aniversário ainda.

Precisava de um. Vim aqui rapidinho para comprar estes patins. - Seu sonho - lembrei a ela apressado. - Este é o seu sonho.

Ela arregalou os olhos.

- Mas vim muito rápido, e não estou no cinema.

- Não será no cinema. Está acontecendo aqui.

Por um instante Viola segurou a respiração na garganta enquanto o terror martelava seu coração.

- Saia daqui - ordenei. - Saia daqui agora.

Respirou fundo, olhando atarantada ao redor como se qualquer cliente pudesse ser o assassino, e começou a rumar para o passeio.

- Não! - Puxei-a para perto de mim. As pessoas olhavam para nós. Qge importância tinha? - Esse caminho não é seguro! - Por onde? - perguntou ela.

Eu a virei de costas.

- Vá para os fundos deste andar, através dos sapatos e dos artigos esportivos. Há um estoque não muito longe de onde pegou os patins. Entre no estoque. Se esconda lá.

Viola começou a se afastar, parou, olhou para mim. - Você não vem?

- Não.

- Para onde você vai?

- Para lá.

- Não - implorou ela.

- Vá agora!

Enquanto ela fugia para os fundos da loja de departamentos, eu corria para o passeio do shopping.

Ali na ala norte do Green Moon Mall, a cascata jorrava de um rochedo artificial, alimentando um córrego que corria ao longo do trajeto público. Enquanto eu passava pela base da cascata, o estrondo e o chapinhar da água soavam assustadoramente como o urro de uma multidão.

Padrões de luzes e sombras. Luzes e sombras como no sonho de Viola. As sombras eram lançadas pelas palmeiras ao longo do riacho.

Olhando para as palmeiras reais, para o segundo andar do passeio, vi centenas de bodachs reunidos ao longo da balaustrada, fitando o átrio aberto. Espremidos uns contra os outros, excitados, ansiosos, estremecendo e balançando, contorcendo-se como aranhas agitadas.

Uma multidão de consumidores caçando ofertas entupia o primeiro andar do passeio, procurando de loja em loja, alheios à audiência de espíritos malignos que os observava com tamanha ansiedade.

Meu maravilhoso dom, meu odiado dom, meu aterrorizante dom guiou-me ao longo do passeio, mais para o sul, mais rápido, acompanhando o chapinhar e as quedas do córrego, numa busca frenética por Simon Varner.

Não eram centenas de bodachs. Eram milhares. Nunca vi tamanha horda, nunca imaginei que veria. Assemelhavam-se a uma frenética turba romana no Coliseu, observando com deleite os cristãos fazerem orações que não seriam atendidas, aguardando os leões, o sangue na areia.

Eu me perguntava por que haviam desaparecido das ruas. Ali estava a resposta. A hora chegara.

Ao passar por uma loja de roupas de cama, mesa e banho, o duro disparo de uma arma de fogo automática ecoou no passeio mais adiante.

A primeira rajada foi breve. Por alguns segundos, um silêncio inimaginável tomou o shopping.

Centenas de pessoas pareciam congeladas. Embora a água do córrego continuasse correndo, parecia seguir seu curso sem ruído. Eu não ficaria surpreso se meu relógio confirmasse uma miraculosa parada no tempo.

Um grito rompeu o silêncio, e imediatamente uma multidão de gritos respondeu. A arma replicou aos que gritavam com uma rajada mortal mais longa que a primeira.

Afobado, eu seguia para o sul do passeio. O progresso não era fácil porque os compradores em pânico corriam para o norte para fugir do atirador. As pessoas ricocheteavam em mim, mas continuei firme, avançando na direção de uma terceira explosão de tiros.

SESSENTA E UM

NÃO CONTAREI TUDO O QUE VI. NÃO MESMO. NÃO POSSO. OS mortos merecem dignidade. Os feridos, privacidade. Seus entes amados, um pouco de paz.

Para ser mais exato, sei por que os soldados, ao voltarem de uma guerra, raramente contam às famílias sobre suas façanhas mais do que em termos gerais. Nós que sobrevivemos devemos seguir adiante em nome daqueles que caíram, mas se lidarmos com detalhes muito vívidos do que testemunhamos da crueldade humana com o homem, simplesmente não poderemos seguir em frente. A perseverança é impossível se não nos permitimos a esperança.

A multidão em pânico passou por mim, então me descobri entre vítimas espalhadas, todas no chão, mortas ou feridas, menos do que eu esperava, mesmo assim muitas. Vi a bartender loira do Boliche Green Moon no uniforme de trabalho ... e mais três outros. Talvez tivessem vindo ao shopping para almoçar antes do trabalho.

Posso ser o que for, mas não sou super-humano. Sangro.

Sofro. Aquilo era mais do que eu podia suportar. Aquilo era dez vezes o lago Malo Suerte.

A crueldade tem um coração humano ... o terror, a forma humana do divino.

Não é Shakespeare. É William Blake. Uma obra de arte. Dezenas de bodachs tinham descido do nível superior do shopping. Rastejavam entre os mortos e feridos.

Podendo ou não lidar com aquilo, eu não tinha escolha senão tentar. Se fugisse, poderia acabar morrendo ali mesmo.

O lago de carpas não estava muito longe. A selva artificial o cercava. Vi o banco no qual Stormy e eu nos sentamos para comer casquinhas de sorvete de cereja com coco e pedaços de chocolate.

Um homem de macacão preto, máscara de esqui preta. Grande o bastante para ser Simon Varner. Segurando um rifle de assalto aparentemente modificado para um verdadeiro - e ilegal- disparo automático.

Algumas pessoas escondiam-se entre as palmeiras, agachadas junto ao lago; mas a maioria fugira do passeio para as lojas especializadas, desesperadamente procurando refúgio ali, talvez esperando escapar pelas portas dos fundos. Através das vitrines - joalherias, lojas de presentes, galerias de arte, lojas de utilidades de cozinha - podia vê-los comprimindo-se uns contra os outros, ainda muito visíveis.

Numa era tão sangrenta quanto jogos de videogame, a linguagem cruel da máquina, de uso tão comum, referiria-se a isso como um cenário repleto de alvos.

De costas para mim, Varner pulverizava as fachadas das lojas com balas. As vidraças da Burke & Bailey's tinham se dissolvido, cascadeando dentro da loja numa inundação brilhante.

Nós estamos destinados a ficar juntos para sempre. Temos o cartão que diz isso. Temos marcas de nascença idênticas.

A 20 metros daquele louco desgraçado, depois 15, sempre

diminuindo, descobri que segurava a pistola. Nem lembrava de quando a puxei da cintura.

Minha mão tremia, então a segurei com as duas. Nunca usara uma arma de fogo. Eu odiava armas.

Pode muito bem puxar o gatilho você mesmo, seu merdinha. Estou tentando, mãe. Estou tentando.

Varner esgotou o pente do rifle. Talvez já estivesse no segundo. Como Eckles, ele carregava sobressalentes no cinto.

Aos 12 metros, disparei. Errei.

Alertado pela explosão do tiro, virou-se para mim e ejetou o pente vazio.

Disparei outra vez, errei outra vez. Nos filmes os atores nunca erram quando atiram de longe. A não ser que o alvo seja o herói, pois nesse caso erram de apenas um metro de distância. Simon Varner não era herói. E eu não sabia o que estava fazendo.

Ele sim. Puxou um pente cheio do cinto. Tinha prática, rapidez e tranquilidade.

Eckles usara seis balas nos seguranças. Eu tinha gasto duas.

Só restavam mais duas.

A cerca de 10 metros, disparei um terceiro tiro.

Varner recebeu o impacto no ombro direito, mas isso não o derrubou. Ele cambaleou, recuperou-se, encaixou o pente cheio no rifle.

Agitados, movendo-se com excitação, dezenas de bodachs juntaram-se ao meu redor, ao redor de Varner. Eram sólidos para mim, invisíveis para ele; obstruíam minha visão, mas não a dele.

Mais cedo, eu me perguntara se seria louco. Questão respondida. Era totalmente maluco.

Correndo na direção dele, através dos bodachs tão opacos quanto cetim preto, mas tão insubstanciais quanto sombras, pistola erguida no braço estendido para a frente, determinado a não desperdiçar um último round, vi o cano do rifle voltando-se para

mim, sabia que ele acabaria comigo, mas esperei um passo, e mais outro, antes de apertar o gatilho à queima-roupa.

A máscara cobria qualquer transformação grotesca ocorrida na face, mas não podia conter inteiramente o sangue. Ele tombou tão feio quanto o próprio Príncipe das Trevas quando expulso do Paraíso para o Inferno. A arma caiu de sua mão.

Chutei o rifle para longe de seu alcance. Quando parei para examiná-lo, não havia dúvida de que estava morto. O PDT fora para o espaço.

Contudo, caminhei até o rifle e chutei-o para mais longe ainda. Segui a arma e a chutei de novo, e de novo.

A pistola em minha mão era inútil. Descartei-a.

Como se eu estivesse num ponto elevado, e eles fossem água negra, os bodachs fluíram para longe de mim, procurando o espetáculo das vítimas mortas e feridas.

Senti que vomitaria. Fui para a borda do lago de carpas e me ajoelhei.

Embora o movimento colorido dos peixes pudesse me deixar enjoado, a náusea passou num instante. Não vomitei, mas ao levantar, comecei a chorar.

Dentro das lojas, distante das vidraças destruídas, as pessoas ousavam erguer as cabeças.

Nós estamos destinados a estar juntos para sempre. Temos o cartão que diz isso. Mamãe Cigana nunca erra.

Tremendo, suando, secando as lágrimas dos olhos com as costas das mãos, meio enjoado com a expectativa de uma perda insuportável, comecei a correr para a Burke & Bailey's.

Pessoas levantavam-se das ruínas da sorveteria. Algumas começavam a caminhar cautelosamente sobre o vidro quebrado, voltando para o passeio.

Não vi Stormy entre elas. Devia ter fugido para o estoque, para o escritório, quando o tiroteio começou.

De repente fui tomado pela necessidade de andar, andar, andar.

Virei as costas para a Burke & Bailey's e dei vários passos na direção da loja de departamentos ao sul do shopping. Parei, confuso. Por um instante, pensei que estivesse em negação, que estivesse tentando correr do que poderia encontrar na sorveteria.

Não. Senti um sutil, porém inegável impulso. Magnetismo psíquico. Arrastando-me. Pensei que o trabalho tivesse terminado. Era evidente que não.

SESSENTA E DOIS

AQUELA LOJA DE DEPARTAMENTOS ERA DE ESTILO MAIS elegante que a outra em que Viola comprara os patins. Os artigos vendidos ali eram de qualidade mais refinada que os da loja da ala norte do shopping.

Passei pelo departamento de perfumaria e maquiagem com gabinetes de vidro chanfrado e mostruários glamourosos que insinuavam, de maneira nada sutil, que a mercadoria era tão valiosa quanto diamantes.

O departamento de joalheria fascinava com granito preto, aço inoxidável e vidro, como se não oferecesse diamantes comuns, mas peças da coleção de Deus.

Embora o tiroteio tivesse silenciado, clientes e funcionários ainda se abrigavam atrás dos balcões, atrás de colunas revestidas de mármore. Ousavam olhar para mim enquanto eu passava, mas muitos abaixavam-se e sumiam de vista novamente.

Mesmo que não tivesse arm::l, eu devia parecer perigoso. Ou talvez só estivessem em estado de choque. Não queriam correr riscos. Não os culpava por se esconderem de mim.

Ainda chorando, esfregando os olhos com as mãos, também falava alto comigo mesmo. Não conseguia parar de falar comigo mesmo, mas não dizia qualquer coisa coerente.

Não sabia para onde o magnetismo psíquico podia me levar, não sabia se Stormy estava viva ou morta na Burke & Bailey's. Queria

voltar para encontrá-la, mas continuava a ser arrastado, com urgência, pela exigência de meu dom. Minha linguagem corporal era marcada por cacoetes, tremores, hesitações e súbitos lampejos de novo propósito. Além de convulsivo, eu devia parecer psicótico.

Com seu rosto doce e olhar sonolento, Simon Varner já não tinha mais nada disso. Estava morto diante da Burke & Bailey's.

Talvez eu estivesse rastreando alguém relacionado a Varner.

Não conseguia adivinhar o que poderia ser. Aquela compulsão de continuar em movimento sem um alvo definido era nova para mim.

Entre araras de vestidos para coquetel, bolsas, blusas e jaquetas de seda, corri para uma porta marcada APENAS FUNCIONÁRIOS. Atrás dela era o estoque. Diretamente diante da porta por onde entrei, uma outra levava a uma escadaria.

A disposição era similar à loja de departamentos da ala norte do shopping. Os degraus levavam a um corredor onde passei por elevadores para funcionários e segui até gigantescas portas de vai e vem marcadas RECEPÇÃO.

Aquele lugar revelava um empreendimento de sucesso, mas não exatamente do mesmo tamanho que a loja do norte. As mercadorias nas prateleiras e carrinhos aguardavam processamento, preparação e transferência para os estoques e andares de venda.

Inúmeros funcionários estavam ali, mas o trabalho parecia ter sido interrompido. A maioria agrupava-se ao redor de uma mulher que chorava, outros cruzavam o espaço para se aproximar dela. Ali embaixo não teriam ouvido os tiros, a notícia dos horrores no shopping ainda não havia chegado.

Só havia um caminho na área de recepção: era grande, sem qualquer nome de empresa nas portas da cabine ou nas laterais da caçamba. Fui na direção dele.

Um grandalhão de cabeça raspada e bigodão me deteve quando eu chegava ao veículo.

- Está com esse caminho?

Sem responder, abri a porta do motorista e entrei na cabine.

As chaves não estavam na ignição.

- Onde está seu motorista? - perguntou ele.

Quando abri o porta-luvas, vi que estava vazio. Nem mesmo o registro ou comprovação do seguro exigido pelas leis da Califórnia.

-. Sou o chefe do turno aqui - o grandalhão disse. - Você é surdo ou só gosta de causar dificuldades?

Nada nos bancos. Nenhum compartimento para lixo no chão.

Nenhum papelzinho de bala perdido. Nenhum odorizador de ar ou bugiganga decorativa pendurada no espelho.

Aquele não parecia ser um caminhão que alguém dirigia para viver ou no qual passasse significativa parte do dia.

Quando saí detrás do volante, o chefe de turno disse:

- Onde está seu motorista? Não me deixou lista de carga e a caçamba está trancada.

Dei a volta no caminhão, cuja caçamba de carga tinha porta levadiça. Uma tranca no pé da porta a prendia a uma barra da base do caminhão.

- Tenho outros carregamentos - disse ele. - Não posso deixar este caminhão parado aqui.

- Você tem uma furadeira?

- O que vai fazer?

- Furar a tranca.

- Você não é o cara que veio dirigindo o caminhão. Você é da equipe dele?

- Polícia - menti. - À paisana. Ele parecia duvidar.

Apontando para a mulher chorando ao redor de quem tantos trabalhadores agora se reuniam, perguntei: - Ouviu o que ela está contando?

- Estava indo até lá quando o vi.

- Dois maníacos com rifles fizeram um tiroteio no shopping.

Seu rosto perdeu a cor de maneira tão dramática que até o bigode loiro pareceu desbotar.

- Soube que o chefe Porter foi baleado ontem à noite? - perguntei. - Foi uma preparação para isso.

Com temor crescente, observei o teto da imensa área de recepção. Havia três andares de loja de departamentos em cima dele, sustentada pelas colunas maciças.

Pessoas assustadas escondiam-se do atirador lá em cima.

Centenas e centenas de pessoas.

- Talvez os desgraçados tenham trazido algo pior que rifles para cá.

- Ah, merda. Vou trazer a furadeira. - Ele saiu disparado para buscar.

Depois de espalmar as duas mãos contra a porta levadiça da caçamba, encostei minha testa nela.

Não sei o que esperava sentir. De fato, não senti nada incomum. Contudo, o magnetismo psíquico ainda me atraía. O que eu queria não era o caminhão, mas o que estava dentro do caminhão.

O chefe de turno voltou com a furadeira e me entregou um par de óculos de proteção. Havia saídas elétricas instaladas em intervalos regulares no chão de concreto da área de recepção. Ele plugou a furadeira na mais próxima, e o fio fornecia alcance suficiente.

A ferramenta era pesada. Gostei do aspecto industrial da broca. O motor rugia com poder satisfatório.

Quando perfurei o cadeado, raspas de metal estalaram nos óculos, picaram meu rosto. A broca se deteriorou, mas atravessou o cadeado em poucos segundos.

Quando larguei a furadeira e arranquei os óculos de proteção, alguém gritou de longe.

- Ei! Não toque nisso!

Ao longo da plataforma da doca de descarga - ninguém.

Então o vi. Fora da área de recepção, 6 metros depois da base da longa rampa para caminhões.

- Aquele é o motorista - o chefe de turno me contou. Era um estranho. Devia estar observando, talvez através de binóculos, lá fora no estacionamento dos funcionários, depois das três faixas que levavam às docas de descarga.

Agarrando as duas alças, empurrei a porta para cima. Bem lubrificado e eficientemente contrabalanceado, o painel sai do caminho fácil e rápido.

O caminhão estava entupido do que parecia ser centenas de quilos de explosivo plástico.

Uma alma disparou duas vezes, um projétil atingiu o caminhão, as pessoas na área de recepção gritaram e o chefe de turno correu.

Olhei para trás. O motorista não se aproximara nem um centímetro do pé da rampa. Tinha uma pistola, que talvez não fosse a melhor arma para um tiro de tamanha distância.

No chão, diante dos explosivos, havia um timer de cozinha mecânico, duas baterias revestidas de cobre, várias peças que eu não reconhecia e um ninho de fios. Dois dos fios terminavam em tomadas de cobre plugadas à assassina parede cinza.

Com um beijo estridente de metal contra metal, um terceiro tiro ricocheteou no caminhão.

Ouvi o chefe de turno ligar uma empilhadeira ali perto.

O coven não tinha preparado a carga para explodir quando a porta fosse aberta porque o timer era ajustado numa contagem regressiva tão curta que não pensavam que alguém pudesse chegar rápido o bastante para desarmá-lo. O timer tinha um mostrador de trinta minutos, e o ponteiro indicador estava a três minutos do zero.

Click: dois minutos.

O quarto tiro me atingiu nas costas. Não senti dor de imediato, só o impacto, que me empurrou contra o caminhão, meu rosto a

centímetros do timer.

O quinto, talvez sexto, tiro atingiu um dos tijolos de plástico explosivo com som oco, úmido.

Uma bala não o dispararia. Só uma descarga elétrica.

Os dois fios detonadores ficavam a uma distância de seis ou oito centímetros um do outro. Seria um positivo e outro negativo? Ou um era apenas por segurança para o caso de o primeiro fio falhar na detonação? Eu não sabia se tinha que puxar os dois ou apenas um.

Talvez o sexto tiro, talvez o sétimo, afundou-se em minhas costas. Desta vez a dor espalhou-se, forte, excruciante.

Enquanto tombava devido ao impacto mortal da bala, agarrei os dois fios. Ao cair de costas, arranquei-os dos explosivos, arrastando o timer, as baterias e todo o detonador comigo.

Virando ao cair, atingi o chão de lado, voltado para a rampa de caminhões. O atirador havia subido para mirar melhor.

Embora pudesse ter acabado comigo com mais um tiro, virou-se e disparou pela rampa.

O chefe de turno passou por mim e desceu a rampa na empilhadeira, de certa forma protegido de tiros pela armação dos dentes de carga erguidos.

Não acredito que o atirador tenha fugido da empilhadeira.

Queria sair dali porque não queria ver o que eu tinha feito com o detonador. Pretendia escapar das docas subterrâneas e do estacionamento, ficar o mais longe que a sorte permitisse.

Pessoas preocupadas correram até mim.

O timer de cozinha ainda funcionava. Estava no chão, a centímetros do meu rosto.

Clik: um minuto.

Minha dor estava sumindo; no entanto, eu me sentia frio.

Surpreendentemente frio. As docas subterrâneas e a área de recepção tinham refrigeração passiva, nada de ar-condicionado, mesmo assim eu estava positivamente congelando.

As pessoas ajoelhavam-se ao meu lado, falando comigo.

Pareciam estar falando em várias línguas estrangeiras porque eu não entendia o que diziam.

Estranho - estar tão frio no Mojave.

Não cheguei a ouvir o timer de cozinha chegar ao zero.

SESSENTA E TRES

STORMY LLEWELLYN E EU TÍNHAMOS SAÍDO DO CAMPO DE treinamento para nossa segunda e terceira vidas. Estávamos vivendo grandes aventuras juntos no outro mundo.

Muitas eram adoráveis jornadas românticas para misteriosos lugares exóticos, com incidentes divertidos cheios de personagens excêntricos, incluindo o Sr. Indiana Jones, que não admitia ser realmente Harrison Ford, Luke Skywalker, minha tia Cymry, que se parecia muito com Jabba, mas era maravilhosamente simpática, e Elvis, claro.

Outras experiências eram mais estranhas, sombrias, cheias de trovões, cheiro de sangue e bandos de bodachs, com os quais minha mãe às vezes corria de quatro.

De tempos em tempos, eu via Deus e Seus anjos olhando para mim lá do céu deste novo mundo. Eram rostos imensos que apresentavam um tom fresco e agradável de verde - ocasionalmente branco -, embora não tivessem qualquer feição além dos olhos. Sem bocas ou narizes, deveriam parecer assustadores, mas emanavam amor e carinho, e eu sempre tentava sorrir-lhes antes que se dissolvessem nas nuvens.

Às vezes eu recuperava clareza de mente o suficiente para perceber que fora submetido à cirurgia e estava numa cama hospitalar num quarto da unidade de tratamento intensivo do Hospital Geral.

Não tinha sido promovido do campo de treinamento, afinal. Deus e os anjos eram médicos e enfermeiras por trás das máscaras.

Cymry, onde quer que estivesse, provavelmente não era nem um pouco parecida com Jabba.

Quando uma enfermeira entrou no quarto, em resposta às alterações na telemetria do meu monitor cardíaco, disse: - Vejam quem está acordado. Sabe seu nome?

Eu assenti.

- Pode me dizer qual é?

Não percebi o quanto estava fraco até tentar responder num fiapo de voz.

- Odd Thomas.

Enquanto me examinava e dizia que eu era um tipo de herói, assegurando-me de que ficaria bem, a palavra "Stormy" escapou num fraco suspiro.

Eu estava com medo de pronunciar o nome dela. Com medo da notícia terrível que me traria. Contudo o nome me era tão adorável, que imediatamente senti na língua a coragem de pronunciá-lo.

A enfermeira pareceu pensar que eu reclamava de garganta inflamada, e ao sugerir que poderia me deixar um pedacinho de gelo para derreter na boca, sacudi a cabeça o mais firme que pude e disse:

- Stormy. Quero ver Stormy Llewellyn.

Meu coração disparou. Podia ouvir o suave e rápido beep-beep-beep do monitor cardíaco.

A enfermeira trouxe o médico para me examinar. Ele parecia estar impressionado em minha presença, uma reação a qual nenhum cozinheiro no mundo está acostumado e jamais se sentirá confortável.

Ele usou a palavra herói em demasia e, de maneira cansada, pedi que não a usasse outra vez.

Sentia-me imensamente exausto. Não queria dormir antes de ver Stormy. Pedi que a trouxessem até mim.

A falta de resposta imediata ao meu pedido assustou-me outra

vez. Quando meu coração bateu pesado, meus ferimentos latejaram em simpatia, apesar dos analgésicos que recebia.

Temiam que mesmo uma visita de cinco minutos fosse demais para mim, mas eu implorei, então deixaram que ela entrasse na UTI.

Ao vê-la, chorei.

Stormy também chorou, com aqueles olhos pretos egípcios. Eu estava muito fraco para estender o braço. Ela passou a mão pela grade da cama e a apertou sobre a minha. Encontrei forças para entrelaçar meus dedos aos dela, um nó de amor.

Ela estava sentada havia horas na sala de espera da UTI no uniforme da Burke & Bailey's que tanto odiava.

Disse a Stormy que aquela devia ser a roupa mais alegre já vista na sala de espera da UTI, então ela me disse que Pequeno Ozzie estava lá fora, sentado em duas cadeiras, usando calça amarela e camisa havaiana. Viola também estava lá. E Terri Stambaugh.

Quando perguntei por que não estava usando o alegre boné cor-de-rosa, levou a mão à cabeça, surpresa, pela primeira vez percebendo que não o usava. Perdera o boné no caos do shopping.

Fechei os olhos e chorei, não de alegria, mas de amargura. Ela apertou minha mão, dando-me forças para dormir e arriscar-me a ter sonhos com demônios.

Mais tarde, Stormy voltou para outra visita de cinco minutos.

Quando ela disse que teríamos que adiar o casamento, insisti em continuar com a data de sábado. Depois de tudo o que acontecera, a cidade certamente impediria qualquer evento e, se o tio de Stormy não pudesse driblar as regras da igreja para nos casar no quarto de hospital, sempre haveria um juiz.

Esperava que nosso casamento fosse seguido por nossa primeira noite juntos. O casamento, contudo, sempre foi mais importante para mim que a consumação - agora mais do que nunca. Temos toda uma vida para ficar nus juntos.

Mais cedo, Stormy beijara minhas mãos. Agora, inclinava-se sobre a grade para me beijar nos lábios. Ela é minha força. Meu

destino.

Sem muita noção do tempo, eu dormia e acordava.

Minha visitante seguinte, Karla Porter, chegou depois que uma enfermeira erguera a cama e permitira alguns goles de água. Karla abraçou-me e beijou-me no rosto, na testa. Nós tentamos não chorar, mas choramos.

Nunca vira Karla chorar. Ela é durona. Precisa ser. Mas agora parecia devastada.

Preocupou-me que o chefe pudesse ter piorado, mas ela disse que não era nada disso.

Trouxe a excelente notícia de que o chefe seria removido da UTI logo pela manhã. Esperava-se que tivesse uma recuperação completa.

Depois do horror no Green Moon Mall, contudo, nenhum de nós será o mesmo. Pico Mundo também estará para sempre transformada.

Aliviado por saber que o chefe ficaria bem, não pensei em perguntar sobre meus ferimentos. Stormy Llewellyn estava viva; a promessa da Mamãe Cigana seria cumprida. Nada mais importava.

SESSENTA E QUATRO

NA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA, APENAS UM DIA APÓS O chefe Porter escapar da UTI, o médico deu ordens para que eu fosse transferido para um quarto particular.

Ofereceram-me uma acomodação pretensiosa, decorada como uma suíte de hotel. A mesma na qual eu tomara banho quando estava de vigília pelo chefe.

Quando expressei minha preocupação pelo custo e os lembrei de que eu era apenas um cozinheiro, o diretor do Hospital Geral em pessoa me assegurou de que perdoariam todas as despesas cujos pagamentos a companhia de seguro não cobrisse.

Aquela coisa de herói me incomodava, não queria me aproveitar disso para ganhar tratamento especial. Contudo, aceitei graciosamente a generosidade porque Stormy poderia praticamente mudar-se para lá e ficar comigo 24 horas por dia, enquanto que num quarto comum só poderia me fazer visitas.

O departamento de polícia colocou um guarda no corredor do meu quarto. Ninguém representava ameaça. O propósito era manter a mídia longe.

Os eventos no Green Moon Mall, segundo soube, ganharam as manchetes ao redor do mundo. Eu não queria ver jornais. Também recusava-me a ligar a TV.

Bastava reviver tudo em pesadelos. Já era demais.

Sob aquelas circunstâncias, o casamento se tornou impraticável no sábado. Os repórteres sabiam de nossos planos e cercariam o tribunal. Este e outros problemas tornaram-se insuperáveis, então adiamos o casamento por um mês.

Na sexta-feira e no sábado, vários amigos apareceram com flores e presentes.

Como amei ver Terri Stambaugh. Minha mentora, minha corda de salvamento aos 16 anos, quando estava determinado a viver sozinho. Sem ela, eu não teria emprego ou para onde ir.

Viola Peabody veio sem as filhas, insistindo que teriam ficado sem mãe se não fosse por mim. Trouxe as meninas no dia seguinte. No fim, acabei descobrindo que o amor de Nicolina por rosa estava relacionado ao seu entusiasmo pelo sorvete da Burke & Bailey's; o uniforme de Stormy sempre a encantou.

Pequeno Ozzie veio me visitar sem Chester, o Terrível.

Quando o provoquei falando da calça amarela e da camisa havaiana que vestia para vir à UTI, ele negou dizendo que nunca se "fantasiaria" naquelas roupas porque indumentárias chamativas assim, inevitavelmente, fariam com que parecesse ainda maior do que era. Tinha, segundo disse, certa vaidade. Depois descobri que Stormy inventara aquela história para arrancar-me um sorriso na UTI, quando eu tanto precisava de um.

Meu pai trouxe Britney consigo, cheio de planos para representar minha história em livros, filmes, televisão e produtos. Foi embora insatisfeito.

Minha mãe não veio me visitar.

Rosalia Sanchez, Bertie Orbic, Helen Arches, Poke Barnet, Shamus Cocobolo, Lysette Rains, a família Takuda, tantos outros ...

Com tantas visitas de amigos, não pude evitar descobrir algumas estatísticas que preferia não saber. Quarenta e uma pessoas foram feridas no shopping. Dezenove tinham morrido.

Todos diziam que era um milagre que só 19 tivessem perecido. O que havia com o mundo para pensar que 19 mortes era uma espécie de milagre?

As agências locais, estaduais e federais de investigação estudaram a carga de explosivos plásticos no caminhão e estimaram que faria toda a loja de departamentos desabar junto com uma parte significativa da ala sul do shopping.

As estimativas são de que entre quinhentas e mil pessoas teriam sido mortas caso a bomba fosse detonada.

Bem Eckles fora detido após matar os três seguranças, mas carregava munição suficiente para dizimar dúzias de compradores.

A noite, no meu quarto de hospital parecido com hotel, Stormy se deitava na cama e segurava minha mão. Quando eu acordava dos pesadelos, ela me aninhava em seus braços enquanto eu chorava. Sussurrava coisas tranquilizadoras; me dava esperanças.

No domingo de manhã, Karla trouxe o chefe numa cadeira de rodas. Ele compreendeu perfeitamente que eu nunca conversaria com a mídia, muito menos consideraria ofertas para livros, filmes e minisséries de televisão. Tinha pensado em muitas maneiras de frustrá-los. É um grande homem, o chefe, mesmo tendo quebrado aquela cadeira do dinossauro Barney.

Embora Bem Eckles se negasse a responder ao interrogatório, a investigação sobre a conspiração procedeu rapidamente, graças ao fato de que um homem chamado Kevin Gosset, depois de ser perseguido por uma empilhadeira, falava tudo o que guardava em

sua cabeça odiosa.

Gosset, Eckles e Varner tinham se desviado do caminho havia muito tempo. Aos 14 anos, desenvolveram interesse por satanismo. Talvez fosse uma brincadeira na época. Logo se tornou mais sério.

Num desafio mútuo, cometeram o primeiro assassinato aos 15 anos. Gostaram da experiência. E o satanismo respaldava a prática.

Quando completaram 16 anos, juraram ao seu deus que entrariam para a força policial porque isso lhes daria um excelente disfarce e porque um dos requerimentos de um devoto satanista era enfraquecer as instituições confiáveis da sociedade sempre que possível.

Eckles e Varner tornaram-se policiais, mas Gosset formou-se professor primário. Corromper os jovens era um trabalho importante também.

Os três amigos de infância conheceram Bob Robertson 16 meses atrás, através de um culto satânico no qual cautelosamente procuravam outros com os mesmos interesses. O culto, na verdade, não passava de um bando de principiantes brincando de jogos góticos, mas Robertson os interessou por causa da riqueza da mãe.

A primeira intenção foi matar Robertson e a mãe para botar as mãos em qualquer coisa valiosa que houvesse na casa - mas quando descobriram que Robertson estava ansioso por bancar o que chamava de notícias asquerosas, formaram uma parceria com ele. Assassinaram a mãe, fazendo parecer que morrera consumida num incêndio acidental - e deram a Robertson suas orelhas como lembrança.

N a verdade, o conteúdo nos recipientes no congelador de Robertson era parte das coleções de Eckles, Varner e Gosset. O próprio Robertson jamais teve coragem para matar ninguém, mas por causa de sua generosidade, os outros quiseram que se sentisse parte da família.

Contando com o dinheiro de Robertson, começaram a fazer planos. Gosset não lembrava quem primeiro propôs atacar uma cidade e transformá-la num verdadeiro Inferno na Terra com uma série de horrores bem planejados, com a fria intenção de, no fim,

destruírem-na por completo. Verificaram inúmeras comunidades e decidiram que Pico Mundo era ideal, nem muito grande para estar além da ruína, nem muito pequena para ser desinteressante.

O Green Moon Mall seria o primeiro alvo. Pretendiam matar o chefe e provocar o desastre no shopping - e mais uma lista de outras ações complexas e maquiavélicas - mantendo firme controle do departamento de polícia. Depois disso, a controlada destruição da cidade seria sua diversão e forma de adoração.

Bob Robertson mudou-se para Camp's End porque a vizinhança faria com que ele não chamasse muita atenção. Além disso, queria gerir seu dinheiro de maneira prudente, para garantir que poderiam comprar tanta diversão quanto possível.

Quando o chefe Porter apareceu para contar a mim e Stormy como faria para me proteger e me ajudar a manter segredo sobre meu sexto sentido, seu rosto foi se tornando cansado, e imagino que o meu estivesse pior. Através de Karla, eu o avisara sobre o corpo de Robertson na Igreja do Cometa Sussurrante, então o chefe pôde incluir aquele detalhe bizarro em sua história de cobertura. Ele sempre me salvou no passado, mas aquela narrativa inventada por Porter deixou-me incrivelmente admirado.

Stormy disse que era um trabalho de gênio. Era óbvio que o chefe não passava todo seu tempo apenas se recuperando.

SESSENTA E CINCO

MEUS FERIMENTOS NÃO ERAM TÃO GRAVES COMO EU temia quando estava na UTI, e o médico me deu alta do Hospital Geral na quarta-feira seguinte, uma semana depois dos eventos no shopping.

Para enganar a mídia, disseram que eu ficaria no hospital mais um dia. Chefe Porter conspirou para que eu e Stormy fôssemos transportados secretamente na van disfarçada do departamento, a mesma na qual Eckles vigiara o apartamento de Stormy naquela noite.

Se Eckles tivesse me visto saindo, teria arranjado uma maneira para eu ser pego no meu apartamento com o corpo de Bob Robertson. Como saí pelos fundos, ele imaginou que eu passaria a noite com minha namorada, então desistiu da tarefa.

Ao deixar o hospital, eu não queria voltar para o apartamento em cima da garagem da Sra. Sanchez. Nunca seria capaz de usar o banheiro de lá sem lembrar do corpo de Robertson.

O chefe e Karla não achavam prudente que eu fosse para a casa de Stormy porque os repórteres sabiam dela também. Mas eu e Stormy não concordávamos em aceitar a hospitalidade dos Porter. Queríamos enfim ficar sozinhos, só nós. Com relutância, eles deixaram-nos na casa dela pela viela.

Embora estivéssemos sitiados pela mídia, os dias seguintes foram de pura felicidade. Eles tocavam a campainha, batiam na porta, mas não atendíamos. Agruparam-se na rua, um circo permanente, e algumas vezes nós espiávamos aqueles abutres através das cortinas, mas nunca nos revelávamos. Tínhamos um ao outro, e isto era o suficiente para repelir não só meros repórteres, mas exércitos inteiros.

Comemos comida que não era saudável. Deixamos os pratos empilharem-se na pia. Dormimos muito.

Conversávamos sobre tudo, tudo exceto a matança no shopping. Nosso passado, nosso futuro. Fazíamos planos. Sonhávamos.

Falamos sobre os bodachs. Stormy ainda acredita que são espíritos demoníacos e que o quarto negro era o portão do Inferno, abrindo no escritório de Robertson.

Por causa de minha experiência em recuar e avançar no tempo relacionada ao quarto negro, desenvolvi uma teoria mais perturbadora. Talvez no futuro, a viagem no tempo se torne possível. Talvez as pessoas não possam viajar ao passado em carne, mas possam voltar num corpo virtual no qual suas mentes estão incorporadas, corpos virtuais vistos apenas por mim. Por mim e aquele finado menino inglês.

Talvez a violência que varre nosso mundo diariamente para uma escuridão ainda maior nos leve para um futuro tão brutal, tão corrupto, que nossos descendentes corrompidos voltem para nos ver sofrer, encantados com festivais de sangue. A aparência dos bodachs pode não ter nada a ver com a aparência real dos viajantes do futuro. Provavelmente se parecem muito comigo e você; em vez disso, os bodachs devem possuir o formato de suas almas deformadas e decadentes.

Stormy insiste em dizer que são demônios com passe de três dias livres do Inferno.

Acho a explicação dela menos assustadora que a minha.

Queria ser capaz de aceitá-la sem dúvidas.

A pilha de pratos sujos ficou ainda maior. Acabamos com quase toda a comida nada saudável e, não querendo sair, começamos a comer cardápios mais sensatos.

O telefone tocava constantemente. Não chegamos a desligar a secretária eletrônica. As ligações eram dos repórteres e de outros tipos de mídia. Baixamos o volume, assim não precisaríamos escutar suas vozes. Ao fim de cada dia, eu apagava as mensagens sem escutá-las.

À noite, na cama, nós nos abraçávamos, nos aninhávamos, nos beijávamos, mas nunca passamos disso. A gratificação tardia nunca me pareceu tão boa. Eu adorava cada momento com Stormy, então decidi adiar o casamento só por duas semanas em vez de um mês.

Na manhã do quinto dia, os repórteres foram afastados pelo Departamento de Polícia de Pico Mundo, sob alegação de que eram uma perturbação pública. De qualquer forma, pareciam prontos para ir embora. Talvez tivessem concluído que eu e Stormy não estávamos em casa.

Naquela noite, quando nos preparávamos para deitar, Stormy fez algo tão lindo que meu coração ficou nas nuvens, e consegui acreditar que o tempo faria com que os eventos do shopping ficassem para trás.

Ela veio até mim sem blusa, nua da cintura para cima. Segurou

minha mão direita, virou a palma para cima e contornou minha marca de nascença com o indicador.

Minha marca é um crescente, de meio centímetro de largura, um centímetro e meio de ponta a ponta, branca como leite no rubor de minha pele.

A marca dela é idêntica à minha, exceto por ser marrom e na doce curva do seio direito. Se eu envolver o seio dela da maneira mais natural, nossas marcas de nascença se alinham perfeitamente.

Enquanto sorriamos um para o outro, disse a Stormy que sabia que a dela era uma tatuagem. Isso não me incomodava. O fato de Stormy querer tanto provar que compartilhávamos um destino só aumentava meu amor por ela.

Na cama, sob o cartão da máquina de adivinhação, ficamos abraçados de maneira casta, exceto por minha mão no seio dela.

Para mim, o tempo parece suspenso no apartamento de Stormy.

Nestes cômodos, sinto-me em paz. Esqueço minhas preocupações. Os problemas com panquecas e poltergeists são afastados de mim.

Aqui não posso ser ferido.

Aqui conheço meu destino e sinto-me contente com ele. Aqui Stormy vive, e onde ela vive, eu floresço.

Nós dormimos.

Na manhã seguinte, durante o café da manhã, alguém bateu na porta. Como não respondemos, Terri Stambaugh chamou alto do corredor.

- Sou eu, Oddie. Abra. Já está na hora de abrir a porta. Não poderia dizer não para Terri, minha mentora, minha corda de salvamento. Quando abri a porta, vi que não viera sozinha. O chefe e Karla Porter estavam no corredor. E Pequeno Ozzie. Todas as pessoas que conheciam meu segredo - que eu via pessoas mortas - reuniam-se ali.

- Estivemos ligando para você - disse Terri.

- Pensei que fossem repórteres - respondi. - Eles não deixam a

gente em paz.

Entraram no apartamento, e Pequeno Ozzie fechou a porta ao passar.

- Estávamos tomando café da manhã - comentei. Gostariam de alguma coisa?

O chefe colocou a mão sobre meu ombro. Rosto derrotado, olhos tristes. Ele disse:

- Agora é hora de parar, filho.

Karla trazia algum tipo de presente. De bronze. Uma urna.

Então disse:

- Querido, o legista liberou o corpo da pobre. Aqui estão as cinzas dela.

SESSENTA E SEIS

EU FICARA LOUCO POR CERTO TEMPO. A LOUCURA FAZ parte de minha família. Temos um longo histórico de fugir da realidade.

Uma parte de mim soube no momento em que Stormy entrou na UTI que ela havia se tornado um daqueles espíritos errantes. A verdade doía demais para ser aceita. Na minha condição naquela quarta-feira, a morte dela teria sido uma ferida grande demais, e eu teria deixado esta vida.

Os mortos não falam. Não sei por quê. Então eu falava por Stormy naquelas conversas que compartilhamos na última semana. Falava o que eu sabia que ela queria dizer. Quase posso ler sua mente. Somos imensuravelmente mais próximos que bons amigos, mais próximos que meros amantes. Stormy Llewellyn e eu somos o destino um do outro.

Apesar dos ferimentos enfaixados, o chefe me abraçou apertado e deixou que eu despejasse meu sofrimento em seus braços paternais.

Depois, Pequeno Ozzie me levou para o sofá da sala de estar.

Sentou-se comigo, entortando o móvel do seu lado.

O chefe puxou uma cadeira para ficar perto de nós. Karla sentou-se no braço do sofá, ao meu lado. Terri, no chão diante de mim, a mão no meu joelho.

Minha bela Stormy afastou-se, observando. Nunca vi num rosto humano um olhar mais amoroso do que o dela naquele momento horrível.

Segurando minha mão, Pequeno Ozzie disse:

- Sabe que precisa deixá-la partir, meu querido garoto. Assenti, pois não conseguia falar.

Muito depois do dia sobre o qual agora escrevo, Ozzie disse-me para manter o tom deste manuscrito o mais leve possível sendo um narrado e não confiável, semelhante ao personagem principal de O assassinato de Roger Ackroyd, de Agatha Christie. Usei de truques com certos verbos. Ao longo do relato, geralmente escrevi sobre Stormy e nosso futuro juntos no presente, como se ainda estivéssemos juntos nesta vida. Não estamos mais.

Ozzie perguntou:

- Ela está aqui, não está?

- Sim.

- Não saiu do seu lado nem um instante, saiu?

Meneei a cabeça.

- Não quer que seu amor por ela e o dela por você a aprisione aqui, uma vez que ela precisa seguir em frente.

- Não.

- Não é justo com ela, Oddie. Não é justo com nenhum dos dois.

Eu disse:

- Ela merece ... seguir para a próxima aventura.

- Já é hora, Oddie - disse Terri, cuja lembrança de Kelsey, o marido perdido, estava gravada na alma.

Tremendo por temer uma vida sem Stormy, levantei do sofá e caminhei hesitante até ela. Ainda vestia o uniforme da Burke & Bailey's, claro, sem o alegre boné rosa, mas nunca me pareceu mais adorável.

Meus amigos não sabiam onde Stormy estava até eu parar diante dela e levar a mão ao seu rosto precioso. Era cálido para mim.

Os mortos não podem falar, mas Stormy pronunciou três palavras silenciosas, permitindo que eu lesse seus lábios. Eu te amo.

Beijei-a, meu amor perdido, de maneira carinhosa, casta.

Então a segurei nos braços, meu rosto enterrado em seus cabelos, sua garganta.

Depois de um tempo, Stormy pôs a mão sob meu queixo.

Ergui a cabeça.

Mais três palavras. Seja feliz. Persevere.

- Vejo você quando eu for cumprir serviço - prometi, que é como ela chama a vida que vem depois do campo de treinamento.

Seus olhos. Seu sorriso. Agora só existiriam em minha memória.

Deixei-a ir. Stormy virou-se e deu três passos, desvanecendo. Olhou para mim sobre o ombro. Estendi a mão, então ela desapareceu.

SESSENTA E SETE

HOJE EM DIA MORO NO APARTAMENTO DE STORMY COM sua eclética mistura de móveis de bazar. As velhas luminárias de chão com cúpula de seda e franjas de miçangas. As cadeiras em estilo Stickley contrastando com as banquetas vitorianas. As gravuras de Maxfield Parrish e os vasos de vidro iridescente.

Ela nunca teve muito nesta vida, mas com as coisas mais simples tornou seu canto neste mundo tão belo quando o palácio de qualquer rei. Podemos sentir falta de riquezas, mas a maior fortuna de todas está no coração.

Ainda vejo pessoas mortas. De tempos em tempos, sou requisitado a tomar alguma atitude. Como antes, esta estratégia proativa geralmente resulta numa quantidade incomum de roupa suja.

Às vezes, quando acordo durante a noite, penso escutar a voz de Stormy dizendo Coloque-me por dentro, esquisitão. Procuro por ela, mas nunca está lá. Contudo não deixa de estar. Então a coloco por dentro, contando-lhe o que me aconteceu recentemente.

Elvis anda comigo mais do que costumava. Gosta de me ver comer. Comprei vários CDs com suas músicas, então nos sentamos juntos na sala de estar, sobre a fraca luz sedosa, escutando a voz de quando era jovem, vivo e sabia qual era seu lugar no mundo.

Stormy acreditava que estamos neste campo de treinamento para aprender, que se não perseverarmos ao longo dos obstáculos deste mundo e de suas feridas, não ganharemos nossa próxima vida de maior aventura. Para estar com ela novamente, eu teria a perseverança de um bulldog, mas me parece que este treinamento é desnecessariamente árduo.

Meu nome é Odd Thomas., Sou um cozinheiro. Levo uma vida incomum, aqui no meu pico mundo, meu mundinho. Estou em paz.

FIM

ele luta para salvar os moradores com a ajuda de sua alma gêmea, a linda Stormy Llewellyn, e de um grupo de aliados composto por personagens extraordinários, como o Pequeno Ozzie e seu gato Chester, o Terrível, e a alma do lendário Elvis Presley. Em meio à insanidade e ao desespero, Odd conseguirá preservar seu coração intocado pelas trevas.

Dean Koontz

é o autor de diversos best sellers do *New York Times*. Vive com a esposa Gerda e a cadela Trixie no sul da Califórnia. Dele a Editora Record publicou *Do fundo dos seus olhos* e *Lágrimas do dragão*, entre outros.

WWW.DEANKOONTZ.COM

COPIA E ILUSTRAÇÃO
LEON CAMPOS



Perdida no deserto do Mojave, Pico Mundo é o lar de um jovem com uma incrível habilidade. Odd Thomas pode ver os mortos. Apesar disso, a vida desse cozinheiro poderia ser considerada comum até então, mas uma sombra sinistra paira sobre a cidade.

Da cozinha do restaurante, Odd se sobressalta ao ver um estranho sentado ao balcão: ele está cercado de bodachs, entidades que só se mostram quando algum desastre de proporções gigantescas está para acontecer. Aturdido, ele segue o homem e confirma suas suspeitas: um arquivo sobre os piores assassinos da História e um sinistro quarto negro que serve de portal para centenas de bodachs são indícios suficientes para Odd temer um assassinato em massa. Com a ajuda de um grupo de amigos que mescla o mundo dos vivos com o sobrenatural, Odd se lançará em uma corrida contra o tempo para salvar os habitantes.

Equilibrando humor e suspense, Dean Koontz constrói uma incrível fábula sobre um jovem que transita pelas encruzilhadas entre a vida e a morte, um improvável herói que oferece o próprio coração e que conquistará o seu para sempre.